

Luís A. Weber Salvi

O Espelho de Obsidiana

A Tradição Tolteca

Volume III: *O Infinito*

© LUÍS AUGUSTO WEBER SALVI

É permitida a reprodução de trechos mediante a citação da fonte.

webersalvi@yahoo.com.br

www.mensageirodoarcoiris.ubbihp.com.br

www.o_caminho.ubbihp.com.br

Os feiticeiros chamam a feitiçaria de *pássaro da liberdade*. Dizem que o pássaro da liberdade voa em linha reta e nunca volta duas vezes. O nagual atrai este pássaro. É ele que o leva a lançar sua sombra sobre o caminho do guerreiro. Sem essa sombra, não há direção.

F. Donner, *Sonhos Lúcidos*, pg. 288.

Índice

Introdução	5
a. Prelúdios da Renovação	
b. A Nova Linhagem e as Profecias	
c. Os Mistérios da Infinitude	
Capítulo 1. <i>Chichén Itzá</i>, a Cidade da Profecia	10
a. A Superestrutura Sagrada	
b. O Cumprimento da Profecia	
c. A Retomada do Mito	
Capítulo 2. O Espelho de Obsidiana	20
a. Evolução e Futuro do Nagualismo	
b. A Técnica da "Identificação"	
c. Os Espelhos de Sabedoria	
d. O Inventário Dimensional	
e. Renasce a Mariposa Sagrada	
Capítulo 3. As Novas Linhagens	34
a. Os Videntes do Futuro	
b. Os Novos Adeptos	
Capítulo 4. Liberdade – o "<i>Sendeiro de Retorno</i>"	43
a. <i>Crescimento</i> : a Natureza da Liberdade	
b. Os Caminhos da Liberação	
c. A Decisão Cósmica	
d. Os Sendeiros Cósmicos	
Capítulo 5. Os Mistérios do Espaço	53
a. O Templo e a Pirâmide	
b. O Calendário Solar: <i>Cosmogonia</i>	
Capítulo 6. As Cidades-Estado	61
a. A Função das Cidades	
b. A Função do Urbanismo Sagrado	
c. A Crise das Cidades-Estado	
d. O Futuro da Urbanidade	
Capítulo 7. <i>Fogo Cósmico</i> ou a Alquimia Americana	67
a. A Iniciação Americana	
b. A Questão do "Predador"	
c. O Conhecimento Silencioso	

Capítulo 8. O Ponto de Projeção	82
a. Transmutação, Sublimação e Transferência de Energias	
Capítulo 9. O Regulamento dos Grupos-Condor	88
a. Iniciação Cósmica	
b. O Novo Regulamento	
c. Símbolos Estelares	
d. Os Conclaves Cósmicos	
Capítulo 10. O Universalismo Americano	100
a. O Número Universal	
Capítulo 11. O Nome Astrológico	104
a. Nome Planetário	
b. Os Nomes Divinos	
c. Os Signos Combinados	
d. Os Nomes Divinos em Outras Culturas	
e. Reunindo as Tradições	
f. As Aldeias Vaikuntha	
Capítulo 12. <i>Xochipilli</i> – o Papel-Vênus da Mulher	118
a. Almas-Gêmeas	
Capítulo 13. O Paraíso e a <i>Árvore da Vida</i>	122
a. A Árvore da Vida	
b. Os Passos Mágicos	
Capítulo 14. <i>Ascensão: o Vôo para o Infinito</i>	128
a. O Último Ato de Poder	
b. A Constituição do Universo	
c. Os Seres Inorgânicos	
d. Os Sete Sendeiros Cósmicos	
Capítulo 15. A Tarefa Ashrâmica II: <i>Conclusões</i>	137
a. A Grande Revoadada	
b. Desvios no Caminho Cósmico	
Capítulo 16. A Escola AUM	143
a. A Palavra Árya	
Capítulo 17. As Iniciações Polares	148
a. O Treinamento Hierárquico	
Capítulo 18. As Hierarquias da Luz	152
a. A Construção dos Mundos	
b. A Formação da Hierarquia	
c. A Sinarquia Real	
Capítulo 19. Lugares de Poder no Sul	156
a. O Cerrado: <i>Eletrotelurismo</i>	
b. A Amazônia: <i>Biomagnetismo</i>	
c. Os Andes: <i>Psicomagnetismo</i>	

d. Os Pampas: *Psicodinamismo e Geomagnetismo*

Bibliografia

161

Introdução

A cultura pré-colombiana, rica e vasta, teve a função especial de trazer até as portas da Era moderna as práticas e os conhecimentos da Tradição de Sabedoria, num grau quase único em seu vigor e vigência. Mesmo a cultura asteca, pese todas as suas degenerações, velava importantes elementos sagrados tradicionais e vinha desenvolvendo a sua própria síntese. Sem desejar comparar, devemos ter em mente a função que teve Roma no mundo.

De modo que este elo vital no tempo e no espaço das civilizações, representado pelo ambiente pré-colombiano em geral, também serviria para preparar as novas coisas, contribuindo para uma nova síntese na futura restauração dos Mistérios sagrados a acontecer neste mesmo território das Américas.

Com a presente obra pretendemos lançar as bases para uma nova e verdadeira reforma da tradição tolteca e extremo ocidental, após demonstrar nos volumes anteriores a dinâmica dos ciclos culturais americanos.

Esta necessidade se impõe pela própria época em que vivemos, na qual todas as linhagens se estão esgotando. As correntes realmente sábias compreendem que tudo tem um limite, mas também que o passado serve de base para o futuro. Por isto determinam *elos proféticos* a partir destas bases que permitem a renovação e a integração do passado.

A tradição tolteca, em muitas de suas vertentes, tem manifestado esta sabedoria. As profecias que dominavam a Meso-América à época do Descobrimento são bem conhecidas: aguardava-se o regresso de Quetzalcóatl, o grande deus e senhor tolteca. Seu cumprimento estaria porém no bojo de um complexo desenvolvimento cultural de âmbito universal. Por isto estas profecias devem ser completadas hoje por preparações mais recentes no momento em que todos estes ciclos e suas predições se cumprem.

Já tratamos das grandes civilizações de Quetzalcóatl em sua própria época. Agora vamos avaliar as recentes preparações toltecas trazidas através de Carlos Castañeda, para finalmente discorrer sobre as novas coisas e seu advento.

a. Prelúdios da Renovação

Quando Castañeda apareceu na vida de Don Juan em 1960, o velho nagual aguardava um sucessor para si. Castañeda foi a pessoa que o *Poder* lhe trouxe, e a quem instruiu por treze anos e em torno do qual formou um grupo completo.

Este grupo apresentava desde o início fortes anomalias, e no geral os guerreiros deixavam a desejar em suas habilidades –o próprio Castañeda, além de não ser índio, tinha lá as suas peculiaridades.

O **ternário** parecia reger estes grupos. Descobriu-se que Castañeda era um nagual de três pontas, e os seus grupos formavam unidades de três, tudo distinto à base *quaternária* universal que o Regulamento previa.

O fato de o Poder ter apontado Castañeda e este seguido um curso distinto do que vinha sendo traçado, criou um grande dilema entre os seus mentores. Não aceitavam que o Regulamento poderia falhar, e no entanto ali estava uma situação inédita. A um dos melhores videntes do grupo de Don Juan, Sílvio Manuel, foi revelada a natureza do mistério, tomando em suas mãos o destino de Castañeda.

A estrutura ternária especial simboliza *transição, movimento e revitalização* (cf. *O Presente da Águia*, pgs. 184 ss.). O Regulamento especial para o nagual de três pontas foi transmitido mais tarde a Castañeda pela mulher-nagual, Carol Tiggs.

O Nagual de três pontas surge sempre que se faz necessária uma renovação mais séria nos métodos e nos fundamentos do conhecimento sagrado. Por isto Castañeda foi considerado um Nagual de *conclusão de ciclo*. Castañeda também surpreendeu seus mentores por estar associado ao *sol poente* (cf. *Viagem a Ixtlan*, pg. 148). Naturalmente, mais um reforço para o sentido de terminalidade de seu trabalho.

A exemplo de seus antecessores, praticamente recebeu pronto o seu grupo original. Mas o nagual de renovação possui outra dimensão e uma estrutura distinta, necessitando gerar seu próprio ciclo, de modo que seu trabalho e grupo vêm de outra esfera.

Por isto, com a partida de Don Juan o grupo antigo se desfez, e Carlos recém vinha formando um novo para si quando afirmou a Carmina Fort, no ano de 1988, não ser um mestre embora sim um *nagual*, definindo-se com isto por certa dimensão de trabalhos: a da esfera do nagual.

O fato de os guerreiros toltecas necessitarem dois instrutores, um Benfeitor para a esfera do *nagual* e um Mestre para a esfera do *tonal*, reflete não apenas a divisão interna dos guerreiros em geral, mas também um grau de dificuldades acrescido pelos terrores que o padrão de treinamento atlante impunha. Por outro lado, atendem a duas dimensões ou polaridades, que podem ser também associadas ao psíquico e ao mental. No Novo Regulamento estas duas esferas são suprimidas pelos Mestres de Conhecimento e pelos Mestres de Sabedoria. E desta vez o psíquico situa-se no plano superior.

Depois de formar este novo grupo de oito elementos, teria ainda que constituir um outro para sucedê-lo ou, em último caso, dividir o seu. Mas nesta época Castañeda contava com apenas 6 indivíduos em seu grupo, e se lamentava da dificuldade em conseguir gente. Considerava o fato de não haver alcançado reunir o número ideal de membros um impecilho para a sua própria liberação. "Esta é uma das dificuldades que enfrentamos para chegar a ser livres", declarou na citada entrevista. "Ninguém deseja se expôr", disse, contrastando com a enorme popularidade de suas obras por todo o mundo e a intensa busca que em outros tempos os jovens fizeram pelo México atrás dos videntes revelados por Castañeda, em boa parte graças é claro à "inacessibilidade" do próprio Castañeda.

Até parece que seu trabalho foi tomado por mero romance ou que no fundo as pessoas passaram a desejar caminhos menos comprometedores, e em parte com razão. É também como se todo este movimento houvesse sido "peneirado", mas também é provável que se exigisse uma visão crítica do estilo de trabalho dos novos videntes. E para isto Castañeda deveria se deparar com o fracasso aparente dos velhos métodos, para somente então o seu trabalho de renovação começar a aparecer. Além disto, seu grupo poderia até mesmo sugerir a *nova formação*, com base *mínima* em seis elementos. Isto é um fato pela importância do grupo de 6 elementos para os Videntes Cósmicos.

Na esfera pessoal Castañeda permanecia inacessível como seus tutores. Por muito tempo, o vínculo que apresentava para a sociedade não era do tipo que ela costuma solicitar, ou seja, tangível e direto, sendo antes mítico e místico. Ele mesmo não pretendia aparecer como guru ou guia para os tantos que lhe pediam esta postura, embora afirmasse ser o nagual.

Teria se exposto o suficiente, ou se retraíra demais, colhendo no fim aquilo que ele mesmo semeou? Sua opção de guerreiro pela "inaccessibilidade" não lhe teria custado caro demais? Haveria outra escolha? Quê necessidades tinha ele mesmo de expôr-se? Dispunha de fama e dinheiro merecidos. Só foi compreender que tinha um problema na hora de saldar seu compromisso com a linhagem à qual pertencia. No entanto seu trabalho era de outra natureza e estava a seu inteiro dispôr os métodos que empregaria. Estava liberado de ter discípulos e de formar um grupo sucessor. Ainda assim, tinha o seu compromisso com o *infinito*. Estaria preparado? Segundo seus próprios relatos, adquirira muitos poderes e era considerado um verdadeiro nagual.

A literatura de Castañeda teve um impacto fenomenal e em todos os meios pessoas se renderam ao seus encantos. Tudo muito belo e excitante, embora muitas vezes assustador. Mas seu autor era arredio e isto sempre despertava certa desconfiança. Afinal, não era nenhum índio, mas ainda que o meio acadêmico o desprezasse por adotar tão fortemente tais posições, muitos permaneceram com ele. Pois qualquer um que tenha se detido sem preconceitos sobre sua obra sentiu aquilo que ele mesmo percebeu no final: que a força impressionante da energia dos antigos videntes do México seguia atuando no curso dos atos dos homens com que contactou.

Boa parte da crítica deriva justamente da recusa em aparecer. Apresentava no entanto esta atitude como uma exigência de seu treinamento. A forma desvinculada e misteriosa como quase sempre se apresentou não ajudou a estabelecer bases concretas de trabalhos. Seu compromisso foi apenas parcial e sequer seu rosto era muito conhecido. Para muitos tudo aquilo era pouco mais do que um belo sonho, e a estas pessoas era oferecidos bem poucos recursos a mais que o de lançar-se à aventura arriscada das drogas por conta própria e a desvencilhar-se de laços sociais mais sólidos, na procura de algumas daquelas experiências fascinantes. Assim, este estilo de fazer as coisas também pode ter se revelado contraditório e contraproducente num ambiente cultural como o nosso, excitando a imaginação e o desejo das pessoas, mas sem oferecer os meios para se tentar seriamente alcançar aquilo que se apresenta, na medida em que faltavam os elos essenciais que são os *instrutores autorizados*, apesar dos tantos que desejavam ver em Castañeda um mestre, e das levas de jovens que procuraram o México atrás dos videntes índios. Ocorreu assim sempre um desencontro entre oferta e demanda, fomentando ainda mais o charlatanismo num campo já fértil para isto.

Na introdução de *O Presente da Águia*, considera esta inacessibilidade até um sacrifício: "...o sistema de crenças que queria estudar apoderou-se de mim, e a fim de que eu prossiga em minhas observações devo uma extraordinária paga diária, minha vida como um homem pertencente a este mundo."

Reafirma porém "não levar uma vida dupla". Mas era sim dupla no sentido não manter uma postura pessoal coerente com a demanda social exterior, algo como um *Arhat* na encruzilhada da Quarta Iniciação. Mas o conceito de "ser inacessível" é muito mais profundo do que isto: "Não faz diferença esconder-se, se todos sabem que você se está escondendo" (cf. *Viagem a Ixtlan*, pg. 75). Significa moderação, respeito e impecabilidade.

Com o surgimento de caminhos mais "palpáveis" –alguns certamente enganadores– as pessoas foram redirecionando seus interesses para coisas mais *práticas*, e na direção de instrutores e mestres que "se revelam", especialmente os tibetanos nos últimos anos.

Este quadro apenas mudou com o retorno da mulher-nagual, como se faltasse este complemento para algo mais concreto se manifestar. A Águia percebeu que o homem-nagual andava algo desorientado e mandou de volta a sua contraparte para dar um novo impulso ao trabalho.

A idéia de abrir academias para praticar a *Tensegridade* representou uma tentativa de estabelecer bases concretas neste trabalho, e seria também uma forma de reunir os elementos

necessários à continuidade dos grupos toltecas. Embora o próprio Castañeda reconhecesse que tudo isto confirmasse apenas o caráter *finalizante* de sua própria atuação, podemos enxergar verdadeiros sinais de renovação, mais ainda que todos os até agora apresentados.

Afinal, este fracasso aparente, assim como sua morte de homem, que deixou interrogações, muito diferente da fantástica "evaporação" luminosa que os videntes costumavam ter segundo as narrativas de suas obras, seria necessário para sinalizar o fim do ciclo que Carlos Castañeda veio representar. A verdadeira renovação deveria assentar-se sobre outras bases: a dos *videntes perfeitos*.

b. A Nova Linhagem e as Profecias

Este novo ciclo inicia-se praticamente sem solução de continuidade na medida em que a cultura tolteca tem influenciado a nova linhagem de evidentes. O presente trabalho pretende demonstrar esta nova etapa.

O encerramento da última linhagem permite falar-se em termos em reforma e renovação. O fato de ter-se esgotado *oficialmente* uma linhagem (isto é, sendo isto reconhecido por seus próprios representantes), indica claramente uma necessidade de reforma e restauração. Já não seria possível seguir na mesma linha, e ao mesmo tempo deve-se poder empregar certas bases antigas para poder falar em *reforma*. Como demonstramos ao longo desta obra, tudo isto é possível e necessário.

O último grande foco de cultura sagrada deste Extremo Ocidente, identificado à "Atlântida", teve vínculos fortes com a América do Norte e com a América do Sul. Afinal, a Quarta Raça-Raiz ocupava ambos os Hemisférios, ainda que seu foco principal e original estivesse no Sul (ver *Tratado Sobre Magia Branca* de Alice A. Bailey), como deve acontecer numa região Extremo-Occidental.

Agora que o foco racial regressa a esta parte do mundo, novamente a Sexta Raça-Raiz está distribuída ao longo das Américas. E uma vez mais a América do Sul será a nova Região da Luz. Vários mensageiros trazem hoje esta verdade, e as razões são muitas.

Os dois principais divulgadores desta linha do toltequismo são sul-americanos, Carlos Aranha Castañeda (no seu nome completo de batismo), brasileiro, e Florinda Donner, venezuelana. Vemos nisto um "sinal" do destino e no trabalho de Castañeda uma espécie de "busca" de algo novo, independente de suas motivações aparentes e originais, pois revela ao fim um grande Plano divino. A nova reforma é essencial para se ter uma idéia real da importancia de sua obra, pois foi uma de suas bases.

O Plano Quaternário está em voga novamente e sempre será muito afim ao Ocidente. Por isto em nossos trabalhos de Geografia Sagrada, costumamos dividir a América do sul em quatro grandes regiões, a saber: Região Caribenha, Região Andina, Região Brasileira e Região Pampeana.

Donner pertence à Região Caribenha, que é a mais setentrional, mas também fortemente vinculada aos movimentos da Nova Era. Por achar-se no Hemisfério Norte mas pertencer à América do Sul, consideramos a Venezuela como uma área de transição. Por isto estes movimentos possuem um caráter basicamente *preparatório*. Devido a tal dualidade as culturas antigas que se desenvolveram nestas áreas sofreram limitações.

A Região Andina está naturalmente auto-centrada porque tem muita herança ancestral e há muito o que se resgatar ali. É pois também foco de atenção dos movimentos de Nova Era e

outro de nossos grandes polos de interesses, até porque situa-se efetivamente no Hemisfério Sul e apresenta uma cultura tipicamente meridional, especialmente no Peru e na Bolívia.

Como paulista, Castañeda é "autenticamente" brasileiro. No Estado de São Paulo existem importantes movimentos de Nova Era, assim como nas redondezas e até nas vastas regiões do Planalto Central do Brasil, centralizado em Brasília, áreas certamente predestinadas ao desenvolvimento do neo-xamanismo.

Nisto, pertencemos a uma região verdadeiramente nova, na grande fronteira entre as cultras sul-americanas que é a dos pampas sul-americanos (especialmente o Rio Grande do Sul). É ali que nasce *de fato* a Nova Raça-Raiz, uma vez que os Estados Unidos e o Brasil foram antes responsáveis pela *completação* do ciclo áryo. O Brasil é a "nação do arco-Íris", a sétima sub-raça árya responsável pela conclusão de um grande ciclo racial. É junto a ela, ou a partir dela, que surge a renovação do mundo, como no mito do pote de ouro que existe no final do arco-íris. E este pote de ouro está colocado no extremo sul do Brasil, numa região planetária tradicionalmente associada às Idades de Ouro da Civilização, centralizadas que estão no paralelo 30. Podemos observar a importância que os toltecas dão ao Deserto de Sonora, situado no paralelo 30 e por eles descrito como um lugar de poder.

Desenvolve-se ali não apenas aspectos espirituais da mais alta monta, como também se renovam os ciclos astrológicos universais. Pode-se mencionar a presença de astrólogos importantes como Emma Costet de Mascheville (alemã radicada em Porto Alegre desde antes da Segunda Guerra), o uruguaio Bóris Cristoff e o argentino Ibarra Grasso (estudioso de calendários do mundo, especialmente mexicanos). Nossos próprios trabalhos neste campo tem sido divulgado através de publicações como a *Revista Órion de Ciência Astrológica* e outras obras. Outras referências particulares estão sugeridas no corpo desta série.

c. Os Mistérios da Infinitude

Os toltecas definiam os seus mais elevados propósitos como a *Busca da Liberdade Total*. Representa os Arcanos do Espaço e os Mistérios da Infinitude.

A Filosofia do Infinito é algo natural em nossos dias, quando a evolução se volta para o cosmos e a própria ciência focaliza continuamente os mundos distantes. Se o Caminho do Eternidade traz a profundidade, o Caminho do Infinito traz a vastidão necessária ao novo homem.

Por esta razão a Hierarquia tem colocado muita ênfase sobre estas abordagens. As Novas Revelações têm apresentado as suas visões do cosmos, e estas têm sido reveladas através de mediadores, entre os quais cabe destacar as *pitonisas* Helena Roerich e Alice A. Bailey (a profusão de "mensagens" de extraterrestres existente em nossos dias, numa mistura pouco salubre de espiritualidade com ficção científica, nada tem a ver com tais ensinamentos, seja em estilo ou em conteúdo).

Urusvati (nome espiritual de H. R.) trouxe ao mundo a preciosa revelação do Ensino da Agni Ioga, que significa a *Ioga do Fogo*. Dentro de uma série de 13 obras (às quais se acrescentam os volumes das cartas pessoais), podemos mencionar títulos como *Hierarquia*, *Coração*, *Infinito* (2 volumes) e *Mundo Ardente* (3 volumes).

E Bailey transmitiu ensinamentos ocultistas de grande amplitude e vastidão, com riqueza de detalhes técnicos. Escreveu cerca de 30 obras, podendo-se mencionar *Iniciação Humana e Solar*, *Cartas Sobre Meditação Ocultista*, *A Manifestação da Hierarquia* e *Tratado Sobre Magia Branca*. Na presente obra empregamos informações trazidas nas obras *Os Raios e as*

Iniciações e Tratado Sobre Fogo Cósmico, sobre os Sete Sendeiros Cósmicos que tomam os Chohans em sua senda de liberação cósmica. Alguns destes elementos, como os Sete Raios, os Fogos Cósmicos e os Sete Sendeiros Cósmicos, já vinham sendo por alto revelados desde o ciclo teosófico, sendo depois amplamente desenvolvidos por Bailey.

Todas estas literaturas são pois ricas em descrições sobre "fatos energéticos". Profundos e pragmáticos como deve ser algo emanado da Hierarquia de Luz, traz bases sólidas para as realizações espirituais. A isto podemos acrescentar elementos extraídos da literatura *sufi* do "Quarto Caminho" –Gurdjieff, Ouspensky– também empregados na presente obra.

Em nosso próprio trabalho, os elementos dos Mistérios da Infinitude relacionados aos novos códigos hierárquicos, surgem especialmente através dos Ensinamentos da Cúpula de Cristal, a nova revelação de Sabedoria Eterna baseada nos mistérios da *Mercabah*, a "Carruagem celeste" que constitui as visões dos Profetas da Totalidade (Enoch, Isaías, Ezequiel, São João), e cujos instrumentos empregam a *Linguagem dos Anjos*, ou seja, uma leitura intuitiva e "artística" dos cânones espirituais através das cores, das formas e dos sons; assim como a linguagem da *Hierarquia dos Pássaros*, parcialmente divulgada nos volumes desta série.

No presente volume desenvolvemos os Mistérios da Infinitude sob diferentes ângulos, realizando uma síntese inusitada entre as mais modernas e avançadas revelações, assim como entre Oriente e Ocidente, enriquecidas por novos elementos.

De um modo particular, e para resumir, esta obra apresenta um paralelo entre duas fontes de ensinamentos. De um lado a sabedoria tolteca tal como é transmitida por Carlos Castañeda, e de outro os ensinamentos da Loja Branca comunicados por Alice A. Bailey. Sempre que mencionarmos o "Tibetano" como fonte de ensinamento, estaremos fazendo alusão à informações trazidas através de Alice A. Bailey, quem atribui a este Mestre a origem de seu saber revelado enquanto "fonte de impressão" original.

O principal propósito desta aproximação é o de *complementar* as informações presentes nestas fontes no que entendemos serem identificadas ou de algum modo semelhantes. Até certo ponto, estes paralelos oferecem enfoques alternativos ou mesmo linguagens opcionais que o buscador pode optar, mas em certos casos também podem apresentar níveis ou nuances diferenciados nas abordagens dos temas. A equiparação vigorosa entre dois ensinamentos profundos serve por si só como uma forma de corroboração mútua. Atesta que as mesmas verdades podem ser percebidas em lugares muito diferentes, sugerindo com isto um fundo de realidade universal.

À parte a grande luz que esta síntese pode trazer, o leitor ainda encontrará como corolário muitos novos elementos revelados e indicações para aprofundar as suas investigações, sempre na linha do profundo pragmatismo que caracteriza a todos estes ensinamentos.

Assim, por sua própria natureza, as obras da trilogia *A Tradição Tolteca* se tornam em livros-texto para os buscadores da luz da Nova Era, especialmente os do Novo Mundo.

Capítulo 1

Chichén Itzá, a cidade da Profecia

Os historiadores modernos costumam atribuir a destruição dos antigos centros cerimoniais aos *xiximecas*, bárbaros como os astecas e os próprios toltecas originais. Com o tempo estes povos desenvolveram outros padrões de magia, dando origem aos novos videntes.

Os novos videntes, que consideram-se "guerreiros da terceira atenção", e portanto verdadeiros videntes), acreditam que as antigas cidades toltecas como Tula e Teotihuacan foram destruídas por homens como eles, "guerreiros que ficaram horrorizados com o mal da segunda atenção" (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 20). E é um fato que a período "militar" começou ali.

Chichén Itzá foi o último dos grandes centros toltecas (no caso, maya-tolteca). Estes aproveitaram as longas relações que mantinham com o antigo centro maia e a estrutura pré-existente para dar um novo impulso à civilização pré-colombiana, dando continuidade aos trabalhos raciais iniciados em Tula.

Diz o historiador Román Piña Chan, em *Chichén Itzá, A Cidade dos Bruxos d'Água*:

"Em tempos pré-colombianos Chichén Itzá foi um dos maiores e suntuosos centros dos mayas; foi uma cidade sagrada que por centúrias os peregrinos de diversos lugares frequentavam para invocar a seus deuses, por isto haviam ali espaçosas praças e esplêndidos templos formando harmoniosos conjuntos cerimoniais; e ademais tinham o costume de fazer ricas oferendas ao *cenote* ou poço onde se diziam moravam os deuses e as almas de seus antecessores, especialmente objetos de cobre e de ouro, jades, cerâmicas, tecidos, copal e cabaças pintadas."

Será a partir deste último grande centro cerimonial que encontraremos as criações mais avançadas dos toltecas, adentrando já diretamente nos cânones do Novo Mundo.

a. A Superestrutura Sagrada

Vimos que, simbolicamente, o templo da Tula apresenta o protótipo para o grupo perfeito atlante.

Dizem os registros que, quando Quetzalcóatl foi expulso de Tula, dirigiu-se para Yucatan, a sudoeste de Tula, e desde então esta direção se tornou sagrada para os toltecas. Havia já profecias apontando este rumo, associado à uma futura renovação cultural. E todo o grupo de Castañeda teve sua energia redirecionada para esta posição (a qual aponta também para o Brasil).

Chegando ao Yucatan, Quetzalcóatl dirigiu-se a Chichén Itzá e remodelou a antiga cidade maia. Não era nenhum lugar novo, uma vez que teve sua história registrada por 1000 anos, sendo que nos últimos 500 fora ocupada pelos sábios *itzás*. Como nos outros grandes centros, o primeiro ciclo correspondeu a um período teocrático-sacerdotal e o segundo a um período monárquico-militarista.

Tudo indica que a influência tolteca já era grande, e a presença física ali de Kukulkan (Quetzalcóatl) no seu exílio foi apenas o corolário desta influência.

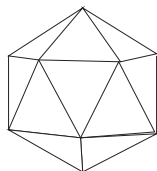
Destaca-se geralmente o belo Templo de Kukulkan, também chamado *El Castillo*, assim como observatório do Caracol, o mais esplêndido observatório astronômico pré-colombiano, dotado de uma estrutura que lembra os observatórios modernos.

Mas uma de suas obras mais notáveis é o "Templo dos Guerreiros", com seu anexo das "Mil Colunas", feito para reproduzir em detalhes o "Templo da Estrela da Manhã" de Tula, estudado na Parte I.

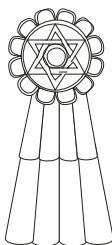
Passados os 52 anos do ciclo do "Fogo Novo", se deveria colocar a tradicional superestrutura sobre a antiga. E foi aí que aconteceu uma grande transformação, ou acrescentou-se uma importante novidade. E eis que o sentido mítico deu margem ao da profecia. A nova estrutura apresentava dois compartimentos para abrigar uma *dupla configuração*. No posterior mantinha-se o padrão de 4+4 colunas verificado em Tula, mas o frontal apresentava já duas fileiras de 6 colunas, ou seja, 6+6, numa referência à futura superestrutura cultural, que estava para iniciar nas Américas através da Sexta Raça-Raiz. Passou-se assim a valorizar o 12 ou o 13 dos Zodíacos sideral e lunar.

A soma $8+12=20$ evoca o número sagrado dos pré-colombianos e a base de seu sistema notacional, pois suas civilizações estavam centradas no paralelo 20 (Teotihuacan, Tula, Chichén Itzá).

Com isto nos aproximamos da forma do *icosaedro*, o sólido regular de 20 faces triangulares.



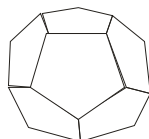
É também no Yucatan que encontramos uma representação maia do esquema universal através da fórmula $8+12=20$, através deste emblema solar existente em Uxmal:



Os 8 elementos estão devidamente agrupados na base em dois ciclos de 4, mas os 12 estão integrados em círculo, resultando num esquema zodiacal –no caso, uma formação especial porque o Zodíaco maia costuma apresentar 13 signos. Mas como a 13ª unidade é considerada suprema –trata-se do deus *Hunab Ku* ou *Oncecutli*–, ela também é central. A Estrela de seis

pontas alude também ao novo padrão, e o duplo círculo no centro do emblema pode ser relacionado a esferas complementares de tonal e nagual, ou mesmo à círculos hierárquicos.

As 12 pétalas desta flor-solar podem ser associadas a pentágonos, de modo que teremos um *dodecaedro* (abaixo) aberto.



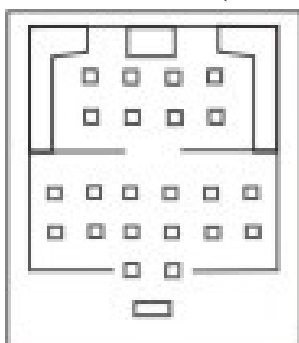
Com isto concluímos a relação dos cinco sólidos regulares existentes, os quais se acha na base de todas as coisas, razão pela qual os gregos os chamavam de os "brinquedos" através dos quais o deus Baco criava o universo. Platão também os relaciona aos cinco elementos: o tetraedro ao *fogo*, o octaedro ao *ar*, o cubo à *terra*, o icosaedro à *água* e o dodecaedro à *quintessência*.*

Nada disto surpreende quando sabemos que muito do que os meso-americanos realizaram em sua estupenda obra cultural tinha um caráter profético. Sabendo-se intermediários entre dois ciclos culturais, e não exatamente os depositários de um dharma atual, trataram de voltar-se para o futuro e tirar disto o melhor da luz.

Assim, o novo modelo de Chichén Itzá não destrói o antigo padrão atlante-áryo, mas incorpora uma nova estrutura, seja através de uma nova pirâmide, como pelo acréscimo de uma outra sala com outro grupo de colunatas. Como é natural, o recinto atlante ostenta o altar de sacrifício, ao passo que o recinto dos novos guerreiros, à frente, abre as portas para a liberdade. Tudo isto pode ser melhor observado na planta do templo, abaixo:

Templo dos Guerreiros, em Chichén Itzá

Fundos: recinto atlante (com altar)



Frente: recinto americano (com serpentes e chaac mool)

À entrada dos recintos, os dois pilares-serpentes que dão abertura ao Templo representam as polaridades cósmicas que regem todas as coisas no mundo ocidental, como as duas forças de *Kundalini* e como o casal-Nagual E o *Chac-Mool* é o altar frontal para as cerimônias solares, representando o Nagual como sacerdote (este Templo não possui "atlantes", embora estes também apareçam com algumas modificações num outro Templo em Chichén Velho).

Chichén Itzá representou o palco para as últimas elaborações dos toltecas, sabedores do futuro retorno de Quetzalcóatl numa glória jamais vista. O trágico período de guerras nos

séculos seguintes, que culminou no império asteca, preparou o terreno para a Conquista. De um modo geral, os nahuas estavam profundamente divididos e moralmente decaídos. Mas os maias nunca aceitaram a chegada dos estranhos e lutaram ainda por vários séculos; de certo modo ainda o fazem.

Chichén Itzá, a "Cidade dos Bruxos d'Água", caiu vítima da traição de um de seus aliados, em torno de 1400, mas prosseguiu sendo um centro de peregrinação para os povos da região.

No contexto pré-colombiano, mito e profecia se unem através do símbolo da cruz. A chegada dos espanhóis no século XVI foi apenas a confirmação de suas previsões, e ainda que nem todos tenha aceito passivamente as novas circunstâncias, muitos souberam acatar o poder do Destino e se adaptar, cientes de que as profecias se cumpririam a seu tempo e que deveriam suportar o ônus de servir de esteio para um novo mundo.

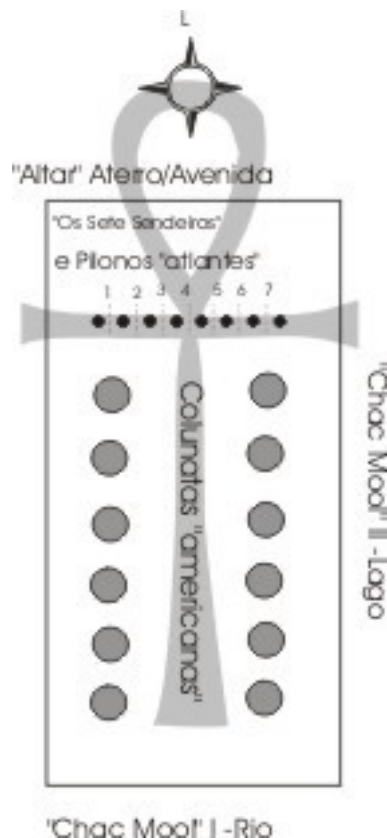
b. O Cumprimento da Profecia

O tempo da colheita era conhecido: 500 anos, ciclo este chamado *kaltun* entre os maias, *pachakuti* entre os incas e *fênix* entre os egípcios. É o tempo necessário para a renovação da cultura. Já acontecera muitas vezes, e certamente voltaria a acontecer, segundo os novos cânones da evolução, ou seja, novamente nas Américas, porém ao *Sul*.

Demonstramos que o *sudoeste*, posição de Tula ou do México central em relação a Chichén Itzá e destino de Quetzalcóatl no seu exílio (e mais tarde também dos guerreiros de Castañeda), representa a *direção profética* para todos os atlantes tardios.

Neste aspecto, seguindo nesta direção através da América do Sul, vamos encontrar a *cidade solar* da nova Raça-Raiz, na qual, além da esplendorosa Pirâmide divina do Novo Mundo, existe uma Praça que apresenta colunatas no mesmo padrão das colunas de Chichén Itzá, reunindo os arquétipos dos grupos *perfeito* dos videntes telúricos e dos videntes cósmicos, através de uma fileira de oito pequenos pilonos seguida por duas majestosas colunatas de seis pilares cada. Os pilonos de entrada se acham em linha e formam sete entradas ou passagens que podem ser relacionadas aos Sete Sendeiros de Evolução Superior vislumbrados pelos Chohans, então enfileirados aos pares na dupla colunata zodiacal que se projeta aos céus, como o duplo aspecto dos Sete Raios cósmicos, ou como a dupla regência dos planetas.

Os dois grupos se acham em posições contrárias, numa verdadeira cruz em forma de TAU. O grupo "atlante" está na direção Norte-Sul e o grupo "americano" na direção leste-oeste. Neste sentido, o Sol nascente (Logos, Nagual) faz também o papel do círculo sobre a cruz ansata egípcia. Como nos mapas e calendários pré-colombianos, o Leste se encontra na parte de cima do diagrama seguinte:



Além disto, cada coluna deste grupo *americano* de doze elementos está constituída por oito blocos, estabelecendo um vínculo ainda mais estreito com o padrão *atlante* e confere um total de 48 blocos, que é o número de emanações da Águia.

Na outra ponta do largo, na face oeste, existem 22 pilonos, o valor dos Arcanos Maiores do Tarô, símbolo da Ciência espiritual perfeita.

Temos então os seguintes grupos, com seus significados:

8 pilonos frontais (7 passagens) *Personalidade*

12 colunas (10+2 passagens) *Alma*

22 pilonos posteriores (21 passagens) *Espírito*

Observemos então as seguintes somas:

Plano 1: 8 pilonos frontais + 12 colunas = 20

(20: paralelo geográfico sagrado da tradição atlante).

Plano 2: 8 pilonos frontais + 22 pilonos posteriores = 30

(30: paralelo geográfico sagrado da tradição árya).

Plano 3: 8 pilonos frontais + 12 colunas + 22 pilonos posteriores = 42

(40: paralelo geográfico sagrado da tradição americana).

O 22, valor dos Arcanos Maiores do Tarô, símbolo clássico da Ciência espiritual, é como se acrescentássemos as duas colunas-serpentes polarizantes ao 20. Por isto os 22 pilonos estão no fim da *Travessia do Saber* ou dos dois grupos de 6 colunas, também associadas aos pares de planetas e à Árvore da Vida, com suas 3 tríades, 7 planos, 10 Sephiras, e 22 Caminhos internos. O tríptico AIN (Logos) que a coroa completa os 12 (ou 13) esferas evolutivas.

São ainda os 21 setores do *Bhavachakra*, a Roda da Vida tibetana (nos três círculos de 3+7+12 compartimentos), ou os 21 pilonos da Casa de Osíris (*Livro dos Mortos*, capítulo

CXLV), cada qual com dois guardiões (42 guardiões). Ou mesmo os 21 guardiões das 7 mansões (*Arits*) de Osiris (*Livro dos Mortos*, capítulo CXLVII).

Somando os três grupos teremos 42 unidades, o valor da idade crística de Maitreya segundo as profecias. A *cruz* de um Avatar é proporcional à de sua missão e ao ciclo que vem reger ou resgatar. A do Bodhisatwa (7º grau, Era Zodiacal) como Jesus ou o Quetzalcóatl tolteca ocupa cerca de 3 ou 4 anos. A de um Buda Pratyeka ou Manushi (8º e 9º graus, Semi-Era Solar) como Gautama ocupa 6 ou 7 anos, e a de um Dhyani Buda ou Adi-Buda (10º e 11º graus, Era Solar e Manvantara) como Maitreya ocupa entre 10 e 12 anos.

Muito mais poderia ser dito sobre este contexto de urbanística e de geografia sagrada. A mencionada Praça conclui a avenida-modelo desta cidade, por exemplo. Formada por quatro quadras que reproduzem a "Calçadas dos Mortos" de Teotihuacan, ostenta também *simbolicamente* as pirâmides do Sol e da Lua, na medida em que tais monumentos representam o homem e a mulher perfeitos, ou o casal-nagual.

As linhas futuras de atuação hierárquica-racial terão como polo de renovação do toltequismo, a este centro solar do novo ciclo de videntes, representando o palco principal para os trabalhos dos Grupos-Condor, os quais devem conduzir os grupos-Águia e os Grupos-Fênix.

Esta conjuntura está pois associada ao novo grande *Mito*, cuja natureza devemos agora analisar.

c. A Retomada do Mito

Como um representante do sagrado, o Nagual é aquele que mantém vivo o Mito que envolve a liberação do ser humano, na sua relação com o sagrado e pela manutenção da Tradição.

O Mito não pode sucumbir, porque dele depende a ordem cósmica. Por isto, terminado hoje o ciclo dos videntes iniciado em tempos pré-colombianos, aquilo que se faz necessário é a retomada do mito desde os seus primórdios. E todo o recomeço requer uma mudança de dimensão.

O ciclo do novos Naguais exige mudanças destinadas a suprir as novas necessidades raciais e suas possibilidades hierárquicas. Mas esta mudança já não pode ser feita em seu próprio nível. O processo de renovação é sempre mais profundo.

A renovação se dará no plano histórico. Mas isto se impõe através de um outro mito, mais básico e *divino*. Este mito é conhecido como "deus-menino", e se refere aos processos arquetípicos do Avatar enquanto do Microcosmos. É também chamado *mito polar*, e envolve situações espirituais e históricas muito especiais.

Na tradição pré-colombiana são conhecidas as imagens da criança-jaguar e de Hunab-Ku (Ometéotl) nascido da flor-de-palma, assim como do jovem Quetzalcóatl.

As profecias trazem as diretrizes destes dois mitos, especialmente através do mito nahuatl de Quetzalcóatl e do mito hopi do povo do Arco-Íris, reunindo o padrão 4:6 que representa o atual binômio humanidade-hierarquia e a própria essência da Ronda atual.

O regresso de Quetzalcóatl se dá hoje em vários níveis, desde os mais elevados como veículo para a energia avatárica, até os raciais para a auto-realização humana. Tudo isto certamente terá fortes conseqüências para os antigos povos pré-colombianos.

O reinício de um grande ciclo cultural requer uma série de condições, como locais e épocas determinados, assim como a chegada de personalidades especiais que abrem o novo ciclo e personificam a sua essência.

No aspecto hierárquico, uma faceta essencial do mito se apresenta no símbolo do deus-menino, o nascimento divino que surge na base de todas as grandes religiões (Krishna, Buda, Moisés, Hunab Ku, Hórus, Jesus, etc.), e que os tibetanos "diluíram" através de sua tradição dos *Tulkus*.

Quando os Reis-Magos chegaram à Galiléia em busca do Divino rebento, orientados por suas ciências de tempo-espaço, eles procuravam na verdade um iniciado especial, não apenas mais um profeta, mas o reflexo de certo *sinai* celeste que atesta o cumprimento de uma encarnação divina do mais alto grau e perfeição. Tal coisa pode receber um enfoque astrológico, tal como o do *nome-astrológico*.

Pois este mito não se refere propriamente a uma criança, mas sim a um plano arquetípico de evolução associado ao *Microcosmos*, e no qual o iniciado alcança a iluminação de forma bastante precoce e num padrão de tempo afixado.

Para isto o iniciado deve percorrer ciclos espirituais com base na astronomia e realizar assim a imagem do Microcosmos refletindo o Macrocosmos, cumprindo a máxima hermética "assim como é em cima é em baixo" naquele Ser feito à "imagem e semelhança de Deus".

Para que tudo isto se cumpra é preciso iniciar cedo a jornada para a luz, e este momento está sinalizado pelos ciclos do planeta Júpiter, o "jovem". Também faz-se necessário a tomada de processos especiais e severos, no caso, a chamada *via crucis*, representada por sua vez através dos ciclos de Saturno, o "velho". O rei Herodes que perseguiu Jesus, e o rei Kansa que perseguiu Krishna, personifica Saturno que devora os seus próprios filhos para manter-se no poder. A fuga para o Egito é a alternativa da mística para sobreviver e crescer, e em algum dia quiçá retornar vitorioso.

Este é o grande mito do sacrifício divino. Ele não é bem compreendido pela mente racional e tende a ser desprezado pelo sentido de poder. Apenas o coração pode penetrar seus mistérios, e com isto ele se revela universal.

O mito da infância divina refere-se não apenas à iluminação precoce. Sujeita-se a um "nascimento" especial no qual intervém a imagem da energia materna como providência. O mestre inclusive se fragiliza ao extremo através do grande sacrifício que representa este parto para a luz suprema, no qual toda a matéria recebe o seu ultimato.

Na ronda atual, apenas a pressão gerada neste caminho de renúncias e sacrifícios e pode gerar as energias e os esforços necessários ao cumprimento de todas as etapas do Microcosmo, que inclui refazer várias vezes o trabalho do iniciado comum e algumas vezes o dos Mestres apostólicos, pois a evolução espiritual se dá em *proporção geométrica*.

Finalmente, quando "brilha a estrela" –isto é, quando o iniciado perfeito se ilumina–, no momento certo, ela revela uma encarnação divina (*Avatar*). A nova estrela cintila com uma força única, destacando-se dentre todas as constelações, até chegar com o tempo a ser o Sol glorioso que realmente transforma a noite em dia para todo o planeta. A revelação desta luz parece tardar porque o auto-sacrifício é grande; é como acender uma luz no fundo de um abismo, de modo que a claridade demora a aparecer na superfície; deve crescer muito para isto. Este quadro atende ao processo de "ida aos infernos", e se chegasse a se completar, traria à tona um ser tão grandioso que sua luz cegaria e ofuscaria por completo; porém este seres são "mais afeitos à coroa de espinhos do que a de ouro"...

E isto acarreta num outro aspecto do mito do "deus-menino". Fragilizado por suas provações e lutas, o iniciado realmente vê limitados certos aspectos de sua personalidade, levando-se a dizer que "a Hierarquia não tem personalidade para se manifestar no mundo" (Bailey, *A Manifestação da Hierarquia*).

Sua luz se torna oculta aos olhos do mundo, como a de Osíris, o deus sacrificado, que apenas brilha no Além e renuncia a todo o poder terreno. Por isto, este é o campo do *mito* por excelência. Pode-se compreendê-lo com o intelecto, mas apenas se pode honrá-lo com o coração. Trata-se de um processo extraordinário tanto pelo que representa em termos de auto-sacrifício, como pelo que acarreta em benefícios mundiais. Por isto a única atitude digna dele é a *devocional*. Ele fundamenta a religião popular, estabelecendo a linguagem de mais fácil compreensão ao tocar diretamente o sentimento das pessoas.

Por ser este padrão universal em todas as encarnações divinas, é que tem servido para sinalizar o mais sagrado. Por isto o principal título de um Buda é *Tathagata*, "aquele que é como o anterior". Esta repetição simboliza a fixidez da Tradição, sua face eterna e estável, assim como o papel de Vishnu como *preservador* do mundo. Pois, ainda que a Roda do Dharma se mova sobre a Terra, ela possui um eixo no qual gira, e até uma *rota* para transitar. Esta estrada divina situa-se no centro dos hemisférios do globo, para assim tocar o Todo, e corresponde ao paralelo 30, chamado o "trono divino", segundo vimos. Uma rápida olhada sobre a História comprova isto, através de seus grandes centros de civilização.

Tal coisa corresponde aos mitos *hiporbóreos* ou *polares* como o de Shambala. A idéia original de *polo* enquanto centro ou eixo cultural, logo transferiu-se para uma simbologia geográfica irreal relacionada ao extremo norte do globo, quando na verdade ela é *central* dentro dos hemisférios. A cor branca que a representa nada mais significa que originalidade e totalidade.

É sobre esta base *cósmica* que se assenta a renovação atual. A grandeza deste quadro fica patente quando vemos que toda uma nova raça viverá ativamente os antigos mistérios, existindo sob o signo do Amor ou da *Estrela da Manhã*, Vênus, que surge sempre junto ao Sol, experimentando os mistérios do fogo e da consciência, buscando os signos da beleza e trilhando os caminhos da imortalidade.

O novo mito inclui portanto uma nova sociedade cujo amadurecimento é sinalizada pela chegada de seu representante máximo, ao fim de seu ciclo formativo de 500 anos. Este Quetzalcóatl traz este seu *nome astrológico*, junto a outros tantos sinais de identificação segundo vimos nos comentários ao Novo Regulamento, incluindo as provas científicas de condições gerais enobrecidas que os iluminados sempre detêm.

Assim como os reis magos souberam encontrar o momento e o local certo do Advento, os novos sábios também devem reunir os sinais e empreender esta busca, para que este momento cósmico não passe despercebido e o mundo fique sem os seus guias num momento tão dramático da história.

Toda a humanidade está hoje sob este Ultimato Cósmico. Grandes são as promessas de conhecimento, vida e amor abundantes para todos. A nova lei espiritual é generosa e universalista, voltada para a renovação de todas as grandes religiões e o cumprimento de suas profecias. Sendo o fruto da evolução da história passando por cada uma delas, pretende devolver as dádivas dos povos sob novas e renovadas luzes.

Para o homem individual as possibilidades também são imensas, pois o novo dharma está voltado para o *cumprimento de todas as potencialidade humanas*, proporcionando o máximo de auto-realização possível ao homem. O decreto cósmico se volta diretamente para a condição humana e suas necessidades, que são basicamente as de *harmonia*, o dom do quarto Raio, regente do quarto Reino (o Humano). E suas quatro grandes necessidades são as de *harmonia pessoal*, *harmonia conjugal*, *harmonia social* e *harmonia espiritual*.

Para isto a nova raça deve ser levada à iluminação e a contatar com os seus mais elevados ideais, como o da saúde plena, o da alma-gêmea, o da paz entre os povos e classes, e o do contato íntimo com o Criador amoroso e seus Representantes.

Sob a guia destes mensageiros, seguidores e protagonistas da Palavra do Deus vivo, da linhagem dos Videntes cósmicos aberta pelo novo Quetzalcóatl, a humanidade encontrará a sua verdadeira destinação e conhecerá glórias que até então julgava exclusiva dos eleitos ou dos mitos.

Também a hierarquia verá cumpridas suas mais altas potencialidades. Este Quetzalcóatl é um Nagual cósmico no sentido mais exato do termo, e abre toda uma linhagem de novos Naguais destinados a voar aos confins deste universo no rumo das esferas cósmicas, cumprindo a promessa de liberação do homem desde os limites deste sistema de evolução. Assim como os atlantes se liberaram da Terra e os áryas se liberaram dos planos intrasistêmicos, os novos sábios americanos se liberarão de todo o sistema solar, recebendo a liberdade de voar rumo a outros sistemas, a universos ignotos, para mistérios desconhecidos mas certamente sempre deslumbrantes neste Infinito no qual estamos mergulhados...

* Estes dois últimos compartilham o número de vértices, 60. Pode-se dizer que o tetraedro, que possui 4 faces triangulares e 12 vértices, faz a ponte entre estas duas realidades.

Capítulo 2

O Espelho de Obsidiana

Em suas últimas obras, Carlos Castañeda é apresentado como o *encerrador* da linhagem de feiticeiros ou videntes toltecas. Houve grande comoção quando perceberam que Castañeda era um "nagual de três pontas", destinado a encerrar linhagens. Tal coisa sinalizava a mudança, e isto era inexorável:

"(Don Juan) Assegurou-me que o fim de sua linhagem não tinha nada a ver com ele, com os seus esforços ou com o seu sucesso ou fracasso como um feiticeiro buscando a liberdade total. Entendia isto como algo que tinha a ver com uma escolha exercida além do nível humano, não por seres e entidades, mas pelas forças impessoais do universo." (Castañeda, *Passes Mágicos*, pg. 17)

Assim, o que virá adiante apenas o Espírito pode revelar, mas certamente trará uma nova linhagem cujo trabalho estará de acordo com as novas necessidades evolutivas do mundo. E estas cada vez mais seguem pela *linha da liberdade*, conduzindo o homem ao seu destino cósmico.

Todo o novo ciclo surge inicialmente pela *recapitulação* dos antigos. Por esta razão, por estarmos no umbral de uma Nova Era e sobretudo na emergência de uma nova Raça-raiz, qualquer indivíduo que se debruce sobre as Ciências Antigas corre o risco de estar meramente *recapitulando* elementos que essencialmente a humanidade tem já desenvolvido. Isto não significa que a recapitulação seja desnecessária. O importante é termos claro que tudo isto serve apenas como substrato elementar para o novo. E isto é especialmente importante de compreender quando tratamos de conhecimentos e técnicas tão antigos como os do xamanismo. De fato, acreditamos no surgimento de um novo xamanismo, porém sob um direcionamento *cósmico* e não meramente telúrico, embora sempre considerando a Terra como uma base essencial.

Comumente os elementos explorados no passado são aproveitados como bases para novas construções, e em alguns casos estes elementos são "reciclados".

Neste sentido, existe um vínculo especial que reúne a antiga cultura atlante à nova tradição americana: o elo Quaternário. Antes se tratava da 4ª Raça-Raiz, e agora surge a IVª Dinastia Sagrada do mundo. Ambas exploram as energias quaternárias: amor, artes, beleza, sacrifício, morte e ressurreição.

A diferença é que o ciclo anterior focaliza isto a nível hierárquico e de forma seletiva, e o novo trabalhará tais questões a nível humano e massivo. Para isto a Nova Raça contará com a antiga experiência cultural e a assistência da nova Hierarquia.

Tudo isto implica na popularização, adaptação e diluição da mística e da religião superior atlante. Daí o (res)surgimento hoje de várias doutrinas espirituais quaternárias, como o *Quarto Caminho* de Gurdjieff e o *Caminho Quádruple* da tradicional "roda de medicina" xamanista, como expressa Angeles Arrien em sua bela obra assim intitulada. Nisto se enquadra também a revalorização do budismo, especialmente as vertentes *Mahayana* e *Vajrayana* (este último pode ser considerado de natureza quádruple).

As semelhanças entre as energias atlantes e americanas são realmente grandes. Consideremos o seguinte quadro de correlações vibracionais:

Correlação Atlante: 2º Grau Humano / 4º Grau Hierárquico.

Correlação Americana: 4º Grau Humano / 6º Grau Hierárquico.

Aparentemente temos apenas a repetição do quaternário. No entanto, devemos considerar também a *analogia* existente entre o 2 e o 6, posto que o último ocupa a segunda posição no setenário num registro *inverso*. É isto que nos permite dizer que o trabalho dos *Chohans* (Senhores, em nahuatl *Tecuhtlis*) americanos se aproxima sob certos aspectos do trabalho dos *Sekhas* (Discípulos) atlantes, porém numa escala *cósmica*.

Por isto a volta da Mariposa de Fogo será especialmente esplendorosa. As coisas mais elevadas da antiga hierarquia atlante serão administradas em favor da nova sociedade espiritualizada, porquanto a nova hierarquia sagrada ascenderá a alturas tais nos trabalhos interdimensionais, que permitirá o acesso aos antigos mistérios atlantes de uma forma amplamente facilitada e muito mais segura.

O símbolo nahuatl que corresponde ao novo quadro é o da *mariposa de obsidiana*, ainda mais profundo que o da "mariposa de fogo". O nome da borboleta negra, *Itzpapálotl*, significa "mariposa de navalhas", porque contém formas que evocam lâminas brancas em suas asas. Entre os pré-colombianos, como para os homens da "idade da pedra" em geral, a pedra era particularmente empregada na confecção de lâminas e de instrumentos bélicos. Daí estar diretamente associada ao sacrifício e à guerra. A faca e a pedra são símbolos paralelos. A lâmina sacrificial que procura o coração do renunciante representa o mesmo que a "jóia no lótus", com a diferença da conotação dolorosa do primeiro caso.

A pedra é um símbolo do sagrado, especialmente o cristal, capaz de transmitir a luz e refletir o arco-íris. Representa o Cristo em sua função luminosa sétuple. A obsidiana é porém um cristal negro, nisto evocativo das energias *ocultas* do Logos (Osíris, Orfeu e Krishna eram representados como deuses *negros*) que permitem a sobrevivência da alma após a morte, ou da "noite negra da alma" a que se sujeitam os Arhats. A energia psíquica é também chamada pelos toltecas de "energia escura".

Nisto surge também o símbolo do *espelho de obsidiana*. Os antigos americanos usavam a obsidiana negra como espelho, inclusive como *espelho mágico*. Quando bem elaborado, o espelho é também aquela superfície que reflete a realidade, sendo nisto uma alegoria da mente equilibrada e fiel. As águas tranqüilas também formam espelhos, e nisto simbolizam ao psiquismo, que é especialmente o 2º plano, o emocional.

As casas dos guerreiros não têm espelhos. Dizem que o espelho reflete o exterior ou a personalidade. Mas devemos ver também que ele tem são usados intensamente na feitiçaria como portal "interdimensional". Esta atitude também mostra portanto que os guerreiros temem que estes instrumentos possam ser usados de forma menos consciente e segura.

Mas o símbolo do espelho também está relacionado ao sexto nível cósmico. O seis é o número por excelência do *ciclo*. O sexto plano é aquele em que os mundos se refletem ou se repetem, espelhados uns nos outros, formando novos ciclos e gerações. As palavras ciclo, seis (six) e sexo (sex) têm raízes comuns.

A pedra representa no geral a Mônada divina, localizada no coração enquanto "jóia no lótus" dos tibetanos, ainda que sediada no Sexto Plano deste sistema solar. A hierarquia está predestinada a subir vários graus de iluminação, e sua atuação culmina no sexto grau na presente raça-raiz. Em nosso Sistema Solar, o sexto é o plano de *refração dos Sete Raios*, como fazem a água ou o cristal em relação à luz.

Tradicionalmente, o Logos está associado ao Verbo. O "grito da mariposa" é o chamado do Nagual para evocar os seus aliados dos mundos elementais (cf. *O Segundo Circulo do Poder*, C. Castañeda, pg. 110).

A consciência mineral é a mais primitiva. Mas, em sua imobilidade, as pedras são o mais duradouro dos reinos, quase eternos como a própria divindade. Os feiticeiros antigos chegaram a realizar pactos elementais com este e com outros reinos tendo em vista a sobrevivência dos corpos inferiores. Infelizmente isto não pode ser alcançado sem o sacrifício da evolução da consciência, e estes vínculos representam uma degeneração da simbologia superior, esta sim inclusiva e abrangente. Por isto os monumentos antigos são procurados por sua simbologia e harmonia, mas temidos pelas influências remanescentes.

a. Evolução e Futuro do Nagualismo

O Nagualismo se insere num quadro clássico e necessário de relação mestre-discípulo. E assim como a humanidade evolui através dos tempos, também os Naguais adquirem novas capacidades com o passar das épocas. Os mestres da Nova Raça trazem perspectivas renovadas para a humanidade, ampliando o quadro das possibilidades de conhecimento, poder e liberdade.

Castañeda não foi o único discípulo não-índio de Dom Juan. Quase todo o seu segundo "grupo" o era. Carlos era o líder —o *Nagual*—, e gerar uma instituição para trabalhar com as técnicas recebidas foi o seu último ato de poder, coroando o seu trabalho. Nem por isto Castañeda deixaria de ser apenas um "receptor", no sentido de que sua sucessão permaneceria em aberto, sendo antes representada por "instrutores" semi-leigos como os das escolas criadas para difundir a *Tensegridade*, o sistema de "passes mágicos" que está na base do treinamento recebido por Carlos Castañeda.

De qualquer forma, recolocando assim o conhecimento para o mundo, nesta aparente profanação existe na verdade um ato maior, porque ao mesmo tempo em que está extinto um ciclo, inicia um outro no qual estes elementos poderão ser empregados de forma mais ampla, na medida em que sejam incorporados à síntese global que resultará na grande Restauração da Verdade Una.

Também é necessário dizer que o estilo tolteca de abordar o conhecimento espiritual é hoje muito oportuno por trabalhar de forma científica conceitos como o das *dimensões*, assim como por oferecer um panorama místico-ecológico e por pertencer ao contexto das Américas.

Esta divulgação vem ocorrendo hoje em *todas* as culturas sagradas. Os antigos mistérios são revelados aparentemente para não se perderem no esquecimento e na ausência de transmissão; mas também porque necessitam ser entregues a novos ambientes culturais para ser renovados e, por fim, porque aquilo que era feito em redutos secretos ou em setores culturais limitados, será doravante tido como algo *elementar* para tudo o mais que se necessitará amanhã, após realizada

uma síntese de tudo o que existiu. Assim, toda esta massa de informações que nos traz um panorama colorido da espiritualidade mundial, colocada às vezes quase no mesmo nível do balcão de mercadorias, na verdade traduz uma nova necessidade cósmica: a de reciclagem da consciência global.

Esta renovação está presente no próprio texto de Castañeda, seja a partir dos informes que traz de seus mentores, como em função de seu próprio trabalho conclusivo e até renovador.

De fato, uma virada final em sua trajetória estava prevista, talvez até especialmente no seu caso, que todos sabiam ser excepcional. Após a partida de Don Juan, a instrução de Castañeda foi completada por uma guerreira do grupo de Don Juan chamada Florinda Matus. Sua posição a respeito do tema é clara e está apresentada em *La Rueda del Tiempo*:

"Teu estado parece definitivo, mas não é. Chegará um momento em que trocará sua jurisdição. Quiçá chegue até a burlar-te de cada pensamento dos xamãs do antigo México. Pode ser, inclusive, que te burses dos pensamentos e das visões dos xamãs com os quais trabalhaste tão estreitamente, como o nagual Juan Matus. Pode até ser que o renegues. Logo verás. Um guerreiro não tem limites. Seu sentido de improvisação é tão agudo que pode construir a partir de nada; e não meras estruturas vazias, mas funcionais e práticas. Logo verás. Não é que vás a esquecê-los, mas num dado momento, antes de projetar-te no abismo, se tens coragem para percorrer o seu fio e a audácia de não afastar-te dele, chegarás a conclusões de guerreiro de uma ordem e estabilidade infinitamente mais adequadas para ti que a fixação dos xamãs do antigo México." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 313)

Neste quase-desafio estava implícita uma tarefa de renovação para Castañeda, o que em nada surpreende, uma vez que cada Nagual deve realizar o seu trabalho de *acordo com o seu tempo*, tal como fizeram sempre os mestres de Castañeda e também os mestres de seus mestres.

É justamente esta renovação que dá um sentido especial à tarefa de cada novo chamã e também traz o seu desafio particular. A marca da personalidade de cada xamã deve ser impressa como um *selo histórico* e um *degrau construtivo* nas linhagens. Espera-se sempre uma nova síntese de cada guerreiro e especialmente de cada novo mestre ou nagual. E para isto tudo o que puder contribuir será importante.

Apesar de Castañeda não fornecer um inventário muito completo da metodologia e da didática de sua linhagem, oferece algumas informações sobre o *estilo* de trabalho de alguns naguais anteriores, e temos o modelo mais completo de seu próprio Mestre Juan Matus, que talvez inspire novos paradigmas.

Através de *Passes Mágicos*, ficamos sabendo que os feiticeiros antigos, na medida em que iam descobrindo estes *passes de poder*, elaboraram complexos rituais para canalizar estes passes.

Outrossim, em sua entrevista a Carmina Fort, o discípulo de Don Juan afirma que, apesar de ser um nagual, não tinha os qualificativos de mestre.

Deste modo, em certo sentido é Don Juan quem deve ser realmente considerado como a referência *final* das linhagens toltecas. Foi ele quem entrevistou as novas necessidades e tendências da humanidade, rumo à sua nova etapa *pós-racional*. Declarou Castañeda a Carmina Fort:

"As forças cósmicas, o conhecimento silencioso nos apresentam um mundo de demônios, enquanto o racional nos dá a tranquilidade. Mas já não se pode continuar mantendo a tranquilidade do mundo de todos os dias. Don Juan assegurava que era preciso voltar ao conhecimento silencioso, mas agora com menos medo, já que voltamos com um dos troféus conseguidos ao regressar do inferno ao qual descemos: o entendimento."

Tal formulação é plenamente lúcida e adequada, e está respaldada pelas novas etapas evolutivas da humanidade, assim como por suas urgências históricas. O retorno ao "conhecimento silencioso", dotado dos instrumentos racionais, acarreta numa mudança profunda e significativa neste plano de trabalhos. Podemos dizer que a aquisição do entendimento e a realização de um inventário profundo do campo e dos recursos da *Segunda Atenção*, tem sido a grande tarefa dos Novos Videntes. Seus esforços foram dirigidos especificamente aos elementos da *Segunda Atenção*, tornada acessível pela *espreita*. Para isto empregaram recursos e potencialidades especiais, como a *visão*, porque em parte fizeram um trabalho do passado com os recursos do presente. Eram as formas que tinham de atuar, recorrendo às bases antigas. E isto lhes deu acesso ao campo da *Terceira Atenção*, aberto pela chave do *intento*. Tudo isto possui um valor inusitado para fundamentar a Nova Era.

O ser humano necessita realmente desenvolver novos valores e explorar outras dimensões, porque o planeta tornou-se fisicamente pequeno para tanta gente e para tamanhos poderes materiais. E é claro que isto deve ser realizado de forma *massiva*. De um lado, os recursos cibernéticos devem se tornar suficientemente sedutores para atrair as pessoas. E de outro lado, a religião deve oferecer alternativas satisfatórias, incluindo questões como a da sacralidade da natureza e das *almas-gêmeas*.

Este último recurso não tem estado ainda mais amplamente disposto no plano do xamanismo e da religiosidade em geral, porque não era chegado o momento. A sua visão da importância da economia da energia sexual, por exemplo, é clássica e vital, e não contradiz os recursos do amor perfeito. Don Juan dizia que os caminhos da feitiçaria permitem o resgate do Paraíso, e isto é certo sob certos aspectos. Mas o verdadeiro Dharma do Paraíso inclui o "uso do mundo sem ser no mundo", inclusive amar o cônjuge sem que isto acarrete em "pecado" ou "desperdício de energia" –um maravilhoso mistério que os novos mestres propiciarão–, pelo contrário, encontrando nisto a expressão do mais sublime.

É chegado o momento para isto. Apenas o êxtase da iluminação pode se comparar ao êxtase do sexo. Mas a iluminação tem sido até agora uma conquista hierárquica e ainda rara. Doravante no entanto, a humanidade terá acesso a esta suprema conquista, de modo que finalmente as coisas podem ser substituídas ou mesmo *reunidas*, dando lugar à síntese das almas-gêmeas..!

Tais poderes dependem do emprego de todas as energias superiores acessíveis ao novo homem.

b. A Técnica da "Identificação"

A idéia da *unidade* está na própria essência dos conceitos de religião e yoga. "Religião" advém de *religare*, re-ligação (em latim) com o divino. E "yoga" vem da raiz sânscrita *yug*, que significa "união".

Com relação às técnicas espirituais propostas para a nova humanidade, elas estão basicamente pautadas por uma identificação ou fusão da consciência com as energias a serem experimentadas. Ou seja, o separatismo que o mental comumente conferia entre o experimentador e o objeto já não terá lugar, embora a análise tampouco venha a ser descartada, uma vez que a idéia é de um retorno ao sensível empregando o instrumento da razão. Esta é a natureza da 6ª Raça-Raiz emergente, dita "pós-racional", que se diferencia da 4ª Raça-Raiz "pré-racional" justamente por haver acumulado os dotes intelectuais próprios da 5ª Quarta-Raiz, a Árya.

A tônica espiritual da nova humanidade será uma especial habilidade de experimentar as muitas dimensões unificadamente, desenvolvendo um campo de consciência superior a partir de um quadro integrador de *relações universais*.

No que se refere à natureza da nova yoga a ser praticada pela humanidade, poderia-se falar pois em termos de *comunhão*, assim como de *inclusividade*, nos termos do Ensino da Agni Ioga de Helena Roerich, ou mesmo de síntese ou de *identificação*, como prefere Alice A. Bailey. Eis o que escreveu a este respeito em seu *Tratado Sobre Magia Branca*, acerca dos trabalhos inovadores atuais:

"...esse grupo agora em processo desenvolverá, com o tempo, sua própria yoga e escola de treinamento, que gradualmente substituirá a da raja yoga e a da bhakti yoga.

"O método de treinamento será dado àqueles que tenham disciplinado a mente e aprendido a controlar as emoções. Daí a chave para o que está agora ocorrendo. O modo de treinamento não consistirá numa resumida marcha até o objetivo. Somente os inteligentes poderão alcançá-lo e somente personalidades coordenadas serão selecionadas para o ensino. A nota-chave da nova yoga será a síntese; seu objetivo será o desenvolvimento consciente da faculdade intuitiva."

O Tibetano seleciona aqui portanto duas técnicas, uma meditativa conhecida como *Raja Yoga* e própria da raça árya, e outra devocional, a *Bhakty Yoga*, característica da evolução atlante. Afirma que estes métodos serão agora substituídos por um outro que os reúne e suplanta, e para o qual os discípulos atuais da Hierarquia estão sendo preparados. Sua natureza será a síntese e a intuição, este último denominado também como "conhecimento direto" por Helena Roerich e "conhecimento silencioso" pelos toltecas. Alguns nomes para esta técnica tem sido dados, com destaque para "Agni Ioga" e "Deva Yoga", como veremos a seguir.

Bailey segue caracterizando o novo método:

"Este desenvolvimento cairá em duas categorias: primeira, o desenvolvimento da intuição e da verdadeira percepção espiritual; segunda, o uso treinado da mente como um agente interpretador."

Naturalmente esta nova síntese apresenta elementos associados tanto ao aspecto sensível como ao mental, unificadamente, resultando numa compreensão-apreensão direta das coisas que é tanto intuição como interpretação. A intuição é em si um mecanismo de *unidade* com o objetos, fatos e conhecimentos, gerado por um dom de percepção direta e interior. Representa uma sensibilidade especial associada à *vidência*, implicando em poder e controle sobre as energias da separatividade ou da dualidade. Neste estágio a mente também será um instrumento de interpretação da experiência, já não de forma progressiva e dialética, mas imediata e intuitiva, como no dizer da grande romancista intuitiva Clarice Lispector: "Sei, porque existe." Tudo isto é então resumido no termo *identificação*:

"Soa como uma redundância falar da união através da síntese, mas não é assim. É união através da identificação com o Todo – não união através da conscientização (Bhakti Yoga) ou através da visão (Raja Yoga). Marquem bem esta distinção, pois nela está o segredo do passo seguinte para as personalidades da raça."

O sentido de *identificação* representa uma dimensão espiritual bastante elevada. A identificação é uma virtude regular nos grandes iniciados, permitindo que suas almas se fundam com a natureza de todas as coisas. É a própria essência da religião. E isto permite com que sirvam superiormente tanto à humanidade como à Deus, servindo de elo entre a unidade absoluta e a diversidade manifestada, traduzida muitas vezes como *compaixão*, que seria na verdade apenas um dos aspectos desta identificação.

Para finalizar, reproduzimos da mesma obra outras indicações de como ter acesso a esta forma de consciência, ou como praticar esta yoga de síntese, capaz de traduzir as necessidades evolutivas da nova humanidade.

"Vocês me perguntam: o que impede um homem de se tornar um membro de tal grupo? Respondo com ênfase que quatro coisas apenas impedem um homem de filiação:

1°. uma personalidade incoordenada. Isto envolve necessariamente uma mente destreinada e um intelecto frágil;

2°. um sentimento de separatividade, de distinção e de estar à parte ou de ser diferente de seus semelhantes;

3°. a posse de um credo. Não importa quanto uma fórmula ou crença possa ser boa, ele inevitavelmente produz exclusividade. Ela barra alguns.

4°. orgulho e ambição."

Estes quatro obstáculos, que podem ser associados aos Quatro Inimigos do "homem de conhecimento", oferecem uma sugestão que podemos esperar neste quadro: trata-se de uma técnica quaternária, que coloca portanto o ser humano às portas da iluminação.

Poderíamos associar estes obstáculos aos quatro planos, projetados nos níveis superiores. Analisemos pois estes itens.

Mentalidade. A mente é uma dimensão de síntese e de poder, e deve ser fortalecida pelo estudo, pela associação com mentes fortes e pelo treinamento oculto. Sem este poder não é possível a concentração e a objetividade necessária.

Unidade. O Homem deve procurar sentir-se um com tudo, como forma de chegar a desenvolver a intuição e o conhecimento direto. A unidade, *yug*, tem sido progressivamente ensinada à humanidade através das religiões e das técnicas yogues. Na Nova Era esta fusão grupal se estenderá ao elemento sensível da Natureza ou do Feminino cósmico.

Credo. A humanidade não pode realmente abandonar os credos, mas pode relaxar no fanatismo. Um credo realmente útil não pode ser fanático, mas isto não se obtém pelo abandono da crença, e sim por uma compreensão das riquezas que contém, abrangendo muitas idéias progressivamente. Apenas as crenças essencialmente limitantes, como as antigas ou as mal formuladas e compreendidas, é que são obstáculos reais.

Humildade. O orgulho e a ambição são obstáculos naturais que sempre retornam no caminho, na medida em que adquirimos novos poderes e possibilidades. Podem ser combatidos com a consciência de que sempre seremos pequenos ante Deus e seus dons, que o caminho nunca acaba e que a separatividade compromete os resultados finais de todo o trabalho. Todos estão sob a lei e o pequeno necessita do grande tanto quanto este do menor, impedindo toda a forma de abuso.

Bailey oferece então aquilo que pode ser visto como as três *Regras de Ouro* desta nova yoga:

"Vocês indagarão uma vez mais: como alguém qualificar-se-á? As regras são simples e em número de três.

1°. aprendam a praticar a não-agressividade.

2°. não desejem nada para o ego-separado.

3°. procurem o sinal da divindade em tudo.

"Três regras muito simples, mas muito difíceis de cumprir."

Estas regras podem ser vistas como uma verdadeira escada em níveis que incluem, em primeira instância, as esferas dos três planos que constituem a Personalidade integrada: *Físico*, *Emocional* e *Mental*. Analisemos.

1. Plano Físico: *não-agressividade*. A não-agressividade tem uma de suas bases na compreensão da unidade de todos os seres, e radica-se a partir disto na adoção de medidas não-danosas aos reinos, como o *ahimsa* (não-agressão), o vegetarianismo ou, ainda melhor, o frugivorismo.

2. Plano Emocional: *aspirar por compartilhar tudo*. De forma semelhante, o desejo da comunidade geral passa pelo respeito pela natureza em geral e ao próximo, vistos como extensões de si mesmo com os mesmos direitos.

3. Plano Mental: *ver o divino em tudo*. Todas as coisas podem ser sagradas quando compreendemos as raízes comuns de tudo na divindade. Mas um ambiente saudável e uma sociedade afável e sábia (bases das duas premissas anteriores) são imprescindíveis para a percepção da unidade cósmica, assim como a vidência e o amor obtidos na iniciação.

O propósito principal de toda a progressiva identificação é ordenar o cosmos no interior do homem. Para isto uma série de medidas deve ser tomadas, no sentido de também se organizar o universo exterior permitindo a identificação, reunindo assim todas as esferas da existência dual: interior e exterior, individual e coletiva, material e espiritual, masculina e feminina, etc.

A idéia da "identificação" também se aproxima pois do simbolismo do *espelho*, tão caro ao novo dharma e presente na mitologia do México antigo.

c. Os Espelhos de Sabedoria

A *identificação* representa sempre uma aproximação dos opostos. Todo o dharma trata da reunião dos pares de contrários, com ênfase em algum aspecto particular.

O novo dharma de Maitreya formula um completo *Inventário Dimensional*, ensinando o manejo das dualidades tendo em vista a unidade (ou a "identificação") e a iniciação.

O caminho dos *Espelhos de Sabedoria* representa a Terceira Grande Verdade do novo Dharma, e o trabalho com estes Espelhos visa conduzir ao *Equilíbrio*, que é por sua vez a Segunda Grande Verdade do novo Dharma, e através deste equilíbrio alcançar por fim a unidade, vista especialmente como *Felicidade*, nome da primeira Grande Verdade do Dharma de Maitreya.

O novo dharma trata dos opostos através de seu inventário dimensional, com o objetivo de transcender os contrários e chegar à harmonia e à unidade. A tarefa do *Chohan* é levar o dom da liberdade às suas últimas consequências, e isto é feito através da eleição de um caminho cósmico, sob o exercício de equilíbrio dos opostos que existem no universo.

No Caminho dos Espelhos, trabalha-se basicamente com quatro pares de opostos, os quais também podem ser encontrados em várias filosofias do mundo, como nos 8 trigramas do Taoísmo ou na Ógdoad e egípcia e suas 4 pares elementares, além de corresponder aos quatro *Tezcatlipocas* ou *Bacaabs* ("Espelhos Fumegantes") dos pré-colombianos e no diagrama dos "oito pontos nas fibras de um ser luminoso" que Don Juan desenhava para Castañeda, segundo *Portas Para o Infinito*.

Em termos gerais, o budismo se vale do símbolo do espelho para representar a visão perfeita e a percepção clara dos fatos, sem as distorções de miasmas pessoais que constituem os "três venenos" do desejo, da cólera e da inveja. Certas correntes ocultistas empregam espelhos para ter acesso a outras dimensões. Como as águas, o espelho tem a capacidade de refletir o Plano Astral e revelar as coisas ocultas.

A simbologia dos espelhos na filosofia é portanto antigo, assim como o emprego de espelhos na magia é uma tradição. O ensinamento dos *Espelhos de Sabedoria* traduz estes princípios universais numa nova linguagem. Particularmente associado ao elemento "Água" por razões

óbvias, a filosofia dos *Espelhos de Sabedoria* apresenta uma natureza *psíquica*, servindo como elo universal entre as novas verdades raciais e os novos processos hierárquicos, sendo assim capaz de conduzir a uma esfera ou a outra. Todo o verdadeiro dharma apresenta esta universalidade, que não se colore por elementos particulares mas serve como pano-de-fundo para a emergência das verdades pessoais. Neste sentido, o Dharma de Maitreya é também um resgate de *Sanat Dharma*, nome que recebe o Hinduísmo na Índia, significando "Verdade Eterna" ou "Filosofia Perene".

Os historiadores profanos comumente proclamam que o Hinduísmo manifesta ampla capacidade de adaptação e tolerância às novas religiões, razão pela qual ostenta "mais de 300 mil deuses". Na verdade, o Hinduísmo sabe harmonizar as duas concepções de tempo, o *tempo linear* e o *tempo circular*, de modo que ele se abre também à evolução, ao mesmo tempo em que preserva a tradição. É esta exatamente a grande característica de *Sanat Dharma* e aquilo que assegura a sua perenidade.

Os *Espelhos de Sabedoria* são por isto uma expressão da Totalidade. E representando um tal inventário das energias cósmicas, elas naturalmente incluem as *linhas diretrizes* de todos os dharmas locais. Assim é que o Espelho de *Hierarquia*, que reflete o Superior e o Inferior, figura no Hermetismo através do princípio de que *assim como é em cima é em baixo e vice-versa*; o Espelho de *Gênero*, refletindo o Positivo e o Negativo, surge no Taoísmo mediante o *parelo entre Ying e Yang*; o Espelho de *Tempo*, que reflete Passado e Futuro aparece no Hinduísmo e no Judaísmo através da idéia do carma ou de causa-e-efeito; e o Espelho de *Espaço* aparece no Budismo com a análise da correlação entre o interior e o exterior. Estas quatro polaridades, presentes nos oito raios da Roda da Lei (*Dharmachakra*) no Oriente, demonstram pois que o novo dharma vem reunir todas as antigas filosofias.

O homem apenas pode crescer e evoluir quando tem consciência de *totalidade*, quando sabe abranger e incluir. Esta consciência representa a base ética que dá acesso às matrizes energéticas do nosso futuro, ao nosso arquétipo eterno e perfeito, no qual todas as dimensões se acham em harmonia.

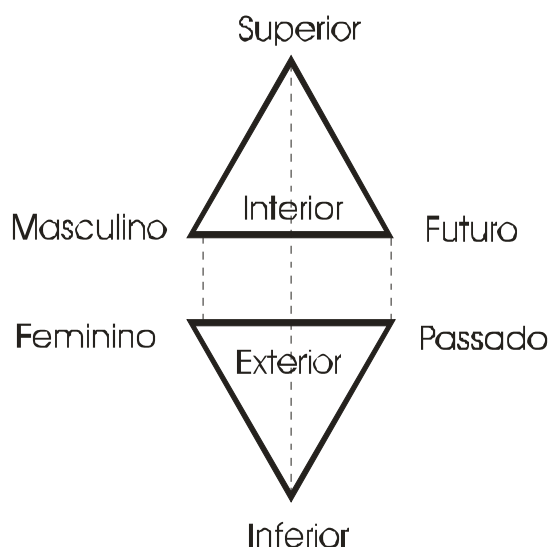
Estes conhecimentos estarão na pauta dos Videntes Cósmicos. A 6ª Iniciação corresponde à *liberação* do iniciado deste sistema solar, e isto ele faz através de alguma porta dimensional em particular. Cada porta dimensional conecta com um universo e um sistema cósmico em particular. O Vidente deve realizar a sua opção segundo a sua natureza pessoal e o seu próprio coração, segundo a linha em que ele se descubra mais criativo e na qual alcance determinar um maior grau de síntese. E para isto o conhecimento do completo inventário dimensional é necessário.

O novo dharma trata dos opostos através de seu inventário dimensional, com o objetivo de transcender os contrários e chegar à harmonia e à unidade. A tarefa do *Chohan* é levar o dom da liberdade às suas últimas consequências, e isto é feito através da eleição de um caminho cósmico, sob o exercício de equilíbrio dos opostos que existem no universo.

c. O Inventário Dimensional

Da mesma forma como os Espelhos de Sabedoria são Fórmulas de Contraste de Opostos e, por isto mesmo, caminhos de Transcendência ou de Unidade, a reunião de todos estes Espelhos oferece um quadro prismático, como no conhecido "jogo de espelhos" onde a imagem se multiplica e assume novas formas multidimensionadas. A sua síntese pode ser simbolizada pelo *cubo*, cuja fórmula se resume na proporção 4:6 (seis faces quadradas).

Observamos também que, por sua natureza, certas dimensões apresentam muitos pontos em comum. No diagrama abaixo reunimos estas expressões dimensionais nas suas tríades complementares.



O propósito do Inventário Dimensional é o de reunir a experiência dos *opostos* para suplantar a dicotomia, e chegar pragmaticamente a posicionar-se no centro de todas as coisas permanecendo no *equilíbrio*, e então através disto alcançar a experiência transcendente e conquistar a *felicidade*.

E isto pode ser aplicado a todas as situações da vida, as quais se acham contempladas no próprio Inventário Dimensional.

Genericamente falando, podemos nos referir aos quatro Elementos da Natureza. Mas uma das abordagens mais importantes diz respeito aos *relacionamentos humanos*. Nisto, o Inventário Dimensional pode resumir os quatro planos de relacionamentos: sociais, conjugais, profissionais e espirituais, por exemplo.

- a. Relações Espirituais *Hierarquia* "superior" e "inferior"
- b. Relações Conjugais *Gênero* "esquerdo" e "direito"
- c. Relações Sociais *Espaço* "interior" e "exterior"
- d. Relações Profissionais *Tempo* "anterior" e "posterior"

É óbvio que não se pode limitar nada a apenas um par de opostos. Ainda assim, podemos determinar associações prioritárias. Assim, os relacionamentos espirituais são aqueles que de forma mais legítima podemos definir como *hierárquicos*. Por sua vez, os relacionamentos conjugais expressam o princípio de horizontalidade, como no símbolo de Gêmeos (*Mithuna*). Os relacionamentos sociais são aqueles que se manifestam mais amplamente no espaço cultural. E os relacionamentos profissionais associam-se ao cultivo do tempo através do ritmo do trabalho e dos frutos do labor.

De forma ainda mais básica, devemos de início buscar naquilo que temos de mais próximo, que é o nosso próprio corpo e seus sentidos de percepção, especialmente através dos orifícios do corpo, da seguinte forma:

O aspecto *Hierarquia*, visto como "superior" e "inferior", se relaciona aos olhos e às genitais

O aspecto *Gênero*, visto como "esquerdo" e "direito", se relaciona aos dois ouvidos.

O aspecto *Espaço*, visto como "interior" e "exterior", se relaciona ao nariz e ao umbigo.

O aspecto *Tempo*, visto como "anterior" e "posterior", se relaciona à boca e ao ânus.

Estes orifícios são veículos de trocas entre as dimensões, as quais também se refletem em nossos *sentidos*. E os quatro sentidos são: tato, gosto, olfato e audição. Cada coisa que fazemos deve captar todos os nossos sentidos. Se algum deles é ofendido ou apartado então existirá o perigo do desequilíbrio.

Esta é uma das chaves da Arte tradicional, tal como a hindu, que explora amplamente os sentidos. O bom orador ou escritor é aquele que explora imagens, sonoridades e o maior número possível de estímulos. Hoje em dia temos a crescente popularidade da chamada *multimídia*.

Um dos grandes segredos do equilíbrio é que ele possibilita a *sutileza*, que é uma forma de expressar a transcendência. Um manjar perfeitamente equilibrado pode saciar com pequena quantidade. Podemos ver que os pratos orientais são muitas vezes parcos em volume. Mas em compensação, são feitos com grande arte e esmero, inspirando naquele que os consome também uma absorção cuidadosa.

Este é apenas um exemplo, mas tal equilíbrio deve entrar em todas as nossas atividades, e em cada uma delas será capaz de revelar novas dimensões e até a sublime transcendência que paira acima delas.

Os toltecas antigos certamente buscaram esta harmonia, representada amiúde em seus deuses duais e nos símbolos polares como o da água-queimada. Os toltecas recentes estavam se encaminhando nesta direção através das vigorosas sínteses que vinham alcançando.

d. Renasce a Mariposa Sagrada

Cabe buscar uma revisão do sistema tolteca à luz da Tradição de Sabedoria e dos novos padrões raciais, assim como uma renovação de suas estruturas e critérios. Boa parte dos antigos procedimentos serão aproveitados e reciclados.

A rigôr, um enraizamento espiritual bem definido implica na afirmação de *três fatores de justiça*: o reconhecimento de uma dívida eterna para com as origens sagradas e para com os mentores que nos ajudaram a contatá-las; a aceitação da divindade implícita em todos os homens e um compromisso com aqueles que serviram para nossa encarnação e aos quais devemos dar um retorno; a gratidão para com a Terra enquanto criação sagrada, a ser expressa na forma de um investimento para a sua melhoria e integridade.

Através da análise das linhagens sob o prisma histórico (apresentada nos Volumes anteriores), pretendemos avaliar o primeiro destes fatores, ao enfatizar um princípio que normalmente se apresenta deficiente nas correntes xamanísticas e também na maior parte das escolas de ocultismo: o aspecto hierárquico e devocional. Tais escolas se apresentam de uma forma *paralela* à religião popular, ao invés de realmente a empregarem como base, de um lado, e a servirem para o seu desenvolvimento, de outro lado. Esta desvinculação apenas tem gerado conflitos desnecessários impedindo o progresso geral.

A expressão "tolteca" permanece muito vaga. A "Águia" é vista como uma força cósmica sem origem histórica. E as "linhagens" aparecem como o resultado de esforços místicos ao invés de remontarem a um Fundador divino, impedindo que as raízes hierárquicas sejam bem assentadas no tempo e no espaço e assim possam realmente decolar para o infinito e abarcar maiores expressões culturais. O próprio nagual deveria ser visto como uma força permanentemente enquanto *elo* para algo maior.

Este seria portanto um resgate e um novo elemento e ser incorporado nesta Tradição, permitindo a difusão desta bela filosofia e sua inserção num quadro civilizatório mais amplo. Não se trata porém de um mero resgate, porque os velhos ciclos estão terminando. Certamente o novo determinará novos elementos e perspectivas, assim como a necessidade de bases hierárquicas superiores para todas as correntes espirituais.

Com relação ao segundo fator, sobre o vínculo humano e social, a afirmação de Don Juan de que a perda da auto-compaixão procurada pelos guerreiros, resulta no afastamento da compaixão pelo próximo, pode facilmente ser mal entendida. Um iniciado não pode ser sentimental e pessoalmente apegado. Mas nem por isto seus atos serão destituídos de compaixão pela humanidade enquanto espécie ou negligenciarão a importância do bem estar coletivo.

A guerreira Clara Grau, do grupo de Don Juan e que fez um treinamento especial da China, identifica este estado de consciência ao *vazio* dos taoístas, que os guerreiros preferem chamar *arte da liberdade*. Diz também: "Libertar-se da humanidade não significa algo tão idiota como não possuir calor humano ou compaixão." (Taisha Abelar, *A Travessia das Feiticeiras*, pg. 85). Ocorre antes que "tudo o que é humano nessa esfera é tão destituído de importância que se perde na amplitude." (pg. 84).

Representa antes o desapego, inclusive das paixões humanas. Esta relativa indiferença também está associada à terefa não-racial dos toltecas recentes, liberados do *voto de Bodhisatwa*. Neste quadro, é natural que uma etapa mística como a recente evocasse os trabalhos de uma época antiga, onde o desenvolvimento da hierarquia espiritual era também limitado às vivências psíquicas.

Aqui pode entrar portanto uma outra dimensão de trabalhos que apenas os Altos Iniciados podem realmente incorporar, que é a *dimensão civilizatória* a ser administrada pelos seres efetivamente liberados e que optam pelo *Sendeiro de Serviço na Terra*, que é uma das Vias de Evolução Superior disponíveis para os Mestres de Sabedoria, segundo os informes hierárquicos, e da qual a dinastia de Quetzalcóatl era certamente uma das expressões. É preciso dizer, aliás, que o *dom do mundo* ou a prática da Civilização é um desafio a ser assimilado em definitivo para poder dar lugar na Nova Era à *Sociedade Cósmica*, ou ao menos à *Sociedade Mundial*.

A individualidade será realmente valorizada —é a terceira dádiva do Espírito—, mas a ordem e a hierarquia são bases inalienáveis. O Conhecimento Silencioso dos antigos é *pré-racional*, enquanto que o Saber Intuitivo do futuro é *pós-racional*. Na mística indígena existe muito de nostalgia e de refúgio no passado em função da crise cultural sofrida com a Conquista e pelas próprias dificuldades internas destes povos. Neste aspecto, ressurgem um certo preconceito comum aos místicos contra a *razão*, por não saberem ao certo o que fazer com ela, e por lhes faltarem recursos para organizarem objetivamente as coisas. Esta crise é causada pela falta do Elo da Hierarquia, que trabalha em dimensões ainda superiores, podendo abrir o caminho para as Verdades raciais.

O ensinamento dos mestres de Castañeda enfatiza muito as palavras "poder" e "conhecimento", caracterizando-as como as próprias essências de suas duas linhagens, em função até do espírito racial dos últimos milênios. O homem moderno é racional, por isto, exercitar o dom da razão ao máximo é um ato de impecabilidade dos novos videntes. Diz Isidoro Baltazar (Castañeda) a Florinda Donner:

"O aspecto racional é uma característica dos novos videntes. Contrariamente ao que acreditam as pessoas, os feiticeiros não são praticantes de obscuros rituais esotéricos, mas estão à frente do nosso tempo. E o modo do nosso tempo é a razão. Somos homens racionais, de modo geral. Os feiticeiros, porém, são *homens de razão*, que é coisa inteiramente diferente. Os feiticeiros têm um romance com as idéias; cultivaram a razão até os seus limites, pois acreditam que somente compreendendo plenamente o intelecto

podem encarnar os princípios da feitiçaria sem perder de vista a própria sobriedade e integridade" (Donner, *op. cit.*, pgs. 173-174).

É preciso portanto saber distinguir o racionalismo estreito e dogmático do emprego *instrumental* da razão, tendo em vista fins maiores:

"Os feiticeiros são homens de conhecimento e não homens de razão. Assim, estão um passo adiante dos intelectuais ocidentais que supõem que a realidade —que muitas vezes é igualada à verdade— pode ser conhecida através da razão. (...) Os feiticeiros cultivam a totalidade do seu ser, e não estabelecem necessariamente distinção entre o nosso lado racional e o intuitivo. Usam ambos para alcançar o reino do conhecimento a que chamam conhecimento mudo, que está além da linguagem, além do pensamento." (Donner, *op. cit.*, pg. 219)

Este "conhecimento silencioso" se pode associar tanto à intuição como ao "conhecimento direto" do Agni Ioga e do treinamento tolteca. Donner aprendeu que "sonhar acordado dá acesso ao conhecimento direto" (Donner, *op. cit.* pg. 245). O saber-imediato é fruto da percepção clara e de uma lógica oculta. A mente raciocina de forma livre e desimpedida dos bloqueios e ritmos habituais, encontrando caminhos naturais e espontâneos para a razão. Por isto é dito que "na percepção acentuada, nada é incompreensível para nós" (Donner, *op. cit.* pg. 266).

Pensar é certamente uma virtude e o pensamento criador tem estado na base das novas realizações espirituais desde a época árya. Castañeda apresentou a Florinda Donner como tarefa básica desenvolver o "processo edificante e agradável de pensar". O estudo e a leitura deveria ser no entanto feito de forma recolhida e privada (Donner, *op. cit.* pg. 217).

A razão é um meio precioso para penetrar no irracional, e a colocam na base da experiência viva, nunca o contrário, pois não necessitam de dogmas e nem caem nas armadilhas do intelectualismo vazio:

"Os feiticeiros sabem que, sempre que dão um salto no desconhecido, precisam ter um lado racional bem desenvolvido. Só então é que poderão explicar e dar sentido a tudo quanto possam trazer de suas viagens ao desconhecido.

"Os feiticeiros também constroem sobre um corpo de conhecimentos existentes, mas não o fazem aceitando o que já foi estabelecido e provado por outros feiticeiros. Os feiticeiros têm de provar para si, novamente, que o que já é considerado aceito realmente existe e cede à percepção. Para realizar esse trabalho monumental, os feiticeiros precisam de uma quantidade extraordinária de energia, o que obtêm destacando-se da ordem social sem se retirarem do mundo. Os feiticeiros rompem o acordo que definiu a realidade, sem se destruírem ao fazer isso."

Caberia porém dar maior valor à palavra "amor", que afinal *intermedia* as anteriores ("poder e conhecimento"), e isto ainda pode ser visto como um recurso técnico preme de poder e conhecimento e não como mero sentimentalismo (é verdade que a sabedoria, que sempre acompanha o amor, é muito procurada entre eles). Felizmente existe a compreensão de que o verdadeiro objetivo do Caminho do Conhecimento é a aquisição do "terceiro ponto de referência", que é "liberdade de percepção" e o *intento*, o Espírito em si, pese os limites em que isto tenha sido exercitado. Já o novo Propósito racial radica-se na *Quadridimensão*, e para isto o Ponto de Equilíbrio chamado "razão", "amor", "dualidade" ou bilocação, é apenas um meio e uma base. O novo movimento é efetivamente *vertical*, e não apenas central como o anterior do ciclo áryo. Complementa assim o movimento horizontal dos videntes lunares ou atlantes.

Finalmente, o terceiro fator, sobre o compromisso com a Terra, parece ser o único razoavelmente bem colocado, embora o contexto seja limitado em relação à moderna ótica globalizante e aos graves problemas ambientais que o homem atual conhece e protagoniza. Ainda assim, os ensinamentos sobre outras dimensões está na base da cura da humanidade, pos-

sibilitando-lhe *equilibrar os valores* e a forma de vida. Esta é certamente uma das razões pela qual este ensinamento é depositado no rol da nova raça, pois se de um lado fornece subsídios para uma revalorização da Natureza, por outro recebe um redimensionamento que apenas o novo homem poderia conceber e administrar. E tudo isto parece corresponder à profecia índia sobre o advento dos "Guerreiros do Arco-Íris". A exploração interdimensional voltará a ser uma tônica da Nova Era, porém com muito mais ciência e recursos, até porque novas dimensões estarão disponíveis ao homem do futuro. O passo inicial para a nova civilização será reorganizar a sociedade sobre bases sagradas.

Capítulo 3

As Novas Linhagens

Colocado todo o anterior, podemos agora avaliar os passos necessários à implantação de uma nova linhagem de videntes.

Não se trata de uma adaptação simples, mas de uma renovação profunda e também complementar. Num certo sentido, o terceiro ciclo é uma síntese dos dois anteriores.

A forma de renovar uma linhagem inclui não apenas assimilar os conhecimentos e as técnicas das anteriores, mas também observar as novas necessidades.

Naturalmente, todo o verdadeiro processo renovador necessita *ir diretamente às fontes* às quais se dirigiram os criadores das antigas linhagens, além de conhecer, valorizar e praticar o essencial de seus ciclos. É preciso voltar a explorar os antigos mananciais de conhecimento, que são sempre vivos, para deles extrair a novidade.

Toda a Tradição se complementa com a *transmissão* e através desta se expressa. Mas quando a transmissão sofre os golpes do destino, torna-se necessário retornar às origens. É isto que possibilita um inventário completo e original dos elementos de uma linhagem, com o resgate de seus preceitos.

Da mesma forma como os novos videntes se renovaram realizando uma crítica ostensiva sobre os métodos e os conhecimentos dos antigos videntes, somos agora levados a revisar os postulados dos novos videntes.

Neste sentido, no que se refere às fontes, somos levados a afirmar que um dos problemas da recente transmissão, é que a extensa degeneração dos antigos videntes eclipsou a percepção de certas *raízes* por parte dos novos (no Volume II desta série apresentamos uma sinopse das linhagens toltecas).

A verdadeira origem de sua sabedoria não se radica meramente na decodificação das informações trazidas pelas plantas de poder, e nem na sistematização realizada pelos Novos Videntes. Mais que isto, radica-se no *espírito racial* associado à própria Águia, representado em primeiro lugar pelos Mestres Originais como Quetzalcóatl, Xipe Totec e talvez Pacal Votan, dentre os mais conhecidos.

Estes são nomes que evocam civilizações organizadas e admiráveis, com sistemas de conhecimento avançados, destacando-se precisamente os *toltecas*.

Devemos assim refazer a classificação dos novos videntes para incluir duas novas categorias, uma original e outra futura, as quais apresentam muitos elementos em comum. Esta é de certo modo uma classificação à luz das sub-raças, em ciclos de 520 anos. Neste sentido, três ciclos formam uma unidade clássica, relacionada ao Ciclo de Sótico (ou de Sírio), que era por eles

observado e amplamente cultuado. E nisto podemos evocar o fato de que "os videntes contam tudo em termos de três".

Este ciclo ocupa 1.460 anos, face ao qual se pode expressar a completa restauração da ordem original.* Isto que nos leva a comentar algumas formas de trabalho dos antigos videntes.

Entre eles, o exercício do conhecimento estava associado ao ambiente da *civilização*. A desvinculação entre estas duas coisas buscada pelos novos videntes, embora inevitável, não deixou de representar aspectos fatídicos. Foi vantajosa até certo ponto, tendo em vista a chegada de uma cultura invasora, obrigando os índios a se adaptarem sob pena de perecerem.

A grande maioria morreu de fome, doença e espada. Mas alguns aprenderam as artes da *espreita* e a resignação que se mostrava orgulhosa para não se tornar humilhação. Mas este orgulho deveria ser sistematicamente trabalhado para não apresentar um aspecto negativo e até mórbido que poderia, inclusive, reverter a qualquer momento em rebeldia. Canalizando esta sujeição aparente sob a idéia dos *pequenos tiranos*, e transformando-a em recurso de feitiçaria, era possível sentir até mesmo certa gratidão por estes inimigos. Este foi um dos procedimentos que caracterizaram a nova linhagem de videntes. Naturalmente este recurso de sobrevivência beira o desespero, e como tal pode velar aspectos mórbidos.

Os novos videntes renegaram completamente de início o sistema antigo. Mas com o tempo perceberam que havia ali muito de aproveitável, de modo que aquilo que basicamente fizeram foi *organizar e redirecionar* a antiga sabedoria. Mas nisto talvez tenham ainda deixado de lado certos procedimentos de valor, talvez por completa impossibilidade. Sua tarefa era mística e ocultista, e nisto eles poderiam lançar-se em novas aventuras de conhecimento, para um dia legar esta herança ao conjunto da humanidade.

Eles procuraram especializar-se no domínio do conhecimento, na busca da liberdade individual e da auto-realização mística, dando pouca importância para a ordem social. Pelo contrário, cultivaram um afastamento e empregaram sistematicamente a presença dos *pequenos tiranos* como forma de eliminar a vaidade e ter acesso a mundos sutis. Fizeram da fatalidade um instrumento a seu favor, numa forma de dobrar-se ao destino inevitável sem a ele sucumbir.

Procuraram também temperar o poder e o conhecimento com a bondade, embora limitada pelas circunstâncias históricas. Afinal, enquanto não amadurecesse uma nova síntese não seria possível esperar o renascimento do toltequismo. E o tempo de espera era conhecido por alguns: 500 anos, o "ciclo da Fênix" ou de Quetzalcóatl.

O fracasso dos antigos em andar com o povo resultou no retiro do mundo com os novos. Enfim, o contexto de redenção do nagualismo permaneceu por demais limitado e seus recursos seletivos.

A seu modo, os feiticeiros são solidários, especialmente entre si. Rechaçam a mesquinha no caminho de impecabilidade e inegoísmo que trilham, sem que isto os leve a adotar atitudes filantrópicas e sentimentais, permanecendo antes num equilíbrio razoável.

Florinda Donner recebeu uma mensagem neste sentido: "A liberdade é a total ausência de preocupação consigo. E o melhor meio de parar de se preocupar consigo é se preocupando com os outros." (*op. cit.* pg. 187). Isto reflete pois uma forma de *altruísmo espiritual*.

Os "novos videntes" consideravam até que eles foram os únicos a lidar realmente com as pessoas, razão pela qual desenvolveram a *espreita*.

"Os xamãs têm desmascarado a importância pessoal e descobriram que se trata de auto-compaixão disfarçada." (Castañeda, cit. em *La Rueda del Tiempo*, Castañeda, pg. 305)

A auto-comiseração pode atingir formas sutis, e não raro até causas aparentemente nobres pode ocultar a semente do egoísmo e da fraqueza. É neste sentido que se deve entender a busca da

não-piedade. Os xamãs antigos misturaram tudo. Começaram como sacerdotes oficiais, e quando viram estavam sustentando os poderosos e iniciando "linhagens" próprias, esquecendo a sua verdadeira função. No fim esta atitude lhes custou muito caro:

"Os antigos estavam tão enredados em seu sentido de poder que só foram perceber que as pessoas existiam quando elas começaram a bater-lhes nas cabeças." (Castañeda, *O Fogo Interior*, Cap. 11)

Não é que os antigos videntes não convíviam com as pessoas, mas o fato é que muitas vezes se aproveitavam delas como queriam, e esta foi uma das razões de sua desgraça. Aproveitaram-se mal da oportunidade social que lhes era dada, até porque esta veio muitas vezes através dos caminhos do poder político e terreno. Aliados aos militares, aterrorizavam e atemorizavam as populações pela feitiçaria e pelas armas. E então não foram protegidos dos invasores, antes pelo contrário. O caso dos astecas parece perfeitamente ilustrativo.

É isto que fez os novos videntes desenvolverem a arte da espreita, que não significa ainda propriamente interagir, mas conviver de uma forma relativamente teatral com a sociedade, através de uma "loucura controlada", técnica que talvez se pudesse incluir nas "ciência do comportamento".

Esta forma de agir sem envolvimento tem uma motivação mística na medida em que visa eliminar o apego pelo fruto dos atos. Aproxima-se da opção de interagir motivado pelo amor sem cair no sentimentalismo.

Ainda assim, a ausência de um certo proselitismo denota senão uma fraqueza, ao menos a ausência de bases culturais mais profundas e amplas (sendo natural que este vazio fosse preenchido pela religião oficial). Certamente havia também muita repressão, e sabemos que, a exemplo dos negros, os índios realizaram um grande sincretismo, o qual teve o seu ponto mais alto no culto à Nossa Senhora de Guadalupe.

Don Juan informa que a filosofia do *desvinculamento* entre os novos videntes precede à chegada do homem branco. Começou com a derrocada do império tolteca, embora tenha sido dramaticamente acentuada a partir da Conquista. Porém, nem mesmo o conquistador edificou então uma sociedade áurea no Novo Mundo, ainda que seus descendentes tenham hoje a responsabilidade de fazê-lo.

É inegável portanto que sofre a marca do *fatalismo*, embora isto seja normal ante qualquer transformação. De qualquer forma, esta desvinculação é própria apenas de ambientes culturais fragmentários, impotentes para algo mais integrado e de maior significação. É até possível que esta espécie de esquizofrenia cultural seja inevitável sob certos contextos históricos, de modo que algum resultado lhe é permitido alcançar.

Isto se encontra no entanto muito distante dos ideais de uma Idade de Ouro, que é aquilo no qual a humanidade necessita voltar a buscar hoje, tal como ocorreu no passado e deve voltar a acontecer.

A sabedoria de videntes toltecas tem muito a contribuir neste sentido. Ela fornece *diretrizes* e linhas de investigação sobre os potenciais ocultos do homem, e oferece um *estilo* oportuno de encarar o mistério com humor, liberdade e beleza.

De resto, a entrega do conhecimento sagrado a Castañeda demonstra que este ciclo dualista de conquistador-conquistado, índio e branco, se encontra agora concluído. Na verdade, a exemplo dos antigos deuses brancos, negros e amarelos das Américas antigas, a linhagem de Don Juan também teve mestres brancos e amarelos, de modo que o aspecto racial se acha totalmente diluído.

Sob vários aspectos, os últimos expoentes toltecas cada vez mais se aproximaram dos requisitos necessários à linhagem futura. O próprio Don Juan tinha vislumbres daquilo que

deveria surgir. Relembremos as palavras de Castañeda: "Don Juan assegurava que era preciso voltar ao conhecimento silencioso, mas agora com menos medo, já que voltamos com um dos troféus conseguidos ao regressar do inferno ao qual descemos: o entendimento."

O estilo acadêmico de Castañeda requeria uma abertura ao público. Solicitado por explicações mais acessíveis em *O Fogo Interior*, Don Juan responde com aquilo que define a natureza e os limites atuais dos videntes:

"Os videntes almejam ser livres, ser testemunhas imparciais incapazes de qualquer julgamento; de outra maneira, teriam de assumir a responsabilidade de iniciar um ciclo mais ajustado. Ninguém pode fazer isto. O novo ciclo, se acontecer, terá de vir por si mesmo".

Em outras palavras, no ciclo vigente os videntes se limitaram a testemunhar a descrever "imparcialmente" e sem maiores implicações de valores –inclusive de natureza social– aquilo que percebiam, tendo em vista a elaboração de um conhecimento interno. Esta seria a sua grande tarefa. Assumir uma dimensão social seria responsabilidade além de suas capacidades, mas poderia representar a meta do ciclo futuro. Este deverá porém "vir por si mesmo", o que significa dizer que deverá ter uma nova base. Este é um discurso semelhante ao de certos cientistas e artistas "autônomos", mas tem o seu valor.

Castañeda amiúde critica a aparente indiferença dos videntes em relação à condição social dos próprios índios. Don Juan não vê nada de especial nisto. Como outros sábios, admite antes a miséria da *condição humana em geral* e recomenda a seu discípulo dirigir sua compaixão para toda a humanidade. Alguns índios –diz ele– tem até mais condições de salvar-se porque detêm esta sabedoria interior. A pobreza nunca foi uma completa maldição (embora a miséria sim), mas a ignorância com certeza o é.

E, como pensamos ter deixado claro, quando Don Juan afirma que "para evoluir, o homem deve primeiro libertar a sua consciência das amarras da ordem social" (Castañeda, *A Arte de Sonhar*, pg. 197), está tecendo uma consideração *psicológica*, e não *sociológica*, lamentando-se que a consciência do homem, na sua percepção de mundo, esteja tão fortemente condicionada pelos padrões grupais *negativos*. Não existe pois a apologia ao afastamento social como necessidade espiritual em si mesma. Certamente eles desejariam ver videntes educando as crianças num mundo vindouro, eles que sabem o quanto a educação contribui na concepção de mundo no ser humano.

a. Os Videntes do Futuro

Devemos avaliar positivamente agora a proposta de restauração do toltequismo. Muito da cultura dos novos videntes –a linhagem concluída com Castañeda– seria preservado, por exemplo o seu *estilo* básico: força, humor, praticidade e conhecimento. Se agregariam elementos retirados da tradição universal, relativos sobretudo ao universo tolteca clássico, e também relativos às novas necessidades evolutivas da humanidade e da hierarquia.

Naquilo que se refere à revitalização de sua área geográfica, isto apenas parcialmente poderá ser feito, e mais sob um sentido místico do que propriamente universal como houve no passado. Pois o olhar divino não se dirige duas vezes para o mesmo ponto dentro de um único ciclo mundial. Toda a Terra deve receber a sua cota de progresso espiritual e realizar a parte que lhe cabe na tarefa da evolução do mundo.

Existem contudo momentos para reformas parciais, como fez o Budismo no seio do Hinduísmo, ou como fizeram os novos videntes em relação aos antigos. Esta dualidade é

clássica na evolução das raças e diz respeito à alternância de trabalhos. Mas isto também tem limites, de modo que o se fará agora é um recomeço quase completo, e nisto se poderá considerar que o anterior foi apenas uma *preparação* para o novo.

Pois embora existam pontos significativos em comum como a energia quaternária e o solo americano, as distinções também são importantes, porque, se antes o foco de luz racial estava no Hemisfério Norte e o quaternário era hierárquico, agora se trata do Hemisfério Sul e o trabalho quaternário é de ordem racial. Neste aspecto, a palavra *reforma* é muito mais adequada do que *restauração*. Mas esta última tampouco é equivocada na medida em que se deve empreender um *resgate de elementos*.

A reativação mística dos antigos polos se dará pela intensificação das pesquisas sobre os antigos valores, tendo em vista inclusive uma nova aplicação e difusão, a partir da percepção da importância destas bases para um novo ciclo cultural. Como será feito a nível popular, se trata realmente de um padrão místico. Aquilo que era seletivo e hierárquico será difuso e social. O religioso se tornará folclore, tomando por exemplo a forma de peregrinações aos antigos locais sagrados, mais ou menos como ocorre hoje superficialmente através do "turismo místico". Mesmo os novos centros de luz tomarão como referência estes locais antigos e em parte adotarão seus padrões.

Os novos polos permanecem nas Américas, ou a elas retornam se se prefere. O principal se dará na América do Sul –tampouco nos Andes, que sofre um processo semelhante ao do México sob alguns aspectos– e também se acenderão novos focos de luz na América do Norte.

Em sua síntese final, os videntes cósmicos retomam muitas tradições toltecas originais, como a ciência calendárica, os nomes astrológicos e a ordem solar da civilização.

Certos símbolos poderão sofrer releituras, como o da "água queimada" que relacionava os elementos raciais (água) e hierárquicos (fogo) atlantes. Outros serão no entanto efetivamente reativados e reagrupados. O mito dos "Espelhos Fumegantes" (*Tezcatlipoca*), por exemplo, assemelha-se aos *Espelhos de Sabedoria* do novo dharma de Maitreya Buda.

O grande mito áryo de Vênus-Quetzalcóatl permanece através da nova raça, revelando toda a dimensão cósmica que possui. Em termos espirituais, podemos evocar o deus solar *Tonatiuh* como regente da nova Hierarquia.

Este deus é apresentado no centro da Pedra do Sol, razão pela qual recebeu este nome, ao lado de seu original que é "Casa da Água". E reaparece na base da mesma Pedra, frente a frente com Quetzalcóatl, ambos dentro de serpentes que simbolizam o tempo-dual, enquanto representantes da energia material e da energia espiritual que evoluíram em direções contrárias no início dos tempos, e agora no final se reencontram, como as duas serpentes do caduceu de Mercúrio.

O planeta Vênus e o Sol aparecem sempre juntos no céu. No sistema yoga, o centro do coração se relaciona a Vênus e apresenta 12 pétalas, enquanto o alto da cabeça pertence ao Sol e tem 1000 pétalas divididas em 12 setores.

Vênus é hoje completado por Júpiter. O Sol tem um ciclo de 12 meses e Júpiter um de 12 anos. Por isto Júpiter é o Demiurgo. Trata-se da sexta esfera planetária, associada ao centro esplênico ou ao sexto *chakra*, que tem seis pétalas que são como os raios do arco-íris, refletidos pela água, o elemento deste centro, mas que deve ser visto também como "água superior", correspondendo a *Tlaloc* ou *Chaac*.

6 e 4 somam 10, o número do Sol. Assim, o padrão da nova raça e da nova hierarquia reunidos expressam uma *totalidade*, alfa-ômega.

O Demiurgo é o representante do divino, apóstolo do Altíssimo. Esta é a categoria dos Naguais cósmicos da nova hierarquia de luz, expressões diretas de *Tonatiuh*, o deus-Sol, e que

encontram em Quetzalcóatl o seu canal telúrico, pois expressa a nova raça-raiz ou humanidade perfeita.

Estas são portanto as duas esferas importantes para a Nova Era: o Vênus racial e o Júpiter hierárquico. O templo de Quetzalcóatl e Tlaloc em Teotihuacan recebe uma nova importância, com a *ascensão* da dimensão "água". Através disto se realizará a nova alquimia mundial, que agora tomará uma dimensão cósmica, porque diz respeito ao final de Ronda planetária.

O nome das novas hierarquias pode ser assim resumido no conceito de *Tlaloc*, ou o Nagual-*Chohan*, tendo como base o *Tlamantini* ou O Revelador (o Adepto *Asekha* hindu) e no ápice o *Tecuhtli*, ou O Mensageiro (o "Senhor", *Chohan* ou *Ishwara* no Oriente).

b. Os Novos Adeptos

A Hierarquia evolui com a Humanidade através dos tempos. Assim, cada nova manifestação sua pode atender com perfeição às necessidades raciais em evolução.

Houveram, é verdade, tempos muitos difíceis para todos os Centros. Numa época em que tanto a humanidade como a Hierarquia recém estava iniciando a sua evolução, e Shambala apenas começava se manifestar no mundo, então somente a linguagem mais densa poderia expressar as realidades superiores, muitas vezes através de símbolos e analogias. Devido ao estágio material daquelas raças, somente estas formas poderiam ser usadas, de modo a marcar nas mentes embrutecidas certas questões espirituais, ocasionando por vezes que as idéias da Hierarquia eram deformadas nas mãos dos Adeptos da Mão Esquerda, resultando em catástrofes sociais e ecológicas como as registradas na época da Atlântida.

É que, neste momento, o importante era semear para o futuro, necessitando a humanidade tratar seus próprios vícios e hábitos herdados da natureza animal da qual estava recém emanada, mas ainda muito vívida no subconsciente racial.

A Hierarquia, por sua vez, não contava com uma realização iniciática suficiente para gozar e muito menos promover uma liberação social e espiritual, devendo então trabalhar com os escassos materiais de que dispunha.

Após isto já foi possível um equilíbrio, no ciclo áryo, de modo que tanto a humanidade como a Hierarquia puderam expressar a sua verdadeira natureza. Neste momento, a sociedade pode ser organizada de forma mais sábia, e os governos sagrados suscitados num contexto hierárquico edificaram verdadeiras Idades de Ouro da Civilização, com o apoio de u'a humanidade também esclarecida e apta para a síntese da espiritualidade.

A ciência, como um todo, tanto exotérica como esotérica (e não existia tanta divisão como hoje), recebeu grandes avanços. Os métodos espirituais evoluíram e foram sistematizados e organizados em Escolas e Ordens Iniciáticas, e a iniciação pode ser cultivada de maneira científica, de modo que grandes sínteses se alcançaram.

Hoje vivemos o ocaso desta grande Raça-raiz, na verdade, o momento de implantação uma nova raça mundial, o que explica as grandes transformações que a sociedade mundial vem atravessando. O mundo já não pode simplesmente olhar para trás: o futuro clama pelo novo. E, ao mesmo tempo, necessita valer-se de modelos culturais empregados no passado em circunstâncias semelhantes, optando, por exemplo, em dar o comando da sociedade a sábios iluminados.

O mundo atual se desvanece a olhos vistos. Ao mesmo tempo, novos experimentos têm sido feitos em vários campos. Hoje, felizmente muitas respostas podem ser apontadas como resultado de todo este processo inquiridor de buscas e transformações. Grandes sínteses foram

já realizadas, e, de um modo geral, existe um *consenso* suficiente acerca da necessidade de um novo *contexto* cultural, ainda que no geral não se tenha bem claro do que se trata.

Falta, é verdade, que as instituições sejam dinamizadas, transformadas mesmo em certos casos, ou reformadas para dar lugar ao novo. Os antigos padrões sociais e os velhos interesses de classes dominam de forma insistente, e isto é natural quando o homem governa a si próprio, na tentativa vã de usar sua alma pessoal dividida para unir o que apenas é uno em Deus. A própria pretensão política oculta o germen do Mal, quando não dirigida por uma hierarquia de sábios. Tudo isto tende a ser fatal para a humanidade, e talvez seja o preço a pagar para reaprender lições esquecidas, como a que fala da corruptibilidade inerente à alma humana a partir do "pecado original", e a necessidade de contar com sábios provados por Deus no governo das nações e até do Mundo.

Os problemas são sérios neste sentido, na medida em que existe ainda muita ilusão política, numa espécie de *sede* democrática gerada pela ausência de opções dignas. Mas o que se necessita não é de afastar o "democrático", mas sim equilibrá-lo com um Estado sagrado, sábio e regulador, assim como "fixo".

Enquanto isto os interesses parciais de classes permanecem lutando entre si sob os desvarios das Repúblicas, uns tentando derrubar os outros, de modo que o que mais se vê é a frustração de grandes camadas da população e, sobretudo, a oscilação do *status* humano, inclusive no sentido espiritual, que de resto jamais pode crescer muito nesta espécie de sistema conflituoso e dividido internamente, dominado pela mediocridade e pela irreligiosidade prática, ao invés de buscar se harmonizar e integrar as classes entre si sob a batuta de seres universais, na procura de momentos realmente superiores para a Civilização.

Por esta razão é que, mesmo sob melhores condições financeiras, os males humanos continuam se agravando. Drogas, paixões, violência e guerras, não têm sido atenuadas sob o acréscimo de bens e riquezas –para não dizer que é isto justamente que por vezes motiva tais crimes, sob a total inversão de valores que vivemos hoje...

As revoluções surgem muitas como medidas desesperadas ou como ação do carma face ao desequilíbrio gerado pelo ostracismo da hierarquia, ou seja, pela disposição de homens comuns no poder, e não de iniciados, que são aqueles seres especialmente treinados para a ação grupal.

De modo que o homem deve voltar a refletir sobre a importância de contar com a transcendência. A Hierarquia evolui com a humanidade, mas sua linguagem não é a das revoluções, e sim a da evolução e a das reformas. Ela respeita as tendências humanas e compreende a importância de cada coisa. Ao mesmo tempo, entende que tudo pode ser expresso de forma mais nobre e inclusiva, e para isto se vale da educação e não da mera repressão e controle exterior.

Os Mestres Áryos foram *experts* nas questões da ciência. Já os Mestres da raça *Ayam* (Pan-Americana), serão peritos nas coisas da *consciência*. Isto significa que todas aquelas questões relacionadas ao *sensiente* e ao sensível, sejam emocionais ou fenomênicas, poderão conhecer um plano de expressão e perfeição até hoje ignorado, acarretando a inclusão de poderes desconhecidos mas que certamente surpreenderão a humanidade à medida em que sejam revelados e colocados à prova. Os caminhos que trazem os Novos Adeptos são os mais belos, sintéticos e universais. Sua natureza será o *amor*, essência da presente Ronda Mundial e sobretudo do Ashram espiritual que vêm dirigir no coroamento desta Ronda.

De fato, assim como os Adeptos atlantes muito exigiram da humanidade, e os Mestre Áryas souberam implantar uma harmonia geral entre a humanidade e a Hierarquia, os Novos Adeptos se encontram aptos a conceder à humanidade tudo aquilo que ela mais deseja em seus mais elevados sonhos. Para isto, eles se posicionarão não como deuses (como os atlantes), e nem mesmo como Mestres (como os áryas), mas como Homens ideais, Irmãos-maiores e Amigos

espirituais (mesmo que em algum sentido sejam realmente deuses criadores e mestres instrutores).

A Hierarquia "descerá" até a humanidade, para que esta possa se elevar até ela. Afinal, sua Missão é a de concluir com chave-de-ouro a atual Ronda planetária, a qual, por ser a quarta, se relaciona diretamente ao Quarto Reino, que é o humano. E isto é possível porque a energia mais enaltecida nestes Mestres diz respeito à *sua própria humanidade*, sublimada, aperfeiçoada e realizada ao máximo.

Deste modo, pode-se dizer que os Novos Adeptos se encontram aqui para *servir* a Humanidade enquanto Reino privilegiado desta Ronda, quer dizer, praticamente *invertendo* as antiga diretrizes hierárquicas atlantes em que o homem deve buscar servir o Mais Alto e amar a Deus sobre todas as coisas. Pois, mesmo que este Mandamento permaneça como Supremo, a ele Jesus agregou o amor ao próximo, e a ambos o Novo Cristo acrescentará o amor à natureza e ao cômulo como um novo ideal supremo.

É claro que as considerações e os princípios tradicionais de hierarquia não serão perdidos, embora altamente *informalizados* ou "diluídos", num contexto racial altamente evoluído, e cujo potencial superior permite esta espécie de abordagem inédita e *informal* da ordem social por parte da Hierarquia. Certamente veremos pela primeira vez uma espécie de *anarquia divina* sobre a Terra.

O que fundamenta estes processos e atitudes é, originalmente, a linha-de-ação que a Hierarquia vem tomando, de acordo com a natureza da Nova Raça-raiz (e da Nova Era). Referimo-nos, basicamente, à Doutrina dos Sete Raios, através da qual os novos discípulos da luz têm podido realizar importantes sínteses e definir com certa precisão a sua natureza interior, para que, no momento em que a Hierarquia se manifeste, a humanidade esteja preparada para receber as Iniciações superiores.

A Ciência dos Sete Raios diz respeito à forma de apresentação hierárquica de trabalho direto com a Nova Raça, e é por assim dizer, uma espécie de "padrão canônico" regendo as suas energias.

Através desta Ciência muitas portas serão abertas, trazendo uma qualificação geral nos dons humanos. Diante disto, tudo o que o homem conhecia até então em termos de amor, beleza, saúde e felicidade, aparentará como uma pálida caricatura perante a revelação de verdades maiores e mais perfeitas, no momento em que a sua criatividade for liberada nos planos superiores; o que exigirá muita maturidade por parte da humanidade, sob o direcionamento da Hierarquia.

Os Novos Adeptos são aqueles que levaram o trabalho com os raios divinos às últimas conseqüências, tendo reunido uma perfeita experiência sagrada em todos os planos, podendo agora manifestá-la à humanidade, e semear no seio do mundo da forma mais fecunda possível esta sabedoria e esta nova liberação. São na verdade as próprias personificações de tais energias sublimes.

Todas as conquistas anteriores das Raças serão reunidas e incorporadas, recicladas e ampliadas no trabalho dos Novos Adeptos, colocando a serviço da manifestação dos valores da alma tudo o que tem sido conquistado em termos de ciência, arte, sabedoria e poder espiritual.

Será uma expressão superior do trabalho hierárquico realizado pela Raça atlante, caracterizado como o "crescei e multiplicai-vos", que agora deve ser entendido *espiritualmente*. O "quatro", relacionado ao novo Ashram solar, é o centro do coração que permite a alquimia das energias psíquicas.

Os objetivos especiais desta nova humanidade –assim como de toda esta Ronda mundial– se radicam na auto-realização mediante o amor e o afeto. E é neste campo que os Novos Adeptos

irão basicamente atuar, levando as expressões humanas a seu ápice de luz e perfeição, para surpresa desta humanidade ainda imersa no erro, no pecado e na confusão.

O homem vive ainda as maldições de sua Queda, pela perda do Paraíso original. Como consequência ele conhece a morte e a extinção, o suor no trabalho e a injustiça, a dor no parto e a desarmonia conjugal. Tudo isto se encontra extremamente ligado, tendo como causa original a separação entre a humanidade e a hierarquia. Estas maldições podem ser vistas em vários níveis, e em cada Raça de uma forma específica. Mas tudo isto deve ser redimido agora, e isto é suficiente para sugerir sobre o imenso quadro de realizações que espera a humanidade.

Da mesma forma como os Adeptos *Asekhas* da Raça anterior iluminaram a humanidade com suas Mentes divinas, os *Chohans* da nova Raça trarão as belezas e as felicidades maiores através de suas Almas divinas. A Nova Raça terá basicamente uma Alma cósmica como característica, trazida originalmente pelo Avatar Maitreya e depois alimentada e "distribuída" pelos Chohans no decurso das épocas. "Eu lhes darei um coração de carne, e não de pedra", está escrito. Navegando livremente nesta Alma universal, o homem poderá conhecer a sublimação dos limites do corpo e conceber a própria imortalidade, e isto poderá ser realizado não apenas mediante o ascetismo e a renúncia, mas inclusive pelo amor mais íntimo, como aquele que pode ser vivido entre almas-gêmas... A tais virtudes e dons supremos a humanidade terá acesso seguindo conscientemente o Dharma ou a Lei espiritual dos novos Mestres.

Pela primeira vez será possível implantar o ideal sinárquico, que o Avatar detém, simbolizado no triplo Nome Astrológico que ostenta, baseado em todos calendários, integrados e harmonizados na cronologia perfeita do *Microcosmos*. Que isto sirva como "sinais celestes" para o reconhecimento daquele que é esperado.**

* Pelos registros egípcios, este ciclo culminou na verdade em torno a 1600 d.C. (ver R. A. Schwaller de Lubicz, *Le Roi de la Theocratie Egipcienne*), o que daria muito sentido ao término da civilização pré-colombiana naquele momento, e à espera de um novo grande Quetzalcóatl. Também se aproxima relativamente do registro levantado por Joaquin di Fiore (ver René Guenón, *O Esoterismo de Dante*), para o ano de 1250 d.C. Mas isto não nos impede em absoluto de suscitarmos uma outra divisão para reiniciar o registro.

** Ver mais sobre o tema em nossa obra *Maitreya – A Luz do Novo Mundo*, Ed. Ibrasa/Nova Albion, SP.

Capítulo 4

A Liberdade ou o "*Sendeiro de Retorno*"

Se a alma aspira pela eternidade, o espírito almeja a infinitude. A alma busca o além-tempo terreno através das portas do coração, mas o espírito deseja o além-espaco mediante as janelas da visão cósmica.

As antigas linhagens de feiticeiros atlantes queriam o poder a todo o custo, visando permanecer nos limites no mundo criado. Já o ideal dos novos videntes era tornarem-se guerreiros da *liberdade total*, enfrentando o mistério do Além, rumando para mundos desconhecidos dentro e fora da consciência humana.

Foi dito que o conhecimento liberta. Mas a verdadeira liberdade está em enfrentar o Mistério. E o Mistério está sempre diante de nós, se o quisermos ver. E a mais intensa expressão do Mistério é a morte.

A certeza de vencer a morte –naquilo que pode ser vencida–, pode vir com a iluminação. Por isto, os novos videntes colocavam a posse da iluminação como a culminação máxima das conquistas do homem, tal como faziam os antigos mestres atlantes. No entanto isto apenas representa o limite das conquistas espirituais desde o ângulo *humano*, mas não a nível *hierárquico*. Dito de outra forma, a iluminação é a conquista da *eternidade*, mas a liberdade total, ou a *infinitude*, é algo que transcende mesmo este patamar de realizações. Afinal, existem muitos graus de iluminações, e várias iniciações superam aquele grau no qual a primeira iluminação é alcançada, que é na Quarta Iniciação, da crucificação espiritual e do elemento fogo.

A primeira iluminação pode representar o fim de um caminho para linhagens de sábios que tem suas perspectivas limitadas por algum fator técnico ou histórico. Este foi o caso da cultura tolteca, que embora houvesse despertado para o ideal da *liberdade total*, atrelava isto à iluminação e à salvação individual.

No Budismo, por exemplo, apenas a corrente Hinayana propõe a iluminação como uma meta universal. Por isto ele cultua a condição de *Arhat* (4° grau) como uma conquista pessoal. As outras correntes seguem paradigmas mais avançados, como o do *Bodhisatwa* (7° grau) no Budismo Mahayana e o do *Buda Dhyani* (10° grau) no Budismo Vajrayana.

Neste aspecto, aquilo que as linhagens anteriores de videntes declaravam como o *incognoscível*, assim o era em grande parte apenas em função de suas próprias limitações.

A integração com a Águia através da fusão com suas emanções livres é apenas o início de um *Sendeiro de Retorno* que possui sete correntes, e onde o vidente tem a liberdade de optar por qualquer uma delas. "O xamanismo é uma viagem de regresso", dizem os videntes toltecas. No caso, um regresso às fontes cósmicas. E estes "amantes da liberdade" sabiam que o vidente liberto se transforma num "ser inorgânico" consciente, e a partir daí certamente encontra o seu leque de opções cósmicas.

É verdade que, até agora, este conhecimento apenas era realmente útil dentro do *Caminho de Serviço Terreno*, a Primeira Via de Evolução Cósmica dos Chohans, que mantém o Mestre na atmosfera deste sistema solar, ainda que de forma provisória, pois chegado o tempo ele também é liberado para outro plano cósmico. Mas hoje, com a chegada da Era dos *Chohans*, torna-se necessário difundir tais informações, na medida em que a Terra também deve ser preparada para dar abertura à tais dimensões do universo. A Terra, como Unidade cósmica, é um prenúncio desta nova Era. A consciência de nossos limites e de potenciais planetários nos levam a um novo plano de consciência. Conhecemos muitos ciclos e processos cósmicos. Aos poucos vamos desenvolvendo uma cultura cósmica amadurecida, cujo verdadeiro início será no momento em que os Mestres possam dirigir ativamente o planeta e insuflar sobre todos esta atmosfera cósmica que já reina em vários aspectos da civilização, mas cuja unidade e coerência apenas poderá ser administrada pela consciência de um dos Mestres universais. Sem dúvida, a grande tarefa da humanidade consciente, será outorgar o comando da Terra aos iluminados, devolvendo assim a Deus o controle do planeta, numa hora em que isto já não pode ser postergado.

Esta cultura superior representa o *caminho de regresso* para o seu humano.

a. Crescimento: a Natureza da Liberdade

A liberdade naturalmente representa o exercício do aspecto *positivo* do livre-arbítrio. O livre-arbítrio originalmente concedido ao homem era apenas uma *semente de liberdade*, tendo em vista a aquisição de uma consciência superior. Uma vez consolidada a consciência, então a verdadeira liberdade pode ser usufruída.

A Terra se torna um berço limitado para a consciência do Mestre. E então o vidente cósmico passa a navegar pelo universo através de sucessivas *expansões cósmicas*. E tais expansões são naturalmente também *expansões de consciência*.

Num certo sentido, a Era dos Chohans determina como caminho básico a *Escola da Terra*. Chegou o momento em que tais mestres devem assumir cargos de responsabilidade planetária. Ao mesmo tempo, este fato também permite *compartir* tal tarefa. Ao invés de apenas permanecer alguns poucos Mestres no sistema, ocorrerá um verdadeiro *rodízio de hierarcas*, como parte necessária da formação destes Mestres.

A cada geração um mestre poderá expandir sua consciência aqui na Terra, geralmente de forma provisória, para logo ser liberado para outras esferas cósmicas. Quando surgirem mais hierarcas, então as liberações serão massivas. Verdadeiras naves cósmicas partirão da Terra com rumos ignotos, e a cada nova expansão as energias da Terra serão beneficiadas, na medida em que a liberação está vinculada ao preenchimento de cargos. Cada Mestre deixa certos vínculos e realizações, fortalecendo o dharma e enriquece a história terrena.

Podemos considerar então que os ensinamentos sobre os sendeiros Cósmicos representam também uma *doutrina avançada para Bodhisatwas*, renunciantes provisórios com maior ou menor permanência na Terra.

b. Os Caminhos da Liberação

Iniciando pelos procedimentos básicos, segundo os critérios dos *videntes do futuro*, a técnica de alinhamento de feixes é chamada *procurar o olho da Águia*. A idéia parte de que as grandes

faixas de emanções são como pontos focais do *ver* cósmico da Águia. É preciso focalizar a Fonte destas emanções e percorrê-las de volta às origens. Por isto chama-se também *alinhar as emanções da Águia*. E esta caminhada abre muitas possibilidades.

O primeiro passo é encontrar o "olho da Águia". Este foco apenas pode ser obtido através do *intento*, ou da *intenção* pura, e naturalmente está relacionado ao ponto de aglutinação. A atenção da Águia é atraída através de uma oferta de energia e de consciência. Todo este trabalho de atrair e definir a posição ou o foco do olho da Águia, corresponde ao domínio da Terceira Atenção. O alinhamento terá sucesso quando for obtida a *ressonância*. Nesta etapa o ponto de aglutinação se converte em *ponto de irradiação*.

Após focalizar o olho da Águia, é preciso entoar ou emitir o *Chamado da Águia*. Uma outra forma de se referir a isto é *perseguir a terra ardente* ou *atravessar o portal do fogo*.

Nisto participa a verdadeira recapitulação ou "recordação". É preciso rever todos os passos do aprendizado para reunir os elementos, porque o quarto estágio penetra no interior do triângulo e este deve ser solidamente colocado e sedimentado (donde a "ressonância" que ativa e testemunha sua "vida").

Se o Chamado for bem realizado, as espirais cósmicas se apresentam e o vidente se lança numa viagem pelo interior das emanções inorgânicas, campo até então considerável incognoscível mas que o vidente do futuro concebe e até planifica na sua jornada cósmica, escolhendo a chave adequada segundo o sendeiro pelo qual opta navegar. É isto que significa animar ou preencher as "vasilhas".

Suas antigas energias são consumidas e ele passa a existir diretamente dentro das emanções livres da Águia. Paradoxalmente, estas emanções que os videntes chamavam *vasilhas* são justamente as emanções livres da Águia, a configuração de energia inanimada, receptáculos rígidos que prendem as emanções emitidas. São "livres" porque não estão conectadas à evolução humana e estão por assim dizer ociosas, aguardando como potencialidades a serem empregadas.

"Apenas os videntes se iluminam dessa maneira. Videntes que atingem deliberadamente a consciência total são uma visão para se guardar. Esse é o momento em que queimam de dentro para fora. O fogo interior os consome. Em consciência total, fundem-se com as emanções livres, e deslizam para a eternidade."

"Existem emanções que estão dentro do casulo mas fora dos limites da faixa do homem e representam o 'desconhecido quase imensurável', onde não há nenhum traço. É realmente uma área de uma vastidão tão gigantesca que o melhor dos videntes dificilmente conseguiria descrevê-la." (Castañeda, *O Fogo Interior*, Cap. 7)

Não havia entre os videntes toltecas um desenvolvimento dos caminhos superiores, chamados assim de "incognoscível". Uma das razões é que esta raça não tinha como tarefa sistemática desenvolver o *Sendeiro de Serviço na Terra* e nem prestar o voto de Bodhisatwa. O limite técnico dos novos videntes era a iluminação, algo até limitado no quadro das realizações da última raça, naquilo que se refere à hierarquia. O nagualismo dos novos videntes é o resultado dos esforços de homens criativos mas com uma tarefa distinta e de certa forma *premonitória*.

O inventário da Primeira Atenção foi criado pela Raça Lemuriana, que passou pela primeira iniciação. Foi a raça-aprendiz para os mistérios da consciência.

A Raça Atlante teve a segunda iniciação, e por esta razão a sua grande tarefa foi realizar inventário da Segunda Atenção. Foi a raça-guerreira para os mistérios da consciência.

Porém, a raça árya, ao trilhar a terceira iniciação, realizou também o inventário da Terceira Atenção, o qual está caracterizado pela razão e o conhecimento, assim como pela habilidade de

harmonizar os contrários e gerar a luz da consciência solar. A grande realização árya é justamente o *dom da civilização*, incluindo uma harmonia perfeita entre a humanidade e a hierarquia. No plano da humanidade, isto resultaria no aprimoramento das ciências e das técnicas físicas. E no plano da hierarquia, na elaboração de grandes sistemas de conhecimento espiritual, incluindo escolas de sabedoria. Integrando ambas, surgiram Estados sábios e generosos, capazes de atender as demandas de populações esclarecidas e idealistas.

É claro que os pré-colombianos assimilaram as bases da energia árya que dominava o mundo. Por esta razão seus sábios se intitularam *videntes*, uma categoria iniciática árya, embora elementar, e em termos gerais eles cumpriram os seus objetivos.

Por não deterem uma hierarquia real é que ficaram com realizações imperfeitas. E assim, equivocadamente, muitos destes videntes empregaram a visão e o entendimento atlante que tinham e se especializaram nestas coisas antigas, ao mesmo tempo em que também alcançaram conquistas surpreendentes para a sua época, usando o velho instrumental místico-ocultista para colocar novas bases, e havendo pago um preço para isto.

Com isto alcançaram a maestria da consciência, mas não chegaram à maestria do intento, que seria um dos grandes propósitos áryos. A fusão das categorias *consciência real* e *consciência total* é sintomática.

Mas a extinção do programa de desenvolvimento das formas sutis –o inventário da *Segunda Atenção*– suprimiu também o campo de exploração dos "novos videntes". Quando o campo da consciência termina, tudo o que resta é o "incognoscível", a escuridão e a "liberdade total". A conquista da imortalidade está assegurada e isto é tudo o que importa:

"Os novos videntes são os guerreiros da liberdade total, sua única busca é a libertação última, que se chega ao atingir a consciência total." (*O Fogo Interior*, Cap. 8)

É um fato que a partir daí tudo muda. Mas certamente o cosmos e a evolução não terminam. A iluminação é apenas o nascimento para os planos nirvânicos. Paradoxalmente, caso os novos videntes estivessem regulamentados nos planos da Tradição, saberiam que em breve poderiam começar a obter o *conhecimento espontâneo* de todas as coisas, pelo alinhamento com a Mente da Águia.

Sob certos aspectos, os pré-colombianos ficaram a meio-termo entre a cultura atlante e a cultura árya. Isto era inevitável face a sua situação histórico-geográfica. A luz estava no Oriente, de modo que a energia chegava *dividida* no Ocidente. Pior ainda estava o Hemisfério Sul, onde a luz chegava não apenas dividida, como também *invertida*. Por outro lado, todos eles desenvolveram aspectos maravilhosos na realização mística e determinaram procedimentos futuros. A cultura dos antípodas tinha a sua função *preparatória*. Afinal, ele herdava as tradições antigas do outro hemisfério, as sintetizava com as de seu próprio passado e assim gerava intuições futuras.

É claro que a Loja Suprema não deixou abandonados estes filhos nas trevas, muito pelo contrário, resultando nas grandes realizações conhecidas. Ela fez tudo para que eles também vissem a luz, por vezes até ao preço do sacrifício de alguns povos orientais. A vinda de sábios asiáticos auxiliou este quadro em vários momentos, dando origem aos deuses e mestres americanos, gerando grandes momentos culturais.

O que se salva de tudo isto, é que este padrão de trabalho e conhecimento, feitas pequenas retificações, é perfeitamente adequado ao homem da nova raça, à excessão da ênfase sobre a segunda atenção, que deve ser transposta para a *sexta atenção*. Os objetivos últimos são ótimos, embora os métodos devam ser apurados.

Em certo sentido, a Hierarquia americana parte de onde a Hierarquia atlante chegou, através da maestria da Consciência: a *iluminação*, o quarto grau, a cruz ou a "condição humana" final. E

os passos que seguem a isto se denominam *a maestria da liberdade*, e também o *Sendeiro de Retorno*.

A maestria da Liberdade é o exercício da habilidade de reunir os opostos de uma forma ampla. Se a maestria da Consciência representa a conquista da soberania sobre as forças naturais, a maestria da Liberdade possibilita o emprego destes instrumentos para a glorificação plena da existência, permitindo novos padrões culturais e perspectivas superiores em todas as coisas.

Após a conquista da imortalidade, os Mestres recebem a Mente divina e com isto adquirem o conhecimento cósmico. E através disto se habilitam em caminhos liberadores individualizados que reúnem céu e terra cada vez mais profundamente.

c. A Decisão Cósmica

Ao empreender o caminho sagrado do conhecimento o guerreiro toma a sua decisão de viver impecavelmente, independentemente de quaisquer recompensas. Apenas através disto ele alcança a liberação final e se torna um *Arhat* liberado.

Após isto, ele se capacita a viver um novo ciclo, que em algum momento lhe exigirá uma nova decisão, a qual representa também a colheita da decisão anterior de servir incondicionalmente. A nova decisão irá coroar suas resoluções com a possibilidade de escolha entre vários campos cósmicos de liberação, *inclusive na própria Terra*, inicialmente. A opção de trabalho na Terra libera oportunamente o Mestre para outras esferas cósmicas. De qualquer forma, optando por servir aqui, ele também trabalhará de modo superior e cósmico, inclusive na função de Logos planetário de nosso esquema planetário.

O vidente cósmico reconhece que "a liberdade é a mais divina das virtudes" (O Tibetano). E ele compreende também com os toltecas, que "...para entrar em *liberdade total*, um ser humano deve invocar o seu lado sublime." (*op. cit.*, pg. 115). Sabe, enfim, que a jornada cósmica conecta este mundo com outros mais evoluídos. Assim, sua decisão tem o sentido de depurar a Terra e ampliar o caminho evolutivo do planeta, realizando os seus elos cósmicos.

Esta decisão é pois decorrência da condição espiritual do Chohan, que está na iminência de se tornar uma unidade cósmica com o poder de percorrer universos inteiros.

Como aconteceu ao suplantar o umbral da cruz como Arhat, o Chohan também *tem que acreditar* para vencer este grande abismo cósmico, entrando no coração do Selo interdimensional. A diferença é que ele agora é mais experiente nos caminhos da lei e maneja energias superiores, que o levarão além das esferas físicas.

Por ser a decisão Cósmica um evento de efeito *mundial*, ela também permite a realização de Decisões Menores em grande escala e de Decisões Médias em escala regular, dando origem à *expressão racial*. Tal decisão envolve inicialmente a presença de um Avatar, um iniciado da esfera de Shambala portanto, e cujo trabalho é continuado pela hierarquia.

A partir destas novas perspectivas, abre-se a oportunidade para muitos efetuarem uma *decisão* séria e consequente.

Por isto este grau de *decisão* envolve os restantes gerando possibilidades coletivas novas para a humanidade:

"Segundo a escatologia helênica (e a oriental), não existe mais alternativa que a da liberação pela divinização ou o regresso ao devir; não concebe a estância permanente das

almas em um paraíso, pois tal estância só é possível sob o amparo espiritual de um salvador ou mediador." (Titus Burckhardt, *Símbolos*, pg 37)

A culturas "pagãs" não oferecem as perspectivas de progresso e de perpetuidade racial. Apenas ali onde o dharma é vivo e cabe o desenvolvimento racial é que todas as possibilidades espirituais são aventadas.

Representa pois o "caminho-do-meio" da Hierarquia, aquele que permite a verdadeira evolução racial

O *ashram* é aquele ambiente espiritual, atemporal e transcendente que oferece os meios para a evolução *permanente* da alma, seja num outro plano, seja reencarnando na Terra.

Entre os toltecas as almas ou se iluminavam ou pereciam. Não havia sequer a idéia da reencarnação entre estes videntes, como não existe em muitos outros povos.

E isto está certo, porque a idéia da reencarnação é uma hipótese que deve ser fundamentada em fatos definidos, e estes fatos dizem respeito à possibilidade de evoluir através da *energia do ashram*, que é, essencialmente, aquele deus no qual "nos movemos, existimos e temos o nosso ser". Tratam-se pois das "moradas eternas" de que fala Jesus.

Como enfatizamos na presente obra, os toltecas recentes não tinham preocupações sociais e raciais efetivas, uma vez que seu trabalho era de uma ordem essencial, diríamos que atuante a nível hierárquico, por estar a quinta raça se desenvolvendo em outra região do globo. A missão dos toltecas era a de apurar os conhecimentos a serem difundidos para a humanidade, então sim, no ciclo seguinte de civilização. Nisto reside pois o seu limite e a sua grandeza.

A perspectiva "racial" da religião extremo-ocidental (Américas) é algo que existiu de certo modo no passado, mas que estava prevista especialmente para o futuro. E este ciclo universal é o que está sendo aberto com a nova linhagem de videntes, a partir do profetizado "regresso de Quetzalcóatl".

Os quinhentos anos de colonização das Américas trazem o selo desta profecia, que se cumpre agora no final desde ciclo clássico de "reconstrução do templo".

A palavra "tolteca" há muito deixou de designar um simples realidade racial, para se transformar em símbolo de *cultura sagrada*. Sabemos na verdade que mesmo racialmente este povo nasceu ecleticamente, a partir de seu avatar branco. Como todas as grandes civilizações, esta cultura surgiu de uma grande congregação de sábios, a partir do momento em que um grupo de pessoas centralizaram-se em torno de um grande Mestre.

Por isto uma das características das cidades meso-americanas era a de formarem pequenos centros, com excessões notáveis, é claro, como Teotihuacan e Tikal, que se desenvolveram a partir destes núcleos de origem. Muitas destas cidades eram empregadas basicamente como "centros cerimoniais".

d. Os Sendeiros Cósmicos

No que se refere às grandes Vias de Libertação dos Mestres de Sabedoria, existem referências nas obras de Castañeda acerca de mundos distantes, provavelmente outros planetas, como aquele no qual esteve assim que deu o salto solitário no abismo. Uma guerreira lhe diz que um dia eles se encontrarão naquele lugar com seus antigos mestres para iniciarem uma nova etapa da jornada infinita do conhecimento e da liberdade.

Pelos relatos de Castañeda, ele e seu grupo faziam realmente treinamentos de viagens interplanetárias em corpo astral. Castañeda dedicava-se à Astronomia para melhor conhecer

estes planetas (ver entrevista a Carmina Fort). Tais coisas estão incluídas nos Planos cósmicos de Libertação dos Iniciados.

Nisto, vale observar que, a exemplo de todas as outras filosofias sérias e pragmáticas, não existe entre os videntes toltecas uma única linha a respeito da pseudo-filosofia ufológica, embora se possa perfeitamente falar em viagens inter-planetárias entre os videntes. A "visão de mundo" ufológica irmana-se a todas as correntes pseudo-místicas que encobrem o materialismo (como o próprio *reencarnacionismo* em certo sentido), pressupondo soluções "automáticas" para a problemática humana na tentativa luciférica de substituir o verdadeiro *caminho-do-meio* da Hierarquia –o único capaz de conduzir a algo– por quimeras de qualquer ordem.

O único epíteto digno desta ótica anti-tradicional e anti-espiritual é *desvio*. Apenas seguindo a linha-mestra da Tradição pode-se receber o aval que se traduz em *realização*.

Os planetas a que se destinam os videntes podem estar associados a certas constelações há muito contempladas pelos sábios da Terra, especialmente conectadas ao nosso sistema solar.

Existe hoje sobre este tema uma série de informações dadas através de literatura legada pela Hierarquia, a partir da implantação do *Plano de Manifestação da Hierarquia* há cerca de um século atrás.

Uma das mais importantes doutrinas da Nova Era –o Ensino da Agni Ioga, transmitido através de Helena Roerich– insiste na consciência dos "mundos distantes", fornecendo certas bases técnicas e éticas para se alcançar isto. Mas as obras mais importantes neste sentido são as de Alice A. Bailey, especialmente *Astrologia Esotérica*, *Tratado sobre Fogo Cósmico* e *Os Raios e as Iniciações*. Estes ensinamentos destinam-se a informar e a formar uma nova consciência cósmica, despertando na mente dos futuros iniciados a semente de uma liberdade ainda pouco conhecida na Terra, a não ser através das narrativas mais ou menos fantasiosas da ficção científica e até de uma pseudo-mística que mistura todos estes ingredientes.

Algumas vias parecem correlacionar tudo isto. Inicialmente, os mestres de Castañeda informam que, ao sair deste plano, os videntes consumados tornam-se *seres inorgânicos conscientes*. Dizem existir oito "emanações da Águia" dotadas de consciência, mas apenas uma dotada de organicidade. As sete restantes são "consciência pura" (ou *energia pura*). Naturalmente, são a estas sete emanações que os videntes se *identificam* para deixar este Sistema Solar, como verdadeiros caminhos cósmicos de liberação.

Estas emanações são perfeitamente compatíveis com os chamados *Sete Raios* divinos, análogos às sete cores do arco-íris e que compõem o espectro de energia deste Sistema Solar esotérico. Muita informação tem sido conferida em torno deste tema através dos mensageiros acima referidos, especialmente Bailey, através de obras como *Psicologia Esotérica* e *Cartas Sobre Meditação Ocultista*.

Associado a isto aprofunda o tema dos *Sete Sendeiros de Evolução Superior* originalmente apresentados na literatura teosófica, que são caminhos cósmicos a que se destinam os *Chohans* ou os Videntes cósmicos na sua etapa espiritual seguinte. A palavra *identificação* define, segundo Bailey, a técnica pela qual os mestres atravessam suas iniciações superiores (cf. *Tratado sobre Magia Branca* e *Os Raios e as Iniciações*).

Estes caminhos também podem ser contados como apenas seis, se tivermos em mente que o primeiro Sendeiro, ao manter o Mestre encarnado na Terra para cumprir a tarefa ashrâmica, representa uma via apenas relativa de libertação. O *voto de Bodhisatwa* que seus prepostos tomam os obriga a renunciar, às vezes por éons inteiros, ao Grande Nirvana que os liberará deste sistema. A rigor também existem apenas seis cores no arco-íris.

Estes sendeiros são chamados "cósmicos" porque conduzem realmente o Iniciado, ao fim, para outros planos cósmicos além do nosso, à excessão do Primeiro Sendeiro que, num primeiro

momento, mantém o Iniciado em nosso sistema para fins de serviço planetário, mas depois o libera igualmente. A explicação para estes grandes saltos cósmicos é que, chegando à condição de Chohan, o Mestre encerra um ciclo evolutivo e virtualmente extingue o carma neste Sistema Solar, passando a incorporar a reunir sua natureza, tornando-se uma *Unidade cósmica*. Ele mesmo, apta portanto a realizar estes grandes passos evolutivos.

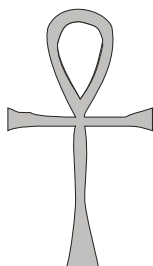
Como estamos no final de uma Ronda quaternária, existem no total quatro grandes Destinos Cósmicos, associados aos quatro primeiros planos cósmicos: o *Físico Cósmico*; o *Astral Cósmico*, o *Mental Cósmico* e o *Búdico Cósmico*. Os planetas a que se destinam os navegantes cósmicos pertencem a estes Planos de consciência superior e seus respectivos sistemas solares e constelações.

O destino destes sendeiros é, pois, como segue:

1. *O Primeiro Sendeiro ...* O Sendeiro de Serviço na Terra mantém no início o Mestre neste Sistema solar mas depois conduz ao Plano *Astral Cósmico*.
2. *O Segundo Sendeiro ..* O Sendeiro de Trabalho Magnético conduz primeiramente ao Plano *Astral Cósmico* e depois ao *Mental Cósmico*.
3. *O Terceiro Sendeiro* O Sendeiro de Treinamento para os Logos Planetários conduz aos níveis superiores do Plano *Mental Cósmico*.
4. *O Quarto Sendeiro* O Sendeiro a Sírio conduz ao Plano *Astral Cósmico*.
5. *O Quinto Sendeiro* O Sendeiro de Raio conduz ao Plano *Mental Cósmico*.
6. *O Sexto Sendeiro* O Sendeiro em que se acha o Logos Mesmo conduz ao Plano *Búdico Cósmico*.
7. *O Sétimo Sendeiro* O Sendeiro de Filiação Absoluta conduz ao Plano *Mental Cósmico*.

Existem, deste modo, três sendeiros que conduzem ao reino da energia atrativa amorosa (Plano Astral Cósmico), um Sendeiro que conduz ao nível cósmico da razão Pura (Plano Búdico Cósmico), e três outros Sendeiros que conduzem ao Reino da Mente divina (Plano Mental Cósmico). Estes últimos, mais árduos, são denominados *Sendeiros de Shamballa*. Os outros são chamados "*caminhos do amor*". O objetivo de todos os Sete Sendeiros é conduzir ao Sol Central Espiritual.

Estes ciclos estão portanto também relacionados à uma Cruz, a expressão superior da TAU. Trata-se do aspecto divino da cruz fixa, tornada em *cruz sagrada* (ver *Revista Órion de Ciência Astrológica*, nº 4). Com relação aos Destinos cósmicos esta cruz pode ser assim agrupada:



Acima: 1 Sendeiro para o Búdico Cósmico
Esquerda: 3 Sendeiros para o Astral Cósmico
Direita: 3 Sendeiros para o Mental Cósmico
Abaixo: 1 Sendeiro para o Físico Cósmico

Assim, o braço horizontal agrupa seis sendeiros, ainda que alguns não sejam definitivos. Estes Seis Sendeiros correspondem aos três pares originais de dimensões dialéticas, enquanto o eixo vertical agrega o quarto par que enlaça os restantes.

As chaves destes mistérios acham-se no novo Dharma de Maitreya Buda, na *Doutrina dos Espelhos de Sabedoria*, onde os Caminhos de Libertação estão marcados pela Estrela de Seis Pontas, podendo ser relacionados às *dimensões dialéticas* do cosmos: "superior-inferior", "masculino-feminino" e "passado-futuro". Um quarto espelho que *enlaça* os restantes surge através de "interior-exterior". Estes quatro "espelhos" são como os *Tezcatlipocas* nahuas ou os *Bacaabs* maias.

O Sendeiro búdico ou "do Logos" naturalmente se relaciona ao Sol Central Espiritual e à constelação da Ursa Maior, simbolizados pela circunferência solar ou *logóica* que encima a "cruz ansata", acima.

A base da cruz está sustentando está aquele Sendeiro que mantém os Mestres no Serviço terreno, relacionado ao nosso Sol. Com o tempo estes hierarcas também são liberados e se dirigem para o Astral Cósmico.

Esta correlação inicial determina então o *eixo* que une os restantes Sendeiros:

SENDEIRO FÍSICO CÓSMICO SENDEIRO BÚDICO CÓSMICO

Sendeiro de Serviço na Terra Sendeiro em que se acha o Logos Mesmo
exterior <=> interior

A perda desta base transforma o esquema num *duplo triângulo cósmico* centralizado pelo Plano Búdico, supremo foco de consciência de nosso Esquema cósmico. Estes triângulos estão assim relacionados:

SENDEIROS ASTRais Cósmicos SENDEIROS MENTAIS Cósmicos

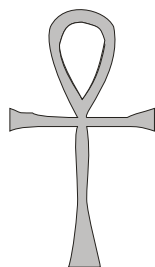
Sendeiro de Serviço na Terra Sendeiro de Filiação Absoluta
inferior <=> superior

Sendeiro de Trabalho Magnético Sendeiro de Raio
feminino <=> masculino

Sendeiro a SÍrio Sendeiro de Treinamento para Logos
passado <=> futuro

No mesmo sentido, cada um destes Sendeiros conduz a uma das seis Constelações que com a nossa formam os sete centros Daquele Sobre Quem Nada pode Dizer-se.

Devemos tratar ainda da expressão planetária superior que intermedia os planetas intrasistêmicos e as esferas cósmicas:



Acima: Sol Espiritual

Esquerda: Vulcano

Direita: Plutão

Abaixo: Urano

A correlação entre estes planetas e as quatro esferas cósmicas que servem de destino aos *Chohans* nos Caminhos de Evolução Superior é a seguinte:

- a. Vulcano Shamash/Alfa Centauro
- b. Urano Plêiades
- c. Plutão Sírio
- d. Sol Espiritual Ursa maior

Nos Capítulos seguintes prosseguiremos analisando as estruturas espaciais e astronômicas que são o campo de trabalho dos videntes cósmicos, assim como os caminhos futuros que se abre para eles.

Capítulo 5

Os Mistérios do Espaço

Se o trabalho atlante estava dedicado aos mistérios do *tempo*, os trabalhos americanos estão associados aos mistérios do *espaço*.

Este processo iniciou na verdade já na cultura árya, através da centralização do tempo e das direções. Para haver sentido de espaço é preciso ter um *centro* como referência, e este centro apenas se tornou realmente presente a partir da rama árya.

E isto encontramos a partir dos novos videntes, cujo grande propósito era a *liberdade* ou a liberação, distinto portanto dos antigos videntes, cujo objetivo maior era a *permanência*. Eis o que comenta Castañeda sobre estas concepções mais "modernas":

"O espaço era, para aqueles chamãs, um âmbito abstrato de atividade. O chamavam de *infinito* e se referiam a ele como a soma total dos esforços de todas as criaturas vivas. O espaço era, para eles, mais acessível, algo quase prático. Era como se houvessem desenvolvido em maior porcentagem a formulação abstrata do espaço. Segundo as versões oferecidas por Don Juan, os chamãs do antigo México nunca contemplaram o tempo e o espaço como obscuras abstrações tal como fazemos nós. Para eles, tanto o tempo como o espaço, ainda que incompreensíveis em suas formulações, formavam parte integral do homem." (Castañeda, *A Roda do Tempo*, pg. 16).

Este ciclo corresponde pois à sedimentação das direções espaciais, à consolidação do mandala espaço-temporal. Não é uma questão de dizer que antes dele inexistia o espaço, apenas que não se achava plenamente organizado no *Microcosmos*. Até então o espaço era uma questão meramente "virtual" e exterior, e só veio a representar uma dimensão individual e interior através das iniciações superiores. No mesmo sentido, o tempo também permanece após a conquista da eternidade, e com muito maior veracidade, à diferença de não impôr seus aspectos "materiais". Mas também existe um *limiar* entre tempo e espaço. De certo modo, apenas quando o tempo se esgota é que o verdadeiro espaço nasce. O tempo sagrado libera as *formas arquetípicas* que constituem as bases das estruturas espaciais.

Os sendeiros de liberação são o resultado final da organização dos elementos nos trabalhos com o tempo, permitindo uma verdadeira sinfonia cósmica.

As dimensões espaciais são *comprimento*, *largura*, *altura* e *profundidade*. A primeira é o foco de equilíbrio e a última é o ponto central e de transcendência.



A partir destas se desdobram outras quatro que se relacionam às dimensões temporais. Pois assim como o 4 é o número do tempo, 7 é o número do espaço. O intercâmbio se dá através dos focos centrais: o *presente* temporal e a *largura* espacial, e a transmutação se concretiza na forma das duas superdimensões que são a *eternidade* e a *profundidade*.



Estes três circuitos cósmicos correspondem às linhas que integram as seis direções do Espaço na filosofia hindú: em cima, em baixo, à direita, à esquerda, à frente, atrás e no centro. Tudo isto traduzimos como a dupla expressão de quatro pares de polaridades: *masculino-feminino*, *superior-inferior* e *passado-futuro*, todos unificados na polaridade universal *interior-exterior*. Representa o pleno domínio interdimensional que possui a Nova Hierarquia, presente na essência da Sexta Raça-Raiz e expresso através do dharma do buda Maiteya.

Deve-se focalizar pois o universo inicialmente como organizado em termos de *três dimensões duais*. São elas:

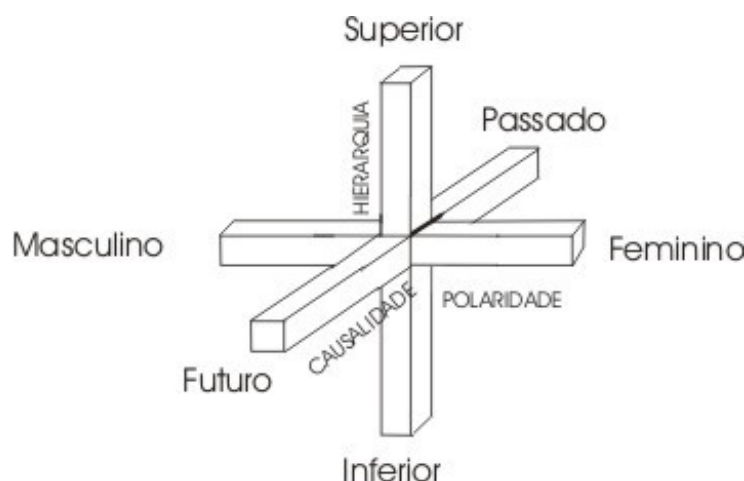
- a. *Dimensão Lunar*: POLARIDADE (Masculino/Feminino)
- b. *Dimensão Polar*: HIERARQUIA (Superior/Inferior)
- c. *Dimensão Solar*: TEMPO (Passado/Futuro)

Correspondem à visão da Ciência Moderna da configuração de espaço-tempo. A Polaridade é a "largura", a Hierarquia corresponde à "altura", e o Tempo identifica-se à "profundidade", porquanto não se pode imaginar uma profundidade *real* sem o concurso do elemento tempo.

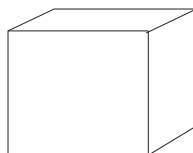
Além, disto, já sabemos através da Física Quântica que espaço e tempo formam uma só realidade.

A dualidade Interior/Exterior abrange a tudo e representa a correlação com um outro universo, porque pertence a uma dialética propriamente *transcendente* e está associada às duas superdimensões, onde a eternidade representa o "exterior" e a profundidade o "interior".

A imagem abaixo apresenta um diagrama das 6 dimensões distribuídas em torno a eixos espaciais.



Esta dialética centro-periferia é clássica no Esoterismo, sendo encontrada na Astrologia do *I Ching* e, de forma mais oculta, também na tradição ocidental. Empregava-se então o padrão do Pentagrama, porque se tratava da Quinta Raça-Raiz. Agora a forma usada é o Cubo.



O cubo ilustra todos os vínculos dimensionais existentes no universo. Este é portanto o Plano de trabalhos na nova Raça-Raiz. A visão panorâmica em cada grau é quaternária como as faces deste cubo, e se diz ser esta a sua *meta evolutiva e o seu horizonte possível*. Cada novo grau amplia este horizonte, que deve ser vislumbrado através da Hierarquia ou dos Mestres que já o realizaram.

Assim, ao penetrar num grau, o iniciado deve entrever a todo o conjunto, pois assim ele estará abarcando um plano sagrado, isto é, uma *Unidade* que inclui o Mestre, a Sangha e o Dharma, além dele próprio como possível Arhat. Todos estes processos fazem parte do Dharma do novo Buda Maitreya, chamado *Dharma da Totalidade*, baseado na fórmula 4:6.

Neste quadro, Vênus adquire um duplo aspecto, servindo de ponte entre as tríades. Por isto Vênus surge novamente na base deste grupo, já que antes apenas coroava o anterior.

O 4º Raio chama-se *Harmonia Mediante o Conflito*. É ele que relaciona os grupos ternários opostos do setenário. Aparece como eternidade no plano temporal e como profundidade no plano espacial, realizando através de seus dois aspectos de *arte e beleza* a ponte entre o interior e o exterior.

Esta função básica abre os seguintes planos de trabalhos:

- 4º grau: Implantação da Relatividade; Profundidade; Reino Humano; Vênus
 5º grau: Implantação da Hierarquia; Altura; Reino Espiritual; Mercúrio
 6º grau: Implantação da Polaridade Cósmica; Largura; Reino Dévico; Lua
 7º grau: Transcendência do Espaço-Tempo; Comprimento; Reino Divino; Sol

Novamente a última esfera é a da transcendência. Saturno já dá acesso aos padrões divinos de síntese cósmica, relacionada aos Sendeiros de Evolução Superior. Serve aqui como o portal central para este novo padrão evolutivo.

Da mesma forma como o Arhat aspira pela libertação dos limites da temporalidade, o Chohan sonha com a libertação dos limites espaciais. E isto ele obtém trilhando os Sendeiros de Evolução Superior, associados às *esferas transaturninas*. O resultado desta dupla libertação é aquilo que denomina-se *padrão-áureo de evolução*, próprio dos Avatares, coordenando perfeitamente tempo e espaço.

Os limites espaciais se apresentam, por exemplo, na potência do espírito para cobrir o planeta e portanto para servir com integralidade. A aura do Chohan está limitada às dimensões continentais. *Chohan* significa "Senhor", sendo no caso o hierarca que domina um *Raio* das energias setenárias.

Apenas sob a condição avatárica é possível alcançar o diâmetro global e assim unificar e organizar o conjunto das energias mundiais. Enquanto permanece a desarmonia, o Mestre não pode ser realmente liberado.

A função dos Chohans é organizar os setores continentais e então apresentar os frutos de seus esforços para o Avatar unificar a tudo.

Se a esfera de influência do Mestre é limitada e a energia global mais poderosa, ele não pode aspirar por uma perfeição divina no planeta.

Existe um limite existencial para a expansão de suas energias e portanto à sua liberdade. Mas, como este grau representa a etapa final, os Chohans sabem que se dirigem para a condição total no seu futuro próximo. E como são necessários poucos hierarcas no planeta para atividades tão poderosas, então eles geralmente podem optar por seguir outros rumos cósmicos. Abre-se então para eles um leque de sete caminhos para escolher.

Vimos que o quaternário multiplica a unidade ternária resultando em 12. $4 \times 3 = 12$ representa a totalidade da esfera temporal, através do Zodíaco Joviano, por exemplo. Então, os ciclos obtidos com os Algarismos seguintes com o produto dos anteriores são:

$$5 \times 12 = 60$$

$$6 \times 60 = 360$$

$$7 \times 360 = 2520$$

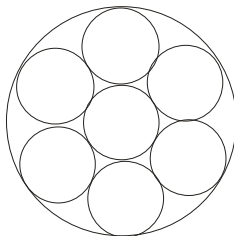
O nível 5 reproduz a fórmula da Astrologia Chinesa, baseada também sobre o ciclo de Júpiter (12 anos) e nos 5 elementos alquímicos.

No nível 6 que temos uma integridade relativa: a *totalidade da esfera espacial*, pois é o número de graus da circunferência. Porém isto ocorre ainda em termos fragmentários e de forma agregativa.

Mas é o nível 7 que aponta efetivamente para uma nova unidade cósmica. O iniciação de Bodhisatwa que corresponde ao 7º grau rege o ciclo da Era Zodiacal (ou a semi-Era Solar).

O importante aqui é compreender que o exagrama determina uma *unidade cósmica*. É verdade que as formas geométricas regulares são o triângulo, o quadrado e o pentagrama. No

presente ciclo histórico, além do quadrado racial e do cubo espiritual, temos também a disposição da *esfericidade* como unidade cósmica, fator este de imensa importância porque libera das formas angulares abrindo o campo para os círculos livres do espaço, valorizando as energias dos vórtices e da Alma.



A esfera acima apresenta seis pequenas esferas em torno de um círculo central de mesmo diâmetro. Por isto se diz que "o sete é a escala da natureza" (Blavatsky, *A Doutrina Secreta*). Associa-se por exemplo aos grupos-Condor e aos seis continentes do globo.

Este padrão regular é uma unidade e também determina um *ritmo*. Pode-se acrescentar sempre seis esferas ao montante anterior para preencher uma faixa externa. Eis um dos grandes princípios da astrologia e até das leis físicas astronômicas, como demonstram os *pontos lagrangianos* que dividem as órbitas planetárias em seis setores.

a.O Templo e a Pirâmide

O símbolo do Templo Perfeito é a *éxade*, e o *Selo* de Salomão está certamente relacionado ao *Templo* de Salomão. É a "pedra cúbica com ponta" da Maçonaria, o quadrado encimado pelo triângulo, totalizando seis linhas. Por esta razão os Chohans são chamados de *Mestres Perfeitos*.

Muitas vezes os templos encimam pirâmides. Os templos representam as *estruturas* ou as energias essenciais, e as pirâmides representam as *conjunturas* ou as energias periféricas, ainda que já em processo de transformação. A pirâmide é uma forma "tensa" que reúne e dirige as energias para a sua ponta. Neste local situa-se o templo, recebendo as energias materiais processadas para serem ali definitivamente alquimizadas. A ponta da pirâmide é como a faca-de-sacrifício que simboliza o ápice do processo alquímico, aquele que conduz para além das esferas do tempo.

Com seus 12 ângulos, a pirâmide é exatamente como as subdivisões dos calendários (12 signos), por isto cada raça trata também de representar grupos de pirâmides no mesmo número de calendários, que é o do valor posicional da raça na evolução global da ronda.

Além disto, tais pirâmides recebiam formas e funções definidas, segundo o padrão espiritual desta raça.

Assim, a raça lemuriana tinha uma pirâmide única e natural; a raça atlante tinha duas pirâmides de natureza conceitual; a raça árya tinha três pirâmides de padrão matemático; e a raça americana terá agora quatro pirâmides de natureza energética (ver sobre isto em nossa obra *Terra 2001—A Cúpula de Cristal*).

Os atributos astrológicos destas pirâmides são, naturalmente os mesmos dos calendários. As culturas lemurianas dedicavam as suas pirâmides únicas ao Sol. As culturas atlantes dedicavam as suas pirâmides-gêmeas ao Sol e à Lua (exemplo: Peru e México). As culturas áryas dedicaram as suas pirâmides-triplas ao Sol, à Lua e à Mercúrio (exemplo: Gizeh e Teotihuacan).

E as culturas americanas dedicarão as suas pirâmides-quádruplas ao Sol, à Lua, à Mercúrio e à Vênus.

O contexto das Quatro Pirâmides estava já formulado nos mitos e nas profecias. Desde Ezequiel, gerando o ciclo da *Mercabah*, a Carruagem celeste, centrado na figura de Enoch e de *Metatron*, até as visões dos nahuas, existem muitos registros deste contexto que reúne a Totalidade cósmica e expressa o aspecto final deste universo, palavras que não representam exatamente os fenômenos que aparentam descrever, mas sim ciclos de grande envergadura. Diz um historiador das religiões sobre este aspecto do mito (profecia) de Quetzalcóatl:

"Seu centro cerimonial tinha quatro templos recamados de jóias, associados a quatro regiões cósmicas (*Cemanahuac*). Ele realizava sacrifícios rituais em quatro montanhas sagradas próximas à cidade e, numa visão extática, comunicava-se diretamente com o Senhor da Dualidade (*Ometéotl*), que habitava o céu mais elevado. Legislador, distribuía sua autoridade desde uma montanha sagrada a todas as regiões do reino." (John R. Hinnells, *Dicionário das Religiões*, pg. 269)

Percebe-se que, após descrever as *quatro pirâmides raciais* relacionadas às quatro regiões do mundo e nas quais Quetzalcóatl atua como Sacerdote, o historiador menciona a existência de um *quinta pirâmide universal*, a partir da qual Quetzalcóatl exercia a sua atividade-de-síntese como Governador do mundo.

De fato, um dos símbolos de Quetzalcóatl era o quincunce ou o pentagrama, seja por ser ele um Avatar áryo, seja por enquadrar-se nas profecias cósmicas da Quinta Ronda futura. Esta quinta pirâmide é então *central*, formando com as restantes uma perfeita mandala. A pirâmide central determina a dimensão de *espaço* ao correlacionar as energias periféricas. Estas já não se limitam a transitar por fora, mas encontram um centro comum através de eixos implantados pela pirâmide central. É a partir dela que a Serpente Emplumada realiza o seu contato espiritual com a mais alta de todas as divindades, o "Senhor da Dualidade", o *Hunab-Ku* maia, e que é como o TAO contendo os opostos cósmicos. Esta centralidade espacial tem um aspecto preciso na Geografia Sagrada. Trata-se da *Pirâmide do Mundo*, situada no centro do hemisfério, no paralelo 30.

Os místicos da *Mercabah* também contemplam montanhas reluzentes feitas de jóias. Porém falam de *seis montanhas*, e descrevem inclusive que *algumas acham-se encimadas sobre as outras*. Esta é uma visão exata porque quatro delas servem de *bases* para uma Quinta Pirâmide, no alto, sob a qual acha-se uma outra, invertida, formando com a anterior um *tetraedro*.

Este esplêndida visão contempla pois a *Pirâmide do Mundo*, tal como apresentamos em nossa obra *Terra 2001 – A Cúpula de Cristal*. Mais adiante, onde abordamos a estrutura do Novo Regulamento, apresentamos uma imagem desta Pirâmide.

A correlação 4:6 é a mesma existente hoje entre a nova Raça (a 6ª Raça-Raiz) e a nova Hierarquia (a 4ª Dinastia Sagrada). É um padrão canônico, cósmico e profético, presente nas hierofanias especialmente através dos *tetramorfos* com suas seis asas.

Assim, se nos limitássemos a tratar das Quatro Pirâmides raciais, ainda estaríamos no nível da Nova Humanidade. Ocorre porém que estas são apenas *bases* para trabalhos mais elevados desde a Hierarquia, quem administra os processos raciais desde um nível de perfeição. Os sábios fazem sempre tais sacrifícios em favor do mundo, e isto não é retórica ou ritualística formal. Da mesma forma como governam o mundo através de suas energias e pensamentos.

Sabe-se que os Avatares, em especial, padecem a um grau impensável para saldar uma parte do carma humano e assim abrir os caminhos da humanidade para o futuro, pois de outra forma ela teria os seus passos absolutamente obstaculizados, uma vez que seus pecados são, desde o ponto de vista da Verdade, sempre bastante elevados, tornando-se necessária esta mediação. E Quetzalcóatl é sabidamente um exemplo expiatório desta natureza. A lenda diz inclusive que ele

se transformou na estrela Vênus, que é a esfera da nova raça-raiz, de modo que temos nisto uma vez mais o exercício da profecia. No Apocalipse Jesus também diz: "Eu sou a estrela da manhã" (Vênus, a quarta esfera), e "Eu sou a raiz da geração de Davi" (a Estrela de Davi, com seis pontas).

Poderíamos acrescentar então que a pirâmide e o templo são estruturas simbólicas e representam planos espirituais. A idéia do Templo geralmente está associado ao plano sêxtuple. Mesmo quando não tem cúpula (como no Templo de Davi ou de Salomão), o recinto do templo ainda é um *cu*bo (seis faces quadradas).

Da mesma forma, associa-se a esquemas astrológicos. Assim, as quatro pirâmides são uma forma de se referir ao mesmo simbolismo do *tetramorfo* bíblico ou os quatro querubins. Naturalmente dividem o Zodíaco em 4 setores de 6 partes, seja que tipo de Zodíaco for: diário, mensal, anual, planetário, estelar, cósmico, sideral...

Tudo isto se refere então ao *tempo* e ao *calendário*. O texto diz que Quetzalcóatl realizava cultos e ritos em quatro templos. Realizar cultos no início das quatro Estações, como fazia os reis e os sacerdotes antigos, era também uma forma de fazer sacrifícios no "alto de quatro pirâmides (de tempo)". Naturalmente, os verdadeiros iniciados fazem muito mais do que atos simbólicos e rituais, pois estes números determinam os seus *ciclos de iniciações*. Mas mesmo eles podem cultivar regularmente as suas energias sob este ritmo, que é em si mesmo uma forma de ativar a energia com o emprego do *tau*, através dos chamados *ritmos quadrantes*.

b. O Calendário Solar: *Cosmogonia*

O Calendário Solar é antes de tudo um esquema *espacial*, e não temporal. Para falarmos do *tempo* como tal, temos de invocar a Cosmologia ou os processos *construtivos* do universo. Não é este o caso no que se refere ao Calendário Solar, porquanto trata-se antes da *Cosmogonia* e dos processos superiores de emprego de energias já engendradas.

O Calendário Solar é portanto um calendário sabático, nirvânico ou edênico, no qual se organizam e distribuem elementos pré-constituídos.

Trata dos movimentos realizados por Deus após feitas todas as coisas no Sexto Dia de Criação, como o grande maestro coordenando a sinfonia de sua própria obra.

O Calendário Solar alude antes de tudo às *estruturas espaciais* e às suas formas de correlação, ou de *organizar os elementos* da criação, mais do que gerá-los, processo que cabe antes ao Calendário Lunar. Trabalha pois com o *tempo mítico* e com o universo dos ideais.

A relação existente entre o Calendário Solar e o Calendário Lunar é semelhante à que existe entre o Templo e a Pirâmide, que é aquela entre centro e periferia, ou essência e contingência. Por isto o Calendário Lunar é "natural" e o Calendário Solar é "sagrado".

É por isto que os padrões solares são empregados para determinar a ordem social, tal como na relação existente entre as 36 sub-castas da Índia e os 36 decanatos, assim como na determinação dos laços matrimoniais a partir de horóscopos "compatíveis" também na Índia.

Os elementos se organizam em torno do Sol, como na *dança cósmica* dos planetas, pois são *raios* dele emanados, da mesma forma como na semana o Domingo, dedicado ao Sol e ao repuso divino, centraliza os restantes dias. Os 52 domingos do ano são *fractais* de ciclos maiores, como o de 52 anos, de 520 anos, de 5.200 anos; todos muito empregados pelos antigos meso-americanos.

Vimos como o caráter central do setenário pode ser matematicamente verificado se consideramos o *ritmo* e a *estrutura* da circunferência: em volta de um círculo cabem *mais seis* de mesmo tamanho. Trata-se pois de um princípio cósmico perfeito de base *espacial*, mas também associado ao tempo de natureza mítica ou divina, regulando os ciclos de manifestação dos arquétipos.

No Calendário da Nova Era, que é soli-lunar (ver Parte I) esta função central do Domingo é enfatizada. O Domingo é considerado o "dia fora do tempo", algo semelhante aos quatro dias (ou cinco dias no ano bissexto) *epagomenais* dedicados às festas de fim-de-ano.

Retirando os quatro Domingos mensais, restam 24 dias no mês, exatamente como na fórmula dos *tetramorfos* de seis asas (4x6) das Revelações. Com relação a este número, que perfaz as horas do dia, para os guerreiros toltecas existem algumas horas especialmente dotadas de *poder*, que podem ser facilmente relacionadas às "horas quadrantes" ou de *transição*, ou seja: 6 hs, 12 hs, 18 hs e 24 hs. Geralmente, os videntes apreciam "o brilho jovem da primeira luz" (*Viagem a Ixtlan*, Cap. 13). Depois, "(...) ao meio-dia, a luz do sol ajuda a *não-fazer*." (*Op. cit.*, Cap. 16). Logo, "O mundo é um lugar misterioso. Especialmente no crepúsculo. No crepúsculo não existe vento. Nessa hora do dia, só existe o poder." (*Op. cit.*, Cap. 14) Finalmente, a noite escura é considerada um período de poder porque nela as coisas estranhas podem vir mais facilmente à tona (cf. *Op. cit.*, Cap. 14). Em *A Travessia das Feiticeiras*, é dito que "o início da manhã e o fim da tarde são as horas mais propícias para iniciar empreendimentos amplos" (pg. 75). Também se diz que "na escuridão absoluta, onde não existem distrações, o duplo assume o comando." (pg. 248) Castañeda valorizava trabalhar à noite porque nesta hora a "energia das massas" está tranquilizada.

Além disto, os quatro Domingos mensais formam como que uma *quinta semana* central, incrustada no meio das restantes. Se consideramos então o Calendário Solar meso-americano, de 20 dias, vemos que a simetria era perfeita.

O Calendário Solar tem um padrão único, mas suas subdivisões podem sofrer variantes. De fato, ele nem sempre terá 12 meses, uma vez que este padrão está associado antes ao ciclo *lunar* ou soli-lunar, simbolizado pela pirâmide.

E é assim que encontramos na meso-américa antiga a existencia de um calendário solar de 18 meses com 20 dias cada. Este mes de 20 dias recebe basicamente a influência atlante, estando determinado pelo padrão de Sírio (ver sobre isto em nosso *O Livro dos Portais*), e também pelo próprio ciclo de "conjunções-mínimas" de Júpiter-Saturno, com 20 anos.

Num mes de apenas 20 dias e semanas completas de 5 dias, com o primeiro deles "fora-do-tempo", é claro que o grupo destes dias especiais é exatamente idêntico ao de cada semana. Trata-se assim de um perfeito Calendário *astrológico* e funcional.

Os ciclos meso-americano, especialmente o solar (*Xiuhltl, Haab* em maia) e o sagrado (*Tonalpohualli, Tzolkin* em maia), tinham um emprego extremamente pragmático no cotidiano das pessoas. Sua importancia era tal, que seus signos eram empregados para dar nome aos indivíduos. Tal coisa ilustra acerca da importancia do Calendário Solar na organização da ordem civilizatória, verdadeira *cosmologia social* que é.

Assim, os "dias-fora-do-tempo" que são os Domingos e os "portadores de anos", representam aqueles ápices transcendentais de tempo nos quais se realizam os sacrifícios ou os cultos. Podemos dizer que este ritmo neutraliza até certo ponto o caos, sendo esta a função do culto e do sacerdócio.

Mas se predendemos fomentar o vínculo joviano, devemos observar o tradicional ciclo soli-lunar de 12 meses, e portanto também o mes de 30 dias.

Vimos na Parte 1 que o novo grupo quádruplo de Calendários trabalha objetivamente com fractais e tem um propósito francamente iniciático. No que toca ao Sol, a analogia espiritual é com o planeta Júpiter e seu ciclo de 12 anos que marcam os grandes "nascimentos" místicos e sagrados nos quais os iniciados devem cumprir os seus ciclos espirituais (este ciclo é na verdade apenas *médio*, podendo receber variantes que vão de 10 a 14 anos, conformando-se assim às várias estruturas paralelas do cosmos).

Este vínculo era forte no Oriente e na Europa devido à Era de *Peixes*, que é o 12º signo e regido por Júpiter. E agora, esta energia ressurgiu amplificada através da Sexta Raça-Raiz, sediada no Ocidente, razão pela qual o Calendário Joviano recebe uma reformulação ocidentalizada e uma adaptação contemporânea. Para um estudo desta reforma ocidental remetemos o leitor à nossa obra *O Livro dos Portais*.

Devido a este vínculo o novo Calendário Solar mantém o padrão soli-lunar, naturalmente relacionado ao par joviano-saturniano, sendo daí a *síntese necessária*.

Além disto, esta influência joviana sublimada confere ao novo Calendário um padrão de grande sutileza espiritual. Emprega recursos intuitivos e energéticos puros como forma e cores – a chamada "linguagem dos Anjos" –, baseados nos elementos mais profundos da Tradição da Cúpula de Cristal.

Os trechos abaixo são retirados de nossa obra *Terra 2001 – A Cúpula de Cristal*:

"O Calendário Solar sempre foi empregado para regular as datas sagradas, enquanto o Calendário Lunar servia para os ciclos profanos.

"O Calendário Solar expressa a natureza espiritual de uma civilização. Sua adoção indica o grau de amadurecimento e o potencial para a síntese e a unidade. É uma esfera que sobressai à lunar elementar, porque está voltada para o sagrado, representando uma oitava superior do místico Calendário Joviano, o qual é ativado ou dinamizado através das energias do ciclo solar.

"Através dele se trabalha a dimensão da *Alma*, codificando as suas esferas e regulando as etapas de seu desenvolvimento dentro de um plano cotidiano.

"O conceito de raça está vinculada à evolução da Alma. Por esta razão a adoção e a restauração do Calendário Solar representa um marco fundamental na história das Civilizações."

A base deste Calendário Solar é o valor 6 –que é a posição astral de Júpiter–, trabalhando com os *Sete Raios*. Sua essência são os planetas (*estruturas*), aqueles que cercam o Sol, ao passo que a esfera dos signos (*conjunturas*) se relaciona antes ao ciclo lunar.

Capítulo 6

As Cidades-Estado

A ordem urbana é uma criação recente na humanidade e foi realizada com funções bem definidas. Muito mais que reunir as pessoas com propósitos pragmáticos materiais, elas visavam determinar uma ordem superior que ampliasse universais as possibilidades humanas.

As cidades-estado têm no espaço social sagrado a mesma função que os calendários apresentam em relação ao tempo: elas tratam de organizar, centralizar e então sublimar as energias humanas.

A ordenação cronológica dos calendários representa assim o contraponto temporal destas ordens espaciais, e permitem a coordenar o ritmo da existência humana (ver sobre isto no Volume II desta série, *A Mariposa de Fogo*).

a. A Criação das Cidades

O conceito de *cidade* não é muito antigo na humanidade. Ela remonta à fundação da civilização árya, há cerca de 5 mil anos atrás, quando as condições necessárias se fizeram presentes.

Ocorre que por muito tempo esta forma de organização não foi tolerada pela sabedoria dos povos. Inclusive todo o período atlante viveu em pequenas sociedades, norteadas de forma mais ou menos errante pelos sacerdotes, como exemplifica a história dos hebreus antes de sua chegada à Jerusalém.

Por muito tempo, o ser humano se manteve nômade, ou vivendo em pequenas tribos, de modo a não pesar em demais sobre a Terra, e de modo que a vida terrena tampouco lhe pesasse em demasia. Não havia então condições de organizar as coisas a contento.

Subitamente elas surgem sobre a face da Terra, e aparecem já de uma forma assombrosamente poderosa: são as cidades-estado que não raro centralizam impérios.

Assim, a idéia de *centro* apareceu ao mesmo tempo em que surgiram as cidades. A cidade-estado foi criada com a própria fundação do urbanismo.

E esta idéia derivava de uma realidade profunda: a chegada de uma época em que a hierarquia espiritual estava capacitada a centralizar a sociedade e a atuar de foma *solar* sobre a sociedade, por representar ativamente o sagrado, iluminando a humanidade com seus

conhecimentos. Esta foi a origem do conceito dos reis-divinos, irradiando daí para o de cidade-estado.

Isto representava na realidade um fator de transcendência, uma vez que os dons destes sábios ultrapassavam o plano meramente humano de energias, emergindo nas esferas propriamente hierárquicas e sagradas. Foi com o propósito de difundir uma luz maior que as pessoas e as sociedades seriam desta forma reunidas, entre medidas e formas simbólicas de arquitetura, e coordenadas dentro de um plano de tempo também destinado a elevar a consciência racial para além das esferas transitórias. A civilização nasceu assim como uma dádiva de luz, ainda que quase nada disto reste em nossos dias, quando a função das cidades se encontra tão aviltada.

Mas no futuro as cidades, hoje múltiplas, terão outras funções, e provavelmente veremos renascer outras formas de organização social, voltadas para esferas ainda mais elevadas, certamente visando realizações mais intensas e profundas do ser humano. No final deste Capítulo retornaremos ao tema.

b. A Função do Urbanismo Sagrado

Esta criação teve portanto um propósito muito definido. E este propósito se coaduna com outras criações da civilização árya, responsável pelo dom da ciência e pelo advento da mentalidade na humanidade.

Assim, da mesma forma como no pensamento tradicional o começo de um *tempo* estava determinado pela chegada de uma figura divina que implanta novos códigos evolutivos, a *missão* ou a destinação das cidades-estado é administrar, preservar e ordenar a vida social em função do mesmo evento original.

Todas as regalias que pudesse proporcionar uma cidade-estado —e elas poderiam ser muitas— estava condicionada à participação do indivíduo nesta ordem espiritual pré-determinada.

Estas cidades forneciam ordem, segurança, instrução, companhia, conforto, poder, lazer, beleza e religião, tudo organizado num plano até então nunca visto.

A idéia de *império* comporta uma função universal na medida em que congrega muitas coisas, através das sociedades atreladas ao império.

A centralização destas influências pode possibilitar uma síntese importante, uma vez que, não raro, a reunião dos elementos permite compôr uma unidade, ao reunir não apenas elementos de distintas ordens e naturezas, como também aqueles fatores diretamente associados num mesmo plano de atividades —por exemplo, técnicas artísticas usadas em diferentes lugares, ou informações científicas distintas, ou ainda cultos empregadas por ordens religiosas de diferentes sociedades.

As poucas cidades-estado que restaram fornecem poucas mostras de suas funções. Mas nas Américas, justamente, pudemos observar ainda planos arquitetônicos preservados segundo as regras da Antiguidade.

Tanto Cuzco, capital dos incas, como Tenochtitlan, capital dos astecas, estavam organizadas em termos *mandálicos*. Além de serem centros de regiões do mundo, e estavam elas mesmas divididas de modo a relacionar setores seus a tais regiões e também a *épocas* do ano, ou seja, tratava-se de uma *reunião de tempo e espaço*.

A capital asteca estava dividida em quatro setores, que inculive estavam coloridos de formas particulares. Estes setores por sua vez estavam subdivididos em cinco zonas. E cada zona era ocupada por uma atividade humana definida. O resultado é uma imagem perfeita do calendário

meso-americano, onde a natureza dos dias estava representada pelas tarefas cotidianas dos homens. O fato destas pessoas ser nomeadas por seus signos diários, poderia levar nossas especulações muito longe.

O Império Inca estava dividido por sua vez em quatro grandes regiões ou *suyus*, de tal modo que era denominado *Tahuantinsuyu*, a "Terra dos Quatro Quartos" ou das "Quatro Províncias", tendo Cuzco ao centro (Cuzco significa "umbigo" ou centro), mais precisamente, o *Coricancha*, o Templo do Sol.

Para certos autores as divisões não eram exatamente cardeais, mas *intercardeais*, de modo que estes setores estariam divididos por uma cruz reta. Estas, por sua vez, tinham também suas subdivisões, relacionadas comumente aos meses e às constelações. Consta que o Imperador Pachakuti teria erguido 12 torres ao redor de Cuzco para demarcar o ponto em que o Sol se levantava no primeiro dia de cada mês.

Correspondiam às *chapas* (distritos), e os arredores de Cuzco ficaram mapeadas e demarcadas por linhas-guias chamadas *ceques*. Finalmente, cada dia (*punchay*) do ano estava relacionado a uma *huaca* ou lugar sagrado consagrado ao deus deste dia: montanhas (*orqo*) ou quaisquer elevações, rios (*mayu*), vales (*queswa*), árvores (*mallki*), pedras (*rumi*), ponte (*chaka*) e *tanpu* (tambos, pousadas e templos).

As regiões demarcadas tinham vários significados: econômica, religioso, social e astronômico-astrológico. O calendário de atividades envolvia portanto progressivamente as regiões relacionadas à passagem do tempo.

Economicamente, relacionavam-se aos tributos que os *ayllus* (unidade social ou grupo familiar) deveriam prestar ao Inca em sua época. Na religião, determinava áreas para os ritos da época, especialmente as Festas (*Raymi*) das Estações. Socialmente, implicava na mudança semanal de *acalla* (esposa) do Inca, também associadas às *huacas*. E astronomicamente, evocava as constelação e signos (*unanchas*) envolvidos e a sorte ou energia que poderia dali advir.

Cada 10 destas *huacas* representavam uma semana, e nisto seriam como no calendário solar egípcio. Mas existem divergências entre os pesquisadores: por vezes se conta a semana como possuindo 7 ou 8 dias, e 3 desta semanas definiam ou mês ou *quilla* (Lua), e 12 destas o ano (*wata*).

A própria cidade de Cuzco estava dividida de maneira semelhante, e consta que o conjunto do Império também, não apenas as redondezas da Capital. As quatro divisões de Cuzco estavam destinadas a abrigar povos reunidos dos quatro cantos do império. Estima-se que cerca de 200.000 pessoas possam ter vivido ali.

À semelhança da capital dos astecas, as quatro direções de Cuzco estavam definidas em termos de cores, indicando os povos que ali viviam e suas regiões de origem. Cidade cosmopolita, as pessoas eram estimuladas a manter suas tradições, como religião e vestuários típicos.

Os livros antigos a mostram como uma cidade com traçado geométricos precisos. No centro ficava o *Collcampata*, a residência imperial. Os cronistas a descrevem como uma cidade repleta de palacetes de nobres. A construção mais imponente era o *Coricancha*, o Templo do Sol, revestido em ouro maciço. Segundo o inca Garcilaso, no átrio principal havia um imenso disco reluzente de ouro representando o Sol (*Inti*), mas em outro setor também tinham um disco semelhante para representar a Lua (*Quilla*). Tinham ainda capelas dedicadas ao deus da luz (*Illapa*) e ao arco-íris (*Amarru*), o qual formava a bandeira inca, hoje reincorporada pelo município, assim como o emblema solar inca.

Cuzco é a única cidade antiguidade pré-colombiana que não foi totalmente destruída. As sólidas residências incas servem ainda de fundações para as casas coloniais, ficando assim

protegidas dos tremores de terra comuns na região. Foi a única cidade inca construída sobre as raras terras férteis da região, de modo a haver um sentido especial na sua fundação. Os mitos dizem que Cuzco nasceu no lugar em que Manco Capac conseguiu cravar o seu bastão de ouro, o cetro recebido de seu pai Sol. Ou seja, o lugar em que a sua autoridade sagrada foi reconhecida e com seus seguidores deu início a uma nova civilização, a partir do ano 1.100 aproximadamente.

E diz-se que os incas e os astecas apenas copiaram padrões mais antigos, onde certamente eram definidos com muito maior precisão e perfeição, como nas épocas áureas de Tiwanaco e Teotihuacan.

c. A Crise das Cidades-Estado

Para o homem moderno pode parecer muito natural a estrutura da cidade, com todas as suas facilidades e complexidades. Mas a realidade é que ela requer uma estrutura muito complexa e superior, de modo que as conseqüências deste tipo de existência podem ser comprometedoras quando desvinculadas de seus propósitos originais.

A cidade nasceu com um sentido imperial e centralizador, a ser coordenada por seres superiores cujo sentido de serviço à evolução e à integridade era insuspeito. Sob a sua batuta os povos conheceram grande harmonia e evolução. Viveram a liberdade dentro da ordem, e as possibilidades do urbanismo potencializou novas realizações. Muitas vezes tais centros têm promovido oportunidades únicas, através da síntese que proporcionam, reunindo elementos complementares numa ordem *mandálica* e integradora, gerando com isto sínteses vitais.

Tal como as divisões das Estações existente na Zona do Dragão (o paralelo 30), as cidades áryas também foram divididas em quadrantes. O território inca denominava-se "Império das Quatro Direções", e Cuzco estava igualmente repartida em quatro seções. O mesmo diga-se da Tenochtitlan dos astecas, de modo que mesmo em época tardia estas civilizações ainda trouxeram preciosos cânones áureos de ordem social.

A ordem social árya também tinha quatro castas, ou três com uma casta tida como pária. No Brahmanismo tinha-se os quatro *ashramas*, etapas evolutivas das castas dos "duas vezes nascidos", ou seja, dos iniciados.

O quaternário é o *número universal* do ciclo áryo, porquanto representa a média cultural entre as três iniciações humanas e as cinco iniciações hierárquicas daquele ciclo.

Mas a cidade inevitavelmente representa concentração de poder. Quem dirige a cidade deve ter a seu mando exércitos, sistemas produtivos e cleros, enfim, todas as forças capazes de preservar a ordem. Caso os dirigentes sejam pessoas menos dignas ou "comuns", então o que se gera ali é a corrupção, o fanatismo e o terrorismo intitucionalizado.

É isto que explica também a razão do abandono das cidades antigas, deixando de ser ocupadas em definitivo, até mesmo pelas gerações posteriores.

No momento em que a cidade perdeu o seu espírito, representado pelos Iluminados –ou seja, no momento em que os Mestres deixaram de atuar abertamente no seio das sociedades e de dirigir as instituições–, a vida da cidade se esvaiu e os seus habitantes as abandonaram de vez.

Lançaram-se então tabus e maldições sobre estes lugares, pois se os homens voltassem a ali residir, inevitavelmente profanariam algo que algum dia teve um significado superior, empregando estas estruturas de forma negativa e inferior. Aqueles que, numa era sombria, vissem os traços daquelas glórias, seriam movido pela ambição de reproduzir as suas formas

externas. Mas, sem o espírito de então, tudo o que fariam seria um teatro horrível e uma paródia patética.

Nota-se assim que a maldição muitas vezes está ligado ao sagrado, como nas tumbas dos faraós que devem ser protegidas, e em tantos outros lugares santos cuja aproximação é vedada.

Neste sentido, as escavações dos arqueólogos modernos representa uma aberta profanação. Ainda assim, possui um sentido superior na medida em que permite o resgate de aspectos importantes das antigas civilizações.

Não é que em todas as cidades pontificassem reis-iluminados, mas eram fiéis à uma ordem central. Elas seguiam um modelo central e quando este Polo universal caía, então toda aquela ordem que dele irradiava sucumbia. Estas cidades satélites tinham a função de apoiar o centro com aspectos materiais, econômicos, humanos e bélicos. Sem o poder central, restavam apenas estes aspectos materiais que já não justificariam a instituição da cidade enquanto polo universal. Eram apenas paródias de civilização que logo se transformavam em algo pior que a barbárie inculta ou a antiga vida tribal.

Os ataques sofridos pelos povos bárbaros podem ter sido um dos elementos que motivaram o abandono dos antigos centros. Mas até isto se enquadrava num contexto mais amplo, pois refletia uma forma de debilidade ou de suscetibilidade. Existem realmente ciclos que eram observados, e não se pretendia ir além do possível, adentrando em épocas que corresponderiam a uma outra ordem de coisas, sob o risco de profanar o próprio passado e os altos designios pelo qual a antiga ordem foi criada. Neste sentido, é notável que o período clássico ou áureo da civilização pré-colombiana tenha perdurado pelo tempo de um milênio, um ciclo sempre presente nas profecias, associado à implantação ou à vigência da Idade de Ouro (ver Apocalipse de São João).

Na verdade, muitas vezes os antigos lugares de culto não eram apenas abandonados, mas também criteriosamente *ocultados*, como se fossem realmente sepultados para a eternidade, como faziam antes com seus reis. As cidades e os centros cerimoniais maias dão o melhor exemplo disto. Quando estes centros perderam a razão de ser, foram encobertos com terra, restando montes que a Natureza logo recobria de vegetação, ocultando para sempre aqueles resquícios da antiguidade. Era como uma devolução à Natureza de algo que lhe havia sido tomado.

Não se pretendia reaproveitar o material dos antigos centros –as suas pedras por exemplo. Os pré-colombianos eram despojados. Por muitos séculos foram treinados na arte da renovação, acostumando-se ao espírito escatológico e às transformações da matéria. Como os antigos atlantes, eles realmente conviviam intensamente com a idéia da morte. Quando chegou a hora, deixaram para trás a própria forma de existência. Mudaram-se também de lugar e abandonaram totalmente as antigas glórias do passado. E passaram a *esperar*.

Pode ser mesmo possível que eles não considerassem de todo este abandono como um retrocesso. Talvez, de algum modo, se preparassem para novos saltos culturais, ou simplesmente sacrificavam algo que já não podia ser levado avante.

E quem irá duvidar que algo assim possa acontecer conosco?

O atual inchaço descontrolado das cidades demonstra uma ausência de qualquer critério que não o engrandecimento material cego, com um ônus por vezes inacreditável da qualidade de vida.

Reflete apenas um processo lunar de absorção de recursos e energias. Procura-se compensar a ausência de qualidade com a abundância de quantidade. As modas passageiras, obtidas no aproveitamento das idéias e da variedade exterior, é uma forma de absorver as atenções e

simular algum dinamismo e criatividade. Mas tudo isto é apenas externo e não ajuda a dar sentido à existência.

A Nova Ordem necessita igualmente de qualidade, e a quantidade não será necessariamente apenas material. Para isto, é preciso definir um equilíbrio entre qualidade e quantidade, e encontrar meios de selecionar os elementos da forma mais útil possível, visando uma ordem criteriosa. Os valores essenciais devem ser fomentados, e a natureza individual estimulada, para a elaboração de um cosmos universal.

As cidades não desaparecerão, e permanecem como uma base para os futuros desenvolvimentos sócio-culturais. Sua natureza solar centralizante revelou-se importante na evolução da humanidade. Agora terão uma função menor mas significativa, semelhante à que tiveram antes, servindo para disciplinar e organizar aspectos básicos da humanidade. Porém, os verdadeiros trabalhos da Nova Era serão realizados em centros semi-urbanos e com um direcionamento cósmico.

d. O Futuro da Urbanidade

A decadência atual das cidades significa que os padrões de organização social da raça anterior se acham hoje amplamente esvaziados. Sua forma e conteúdo já não atende às necessidades da humanidade em evolução, representando antes aquilo que a barbárie e a vida tribal eram para as resplandecentes civilizações nascentes na aurora do período áryo.

O futuro da humanidade deverá o nascimento de uma nova síntese. haverá uma nova descentralização do poder formal, e uma grande valorização dos arquétipos individuais; tal como os pré-colombianos já vinham fazendo de certo modo.

As novas Cidades da Luz estarão dedicadas às energias ou raios específicos, e no seu entorno se reunirão indivíduos afins a tais energias, aprimorando as suas naturezas progressivamente. Residirão em áreas ou faixas que refletirão o grau deste aprimoramento, de modo que aqueles que estiverem mais próximo ao núcleo estarão com suas individualidades ou os seus raios bem definidos, permitindo a consumação de seus processos na forma da iluminação ou do matrimônio sagrado.

Estes centros será o palco para o desenvolvimento das *corretas relações humanas*: conjugais, sociais, ambientais e espirituais. Cada um tratará de exercitar positivamente o seu livre-arbítrio e de afirmar uma dimensão superior de seu ser. Tais cidades estarão consagradas à *Harmonia Universal*. Neles se cultivarão a arte e a beleza, a justiça e a verdade, a espiritualidade e a ciência.

É claro que estamos tratando de organizações ideais e até de sistemas únicos, enquanto referências centrais para toda a humanidade, sem que isto signifique exatamente um modelo a ser copiado indistintamente. É certo que em outros momentos este quadro poderá se reproduzir de forma quase plena, sob condições algo diversas, especialmente de tempo e lugar, mas sempre vinculado ao centro anterior e ao núcleo original.

As novas organizações representarão sobretudo *renovações* deste estilo universal, numa sucessão legítima e autorizada. E estas reproduções deverão corresponder à evolução e aos desdobramentos de uma idéia ou de uma energia original em seus sub-ciclos e sub-raças.

As chaves para estes desdobramentos são dadas em termos de tempo e espaço, assim como de conteúdo e forma.

Capítulo 7

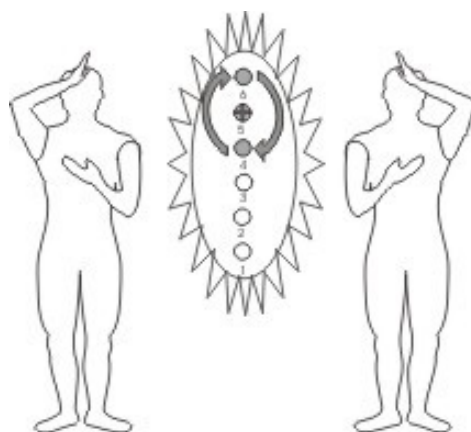
Fogo Cósmico ou a Alquimia Americana

Como cada humanidade tem o seu próprio padrão evolutivo, os mecanismos para desenvolvê-los devem ser também sempre novos. Por isto, com relação às posturas *Chiltan*, por exemplo, ainda que o padrão atlante pode ser aproveitado na nova raça para certos fundamentos, a rigor, cada raça deve desenvolver o seu próprio movimento universal.

Este movimento conecta as energias raciais às energias hierárquicas. Os novos elementos envolvidos pela Hierarquia são muito sutis, mas podem ser definidos como fogo-etérico ou *fogo cósmico*. O novo movimento universal da postura chiltan é *de ascensão* e chama-se *Ayam*. Parte do coração e alcança a cabeça, como na figura abaixo.

Postura Chiltan 4

Movimento Ayam ou de Ascensão (alquimia americana)



***Ovo Aúrico com o novo padrão
hierárquico de evolução e cura***

Neste caso, sequer se pode falar em termos de alquimia real, pois não chega a representar uma transmutação, mas apenas uma *intensificação* de energias superiores ou uma "afirmação" vibratória. *Afirmção* é uma das maneiras de designar a forma de trabalho com as energias nas iniciações superiores –ver *Os Raios e as Iniciações*, Bailey.

Este último movimento da postura Chiltan é o mais poderoso e denomina-se *Ayam*, que significa "Eu Sou". Trata-se pois de uma afirmação da individualidade superior, relacionada aos Raios divinos, que no 6º grau alcançam a sua pureza e plena expressão, um trabalho que tem início no 2º grau e consolida-se no 6º grau. A energia *Ayam* é a oitava de frequência de *Maya*, alcançada após realizada a terça de frequência de *Yama* e a quinta de frequência de *Ayma*.

A estátua da Liberdade de Nova York evoca vagamente este processo, pela luz que aponta para o alto. A idéia da "liberdade" vem a propósito porque se trata de uma das grandes características dos videntes cósmicos. No entanto, nesta estátua a liberdade apresenta um sentido algo intelectual, uma vez que tem na mão esquerda um livro.

O conhecimento é o *meio* da nova cultura, mas a sua base é o coração. Por isto a base da nova postura é o coração, e para isto se pode evocar mudras "cardíacos" de oração e a estátua do Cristo Redentor. O padrão completo deve ser ainda devidamente codificado. Seria preciso fundir ambos os símbolos –o do Cristo e o da Liberdade– para obter uma imagem fiel. Esta fusão reuniria os dois grandes subcontinentes americanos, palcos da nova civilização e da nova hierarquia de luz, os quais recebem a herança mundial, coroada pelas tradições pré-colombianas, renovando todas as coisas e realizando a profecia do retorno de Quetzalcóatl.

Uma variante moderna da postura *Ayam* é encontrada na saudação da Sociedade Universalista Nova Albion, onde a mão esquerda é colocada sobre o coração e a mão direita é aberta à altura da cabeça, formando 4 "vês" (de *Vida*, *Via*, *Verdade* e *Vitória*) com os dedos. Esta seria então uma forma da nova saudação universal.

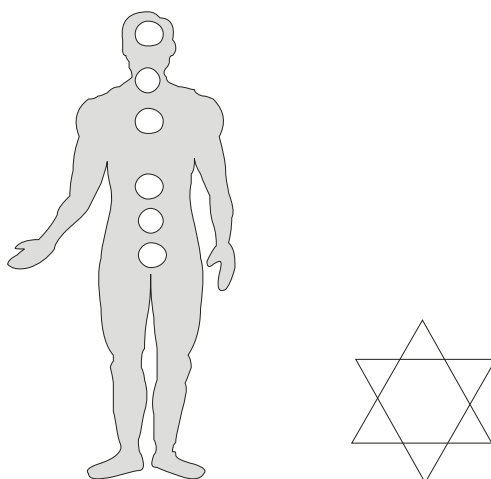
Existe hoje uma outra analogia entre o novo ciclo e o atlante, porque a sexta raça-raiz é análoga ao segundo ashram hierárquico. Isto significa que as habilidades de exploração intedimensional serão semelhantes, porém agora se darão a um nível muito superior, complementando o trabalho racial atlante. Naturalmente, os videntes cósmicos terão possibilidades muito maiores. Conhecerão as ultradimensões até então inacessíveis aos mestres históricos e facilitarão o acesso da humanidade ao mais belos mistérios de seu reino, como a questão das almas-gêmeas, a iluminação, a imortalidade da alma e a harmonia social, resgatando assim a quádrupla maldição do Pecado Original. Em seu próprio nível, os videntes do futuro explorarão o universo em todas as suas camadas e comandarão *viagens* transistêmicas para aqueles *Arhats* que se acharem preparados.

Assim, apesar de a nova grande fórmula racial/hierárquica ser 4:6, o "lago-de-fogo" das profecias permanece uma realidade atual porque nesta Ronda o plano de trabalhos atlante se reproduz em escala cósmica. Nisto se pode falar de dois aspectos do fogo, seja como fogo da destruição ou como o fogo da redenção, e neste aspecto vale lembrar o lago de *duplo-fogo* do Livro dos Mortos (Cap. LXXXVI). Certas escrituras (como o *Livro de Enoch*) afirmam que o mesmo fogo representará para uns libertação e para outros condenação.

a. A Iniciação Americana

A nova estrutura espiritual hierárquica apresenta os seis centros ativados, três inferiores e três superiores, razão pela qual se denomina este quadro de Selo ou *Templo* de Salomão. Os mestres da Nova Era são chamados *Árvores da Vida*, pois possuem uma dimensão energética completa.

A novidade em relação ao padrão áryo-tolteca é a inclusão do centro da cabeça, que já vinha sendo empregado pelos orientais. Várias Escolas modernas de espiritualidade já vem adotando este sistema, no lugar dos antigos esquemas quintuplos e inclusive do esquema hindú de sete centros, muito útil para ilustrar o Arquétipo cósmico e certa totalidade simbólica do corpo energético, mas sem efeitos práticos para a humanidade em si. O mesmo se pode dizer da *Árvore da Vida* da Cabala, ilustrativa do *Adam Kadmon* original, que quando muito pode ser usada de uma forma mística, ritualística e astrológica pela maioria dos buscadores.



Este quadro expressa um plano de totalidade, simbolizado pelo templo, desde o ponto de vista da hierarquia. Além dele iniciam os graus divinos, os quais não recebem manifestação *contínua* no planeta, uma vez que a Ordem de Melquisedec é eterna porém sua manifestação física é intermitentes ou cíclica (não podem haver Avatares ocupando cargos *apostolares*). De modo que através disto se completará o trabalho desta Ronda.

Os novos iniciados cósmicos possuem habilidades dimensionais completas. São *Árvores da Vida* altamente desenvolvidas e personificam o arquétipo da Alma divina, *Alaya*. Por isto diz o *Livro de Enoch*:

"...essas montanhas apareciam ao longe como tronos magestosos e eram coradas por árvores odoríferas."

Trata-se pois da visão dos *ocupantes* das seis Câmaras (*Hecalot*) da Carruagem divina (*Mercabah*).

De posse de seus centros, o hierarca poderá transitar através de todo o sistema solar e colher os frutos da *Árvore da Vida*. Terá em mãos um verdadeiro arco-íris de possibilidades.

O Espelho de Cristal simboliza esta condição, pois o cristal tem seis lados e reflete o arco-íris. Neste aspecto, o Cristal é como a água, o segundo elemento, que também refrata a luz para gerar o arco-íris. O sexto plano é o Monádico, simbolizado pela pedra –no caso, o cristal. Este é um reflexo da analogia existente entre o trabalho racial atlante e o trabalho hierárquico americano. Pode-se dizer que a luz será refletida para o alto. A sensibilidade dá um sentido especial para a humanidade Na época atlante esta sensibilidade dava um colorido material, simbolizado pelas cores químicas. Na nova Era, ela apresentará o espectro sutil das cores físicas.

Para a incorporação do centro coronário pela tradição tolteca, trataremos inicialmente de analisar a visão que tinham desta esfera, segundo é apresentada em *Passes Mágicos* (pg. 102) de Castañeda:

- Sua energia é oscilante "como um pêndulo, e de certo modo lembra a pulsação de um coração; um movimento de um lado para outro muito desagradável e estranho";
- "Não pertence inteiramente ao homem; foi assumido por um invasor, um predador invisível", estando o homem "sob estado de sítio";
- Esta "instalação alienígena" pode ser neutralizada pelo "fortalecimento de todos os outros centros", pois "num feiticeiro que foi capaz de dominar a mente, a flutuação desse centro torna-se exatamente como a flutuação de todos os outros."

À luz da análise transcultural, as chaves destes mistérios podem ser facilmente desvendadas.

Os centros superiores são cada vez mais sintéticos e abrangentes, e na descrição do centro do topo da cabeça podemos observar subliminarmente a citação de todos os centros superiores

Segundo a yoga existem *dois* centros importantes na cabeça, um na frente (chamado *Ajna*, "comando, autoridade") e outro no alto da cabeça (chamado *Sahashara*, "mil pétalas"). Tudo indica que foram fundidos em um só pelos toltecas, tal como estavam no mapeamento budista. Ao menos até que se evolua o suficiente para ativar o centro seguinte.

Existe no yoguismo certo consenso de que os dois centros da cabeça não representam centros como tais, mas sim *polaridades* podendo ser comparados às funções dos luminares no Zodíaco, assim como às dos números 1 e 2, tidos entre os pitagóricos não como números verdadeiros mas sim como *expressões das polaridades*.

O centro frontal, ou "terceiro olho", é um *centro diretor*. Segundo Bailey serve para *coordenar* a personalidade e para *direcionar* as energias materiais, como um centro de comando e da *vontade*. Nota-se assim que opera como um simples *instrumento da quintessência*.

É o centro da *visão interna*, que é na verdade todo um "conhecimento corporal". "A preponderância do sentido visual em nós influi neste conhecimento corporal e faz que pareça estar relacionado com os olhos" (*O Presente da Águia*). Diríamos que esta percepção faz parte da *totalidade do ser*, sendo um aspecto da consciência em si. Afinal, a ativação deste centro envolve a participação de uma complexa rede de energias. Aquilo que ali se percebe tem não apenas forma, como também sentimento e energia. Trata-se de um *centro universal de percepção*, assim como de um *centro de confluência de energias*. Os recursos físicos são apenas elementos primários para o desenvolvimento desta consciência, que deles depende até certo ponto. Por isto o guerreiro pode *ver* sem os olhos "carnais" quando sai de seu corpo, inclusive em definitivo.

Também se diz que, uma vez iluminado o sexto centro, o sétimo centro automaticamente se ilumina (cf. S.R. de la Ferrière, *Yug Yoga Yoguismo*). Isto lembra a idéia de que o sétimo dia é o do *descanso de Deus*. De fato, a sétima etapa de um ciclo já não requer construções, mas apenas a reunião dos elementos, permitindo esta unidade o *redimensionamento de todas as possibilidades*. Aí entra ao trabalho do Calendário Solar.

Assim, a "oscilação" deste centro esta relacionado ao caráter dúplice do centro frontal, descrito na yoga como composto por duas grandes "pétalas" de energias contendo 48 pequenas pétalas cada uma, e 96 no total. Ora, o *chakra* superior tem 960 pétalas, de modo que o frontal é apenas um *fractal* deste e se encontra diretamente *embutido* nele. Podemos dizer que a sua potencialização é diretamente decorrente de sua *unidade*.

Por sua vez, *Ajna* tem vínculo especial com o 3º centro, de 10 pétalas e chamado *Manipura*, a "Cidade das Jóias", que é também um fractal dos supracitados. O centro do plexo solar é

também central e está relacionado ao *intento*, assim como à terceira visão, à clarividência ou ao *ver*.

48 é um número bem conhecido na tradição universal, e entre os toltecas representa o número total das "emanações da Águia". Vimos que é a soma das pétalas de todos os cinco primeiros centros no sistema hindú de *chakras*.

Assim, o que faz o 6º centro é refleti-los integralmente e *inverter a sua direção*, de modo que as energias *retrocedem* ao seu foco e o processo *criador* torna-se absorvido ou *criado*. Dito de outra forma, o ente se cosmifica alinhando-se com as forças criadoras.

O centro Ajna é a sede do *Terceiro Círculo do Poder*. A sílaba sagrada , que é o *mantra* deste centro, inclui um "3" e um "O" ou círculo.

As duas pétalas de *Ajna* são como asas, pois seu símbolo reflete o caduceu. São verdadeiramente o que os toltecas chamam de *asas do intento*, que possibilitam os movimentos da consciência na direção de dois mundos e dois tempos distintos, de um lado através de *movimentos* do ponto de aglutinação, e de outro lado através de *deslocamentos* do ponto de aglutinação. *Ajna* significa "comando", e é através dele que o *intento* é manifestado. Este "terceiro olho" está relacionado ao terceiro grau, o de "homem de conhecimento", quando o guerreiro obtém a *maestria do intento*.

Ajna permite manejar a consciência entre os grandes opostos. Ele acha-se entre dois pentagramas, os dois querubins da *Arca da Aliança* (com suas 10 leis), ou as duas rodas cósmicas, determinando as duas direções da suática. E estes opostos têm 50 (ou 48) leis cada um, sendo um o reflexo do outro, presentes nas duas asas ou pétalas de Ajna.

Ajna expressa nisto o seu aspecto de *centralidade*. É o assento supremo da Hierarquia, o centro que intermedia as relações entre a humanidade e Deus (ou Shambala). Este centro é o do equilíbrio entre as energias e os mundos opostos e permite que eles se tornem complementares entre si.

Por vezes se o representa por uma serpente, como no *uraeus* egípcio. A serpente Naja representa uma surpreendente imagem deste quadro. Ela tem um capelo, como asas, inclusive com dois olhos aparentes. Seu nome é um claro anagrama desse centro.

Quando a energia unificada alcança a região frontal do cérebro, ela é *espelhada* e ali tem início um novo ciclo através da nova unidade, que é a própria *unidade humana*. O 5 é o número do Homem Perfeito, ao passo que o 10 é o da divindade (o 5 tem também vínculos com o 12, seja de forma *posicional* ou *estrutural* –exemplos: dodecaedro e zodíaco).

É portanto a fórmula 2×5 que resulta no 10 (número do Sol ou do Logos, alusivos à *iluminação*), o qual dinamiza o fractal 96 em 960 ("o Deus dos místicos da Mercabá é o Santo Rei que emerge de mundos desconhecidos e desce através de '955 céus' para assentar-se no Trono divino" –Gershom Scholem, *As Grandes Correntes da Mística Judaica*, pg. 63).

Esta dualidade está relacionada à dialética dos ciclos cósmicos: evolução e involução, manifestação e ascensão, samsara e nirvana, pralaya e manvantara. Por isto a Árvore Sefirótica possui dez esferas, uma vez que apresenta estes dois processos. O mesmo se pode dizer do Zodíaco e seu duplo ciclo planetário regidos pelo Sol e pela Lua.

Ambos estão representados pela separação que os toltecas faziam entre "corpo esquerdo" e "corpo direito":

"...para os xamãs um ser humano é composto de dois corpos funcionais completos, um à esquerda e outro à direita.

"Quando o corpo humano é percebido como energia, fica absolutamente patente que ele é composto não de duas partes, mas de dois tipos diferentes de energias: duas correntes diferentes de energias, duas forças opostas e ao mesmo tempo complementares

que coexistem lado a lado, espelhando dessa forma a estrutura dual de todas as coisas no universo como um todo." (Castañeda, *Passes Mágicos*, pg. 148).

Estas tendências energéticas opostas estão relacionadas aos dois sistemas nervosos complementares, o autônomo e o voluntário, simbolizados pelas mitológicas Árvore da Vida e Árvore do Conhecimento.

O sistema voluntário é "corpo esquerdo", mais psíquico, profundo e espiritual. Relaciona-se à Árvore da Vida.

E o sistema autônomo é o "corpo direito", mais mental, superficial e material. Relaciona-se à Árvore do Conhecimento.

Através dos passes mágicos os videntes procuram equilibrar estas tendências opostas, trocando as energias de seus centros, sendo recomendável "adotar a divisão de corpo esquerdo e corpo direito em lugar de lado esquerdo e lado direito".

Deste modo, os toltecas consideram dois corpos completos e independentes, por assim dizer, ou dois ciclos e duas naturezas. No geral, um é psíquico e o outro é mental. E em certo sentido, o primeiro é humano e o segundo é cósmico. Porém, a ordem de qual seja qual pode até variar conforme o ciclo que esteja na *base* em certo momento da evolução coletiva. É esta grande distinção que sempre levou os iniciados a nunca considerarem o mestre como um ser humano, à parte o inevitável para manter a sua encarnação em benefício de todos, já que geralmente para um mestre sobreviver nesta terra é um ônus, mas também uma necessidade planetária.

A oscilação original oculta pois a *dualidade* deste centro. Em *A Travessia das Feiticeiras*, trata-se muito da passagem entre os lados da cabeça, processo este também chamado de *travessia dos feiticeiros* ou "vão abstrato". Clara Grau compara este processo ao conceito chinês de "atravessar o olho do dragão". (pgs. 83-85) Na verdade, situar este processo na cabeça é simbólico:

"(...) explicou-se que este vão inimaginável era simbolizado pelo movimento do lado direito da testa para o esquerdo, mas na verdade ele significava trazer a parte etérica em nós, o duplo, para nossa consciência cotidiana." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 80)

A ciência moderna também fala sobre os lados do cérebro, ainda que com uma conotação oposta: para ela o lado direito é que seria o lado sensível e o esquerdo o lado mental. mas também explica que cada lado do cérebro rege o lado oposto do corpo, fato este que dá margem para a harmonização de ambas as visões, a dos toltecas e a da ciência.

Mas os toltecas ensinam que o lado esquerdo também é perigoso e até mais porque oculta armadilhas terríveis. Então, tocando na testa e no centro do peito de Taisha Abelar, seu instrutor diz: "A verdadeira esperança está no centro, pois no muro que divide os dois lados do duplo existe uma porta secreta, que se abre para um terceiro compartimento, estreito e secreto. Apenas quando esta porta se abre é que se torna possível experimentar a verdadeira liberdade" (pg. 268)

Trata-se pois da geração de uma terceira energia, a qual apenas pode ser criada pelo homem porque representa verdadeira dimensão humana, que é *consciência*. Esta porta porém é como um fio de navalha, razão pela qual o homem deve aprender a conviver com o sentimento de instabilidade pessoal —o "caminho do abismo"— e colocar suas esperanças no além. É como o lapso do tempo presente:

Quanto mais detemos o tempo, mais largo se torna este "presente", até que a Eternidade se revela como algo consistente e nos sustente.

Assim, conclui-se que este centro envolve certo tabu para os principiantes, mas é certamente manipulado pelos videntes adiantados.

É, enfim, aquilo que determinam os processos alquímicos descritos na *Tábua de Esmeraldas* de Hermes Trismegisto:

"Sobe da terra para o céu e desce novamente à terra, recebendo a força das coisas superiores e inferiores. Desse modo obterás a glória do mundo e as trevas se afastarão de ti."

O Caminho de *Retorno* ou "descenso" representa o processo de manifestação divina, iniciado no *nascimento sagrado* do 4º grau, a chamada Crucificação espiritual. Corresponde ao signo de Câncer, chamado paradoxalmente "Porta dos Homens", porque este grau é o da glorificação da humanidade, representando também o seu limite evolutivo. Os Mestres porém vão além dele e seguem evoluindo até completar o Zodíaco. Seu regente, a Lua, representa o *Portal da Iluminação* e inaugura este ciclo espiritual associado à evolução divina.

Num outro sentido Câncer é o sexto signo e seu regente, a Lua, está associado a *Ajna*, sendo seu ciclo (29 dias) análogo ao de Saturno (29 anos), aquele que abre o Ciclo de Ascensão. Logo depois surge o Sol, em Leão, que é como o Chakra supremo, *Sahashara*. O final é em Sagitário, regido por Júpiter-Zeus, cujo ciclo de 12 anos determina estes grandes ciclos espirituais de ascensão e descenso.

Culminando o Grande Ciclo, como diz a *Tábua de Esmeraldas*, "obterás a glória do mundo e as trevas se afastarão de ti." Esta é pois a chave para eliminar todos os "predadores" trevosos. Antes de alcançar esta unidade, o centro da cabeça aparece de forma dual. Mas logo que se é capaz de "dominar a mente, a flutuação desse centro torna-se exatamente como a flutuação de todos os outros." Uma vez estabilizado, o seu fluxo se normaliza, porque agora ele se torna algo *real* e ordenado.

b. A Questão do "Predador"

Em *El Lado Activo del Universo* (pgs 273 ss.), Castañeda volta a mencionar o *predador*, especialmente na forma de sombras fugazes, melhor visíveis à noite ou nas sombras das coisas. Representam "um predador que veio das profundezas do cosmos e tomou controle sobre nossas vidas. Os seres humanos são seus prisioneiros."

Tratam-se de seres inorgânicos que se alimentam de consciência, e somos nós humanos o seu alimento. E a forma como fizeram isto foi *nos dando a sua mente*. Tornaram a humanidade dócil, e apática, tal como eles necessitam. Ou seja, fizeram-na à sua imagem e semelhança. Devoram a capa luminosa da consciência com que os seres humanos nascem em torno do ovo luminoso, deixando apenas o suficiente para que sobrevivam. E o que resta é compatível com a consciência pesada do predador. O tema é digno de uma obra de ficção científica e horrorizou Castañeda.

Pessoalmente, conhecemos de perto estes fatos energéticos de nosso mundo, e podemos testemunhar que alguns deles têm a aparência de bolas que flutuam no espaço e logo aterrisam, e não são de todo invisíveis, como diz Don Juan. Uma criança os poderia ver bem, se lhe fosse permitido. Na escuridão eles podem ser particularmente visíveis, como uma sombra que se destaca flutuando pelo ar. Por isto os toltecas também os chamam de *voadores*.

Penetram no homem assim que este abra uma brecha, enchendo-o de estupidez e letargia, e apenas a disciplina pode expulsar-los: "A disciplina esgota a mente alienígena do predador" (op. cit. pg. 286). Por disciplina os xamãs entendem a *arte de enfrentar o infinito*, fortalecendo a capa brilhante da consciência e expulsando o predador, uma e outra vez, pois este sempre retorna, mas cada vez mais fraco, até que se vá em definitivo. Sabemos também que o jejum e o silêncio interior são muito úteis para expulsá-los —e então vê-los. Aquele que o expulsa

facilmente pode enxergá-los. De outra forma gera-se um véu semelhante ao que eles põem em nossas mentes, um véu de terror e de incredulidade, além de uma cegueira oculta.

Mas, de modo geral, o grande "predador invisível" nada mais é que o próprio estado evolutivo humano deficiente. Ou antes, é este estado que nos torna sujeitos aos *resíduos* cármicos da evolução. Toda a ociosidade dá margem ao acesso de entidades "predadoras". Não existe lugar para vazios no cosmos, e aquilo que amanhã será luz ontem era necessariamente trevas. Estas considerações nos levam a pensar no caráter *cíclico* das coisas, sugerida nesta colocação de Don Juan:

"...alguma coisa extrínseca a nós, algo que tem a ver com a condição predatória do universo, interrompeu nossa possibilidade de evoluirmos apossando-se da nossa percepção." (Castañeda, *Passes Mágicos*, pg. 152)

Naturalmente, o universo não é em si "predatório", ou de outra forma estaríamos todos irremediavelmente perdidos. Pode, no entanto, apresentar uma *face* "predatória", e certamente é a isto que se refere este mestre.

Neste sentido, os predadores não deixam de ser um desafio para que busquemos a evolução interior:

"Os *voadores* são uma parte essencial do universo, e deve-se tomá-los como o que são realmente: assombrosos, monstruosos. São o meio pelo qual o universo nos põe à prova."

Poderíamos mesmo dizer que existe um equilíbrio de forças no cosmos, embora estas tendam em certas épocas para um lado ou para o outro. Todos conhecemos as idéias orientais, gregas e meso-americanas sobre as "Idades do Mundo". Cada época apresenta a sua linha de evolução e determina limites próprios.

Certos ensinamentos falam também da "Loja Negra" como a responsável pelo "Mal do Mundo". Certamente, entidades como estes predadores são usadas pela Loja Negra e possuem vínculos com ela, da mesma forma como certas entidades angelicais servem diretamente à Loja Branca.

A presença do *predador* é a revelação de uma certa iniciação. A sua conscientização faz o guerreiro amadurecer, porque toma consciência do mal do mundo e do trabalho da Loja Negra. Ele sente-se assim impulsionado a trabalhar com maior afínco ainda pela salvação do mundo.

Percebe ele que, atuando especialmente com o raio de Vontade-e-Poder, inevitavelmente a Loja Negra alcança os centros ou os *chakras* superiores dos homens, prejudicando nesta época especialmente o lado *esquerdo* do corpo, que é segundo os toltecas o lado psíquico:

"Os seres humanos caíram vítimas de uma força predatória que, por própria sua conveniência, lhes impôs a passividade que é característica da energia do corpo direito." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 152)

É possível que na época atlante a grande "vítima" fosse o lado esquerdo. Sabemos que o lado esquerdo também é "passivo" sob certo ponto de vista, sendo essencialmente contemplativo, da mesma forma como o "conhecimento" e a "razão" do lado direito podem se expressar de formas pouco práticas ou sábias.

Na medida em que um campo fica liberado da luz civilizatória, ele automaticamente torna-se acessível às entidades tenebrosas. Mas agora que a nova raça reunirá o psiquismo e a mentalidade, teremos um universo de luz absoluta, por assim dizer.

Vimos que, apesar do atual excesso de poder do "lado direito", era através de um centro *mental* que o todo era estabilizado. Enquanto a síntese do centro mental ("garganta") não era alcançada, predominava a energia do centro dual da frente, refletindo o caráter duplo dos centros inferiores e suas energias materiais. Tudo isto aponta para o objetivo *imediat*o do trabalho

espiritual –lembramos que a raça árya, por ser a quinta, tinha também cinco centros em plena atividade.

Apenas através da síntese mental o *comando* é adquirido. Mas uma vez que se realiza a síntese mental, então o centro Ajna é absorvido pela luz unificada do topo da cabeça e um novo objetivo se impõe.

O caráter pulsante e oscilante que apresentava este centro se devia pois às condições das energias cósmicas opostas do Caos original. Inicialmente, por ser este um centro cósmico, existe ali um intenso fluxo de energias que entram e saem. Chegando ali as energias são remetidas para outra esfera –algo como uma bomba hidráulica, e não é por nada que seu fluxo pulsante lembra o do *coração*.

Existe também um vínculo *interno* entre o centro coronário e o centro cardíaco. Este último nunca é mencionado pelos toltecas, mas podemos associá-lo ao *ponto de aglutinação* situado entre os omoplatas. A atividade do coração é a de *processar energias* através do constante fluxo sanguíneo que gera. O ponto de aglutinação está relacionado à interpretação e ao intento, sendo o ponto no qual as emanções da Águia confluem.

O centro do coração existe na yoga hindú e apresenta 12 pétalas, número de grande importância, estando relacionado à Alma (consciência). Se multiplicarmos 12 x 4 (por sua posição quaternária), teremos novamente as 48 "emanções da Águia". Com isto podemos dizer também que *Ajna* representa a soma de "coração" e "mente", unindo cosmologia e astrologia, enfim, a perfeição da unidade dos opostos, chave para as conquistas dos Novos Adeptos em seu ciclo "pós-racional". A visão contrastada gera perspectiva ou profundidade, vale dizer, adquire uma *natureza espacial*. No treinamento tolteca, uma visão especial é procurada separando os olhos e duplicando o foco; algo distinto pode se revelar entre ambos os focos (cf. *Viagem a Ixtlan*, pg. 63).

Na yoga hindú o centro do alto da cabeça também está subdividido internamente em 12 setores de 80 pétalas cada (80 é um valor obtível como 16x5 na garganta e no total de pétalas até o cardíaco, 32, mais 48). Cabe ver que 12 unidades cósmicas (Avatares) somariam 144 subdivisões, um número profético. No Apocalipse temos os 24 anciãos que projetam suas "coroas" para a frente, no centro onde está o Cristo.

Na yoga budista o centro do coração (*Anahatha Chakra*) possui 8 pétalas, e somado com os anteriores totaliza 104. No sistema hindú o centro do coração apresenta internamente uma Estrela de Seis Pontas vinculando-o inferiormente às seis pétalas do Esplênico e superiormente aos Sete Sendeiros cósmicos ao nível do "Portal de Brahma" (*Brahmahandra*, um outro nome para o *Sahashara*). Pois os centros da cabeça são definitivamente ativados ao nível do coração. Quando readquirimos a mobilidade do ponto de aglutinação, a energia superior começa a estabilizar-se, completando o processo no momento em que o centro da garganta é plenamente ativado.

De certo modo, Os Sete Sendeiros Cósmicos também estão relacionados ao setenário superior iniciado no quarto grau (por isto a soma dos números de 4 a 10 é 49). Segundo Bailey, todos os sete centros estão representados no chakra coronário. Por isto a liberação dos *Chohans* se dá realmente através deste centro, como seria natural. A imagem de Vishnu-Narayana apresenta o deus adormecido sob uma Naja de sete cabeças, representando a união dos centros *Ajna* e *Sahashara*.

A "reflexidade" de Ajna aparece na *Doutrina dos Espelhos de Sabedoria* de Maitreya Buda (ou Quetzalcóatl). Vimos que o quarto centro pode ser relacionado ao deus Tezcatlipoca, o "Espelho Fumegante". Na Verdade todos os centros *pares* são refletores, e os quatro Tezcatlipocas podem ser vistos na fórmula 2x4.

Também devemos observar que o *Concílio de Chohans* acontece a cada 49 anos (ver *A Manifestação da Hierarquia*, Alice A. Bailey). Representa o *ciclo adventício* dos Mestres-Pontífices na Nova Era. O ciclo meso-americano da sucessão de Quetzalcóatl era de 52 anos (confluência *Tzolkin-Haab*), determinando a cerimônia do "Fogo Novo", ao passo que o ciclo tibetano dos *tertons* instituída por Padma Sambhava era de 60 anos (calendário joviano de cinco elementos), e o ciclo egípcio sucessório era de 30 anos, metade do anterior. Existia um ciclo meso-americano secundário de 26 anos.

A proporção que relaciona o 6° e o 7° centro indica que o topo da cabeça abriga realmente um aspecto *decimal*. As "1000 pétalas" representam a versão "iluminada" do ciclo básico caracterizado por "100 pétalas". Nunca podemos esquecer que o ponto de aglutinação ocupa cerca de 1/10 da área total do casulo luminoso e, talvez por isto, se diz também que a energia necessária para aglutinar o nosso mundo representa 1/10 da energia total disponível no casulo (cf. *O Fogo Interior*, pgs. 208 e 239). Assim, o acesso ao centro supremo representa uma fusão com a nossa Totalidade.

Deve observar ainda que 1000 é o número de anos que tarda para aparecer um iniciado capaz de trabalhar o centro do topo da cabeça em seu próprio nível. A possibilidade decimal é das mais elevadas e pertence apenas à esfera divina, ultrapassando os limites dos próprios adeptos. O Milênio é por isto a "idade" dos primeiros Patriarcas no Genesis, e as suas duas linhagens paralelas são como os 24 Anciãos Eternos do Apocalipse 4, 4 (ainda que os Patriarcas antidiluvianos somem 22, conformando-se ao registro hindú dos Avatares de Vishnu).

Os 24 *Senhores Eternos* formam a Ordem dos Patriarcas, esotericamente chamada de *Ordem da Estrela Polar* e mais conhecida como "Ordem de Melquisedec", que aparece no Apocalipse reunida em torno do Cristo onde este é o 25° elemento central. Esta Ordem divina pertence à esfera do Macrocosmo. Mas existe uma réplica sagrada no Mesocosmos, através das dinastias históricas de adeptos com 25 gerações como a de Padma Sambhava no Tibet e a de Quetzalcóatl ou a dos toltecas até Don Juan.

O ciclo milenar corresponde a 14 graus no Zodíaco sideral, associado às 14 partes em que Osiris foi esarteado e às 14 Estações do Calvário. É uma forma de calcular o *pico* das iniciações divinas, assim como em 12 graus, número que subdivide o centro coronário, como vimos, ou senão em 13, muito usado na Meso-América e que define o número de "céus" destas culturas e o número de signos de seu zodíaco sideral. O mais alto é onde se situa o supremo deus Ometéotl, o "Senhor da Dualidade".

Pode-se encontrar um vínculo entre os números 49 e 1000. Estes números não correspondam à porção de linhas-de-energia que entram pelo ponto de aglutinação, porque este feixe é composto na verdade por "trilhões de filamentos" (*Passes Mágicos*, pg. 128).

Os toltecas apresentam então um cálculo "alternativo", limitado aos registros hierárquicos:

"Quando os antigos feiticeiros acabaram de mapear os seres humanos como esferas luminosas, eles tinham descoberto nada menos que seiscentos locais na esfera luminosa total que eram locais de mundos genuínos. Isto quer dizer que se o ponto de aglutinação se fixasse em qualquer um deles, o resultado era a entrada do praticante em um mundo totalmente novo." (Castañeda, *Passes Mágicos*, pg. 128)

É muito provável que este mapeamento fosse feito entre os próprios iniciados, em quem as energias eram mais definidas e completas. Estes 600 mundos à disposição representam pois a *proporção da totalidade* equivalente aos 6 centros hierárquicos. Seiscentos é uma fórmula associada ao 6° centro, Ajna, e suas 100 pétalas. É uma forma de relacionar o número de energias existentes neste nível.

De algum modo relacionam-se aos Sete Sendeiros de Evolução Superior dos *Chohans*, considerando que um deles é o da própria Terra, e com processos algo distintos uma vez que

determina um compromisso de servir a evolução terrena por um tempo relativamente indeterminado. No Oriente tem-se o "Voto de Bodhisatwa", que solicita que se renuncie ao Nirvana para ajudar a todos os seres na sua liberação final. Este "Nirvana" apenas pode ser a liberação final de um adepto, uma vez que um *iluminado* ele necessariamente deverá ser, contendo já em si a essência deste Nirvana. O Caminho de Serviço Terreno é considerado o mais limitado, sendo por isto a opção final de poucos. Felizmente são necessários poucos adeptos para preencher os cargos necessários na Terra. Ainda assim, em certos momentos o Senhor do Mundo necessita solicitar que um maior número de Adeptos permaneçam auxiliando-O, pelo que serão amplamente recompensados no final.

Na Nova Era, os videntes cósmicos administrarão estas conquistas *ainda em vida*, e na hora de partirem então sim sairão pelas Sete Portas Cósmicas, ou pelos 12 portais da Jerusalém celeste.

Incluindo o círculo básico, podemos fazer a seguinte correlação:

O 3º centro (*Manipura*) tem 10 pétalas: é o *Primeiro Anel do Poder*.

O 6º centro (*Ajna*) tem 100 pétalas: é o *Segundo Anel do Poder*.

O 7º centro (*Sahashara*) tem 1000 pétalas: é o *Terceiro Anel do Poder*.

Tais centros estão relacionados à Humanidade, à Hierarquia e à Shamballa, respectivamente. Naturalmente, o 7º centro poderia ser visto como 9º (ou 10º, ou mais) centro, uma vez que destina apenas a apontar para o "infinito". Seu efeito é *multiplicador* e não mais somatório. Trabalha com progressão geométrica e não com progressão aritmética.

Por esta razão os símbolos dos números 6 e 9 comportam circunferências, sugerindo na verdade *movimentos espirais*. O 6 tem um movimento centrípeto ou *interiorizante*, e o 9 O 6 tem um movimento centrífugo ou *exteriorizante*. O 8 de certo modo abrange ambos os movimentos e intermedia as duas esferas.

Também temos afirmado que é chegada a hora de ativar o *Quarto Anel de Poder*, diretamente relacionado às esferas logóicas superiores e cósmicas, e culminando num 12º ou 13º centro, tal como os meso-americanos e os cabalistas faziam. Nisto podemos atribuir seu círculo a um montante de 10.000 pétalas, valor este associado ao *ciclo da Águia* ou ao *Manvantara*. Estes graus tratam de evoluções verdadeiramente cósmicas. Mas é um Hierarca desta natureza que chega em nossos dias de *mudança de Ronda planetária*!

Tudo isto nos leva a fazer uma análise do sistema de centros adaptada à Nova Era. No Volume II mostramos como o n° 4 pode ser visto como a base do sistema áryo (hindú), adaptado de um esquema original. Podemos pensar que, na composição de sua yoga, os áryas trataram de adaptar um sistema atlante ou universal baseado em 4 graus, tratando-o de manter flexível para atender às necessidades de 5 e até de 7 graus.

Não seria possível mudar o número de pétalas dos centros. O que se faz é enfatizar ou omitir certos centros, ou mesmo reunir e dividir outros.

Ocorre então que o número 6 é o outro "candidato" à base deste esquema, no caso, tendo em vista naturalmente um grupo de até seis centros. Isto porém nos abriga a "adaptações" ainda mais drásticas, iniciando pela eliminação do primeiro centro, de modo a partirmos da base 6 no segundo centro, *Svadhithana*. Vimos já que o sistema tolteca não inclui *Muladhara*, e na Árvore Sefirótica o centro básico com 4 divisões, *Malkuth*, representa uma esfera à parte, associada ao plano físico (como *Muladhara*), plano este sabidamente provisório e, se trabalhado com sabedoria, "providencial".

Temos, como múltiplo de 6, o 4º centro (*Anahatha*) com 12 pétalas e o 6º centro (*Ajna*) com 96 pétalas, além da soma dos quatro primeiros (com *Muladhara*) ser 48 (8 x 6) e é claro, do conjunto final com 144 pétalas (12 x 12 ou 24 x 6), um número extremamente importante desde o ponto de vista da Totalidade e das coisas da "Nova Era".

- 6. Ajna 96 pétalas (16 x 6)
- 5. Vishuddha 16 pétalas
- 4. Anahatha 12 pétalas (2 x 6)
- 3. Manipura 10 pétalas
- 2. Svadhisthana 6 pétalas (1 x 6)
- 1. Muladhara 4 pétalas

Total 144 pétalas

Sabemos, por exemplo, que 144 unidades é a medida da muralha da Jerusalém celeste no Apocalipse de São João, representando os limites espirituais da nova dispensação espiritual, isto é, o seu grau *máximo*.

Existem também os 144.000 eleitos "marcados na fronte" (Ap 7, 3). Enquanto esta marca não houver sido conferida a este número de seres, os anjos segurarão os ventos responsáveis pelos dramáticos acontecimentos finais.

Faltam todavia três zeros depois de 144 para inteirar os 144.000. Mas, ao eliminarmos *Muladhara*, devemos evocar *Sahashara* (normalmente o sétimo centro), para completar os seis centros necessários.

Por ser uma *unidade cósmica*, Ajna é em si mesmo duplicador e reflexivo. Em seu plano de estabelece a soma e o ritmo aritmético. Mas tudo o que existe além dele possui um caráter *multiplicador* e não meramente somatório, sob ritmo geométrico.

Por sua natureza *Sahashara* possui este caráter multiplicador, pois representa um potencializador de unidades. Assim, tratamos de multiplicar 144 x 1000 e obtemos o valor em questão. E isto corresponde ao *Quarto Anel de Poder* com suas 10.000 pétalas.

Devemos pensar que existirão 144.000 adeptos Chohans? Contando um por geração (30 anos), seriam necessários 4.320.000 anos, que é o total de anos no *Manvantara* ou o "Dia de Brahma" segundo a filosofia hindú dos ciclos. Porém, sabemos que este ciclo representa "anos humanos" e pode ser transposto através do divisor 360 para 12.000 "anos divinos". Nos deparamos assim com o hemi-ciclo do Grande Ano de Platão, um ciclo clássico de criação e relacionado ao *arco evolutivo*.

Podemos dizer então que este número é *cumulativo*, e seus representantes se encontram presentes no mundo num final de ciclo-maior ou manvantara, tal como vivemos hoje. Esta seria assim aquela "geração de reis e sacerdotes" profetizada nas Escrituras.

d. O Conhecimento Silencioso

O "conhecimento silencioso" é uma das premissas dos sábios toltecas. Trata-se de um estado perceptivo que emprega recursos outros que os dos sentidos habituais do homem. Nele a consciência se restringe à sua essência, e nisto toca uma fonte misteriosa quem, ainda que o homem habitualmente associe aos recursos sensoriais, na verdade os transcende, identificando-se antes com fontes cósmicas.

Diz Don Juan: "O que funciona durante o silencio interno é outra faculdade que possui o homem, uma faculdade que faz dele um ser mágico (...)". (Castañeda, *El Lado Activo del Infinito*, pg. 135)

O silencio é o ambiente em que floresce a verdade, o campo potencial de todas as criações. É nele que o homem comunga mais profundamente com o Mistério.

O diálogo interior é a forma pela qual o ser humano mantém intocado o seu mundo cotidiano. Com a detenção do diálogo interior, novas possibilidades se abrem.

Com a mente pensante o homem conhece no tempo, mediante recursos mentais como a lógica. Com a mente silenciosa o homem *sabe* porque comunga com a verdade.

Os xamãs toltecas afirmam que temos na verdade *duas mentes*, sendo que uma delas não é nossa, tratando-se antes de uma espécie de instalação alienígena.

O silencio interior tem a capacidade de expulsar esta força estranha de nossas mentes que nos prende a um sistema de linguagem e a uma definida descrição de mundo (cf. Castañeda, *op. cit.*, pgs. 135 e 217). E uma das formas mais eficazes de obter o silêncio interior é através da Palavra sagrada, até que o nirvana ou a iluminação se estabeleça aquietando as "miríades de vozes"

Os toltecas conheciam esta forma de conhecimento "automático", espontâneo e imediato que dispensava linhas de raciocínio, informações prévias e lógica formal. É considerado pelos videntes como "um passo gigantesco na evolução" (Castañeda, *Passes Mágicos*, pg. 137).

Esta forma de percepção dos fatos também tem sido muitas vezes chamada de *intuição* e, no ensinamento da Agni Yoga, de *conhecimento direto*.

Este conhecimento é até certo ponto uma capacidade natural do ser humano, e torna-se acessível num estado de consciência profundo denominado como *silêncio interior*. Tal estado de consciência pode ser obtido através de uma disciplina rígida, pois requer a estabilização das ondas mentais e dos fluxos emotivos inconscientes. Depende do afluxo da consciência do Eu ao chamado *tempo mítico* e ao contato com os arquétipos.

É, definitivamente, um produto da vontade educada:

"O *conhecimento silencioso* não é senão o contato direto com o *intento*" (citado em *La Rueda del Tiempo*, Castañeda, pg. 293)

O silêncio interior é obtido pelo fortalecimento do "corpo esquerdo", e isto pode ser feito pelo concurso de várias técnicas. O método fundamental são os passes mágicos, que reativam e equilibram as energias.

Quando a mente chega a um estado de silêncio interior, mundos inteiros podem ser descortinados. O ininterrupto diálogo interno, através do qual alimentamos constantemente as energias que regem o nosso mundo, é a única coisa que mantém estável a forma e a essência do objeto de nossa percepção. Emprestando nossa volição ao fluxo mental automático que alimentamos, apoiado pelo meio, mantemos o mundo como ele é, ignorando todas as outras possibilidades que existem. Como homens, somos quais seres presenteados com todo um palácio para viver, mas nos limitamos a permanecer numa única sala ou quarto. Segundo os videntes, perceber é acima de tudo o ato de *interpretar dados sensoriais*, um processo que inicia no berço e que geralmente se estende até a morte, a menos que alguma coisa interrompa este fluxo.

Como é possível este conhecimento-direto? Ele deriva da existencia de uma grande Mente Universal à qual o homem pode se integrar através do silencio interior. Quando cessam os movimentos individuais, o que resta é o grande pano-de-fundo da Mente Universal, que pode ser também chamado de a *Águia*, ou o mundo dos arquétipos. Em uma de suas obras, a escritora intuitiva Clarice Lispector diz: "sei, porque existe". Todos nós temos em algum momento a experiência da "mente clara", e o alinhamento com a Mente Universal é apenas o paroxismo deste processo. Naturalmente, manter este estado de consciência é algo que depende de várias medidas. Além de um fortalecimento da mente e do pensamento, sempre será importante a auto-disciplina, o ritmo de vida e viver num ambiente minimamente estável e tranquilo. São preços a pagar pela nossa melhoria como "espécie" e para a aquisição de nossos verdadeiros potenciais, enfim, para que possamos existir de fato e para que nossas vidas sejam mais do que "parte do processo comum".

O acesso à Mente Universal é uma conquista racial árya, e os experimentos dos videntes são prenúncios daquilo que se dará com maior espontaneidade agora que a intuição será o plano de consciência da nova humanidade. A nova raça terá suas mentes polarizadas no quarto plano, chamado intuitivo. Naturalmente, muito mais fará a nova hierarquia através de sua consciência cósmica.

Capítulo 8

O Ponto de Projeção

O "ponto de projeção" é um foco de energia ativa que o iniciado desperta e mantém sob a ação do intento ativo. Depende pois do alinhamento de consciência e da impecabilidade dos atos. Podemos dizer que sua presença depende da pureza do guerreiro, na medida em que entende-se pureza como sinônimo de *intensidade*. Todo o trabalho com energia está baseado na intensidade, associada à intenção ou ao intento. Chamamos "ponto de projeção" porque se trata de um centro de energia irradiante, capaz de ser manipulado e não obstante fixo na aura humana.

Existem estreitas relações entre o ponto de aglutinação e o ponto de projeção. Para exemplificar, Castañeda transmite a idéia de que o ponto de aglutinação perde e fixidez e se torna móvel ou fluído com o avanço do treinamento do guerreiro. É o que denomina de "movimentos" do ponto de aglutinação.

Nos ensinamentos do Tibetano, lê-se que depois da iniciação solar o iniciado já não necessita de centros fixos para trabalhar a energia, passando a atuar através do ponto de projeção. Observemos por exemplo a seguinte passagem:

"(..) grande parte dos Mestres não atuam por meio de um mecanismo físico ou etérico, senão que utilizam o que se poderia denominar 'ponto de projeção' dentro do ashrama, ponto de sêtupe contato, disponível em todo o momento para os iniciados que tem recebido a terceira iniciação. Porconsequinte atuam deste este lugar elevado dentro da Hierarquia, prescindindo do centro ajna ou de qualquer outro centro dentro do corpo etérico (Alice A. Bailey, *El Discipulado en la Nueva Era*, pg. 327)

A consciência pode ser focalizada em qualquer parte, pois já não se trata de um trabalho de "qualificação" energética, mas de "afirmação" de energias.

Segundo Castañeda, o ponto de aglutinação pode ir inclusive para além dos limites das faixas do casulo luminoso humano. A frase seguinte é reveladora:

"O ponto de aglutinação é como um magneto luminoso que escolhe emanções e as agrupa sempre que se move dentro dos limites da faixa de emanções do homem." (*O Fogo Interior*, Cap. 7)

O caráter de "magneto luminoso" demonstra a natureza ígnea ou energética deste ponto. Assim, apesar de a expressão "ponto de aglutinação" sugerir algo negativo ou receptivo, este centro é também de natureza luminescente e pode ser equiparado ao ponto de projeção.

O texto também sugere que o ponto de aglutinação é capaz de mobilizar-se ao longo das faixas de emanções e mesmo ir além. Ele pode ser dirigido para outras pessoas ou outros planetas, ou para qualquer coisa que se deseje conhecer ou associar, buscando penetrar na "nuvem das coisas conhecíveis" onde se encontram as informações e as energias disponíveis ao homem.

O ponto de projeção pode ser usado de muitas formas. Ele é como o centro de um arco-íris (ou um "ponto de sétuple contato" no dizer do Tibetano), uma essência consciencial focalizada, um olho interno de poder e de comando ou mesmo uma "espada de fogo". Este foco de energia serve pois para todas as atividades dos centros, como a saúde, a harmonia, o conhecimento, a iniciação, o deleite, o poder verbal, a visão e a unidade cósmica. É capaz de percorrer todas as emanções do casulo luminoso ou da aura humana e ir além. Quando Castañeda afirma que o intento é a chave dos trabalhos de magia dos videntes, está equiparando o intento aos pontos de aglutinação e de projeção.

É através deste que se ativam os contatos entre mentes que as pessoas chamam "telepatia". Age como um instrumento que atua especialmente desde o plexo solar, é o foco de vontade e uma essência derivada do *intento* concentrado; é como uma ferramenta pessoal para manusear outras energias, uma espécie de *mão* oculta que o iniciado dispõe para mobilizar as energias. É capaz de *acionar* movimentos energéticos e de perscrutar campos vibratórios. Neste aspecto, aproxima-se também daquilo que a Agni Ioga denomina como o "ímã cósmico", associado à *aspiração* espiritual. De fato, o ponto de projeção pertence essencialmente ao *domínio da vontade ativa* ou do intento. Neste sentido, o ponto de aglutinação e o ponto de projeção são como as nossas duas mãos espirituais, uma passiva e receptora e a outra ativa e transmissora.

O ponto de projeção é alcançado e mantido pelo alinhamento de certas faixas energéticas do ser humano, e qualquer iniciado pode perder este foco de sua consciência e de sua atividade oculta caso descure da impecabilidade. Sua atividade depende da ética e da disciplina. É ele que faz a grande diferença na vida do iniciado porque lhe dá poder.

Pode-se observar que o ponto de projeção sempre age juntamente com a consciência e tende a atuar ali onde ela se focaliza. No geral ele segue a intenção e a atenção. Para o corpo físico, o sono é um reflexo da inconsciência. Deste modo, durante o sono o ponto de projeção tampouco atua ativamente no plano material.

Por outro lado, ele atua de forma automática caso a impecabilidade se faça presente, como uma verdadeira confirmação de alinhamento interior. Isto significa que o ponto de projeção não requer ser dirigido conscientemente a fim de trazer benefícios (cabe observar a pré-existência das "facetas do real", à qual podemos ter acesso direto através de estados de consciências correspondentes). Ele pode dirigir a energia para onde ela seja necessária, sob a ação do "vidente interno", do qual ele é realmente o foco de consciência e de oculta atividade. Neste sentido, ele corresponde ao "Anjo Solar", o Eu Superior ou ao *Ishwara* ("Senhor") interno; radicado no Lótus Egóico.

O ponto de projeção se acha misteriosamente associado ao poder da *palavra*. O treinamento da emissão esotérica do som é um dos elementos que possibilita o alinhamento que resulta na confecção ou na ativação deste instrumento oculto. Corresponde também à "pedra de toque" dos alquimistas.

Da mesma forma, se encontra vinculado à visão interior, e podemos dizer que se manifesta como *clarividência* após a terceira iniciação, que é quando ponto de projeção se acha consolidado. A posse do ponto de projeção abre as portas para o verdadeiro caminho iniciático ou da magia espiritual. Segundo o Tibetano, a iniciação real tem início no terceiro grau.

Na sexta iniciação a *visão* é adquirida por completo e a liberação total se faz possível. O iniciado deste grau, chamado *Chohan* ou *Ishwara*, apresenta uma completa liberdade cósmica e superado o carma deste sistema solar.

O 6º chakra, chamado *Ajna* (palavra que significa "comando" em sânscrito), está relacionado ao ponto de projeção e faz a ponte entre este ciclo completo que vai da 3ª à 6ª iniciação, razão pela qual termina por reger toda a esfera da Alma. Certas escolas de meditação, especialmente as orientais como a dos *Brahma Kumaris*, ensinam que o homem é uma Alma e que esta Alma se apresenta como uma pequena chama vermelha com raios dourados situada entre os olhos.

Segundo o Tibetano, este chakra atua como uma síntese da Personalidade, um instrumento para manipular de forma sintética as energias do alinhamento da Personalidade. Trata-se portanto de uma *quintessência*. Este chakra apresenta duas grandes pétalas que expressam a sua essência dual, simbolizada pelas duas asas do caduceu ou do globo alado. É ele pois o *Grande Polarizador*, que remete as energias em suas direções contrárias, não tanto no sentido de ativar energias, mas de dirigí-las para onde se faz necessário.

Nesta altura, devemos observar que o Sexto Plano é denominado *monádico*; ou seja, é onde se radica a Mônada ou a partícula divina no ser humano. Mencionamos acima o trabalho ocultista que "resulta na confecção ou na ativação deste instrumento oculto". Ora, a realidade monádica também é uma questão de alinhamento. Mas esta palavra não deve ser entendida apenas de forma "psicológica" e ética, mas também em sentido técnico no sentido de que a Mônada deve ser construída dentro de cada ser humano através da iniciação.

No entanto, em termos de localização o ponto de projeção pode não estar situado exatamente no cérebro. Apesar da mobilidade de que estes pontos energéticos estão sujeitos, eles também apresentam uma localização básica e que é como o seu "trono natural". Neste sentido, existe uma diferença sutil entre os posicionamentos do ponto de aglutinação e o do ponto de projeção. Enquanto o primeiro está situado "à altura dos omoplatos, à um braço de distância para *trás* do corpo", o segundo localiza-se à mesma altura ou na do coração, e à mesma distância porém à *frente* do corpo.

Ocorre que a Mônada também está localizada no interior do Corpo Causal, o qual por sua vez associa-se ao quarto plano, o búdico, relacionado ao quarto centro ou *chakra*, que é o do coração, centro do corpo e sua posição de equilíbrio maior, e portanto desde onde a ação da energia é mais generalizada. A expressão "trono natural" empregada acima, diz respeito a esta posição central e geral, porque como diz o Tibetano, este ponto não se encontra em princípio limitado a nenhuma região física ou etérica. O Corpo Causal representa uma síntese energética que envolve toda a estrutura vibratória da Alma, podendo ser equiparado ao símbolo da *Árvore Sefirótica* da Cabala. As três tríades existentes no esquema cabalístico, encimadas pela tríplice AIN, corresponde à imagem do lótus egóico apresentado por Bailey em seu *Tratado sobre Fogo Cósmico*, composto por três pétalas de conhecimento, três pétalas de amor e três pétalas de sacrifício, intercaladas entre si, e à medida em que se abrem revelam no centro uma jóia de três facetas que é a Mônada. O famoso mantra tibetano *Om Mani Padme Hum* significa aproximadamente "Salve a Sagrada Jóia no Lótus".

No mesmo sentido, a formação do ponto de projeção ocorre através de um tríptico processo descrito nos termos da Filosofia Esotérica de Bailey como *Penetração*, *Precipitação* e *Polarização* (cf. *Discipulado na Nova Era*), envolvendo mais resumidamente a constituição das duas etapas do *antahkarana* (cf. *Os Raios e as Iniciações*), para ao cabo de tudo passar pelo processo esotericamente referido como "atravessar a terra ardente" (cf. *Espelismo – Um Problema Mundial*) ou o mistério da "luz que avança". Esta última etapa corresponde ao que os toltecas descrevem como "atravessar o olho da águia". A travessia completa deste umbral revela um mundo de "fogo puro" e a consciência passa a existir sob o divino "fogo devorador".

Toda esta equidistância e simetria sugere uma correspondência e uma complementaridade entre o ponto de aglutinação e o ponto de projeção. Apesar de o ponto de aglutinação apresentar também uma natureza luminosa, seu caráter aglutinador faz dele uma espécie de "buraco negro", ou o lugar onde se concentram as energias para dar lugar a um ciclo ou um organismo, ao passo que o ponto de projeção seria uma forma de "buraco branco" onde a consciência se libera projetando-se para novas formas de existência. Deve ficar claro que o ponto de projeção é um instrumento disponível para os iniciados dos graus solares em diante (ou seja, a partir do 3º grau), ainda que em todo o movimento de alinhamento, ético ou energético, ele se fortaleça e insinue, dada a sua existência arquetípica ou divina.

A Mônada é aquela "unidade isolada" de que fala o Tibetano., uma entidade independente ou com existência autônoma. É preciso ver que o ser humano não realmente é um ser independente, a não ser no seu ilusório sentimento de separatividade. Sua existência física se deve aos fenômenos naturais e sociais, e sua consciência deriva nos seus aspectos pessoais dos condicionamentos culturais, e em sua natureza superior da energia emanada do Ashram racial.

Apenas quando as energias são reunidas novamente na Fonte monádica é que ele se torna uma unidade autônoma que tem a vida em si próprio, como Jesus Cristo disse do Pai. A Mônada é este "Pai" para cada indivíduo, a expressão pessoal de Shambala em cada ser humano.

Um primeiro reflexo desta unidade monádica corresponde à chamada *unidade mental*. O plano mental é responsável pela unidade dos Três Mundos inferiores que representam propriamente a Criação. O plano mental é um reflexo direto da Mônada em sua expressão mais baixa. E é neste nível de iniciação que o buscador realiza o alinhamento da Personalidade.

A unidade mental não é portanto um chakra, mas um fator de alinhamento similar à própria Mônada em seu nível, um ponto para a *triangularização* básica das energias.

Se existem 600 centros onde o ponto de aglutinação é capaz de ser deslocado, os yogues também afirmam existirem centenas de chakras na aura humana. Os chakras são pontos focais de energias nos planos. Conforme o ensinamento teosófico, suas bases são os chamados *átomos permanentes* emanados pela Mônada, focos energéticos que constituem o sub-plano mais alto de cada plano e a sua essência primeira. Estão para a Mônada como os planetas do sistema solar estão para o Sol.

O ponto de projeção da energia é um foco de energia dinâmico sujeito a diferentes estados e níveis de expressão. Ele representa na verdade o próprio estado ou nível da energia pessoal, e corresponde ao estágio em que se encontra a energia do *intento* no indivíduo. Por isto sua condição reflete os quatro tipos de fogos cósmicos (tratados no Volume I desta série): fogo frictivo, fogo magnético, fogo elétrico e fogo plasmático.

a. Transmutação, Sublimação e Transferência de Energias

Assim como os toltecas afirmam que o ponto de aglutinação está sujeito a "deslocamentos" e a "movimentos", a Filosofia Esotérica ensina que as energias estão sujeitas a diferentes formas de transformações. Segundo Alice A. Bailey em *A Cura Esotérica*, os intercâmbios e transformações energéticas dão-se de formas distintas e sucessivas, devendo-se distinguir nisto três conceitos básicos: *transmutação*, *sublimação* e *transferência* de energias.

1. *Transmutação*. A Transmutação corresponde à elevação das energias de um nível mais baixo a um nível mais alto, permanecendo sempre na mesma esfera geral de energia. Corresponde assim à purificação de um corpo ou plano pessoal. Este processo se limita compre-

ensivelmente à esfera dos Três Mundos humanos, ou dentro da tríade inferior que constitui o plano da Personalidade.

1. *Sublimação*. A Sublimação é não apenas uma elevação de vibração, mas também uma mudança real de estado ou plano, alcançada através de uma fervorosa aspiração. Exemplo: a passagem da consciência-ativa desde o Plano Físico para o Plano Emocional, ou deste para o Plano Mental, e assim sucessivamente. A Sublimação vem através de maturações interiores e para isto é necessária a ação da Alma.

3. *Transferência*. Por sua vez, a transferência de energias representa a passagem de uma esfera para outra análoga, razão pela qual também se a denomina *(re)polarização*. Por exemplo, a passagem do centro emocional básico para o centro emocional superior. A natureza deste processo se dá portanto segundo as afinidades (polarização) e desenvolvimentos (refração ou síntese) entre os centros. As relações polares são definidas nestes termos por Bailey (a ordem podendo variar segundo a natureza dos raios maiores que regem o indivíduo):

1. Base da Coluna => Centro Coronário (Cabeça)
2. Centro Sacral => Centro Laríngeo (Garganta)
3. Plexo Solar => Centro Cardíaco (Coração)

Neste quadro, observamos um total de seis centros envolvidos e em perfeita simetria. O diafragma serve de símbolo fronteiro entre os grupos ternários. A transferência de energia desde os centros densos para os sutis se baseiam, pois, da ativação de Chaves energéticas definidas e que resultam nas seguintes transformações:

- a. No primeiro caso, a vontade pessoal é transformada em vontade espiritual. A Chave para isto é: VONTADE.
- b. No segundo caso, a transmutação da procriação física em atividade criadora de natureza não-física. Chave: INTELIGÊNCIA
- c. No terceiro caso, a transferência do desejo pessoal em serviço impessoal. Chave: AMOR.

Este processo denota pois uma transferência completa da tríade inferior para a tríade superior, de modo que, iniciaticamente falando, culmina na condição de *Chohan*. Nele, o centro das sobranças ocupa o papel de intermediário, assim como uma função diretora.

A ação é a força que preside a transmutação de energias.

O desejo é a força que preside a sublimação de energias.

O intento é a força que preside as transferências de energias.

O leitor observará que as transferências, particularmente, apresentam certas conexões com os movimentos *Chiltan*. No ocultismo tolteca, os deslocamentos do ponto de aglutinação atuam em áreas mais ou menos previsíveis de consciência, enquanto que os movimentos do ponto de aglutinação se dirigem ao desconhecido (cf. *A Arte de Sonhar*, pgs. 96-7). Neste aspecto, os deslocamentos seriam como a transmutação de energias, enquanto que os movimentos seriam como a transferência de energias.

b. As "Asas do Intento"

O intento é aquilo que nos permite seguir adiante quando a razão nos diz que é impossível prosseguir, dando como consequência o alargamento de nossa faixa de possibilidades.

Os movimentos do intento representam atos de vontade pura, e significam colocar a nossa consciência em zonas avançadas de energias. Por decorrência, podemos dizer que abrem as "asas da percepção", dando acesso a novos universos polarizados.

O intento é a força que desdobra o arco das possibilidades, trazendo à luz os potenciais ocultos. E deste modo, os movimentos do intento abrem também novas zonas de percepção.

O desenvolvimento da vontade é visto pelos toltecas como a chave mais importante do trabalho da magia. Tal pragmatismo não dá margem à duebiedades e faz dos toltecas guerreiros-viajantes que acumulam grandes e extensas experiências místicas e ocultas. A verdadeira iniciação tem início naquele grau associado ao centro da vontade pura, que é o terceiro centro.

Neste estágio insinua-se também o alinhamento da tríade da Personalidade. Antes disso, o guerreiro se depara com o mais árduo de seus adversários, que é o poder. Caso vença este inimigo interior e avance, ele conhece a verdadeira liberdade esotérica através das chamadas "asas do intento".

As duas asas do caduceu representam as duas grandes pétalas do centro Ajna, o 3º olho. Ajna significa "comando" em sânscrito, e sua atividade corresponde ao exercício do intento ou da vontade. Os toltecas denominam esta atividade-de-síntese como "as asas do intento". As duas grandes pétalas deste centro indicam que os Chohans estão capacitados a dominar as dualidades. Castañeda, por exemplo, recebeu de um antigo feiticeiro o poder especial de "ir para frente e para trás no tempo através das asas do intento". Neste caso, a dimensão envolvida é a da *temporalidade*.

Capítulo 9

O Regulamento dos Grupos-Condor

Na linguagem da *Hierarquia dos Pássaros*, o Condor simboliza a hierarquia histórica do Novo Ashram solar, associada ao grau de *Chohan* (6ª Iniciação), os *videntes do futuro* que dirigem diretamente os passos da Nova Humanidade e da Nova Raça-Raiz.

Este grau já representa um estágio espiritual transcendente a tudo, no qual a hierarquia se volta para além deste planeta e até deste sistema solar. Pois ele libera o Mestre do carma hierárquico e habilita aos postos cósmicos associados a Shambala.

O cosmos é o destino final da evolução, e os Grupos-Condor são formações hierárquicas com destinos cósmicos. Por isto não se deve esperar que os Novos Apóstolos se detenham muito sobre as questões terrenas. Eles apontarão todas as soluções através do *prisma da consciência cósmica*.

Isto é, em certa medida, aquilo que faziam os Novos Videntes em seu aparente desinteresse pelas questões humanas. Naturalmente os Mestres cósmicos tratarão de mostrar que é chegada a Era da Totalidade e que o homem deve tratar de evocar todas as suas dimensões, resumidas como corpo, alma e espírito. Mas certamente também tratarão de organizar o mundo para que certos povos vivam civilização superior e alguns grupos possam regularmente serem liberados do planeta (tempo) e até do sistema (espaço). Para isto eles contam com os restantes cargos da Sinarquia de Adeptos, que atuam como seus assistentes. Os Asekhas, especialmente, sempre tiveram esta função civilizatória, agora matizada pela visão cósmica dos Chohans. E os Arhats darão sua assistência magnética aos grupos humanos reunidos em torno dos grandes propósitos evolutivos.

a. Iniciação Cósmica

Os mundos transaturninos são o campo de aperfeiçoamento dos *Chohans*, tendo em vista seus passos futuros de liberação sistêmica, para se dirigirem aos Logoi Cósmicos que lhes estão destinados.

Por isto as viagens intersistêmicas são comumente compostas por Comandos-Condores e encabeçadas por um Logos. Associar-se ao trabalho de um Logos significa servir a um Buda até que este seja liberado por seu sucessor.

Entre os Grupos-Condor ou *Chohans*, e os Grupos-Fênix ou *Arhats*, existem os Grupos-Águia ou *Asekhas*, o do *Mestres do Conhecimento*, que representam formações hierárquicas com tarefas civilizatórias. Este foi o plano de trabalhos desenvolvido pela raça árya e sua atividade liberadora prossegue no plano racial, da mesma forma como o trabalho atlante continua no plano da humanidade. Mas os verdadeiros Adeptos, que trazem as manifestações do sagrado e a Lei Viva, são os *Mestres da Liberdade Total*, os Chohans, e suas tarefas são unicamente planetárias ou cósmicas. Isto é, o mundo é visto como uma unidade cósmica.

Como se sabe, a Fênix, a Águia e o Condor são animais solitários. Mas em Marte as Fênix aprenderam a reunir-se em grupos, e em Júpiter também as Águias passaram a andar em bandos. Seguem como aves solitárias apenas os Condores, que raramente reúnem-se em grupos. Isto só acontece em ocasiões excepcionais e sempre muito importantes para o planeta, razão pela qual estão registradas nos mitos e anunciadas pelas profecias.

b. O Novo Regulamento

Percebe-se pelo antigo Regulamento do Nagual que, se a estrutura básica destes grupos estava baseada nos trabalhos raciais atlantes através da fórmula binária (2x2), o seu desenvolvimento já aponta para um plano quadrangular (4x4), associado à futura Raça-Raiz pan-americana. Este é portanto mais um aspecto das *profecias* realizadas pelos toltecas.

Por outro lado, existia uma defasagem perceptível em termos de poderes e guias para um grupo maior. Por isto o treinamento dos guerreiros exigia não apenas um Mestre e um Benfeitor (representados por Don Juan e Don Genaro para Castañeda), mas também o aparecimento de outros personagens do grupo-mestre, como foi La Catalina e Silvio Manuel, além de outros de menor importância.

O antigo Regulamento do Nagual foi válido desde a hierarquia atlante, passando pela árya, e permanece válido hoje sobretudo para a nova raça-raiz ou seja: a nível de *humanidade*. É um Regulamento *solar* e centralizador no sentido *circular*, sendo capaz de conduzir além das esferas temporais. Mas deve ser completado agora pelo Novo Regulamento, de ordem *polar* ou ascendente, dando lugar à imagem do Templo, da Montanha ou da Pirâmide. Vejamos então as seguintes diretrizes hierárquicas:

Ciclo Atlante (4° grau) *espaço* (direções) ... circunferência

Ciclo Áryo (5° grau) *tempo* (calendário) .. centro

Ciclo Americano (6° grau) *templo* (pirâmide) ... alto

Para a nova hierarquia é preciso elaborar uma superestrutura, porque seus cânones são ainda mais elevados. O Novo Regulamento é, além de centralizador, ascensional e irradiante, apresentando certa mobilidade interna e capacidade de penetrar todo o universo espacial (a energia do Chohan é *globalizante*). Por isto seu nome é também o *Selo da Libertação*, simbolizado pela Estrela de Salomão.

Este regulamento está especialmente voltado para o nagual de Sexta Atenção, o qual possui a grande tarefa de administrar o dharma cósmico do novo buda-cristo, Maitreya/Quetzalcóatl. De acordo com as suas premissas, este é um *dharma de totalidade*, estruturado sobre o anterior *dharma de vazio* de Gautama. Restaura por isto certos cânones universais áureos e também coloca novas propostas de ação, assim como um novo *estilo* de focalizar as coisas.

O Novo Regulamento também apresenta aspectos *quaternários* de base, pois não apenas deriva do Quarto Ashram espiritual emanado de Shambala, como também vem coroar a Quarta Ronda planetária. Por isto um de seus símbolos é o quarto Rei-Mago, associado ao próprio Cristo que recebe as dádivas dos três anteriores, relacionados aos três ashrams espirituais anteriores, reunindo e concretizando o teor das profecias das três Raças sagradas precedentes.

Daí que o Novo Regulamento se estrutura a partir de tripla fonte: nas instruções dadas pela Hierarquia de Luz a partir do setor transimalayo da Loja Branca (através de guerreiras-videntes ou "pitonisas" como Helena P. Blavatsky, Helena Roerich e Alice A. Bailey); completado pela assistência do setor atlante atual (distribuído entre a China e o México); e ainda as novas energias do setor americano, sediados na América do Norte e na América do Sul (tendo como centros principais os Estados Unidos e o Brasil).

Nele a Águia divide o seu poder cósmico com os Condores, seus representantes diretos na Terra, que recebem vários nomes segundo as tradições: *rishis*, arcontes, *chohans*, profetas, etc. Estes seres sempre foram apresentados em número de sete, que é o número da *perfeição*.

Assim reza o *Regulamento de Libertação* em suas sete sentenças básicas:

1. Quando o grito da Águia foi ouvido por toda a Terra, os mensageiros-Condores passaram a voar pelos continentes para sinalizar a unidade do mundo sob o comando da Águia.

2. Quando os Condores voam em formação, toda a Terra se detém para observá-los. Seu vôo magestoso evoca as alturas e a Terra sabe que é chegada a sua grande hora. Os Mensageiros permaneceram para as nações como estrelas-guias no rumo da integridade. Sabem que vieram da Águia, a ele retornam e nela permanecem.

3. O Nagual Cósmico é um Comando-Condor de Sexta Atenção. A Águia deu aos Condores a ordem de buscar a libertação cósmica, levando consigo setores do planeta e seus habitantes. Na Nave de Libertação –a *Arkadia*–, entraram os grupos em pares, segundo eram chamados por seus *nomes cósmicos*.

4. A Águia deu a conhecer os *nomes* pelos quais ela seria revelada em sua manifestação quando pousasse na Terra para renovar o mundo, e também os seus Representantes diretos, os Naguais cósmicos. Estes nomes foram registrados nos mitos e nas profecias. Chama-se *Quetzalcóatl*, a Serpente Emplumada. E o segundo nome é *Ocelotl*, o Jaguar.

5. Os videntes cósmicos são expressões de emanações da Águia de sete espécies, e suas energias são duplas, voltadas para o *tonal* e para o *nagual*. São elas: poder-vontade, amor-sabedoria, atividade-inteligência, arte-beleza, idealismo-devoção, concretização-ciência e organização-ritual. A eles se apresentam também sete vias de destinação *cósmica*, expressões das essências de raios que regem sua natureza.

6. O grupo cósmico básico é de 6 videntes, o grupo perfeito é de 12 membros e o grupo completo é de 24 elementos. Os grupos de seis videntes formam uma unidade funcional em torno do Nagual, e seus membros apenas se reúnem nos conclaves periódicos. Os grupos podem ser ampliados em múltiplos de seis.

7. Os grupos cósmicos centralizam grupos telúricos e podem evoluir a partir destes. Cada ponta do Selo da Libertação está pontificada por uma Estrela de Liberação. Os Mestres do Conhecimento são intermediários entre ambos.

Analisemos pois as sentenças do Novo Regulamento.

1. Quando o grito da Águia foi ouvido por toda a Terra, os mensageiros-Condorez passaram a voar pelos continentes para sinalizar a unidade do mundo sob o comando da Águia.

Depois que a raça árya, regida pela Águia cósmica, se expandiu por toda a Terra levando suas religiões hierárquicas, aqueles que deveriam acompanhar os passos da Águia começaram a aparecer uns após outros nos Continentes, demarcando a evolução da luz. Seus ciclos eram de 400, 500 e 700 anos.

Estes mensageiros eram representantes diretos do poder Central ou Shambala, que é o Trono da Águia.

Na mitologia grega, a Águia está associada a Júpiter, o senhor das Doze Casas, que como Zeus e Thor é também o senhor do raio divino. Os raios são emanções do Olho todo-poderoso da Águia, presente nas origens da civilização terrestre, associada a Leo.

A segunda metade da época árya conheceu aquilo que os historiadores modernos intitulam "religiões universais" (Budismo, Cristianismo, Islâmismo), em contraposição às "religiões raciais" dos milênios anteriores. Estes analistas sobrevalorizam com isto o elemento *proselitista* do segundo ciclo. Na verdade as "religiões raciais" também tinham o seu componente universal, com a diferença de que atuavam com um sentido *entrópico* ou interno. Procuravam uma ordem formal porém superior.

Deste modo, o espírito solar áryo sempre atuou, de um modo ou de outro, desenvolvendo as etapas de construção racial através das sub-raças e do planeta inteiro.

Foi assim que chegamos aos nossos dias, quando se prepara uma grande convergência de culturas sob a luz universalista de um novo dharma cósmico.

2. Quando os Condorez voam em formação, toda a Terra se detém para observá-los. Seu vôo magestoso evoca as alturas e a Terra sabe que é chegada a sua grande hora. Os Mensageiros permaneceram para as nações como estrelas-guias no rumo da integridade. Sabem que vieram da Águia, a ele retornam e nela permanecem.

As chegadas das formações chohânicas ao nosso planeta estão bem registradas na história espiritual dos povos, com reflexos a nível sub-racial de início, e global com o tempo.

É um fato registrado que toda a Terra assiste à chegada dos Chohans, porque eles se distribuem através das nações, servindo de elos ou como degraus para a energia crística. Sua presença anuncia grandes mudanças e promete novos horizontes para a humanidade.

Da mesma forma como as nações são filhas destes mensageiros, elas seguem sob a sua jurisdição espiritual, renovada pelo poder da Águia, e pelas ações dos Condorez. Assim como as cores readquirem brilho pelo contato com sua fonte luminosa, e o arco-íris se reintegra e renova sob a luz do Sol, também as antigas religiões serão restauradas para servir como ambiente de evolução grupal tendo em vista o Plano cósmico de iniciação coletiva da nova Hierarquia (ver nossas obras *O Pacto do Arco-Íris* e *O Livro dos Chohans*). Daí que a Águia em sua manifestação atual (Quetzalóatl) esteja reformulando todos os antigos dharmas às luz de uma visão cósmica e universal.

3. O Nagual Cósmico é um Comando-Condor de Sexta Atenção. A Águia deu aos Condorez a ordem de buscar a libertação cósmica, levando consigo setores do planeta e seus habitantes. Na Nave de Libertação –a Arkadia–, entraram os grupos em pares, segundo eram chamados por seus nomes cósmicos.

Esta estrofe está baseada nas anteriores e trata das especificações dos Naguais cósmicos. Inicia afirmando a categoria *espiritual* do novo Nagual, para depois revelar sua natureza *astrológica* particular na estrofe seguinte. O Novo Regulamento faz questão de enfatizar este marco cósmico e racial baseado nas tradicionais profecias toltecas.

A Sexta Atenção é uma forma de consciência integral, é a própria perfeição da energia consciencial, porque expressa a totalidade da Alma cósmica, *Alaya*. O 6º grau integra e coroa a esfera da Hierarquia, que é o centro intermediário entre a Humanidade e Shambala. E é o centro responsável pelo segundo Aspecto divino, a energia do *Amor*, de certo modo a mais importante nesta evolução cósmica.

O mandato dos Condores é o de alcançar a libertação completa deste sistema solar. Os Chohans são Unidades cósmicas potenciais, prestes a adquirir a condição de Microcosmos e portanto a personificar a imagem do Altíssimo, como na frase hermética "assim como é em cima é em baixo". Representam a hierarquia mais próxima do Logos, na forma dos *Apóstolos* supremos.

Como suas energias-de-raio estão associadas a regiões do globo (como os *Arcontes* de Platão), a ascensão de um Chohan sempre exalta um setor planetário ou alguma sub-raça do mundo.

Pois bem; este grupo é a emanção direta da energia crística, logóica ou solar. Quando chega a hora de se manifestar, os Mensageiros se reúnem novamente em conclaves e entram na Arca do Tempo (ou do Sol), que é a *Arkadia*, ou *Arka-dyaeus*, que significa "deus sol" ou, mais simplesmente, "nave solar".

Os eleitos são então selecionados segundo suas natutezas espirituais, aos pares, como na analogia com a Arca de Noé ou do *Eón*. No fim do *Eón* é preciso reunir os seus raios solares, para então vir o Cristo trazer o novo raio *cósmico*.

Para isto, o Novo Regulamento inclui a tradicional consideração tolteca pelos nomes cósmicos, isto é, *nomes-astrológicos*, as energias pessoais formadas pela conjuntura cósmica, uma identidade envolvida como fator de potencialização de trabalhos e caminho de auto-realização (ver adiante). Isto significa que os relacionamentos humanos também voltam a ser incorporado numa dimensão mais ampla, sob a coordenação do Calendário solar.

Os Chohans são os *Arcontes* dos mitos gnósticos, ou os *Rishis* dos mitos hindús. São os tripulantes na nave de Noé. Mas, da mesma forma como estes seres elevados intermediam a energia divina na Terra como *homens universais*, necessitam dos *homens verdadeiros* e dos *homens perfeitos* para fazer esta energia chegar até a humanidade comum.

A hierarquia sempre necessitou da humanidade espiritual para *ancorar* as suas energias, como a arca buscando terra após o Dilúvio. Enquanto estes *enviados* eram os corvos (Genesis 8,7), símbolo do grau de principiante, não foi possível realizar este contato superior. Apenas quando voaram as pombas (Genesis 8,8), símbolo do discipulado verdadeiro (grau da humanidade atlante), é que o contato se fez possível. Por isto Shambala apenas se manifestou na Atlântida, através do Templo de IBEZ, embora já estivesse na Terra desde a Lemúria.

A Arca então pousou sobre o "Ararat", palavra que significa *Arhat*, a hierarquia dos iluminados (e o grau da hierarquia atlante). Sobre este marco espiritual se tornou possível estabelecer o pacto com Deus, simbolizado pelo arco-íris. Depois da raça Atlante e o seu dilúvio, a evolução passava a entrar no ritmo de ascensão. A partir dali era sabido que o Plano divino seria cumprido.

4. A Águia deu a conhecer os *nomes* pelos quais ela seria revelada em sua manifestação quando pousasse na Terra para renovar o mundo, e também os seus

Representantes diretos, os Naguais cósmicos. Estes nomes foram registrados nos mitos e nas profecias. Chama-se *Quetzalcóatl*, a Serpente Emplumada. E o segundo nome é *Ocelotl*, o Jaguar.

Esta parágrafo trata da tradicional questão do *nome astrológico*. Desde a época profética dos toltecas, o principal *nome* do Nagual, seja cósmico ou telúrico, é Quetzalcóatl, associado à Fênix e ao caduceu mercurial. Ao nível mitológico existe também um outro *nome* sagrado, associado ao grande felino, e neste nível o Regulamento incorpora diretamente o novo mito polar. A nova manifestação da Águia reúne tudo isto, pois ela se destina à síntese, da mesma forma como a Era do Espírito Santo completa o dharma judaico-cristão.

Os diversos nomes estão associados a distintas classes de astrologias, e também às possíveis *iniciações*. Cabe observar que o Grande Nagual cósmico é o próprio Avatar, e da mesma forma como acumula os três graus da Sinarquia, também reúne em si as três especificações astrológicas dos Naguais telúrico, perfeito e cósmico, sendo que as duas mais conhecidas correspondem a Quetzalcóatl e a Ocelote. O felino é um mito original, e existe um vínculo astrológico entre o grande felino e a Águia das origens, que associa a evolução solar à evolução polar em suas raízes comuns.

Também se pode evocar outros signos, especialmente o de Leão, pois o Avatar sempre surge no signo oposto de uma Era, tendo em vista o equilíbrio de energias e a necessidade de reconverter os padrões culturais para o hemisfério oposto (Norte-Sul ou vice-versa), de modo que seu signo termina sendo o da própria Era. A polaridade Leão-Aquário não deixa também de sugerir a de Jaguar-Águia.

Usando outra astrologia, temos o signo de Javali, um dois avatares de Vishnu. A união do Leão e do Javali resulta no animal mítico chamado *Vaikuntha*, nome do Paraíso de Vishnu ou de sua cidade sagrada de 12 portas. A Arka solar ou a Arcádia relaciona-se também à *Dwarka*, a cidade do Avatar solar Krishna, que também pode ser vista como tendo 12 facetas, assim como a *Mercabah* do demiurgo Metatron.

Estes recursos são portanto muito importantes para definir a Hierarquia, e nunca será demais considerar estes *sinais* no contexto tradicional, sobretudo quando reunidos desta forma a partir de várias culturas, tornando praticamente nula a possibilidade de equívoco. Pois, ainda que existam muitos indivíduos pertencentes a estes signos vistos de uma forma isolada, a união de vários deles tende a gerar um quadro indicativo de significado especial.

Vamos tratar melhor deste tema no Capítulo seguinte, dedicado ao Nagual (ver também nossa obra *Maitreya – A Luz do Novo Mundo*).

5. Os videntes cósmicos são expressões de emanções da Águia de sete espécies, e suas energias são duplas, voltadas para o *tonal* e para o *nagual*. São elas: poder-vontade, amor-sabedoria, atividade-inteligência, arte-beleza, idealismo-devoção, concretização-ciência e organização-ritual. A eles se apresentam também sete vias de destinação cósmica, expressões das essências de raios que regem sua natureza.

Este parágrafo trata das atribuições-de-raios dos videntes e ao destino superior desta hierarquia.

Como no arco-íris as sete cores derivam da luz branca, também os sete videntes cósmicos são emanções distintas da Águia. São como os sete atributos de Vishnu, cujo veículo cósmico é uma águia chamada *Garuda*.

Como representam unidades cósmicas, eles estão habilitados a transitar diretamente através de sistemas solares. Da mesma forma como os iniciados de hierarquias menores evoluem nos planos deste sistema solar, os Chohans evoluem através de sistemas inteiros, uma vez que culminaram um sistema completo, passando a trabalhar com *unidades cósmicas*, tal como os iniciados trabalham com sub-planos solares (também setenários). É esta perspectiva que eles têm diante dos olhos. Para isto eles coordenam várias astrologias, porque cada sistema a que se destinam esta regido por um padrão distinto de evolução. Nas páginas seguintes teremos a oportunidade de desenvolver este tema.

Estes sete naturezas possuem dois aspectos cada, uma feminina-material voltada para o *tonal*, e outra masculina-espiritual relacionada ao *nagual*. Aqui retomamos então o aspecto duplo que caracteriza este grupo e seus pares de energias. Exemplificando, no primeiro raio o vidente cósmico se expressa o seu tonal através da *política* ("poder") e o seu nagual mediante a *iniciação* ("vontade").

6. O grupo cósmico básico é de 6 videntes, o grupo perfeito é de 12 membros e o grupo completo é de 24 membros. Os grupos de seis videntes formam uma unidade funcional em torno do Nagual, e seus membros apenas se reúnem nos conclaves periódicos. Os grupos podem ser ampliados em múltiplos de seis.

Como informa Blavatsky, os *rishis* vêm em grupos de 7, 14 ou 21 componentes, cercando um divino Piloto. Mas estes grupos também podem ser vistos sobre a base 6, com 12, 18 ou 24 componentes. A unidade central –o Nagual, o Cristo– gera o 7°, 13°, 19° ou 25° elemento. Ao passo que a mulher-nagual integra o 26° elemento, originando o Número Divino.

Isto explicaria a identificação entre o vindouro 25^a Tashi Lama e o futuro Avatar, da mesma forma como houve 25 Naguais entre os novos videntes, encerando no numero da *estrutura do Novo Regulamento*. No Apocalipse temos amplas referências a tudo isto, especialmente o 7, o 13 e o 25.

Estes grupos são particularmente organizados em função dos *Raios*, visando constituir unidades funcionais com expressão ao nível da Alma Cósmica, personificando a expressão ideal do *fator-Vau*.

Como tem sido observado, os grupos são em múltiplos de 7. O grupo simples ou *básico* apresenta uma atividade *atualizadora*, porque possui uma missão relacionada ao presente. O grupo duplo ou *perfeito* tem uma função *referencial*, pois inclui um trabalho ora restaurador (passado), ora preparativo (futuro), dependendo das possibilidades e das oportunidades cósmicas. E o grupo quádruplo ou *completo* está relacionado às três dimensões e aos três tempos, conduzindo ao quarto, que é *atemporal*.

O primeiro grupo atua apenas como recurso de *consolidação*, e seus componentes trabalham ostensivamente. Os grupos complexos trabalham também com elementos de *formação* e de *transformação*. Seus componentes podem estar iniciando suas carreiras ou sendo liberados deste Sistema Solar.

Os Chohans representam a hierarquia mais próxima do Logos, aquela que o cerca diretamente. Por isto, comumente os grupos-condores são personificados nas hierofanias. Surgem em torno do Cristo no Capítulo 4 do Apocalipse, onde o grupo *simples* aparece na forma do arco-íris, e o grupo *completo* com os 24 anciões que cercam o Cristo. Também se encontra ali o mesmo grupo de quatro Querubins (seres elementais) de Ezequiel, agora representados com 6 asas cada ($4 \times 6 = 24$), cujo símbolo é o cubo que forma a Jerusalém Celeste, evocando ainda a nova correlação raça-hierarquia. Se Ezequiel apresenta uma estrutura de *transição* (4×4), João apresenta por sua vez uma estrutura de *conclusão* (4×6).

Por fim existem mitos como o da Jerusalém Celeste, abundante na menção ao novo número *perfeito* 12, onde a soma das 12 colunas e das 12 portas forma o grupo *completo* do Chohan, com seus 24 elementos.

Os grupos de 6 (ou 7) e 12 (ou 13) elementos são antigos e estão presentes em Israel e nos clássicos mayas. Vimos que "arka" significa *sol* em sânscrito, e *Arcádia* significa "nave solar".

Neste caso, as 12 colunas são como as estações psíquicas do Sol, ou seja, o Zodíaco. Podemos dizer que na Arca de Noé os *pares de animais* se relacionam a isto, havendo aqui uma insinuação sobre os grupos *completos* e seus padrões de organização no Novo Mundo. Daí a tradição tolteca dos nomes *nomes-astroológicos*, relacionado aos *Mistérios do Coração*, sempre caros aos atlantes. No Capítulo seguinte voltaremos à análise destas estruturas.

Este parágrafo também se refere aos ciclos de libertação sistêmica dos Comandos-Condor. Tal libertação traz sempre importantes consequências para a Terra, pois representa a liberação de um novo impulso sagrado.

Segundo os informes hierárquicos, existem três ciclos principais, relacionados ao número-base 49 (7x7), relacionado aos *Ciclos-Fênix*. O conclave-menor ocorre a cada 49 anos e libera um Chohan; o conclave-médio ocorre em 490 anos e libera 7 Chohans, e o conclave-maior se dá a cada 4.900 anos e libera 14 ou mais Mestres de forma unificada.

Os vãos individuais de libertação trazem impulsos locais, os de grupos intermediários têm efeitos de alteração de diretrizes regionais, e os grupos maiores acarretam em mudanças globais (ver mais sobre os Conclaves Chohânicos adiante).

7. Os grupos cósmicos centralizam grupos telúricos e podem evoluir a partir destes. Cada ponta do Selo da Libertação está pontificada por uma Estrela de Liberação. Os Mestres do Conhecimento são intermediários entre ambos.

O último parágrafo refere-se às formações *universais* que inclui os grupos-Fênix e os grupos-Águia. Aponta os vínculos existentes e até a base que os grupos-fênix podem representar na própria formação dos novos grupos, tendo os grupos-águia como intermediários.

Em termos gerais, a reunião destes grupos representa a unidade entre matéria e espírito, ou entre a natureza terrestre e a natureza cósmica.

O grupo cósmico completo comporta 24 elementos, que é um padrão mandálico a nível espiritual, da mesma forma como os 16 elementos do grupo completo do nagual-Arhat representa um padrão mandálico a nível elemental ou material. A união de ambas as esferas configura o Grupo Universal, com seus 40 elementos.

Esta estrutura está presente nas profecias cristãs e em outras. Ezequiel dispunha apenas os 16 elementos (4 querubins com 4 asas) em torno ao Logos, mas João trabalhou ostensivamente o padrão 24 em sua hierofania (Apocalipse 4), atribuindo 6 asas aos 4 querubins e ainda os dispondo em volta dos 24 anciãos, que cercam por sua vez o Cristo disposto sob um arco-íris.

Assim, de certo modo, o Antigo Testamento está relacionado aos antigos videntes, e o Novo Testamento aos Novos Videntes. Ao mesmo tempo, tais escrituras são proféticas e dizem respeito ao futuro ou ao final de coisas.

A forma cósmica mais importante neste quadro de integração é o *cubo*, um sólido regular com 6 face quadradas, 12 arestas e 24 vértices.

Estes valores são os mesmos do *Chakra Anahatha* (cardíaco) da yoga hindú, que é o quarto centro, possui doze pétalas e traz no centro uma estrela de Seis Pontas.

O octaedro também possui 24 vértices, relacionando a antiga à nova ordem. Obviamente o padrão-24 tem uma importância especial neste quadro, porque permite harmonizar o 4 e o 6, através de 4x6 e 8x3.

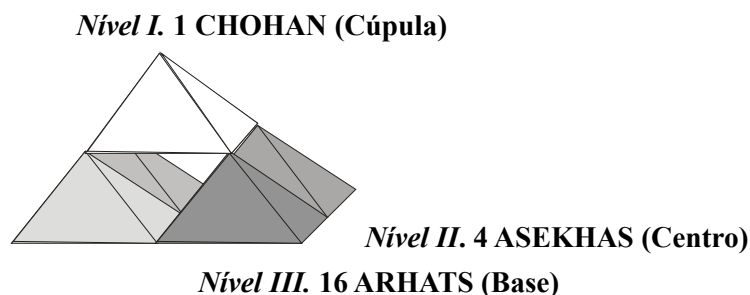
A importância disto é que possibilita o reajuste de padrões. Matematicamente, 6 grupos-Fênix formam 4 grupos-condor. Quatro membros do *Selo de Libertação* sempre se relacionam diretamente aos grupos da *Estrela de Libertação* através dos Mestres de Conhecimento. Teoricamente, membros dos grupos-fênix podem evoluir até a condição-condor.

A cultura árya colocou um elemento centralizador, solar ou mandálico no grupo de 16 unidades. E a cultura americana difundiu esta centralidade e gerou uma superior. Por isto uma imagem fiel do novo grupo do Nagual pode ser obtida da seguinte figura árya (hindu-budista):



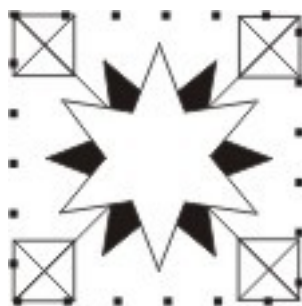
A suástica é um importante símbolo áryo, e é profundamente lamentável que o seu uso esteja quase proibida hoje em dia, pois dificilmente sua expressividade poderia ser substituída.

Esta grande estrutura também pode ser observada na forma da nova de organização hierárquica abaixo:



Esta é a forma da *Pirâmide Divina do Novo Mundo*, conforme analisamos na literatura da *Cúpula do Cristal*, e edificada no local apropriado do berço da nova Raça-Raiz. Trata-se da representação sintética deste ciclo cósmico, correspondendo à visão dos profetas Ezequiel, Enoch, Elias, Isaías e João, sendo o tema central dos videntes da *Mercabah*, a corrente mística-gnóstica que buscavam a visão do "carro celeste", também descrito nos clássicos cabalistas como o Bahir e o Zohar.

Assim, cada grupo de quatro Arhats (4° grau) será coordenado por um Asekha (5° grau), e o grupo de quatro Asekhas será por sua vez coordenado pelo Chohan (6° grau). Esta estrutura exige um mínimo de 21 elementos e permite um máximo de 24 (ou 25). A forma abaixo alude a isto:



Cada Mestre-Asekha *essencial* se especializará em alguma natureza do quaternário, e nisto poderão desenvolver um dos aspectos do Ensino do *Caminho Quádruple*, em suas ramas de atividades de guerreiro, curador, visionário e mestre. Cada caminho tem a sua energia e o seu universo. Como vimos, esta mesma estrutura pode ser aplicada ao grupo quaternário básico composto por guerreiro, sonhador, espreitador e mensageiro.

Os Asekhas excedentes serão agrupados em torno do Chohan, formando mais um nível e dispondo um *cubo* entre o Chohan e os Arhats, modificando um pouco o padrão da "nave cósmica" ou da "carruagem de fogo", que passa a ser evocativa do *obelisco*. Mas também podem corresponder à uma "anti-pirâmide" colocada sob a Pirâmide superior e com a qual integra um octaedro. Nisto ressurgem as afirmações de Don Juan Matus de que o mistério da pirâmide de Tula está na "elevação de suas pontas", sugerindo ainda um entrecruzamento como o do "Selo de Salomão".

Numa outra hipótese, servirá de intermediários para um grupo paralelo, totalizando ao fim 41 unidades, número também apropriado para o novo ciclo racial com sua natureza *quaternária*.

O pentagrama retorna como o "caminho do meio" universal. A figura também sugere uma procissão e uma "escolta". Aquilo que os guerreiros faziam pelo Nagual telúrico, os novos grupos farão pelo Nagual cósmico. Mostra ainda que, no grupo cósmico, quatro videntes se relacionam diretamente ao grupo telúrico, e dois de forma indireta.

O quarto Ashram requer a edificação de quatro pirâmides sagradas, tal como o terceiro ashram empreendeu grupos de três pirâmides em Gizeh e em Teotihuacan, e o segundo Ashram fez pares de pirâmides polarizadas e o primeiro Ashram pirâmides simples ou únicas.

É importante ressaltar que o grau da Nova Raça já esteve associado à Hierarquia através da primeira manifestação hierárquica terrena, na Atlântida (templo de Ibez). Isto determina certa identificação entre os dois centros e vincula a humanidade (ou parte dela) a organizações superiores. A Sinarquia histórica que deverá ser instaurada incluirá Mestres da categoria de Arhats. Assim, os elementos básicos da Pirâmide divina também estarão responsáveis pela nova Ordem mundial de Luz, agora que o centro da humanidade é exaltado aos graus sagrados.

Também se deve considerar o ciclo de 20 unidades do mês meso-americano, com suas 4 semanas de 5 dias, como um *padrão grupal de perfeição* adequado a este quadro.

Além disto, observa-se nos Códices que a Astrologia meso-americana já buscava harmonizar as energias contrárias, no caso, o pentagrama e o setenário, através do 20 (em 4x5 e 3x7-1) – vide o mandala do Códice Fejérvary-Meyer ou o *Huahom-Che* em maia –, e que representa um padrão que permanece universal na Nova Era, através de 8+12, não tanto em sentido astrológico, mas sob um padrão *alquímico*.

Muitos outros esquemas tradicionais suportam esta dupla estrutura. O mesmo conjunto está presente no Tarô, por exemplo através de seus dois grupos de cartas. Os Arcanos Menores são em número de 56, com 16 cartas de perfis humanos reunidos em 4 grupos de *Reis*, *Rainhas*, *Damas* e *Valetes*, além das 40 cartas (4x10) numeradas. É o baralho que as pessoas mundanas jogam e propriamente divinatório.

Os Arcanos Maiores são em número de 22 e são como a quintessência do anterior. É o baralho que os iniciados jogam pois sua natureza é espiritual. Neste também podemos identificar as 16 essências *humanas* dos Arcanos Menores, reunidas em dois grupos de 8 figuras masculinas e 8 figuras femininas. Restam 6 cartas "não-humanas", associadas aos raios divinos e às polaridades cósmicas contempladas pelo dharma de Maitreya:

a. Os Arcanos X (Roda da Fortuna) e XIII (Morte) referem-se ao **Tempo**:

Passado e Futuro. É o Fator-Causalidade.

b. Os Arcanos XV (Diabo) e XVI (Torre) referem-se ao **Espaço**:

Superior e Inferior. É o Fator-Hierarquia.

c. Os Arcanos XVIII (A Lua) e XIX (O Sol) referem-se ao **Gênero**:

Feminino e Masculino. É o Fator-Polaridade.

Estes elementos representam o campo especial de trabalho de todos os dharmas, reunindo a essência espiritual das três raças sagradas, agora reunidos no dharma de Totalidade do novo buda/cristo.

Os três espelhos ou polaridades remontam à natureza do Sexto Plano e evocam a Hunab Ku ou Oncecutli como "Senhor da Dualidade", conforme o TAO chinês.

Esta estrutura complexa também estava prevista na arquitetura tolteca tardia, de fundo profético, realizada nos últimos anos em Chichén Itzá, antes que a ordem pré-colombiano desse seu último suspiro, às vésperas da chegada do invasor interno e do conquistador externo.

Isto permite associar ambas as cidades sagradas-irmãs, Tula e Chichén-Itzá, aos antigos e aos novo videntes, respectivamente, corroborando o ideário tolteca revelado por Castañeda.

c. Símbolos Estelares

No ambiente dos videntes cósmicos, também são muito apreciados os símbolos estelares. Neste quadro se destaca uma importante constelação, Órion, que os pré-colombianos associavam a uma *aranha* ("Aranha" é um dos sobrenomes brasileiros de Carlos Castañeda, que mais tarde ele voltou a usar como um de seus "pseudônimos"). No Egito estava associada a Osíris, o senhor dos mortos, e também ao deus solar Hórus, sob a imagem de um "caçador" com sua lança voltada para Sothis ou Sirius, a "rainha dos céus" e grande Senhora da Ocidentalidade.

No outro lado está as Pleiades, um grupo de sete estrelas que a tradição afirma se complementar com o outro grupo sete estrelas da Ursa Maior, fonte dos Sete Raios cósmicos para o nosso sistema solar.

Composta igualmente por sete estrelas principais, Órion oferece uma forma muito afim aos estudos esotéricos, ao apresentar um grupo de quatro estrelas externas em forma quadrangular e outro de três estrelas internas alinhadas (as "Três Marias" ou os "Três Reis Magos"), e pode ser associada à estrutura atlante e à superestrutura americana, respectivamente, ou senão ao grupo básico do Nagual cósmico.

Por esta razão, tais centros estelares estão na perspectiva dos destinos dos videntes cósmicos, como veremos adiante.

d. Os Conclaves Cósmicos

As 48 Emanações da Águia estão associadas a ciclos, sendo que o número 49, visto como 7×7 , representa a *liberação* deste quadro.

Por isto os grupos-condor se reúnem periodicamente para proclamar conjuntamente as suas Resoluções Cósmicas, o que é realizado através de *emissões vibratórias* de conseqüências imediatas para toda a esfera sistêmica, através dos ciclos-fênix de 49, 490 e 4.900 anos. Obviamente, quanto maior o ciclo, maior a congregação.

Estes ciclos são semelhantes aos ciclos toltecas de 52, 520 e 5.200 anos. Segundo Alice A. Bailey (em *Os Raios e as Iniciações*), o ciclo básico de 49 anos está associada aos anos de 1952 e 2001 e relacionados ao advento do Cristo. Tampouco se pode descartar neste quadro o ciclo de 42 anos, comum na Bíblia e particularmente associado à Vinda do Messias em Apocalipse 11. É uma variante do ciclo-fênix na medida em que contém 520 *lunações*.

Os vôos são realizados quando os grupos se completam. Mas existe um prazo para que isto se realize, e os componentes devem ser organizados a tempo, de preferência com sobras.

Apesar de os Condores realizarem a sua pós-graduação no Sistema, a sua preparação destina-se em última análise a transcender os limites sistêmicos, tendo em vista outros Centros solares de maior evolução. Objetivam particularmente alcançar as Universidades Cósmicas existentes em nossa Galáxia, para onde se dirigem, inicialmente, segundo a natureza de seus Raios Monádicos. Alfa Centauro e Pleiades sediam Universidades de 6º Raio; Sirius centraliza uma Universidade de 5º Raio, e a Ursa Maior associa-se à Universidade do 4º Raio.

Aqui entram em cena portanto as três esferas cósmicas reunidas por Alice A. Bailey em *Astrologia Esotérica*, relacionadas aos alinhamentos de consciência, como temos estudado na *Revista Órion de Ciência Astrológica* e em nossa obra *O Livro dos Portais*. Obviamente, devemos associar esta tríade aos três setores do Sistema Solar:

1. Plêiades *Personalidade* Intrasistema.
2. Sirius *Alma* Extrasistema.
3. Ursa Maior *Espírito* Ultrasistema.

Isto também se refere aos Logos acessíveis neste Sistema Solar. Por ser este um sistema de Quarta Ordem, transitando numa evolução de 4ª Ronda, existem apenas quatro Escolas de Aprimoramento, localizadas nos planetas transjovianos. Por esta razão os Chohans tampouco podem se dirigir de imediato para além do 4º Logos Cósmico, a não ser que realizem a viagem para um outro Sistema ou aguardem a *ampliação* do nosso.

As Escolas Maiores do Ultrasistema são as vias de evolução para as Hierarquias composta pelos Renunciantes divinos (*Bodhisatwas*), pelos Budas de Atividade (*Pratyekas*), pelos Budas de Ensino (*Manushis*) e pelos Budas de Contemplação (*Dhyanis*).

E os Cursos Especiais das esferas transjovianas (Saturno, Urano, Netuno e Plutão) servem de base para determinar alguns dos destinos cósmicos dos Chohans, os *Sendeiros de Evolução Superior* disponíveis aos Mestres de Sabedoria, como veremos na continuidade (ver mais sobre os Conclaves Chohânicos em nossas obras *O Livro dos Chohans* e em *O Portal de Farohar*).

Capítulo 10

O Universalismo Americano

Em *A Serpente Emplumada* demonstramos que a energia universal de uma época corresponde a *média* das energias presentes num dado contexto cultural, sendo esta média a forma mais apurada de síntese.

Na nova cultura americana ("Sexta Raça-Raiz"), o número médio é o 5. O grau racial é o 4° (*Arhat*) e o grau hierárquico é o 6° (*Chohan*), de modo que vamos desenvolver a mística do 5° grau, que é a do *conhecimento revelado*. O conhecimento superior representará o meio universal da nova civilização mundial.

5 = alicerce universal.

5+5 = 10: estrutura universal.

5x5 = 25: conjuntura universal.

Recordemos a afirmação antes feita: "A energia racial atende pela Cosmologia e a energia hierárquica responde pela Alquimia. A síntese e o elo são realizados através da Astrologia e dos Calendários, que é aquilo que confere o *padrão universal*."

Assim, estando a cultura americana racialmente polarizada no *quaternário* e hierarquicamente polarizada no *éxade*, a sua astrologia tem como base o *pentagrama*. E como o ciclo astral é *quadrado*, o seu padrão completo é 25, ou 24 sem a sua centralização final (os números ímpares tendem a ser centralizadores e absolutos, especialmente os "primos" como 5, 7, 13, etc.).

O Templo atlante de Ibez traz no seu nome este valor: $IBEZ = 10+2+5+7 = 24$, de resto um número cósmico e universal. Pois o nome IBEZ é uma variante de IHVH (valor 26).

Como afirma o Tibetano no *Tratado Sobre Magia Branca* de Alice A. Bailey, este nome simboliza os quatro *Logoi* supremos da cadeia da Terra:

"A palavra Ibez é literalmente um acróstico ocultando o verdadeiro nome do Logos planetário da terra, um de cujos princípios está operando em Sanat Kumara, tornando-O assim uma encarnação direta do Logos planetário e uma expressão de sua consciência divina. Estas quatro letras são as primeiras letras dos nomes reais dos quatro Avatares nos quatro globos de nossa cadeia terrestre que incorporam quatro dos princípios divinos."

IBEZ simboliza e reúne portanto as quatro energias cósmicas acumuladas até a Ronta atual, desaguando e sintetizando no Logos atual, Sanat Kumara, que chegou na Terra à época da Lemúria, apenas um pouco antes do Templo de Ibez, na raça atlante. Esta Quarta Raça deu início ao ciclo humano e originou o começo do verdadeiro trabalho desta Ronda, que tem sido o de *implantar o Reino Humano*. Por isto ali também começou a revelação do Plano divino desta Ronda. Ali também a hierarquia atingiu a 4ª iniciação, na qual é revelado o verdadeiro significado da palavra Ibez. Além disto, esta palavra pode ser apenas uma *interpretação* da verdade divina feita a partir dos símbolos um antigo dialeto ideográfico. Diz então o Tibetano sobre tudo isto:

"As letras I B E Z não são as verdadeiras letras Senzar, se é que uma tal expressão inadequada pode ser usada a respeito da linguagem ideográfica, mas são simplesmente uma distorção europeizada. O verdadeiro significado somente será esclarecido na quarta iniciação, quando a natureza do Logos planetário é revelada e seus quatro Avatares são contatados em definitivo, através do trabalho mediador de Sanat Kumara."

Agora que a Quarta Ronda se extingue, culminando com a chegada da Quarta Dinastia Sagrada, cabendo assim à nova humanidade trilhar a quarta iniciação, o Plano Cósmico pode ser revelado como forma de apurar o novo grau, sendo parte disto a revelação dos antigos registros. Simbolicamente, também se pode ler a palavra IBEZ como "Império Universal do Sol e da Lua".

Mais basicamente, o grande *número universal* do Novo Mundo é o 10. Este é um verdadeiro número cósmico, comportando em si o "alfa-e-ômega". Um de seus símbolos é o do Sol, como abaixo representado.



Este símbolo significa pois:

- a. centro-e-periferia;
- b. uma órbita completa.

Ele engloba o da Lua na medida em que representa *totalidade*. O aspecto lunar é a circunferência; mas aqui não se vê o hemi-ciclo da lua "crescente", pois o ciclo está completo.

a. O Número Universal

Dez é o número do Logos ("solar"). Na Cabala corresponde à letra IOD, tida como origem ou base de todo o alfabeto, a primeira letra.

Com relação ao oito, é como se as duas esferas do circuito "óctuplo" estivessem finalmente agrupadas, atuando como uma unidade. O *ritmo* permanece mas o movimento torna-se uniforme, como nos batimentos cardíacos.

Neste nível o trabalho centralizado gera uma terceira energia. Daí que o símbolo de integração do Vajrayana seja tríplice, abaixo.



Esta é a essência da palavra sagrada AUM, como veremos adiante, palavra cuja grafia é como um três e um zero.

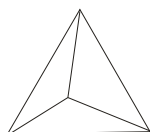
Trata-se do mesmo processo expresso pelo símbolo do Tao. Neste sentido, devemos associar o ponto-e-círculo não a ying e yang, mas ao "jovem ying" e ao "jovem-yang" que centralizam os grandes opostos cósmicos.

O fato de considerarmos o 12 é para incluir as energias hierárquicas essenciais. Ou seja, se no ciclo árya somava-se ao grupo óctuple apenas um par de quinto grau, agora se somam *dois pares de hierarcas*, de graus quinto e sexto, numa organização de três níveis e portanto num plano de *perfeição*.

O grupo "perfeito" de 12 unidades é um *arquétipo solar*. Este quadro exalta a função central da tríade de alinhamentos, porque trabalha com energias estabilizadas e não com processos.

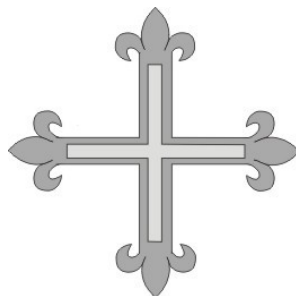
Além disto, mostramos na Parte I que o *vastu-mandala* territorial pode ser visto como uma exteriorização do *chakra* racial. Isto parece certo no caso da raça atual: todas as profecias apregoam a base-12 para o novo templo, o que corresponde ao número de pétalas do novo *chakra* racial, que é o do coração.

Cosmica e matematicamente, o seu fundamento pode ser visto através do *tetraedro*, o sólido regular com quatro faces triangulares.



Esta forma se relaciona com o octaedro (8 lados) e com o icosaedro (20 lados) através das faces triangulares comuns a todos eles. Note-se então a suas somas expressam valores do novo grupo: $4+8=12$ e $4+20=24$.

Outro de seus símbolos é a cruz de 12 ramificações, muito empregadas nas ordens medievais de cavalaria. Abaixo temos um modelo baseado na flor-de-liz.



A dualidade original surge através das traves horizontal e vertical da cruz, que também representa as quatro direções. Antes a dualidade se converte em três, tal como expressa o valor secreto do 2: $1+2=3$. Este por sua vez induz a: $1+2+3=6$, que é o padrão do grupo básico dos videntes cósmicos. Note-se ainda que $24 \times 6=144$, um número astrológico profético.

A dualidade perfeita se expressa no 12, onde o 6+6 revela a atividade paralela do casal-nagual através da Águia, demonstrando que no Novo Regulamento os dois membros do casal terão uma função ativa no grupo. O 12 também remete a três (1+2), pois expressa a manifestação de uma trindade.

Por isto o grande protótipo meso-americano dos Videntes Cósmicos (pan-americanos) está presente na teologia dos *Treze Senhores do Espaço* (ou do Dia), como no Zodíaco maia de treze constelações, iniciado na constelação de Serpente (*Can, Coatl*) associada às Plêiades. A correlação 9 (Senhores da Noite) + 13 (Senhores do Dia) totaliza o 22 do Conhecimento Perfeito ("Arcanos Maiores" do Tarô).

Em termos astrológicos, a Estrela da Libertação evoca seu ciclo quadrado e oferece 36 pontas, associadas aos decanatos solares, tão valorizados pelos antigos e que também devem entrar nas considerações do *nome astrológico*, pois representam os *setores de identificação* do Templo do Sol.

A manifestação do novo arquétipo universal se fez presente na cidade da profecia tolteca: *Chichén Itzá*.

Capítulo 11

O Nome Astrológico

O uso do *nome astrológico* é uma antiga tradição na humanidade, e dele deriva muitos mitos sagrados. Em *A Mariposa de Fogo* vimos o valor que os xamãs das recentes linhagens toltecas davam à preservação do nome pessoal. A idéia da ocultação do nome natal representa uma extensão do ocultamento que a própria tradição pré-colombiana sofreu a partir de certo momento, pelo banimento sofrido ou auto-imposto de seus códigos culturais.

Este tabu em torno do nome pessoal do xamã reflete uma prática em uso naquele período das Américas. Pois a tradição pré-colombiana antiga possuía uma ótica ainda mais particular sobre este tema a *tradição do nome astrológico*. E nisto eles até *ênfatizavam* o nome original, pois vinha das próprias esferas solares ou cósmicas.

Assim, uma das práticas místicas mais difundidas entre estas culturas consistia na idéia do *nome astrológico*, um sistema de identificação pessoal pertencente à tradição universal e que entrou em desuso no Oriente desde o início da Idade de Bronze, mas que os pré-colombianos retomaram nos mistérios toltecas, certamente a partir de influências transculturais.

Como exemplo, o símbolo da Serpente Emplumada ou *Quetzalcóatl* é semelhante ao do caduceu de Mercúrio, e como este também representa o *conhecimento iluminado*, papel representado por Thot no Egito e por seu Avatar, Hermes Trismegisto.

O processo consiste simplesmente em *nomear* o indivíduo segundo seu signo e dia (ou, adaptando ao sistema moderno, segundo o signo e grau). Certamente as *Regras de Fisionomia*, tão difundidas na Idade Média européia e pelas quais Pitágoras escolhia os seus acólitos, deriva em boa parte dos biótipos resultantes das determinantes astrológicas.

Em casos especiais como os de reis e iniciados, procurava-se reunir vários indícios astrológicos, obtidos a partir de uma combinação de calendários. Mas no âmbito da humanidade corrente, os pré-colombianos limitavam-se a registrar os dados do calendário diário, nomeando as pessoas *astrologicamente* através de seus signos: 18-Coelho, 5-Cana, etc. Seria para nós algo como Leão-25, Virgem-18, etc. Isto facilitava bastante a busca das "identidades" astrais. Ninguém precisava fazer cálculos ou perguntar mais intimamente para conhecer a *essência astrológica* de alguém. Bastava indagar, singelamente, o seu nome-astrológico. Entre os maias, a palavra *Kin* significa quatro coisas: dia, nome, homem e sol.

Como a astrologia está relacionada ao nagualismo através dos arquétipos-animais com que trabalha (*Zodiaco* significa "roda de animais"), a tradição dos nomes astrológicos se acha profundamente vinculada ao xamanismo. Trata-se porém de uma prática ancestral que agora será reativada sobre novas bases, aplicados a fatores sociais de toda a ordem.

As sociedades necessitam organizar-se e ter os seus líderes. Para isto, cada humanidade elege uma forma ideal de formar e investir os seus representantes.

Seguindo a tradição árya, raça na qual o padrão astrológico passou a representar uma *essência humana*, os povos deste ciclo tinham entre suas provas a questão do *nome astrológico* do indivíduos.

Existem sempre muitos candidatos ao poder, e nem sempre é fácil determinar a pureza de propósitos e as melhores credenciais, especialmente no caso daqueles cargos únicos destinados a revelarem um profeta e sua mensagem, quando então não poderia haver equívocos.

Peritos na Ciência dos Ciclos, e sempre sabendo mais ou menos quando, onde e o quê esperar, os sábios pré-colombianos tinham na tradição do *nome astrológico* uma de suas mais seguras referências. Isto funciona mais ou menos como em Israel, onde os reis apenas poderiam vir em princípio da Casa de Judá. Esta medida aparentemente arbitrária revela na verdade elementos simbólicos e astrológicos, quando sabemos que Judá está associado ao signo de Leão ("Judá é um leãozinho e o cetro não se afastará dele", diz a Bíblia), da mesma forma como o sacerdote foi relacionado à Casa de Levi. Assim, antes mesmo de terem os hebreus uma monarquia, já estava predestinado que a Casa de Judá forneceria os reis. Tal medida não foi porém bem aceita e Israel foi dividida em dois reinos: Judá (incluindo apenas duas) e Israel (contendo todas as outras 10 casas).

Uma das razões disto é que este padrão era muito simplista. De fato, um único nome não seria o suficiente, posto que os ciclos se repetem com certa frequência e podem gerar falsas alternativas. Assim, a solução seria *enlaçar* ciclos variados de modo a definir datas realmente únicas.

As diferentes tradições costumam ter vários calendários, e existem muitas formas de distribuir os signos. Tudo isto possibilita a variedade de sistemas astrológicos.

Uma dos grandes propósitos destes ciclos combinados era representar uma geração ou uma existência humana, de modo a se poder mensurar ou acompanhar os seus ciclos detalhadamente. Isto servia para os registros natais e para os ciclos de vida. Tudo isto é particularmente útil para a precisão da prática dos nomes astrológicos, especialmente no âmbito das profecias.

Daí os *calendários combinados* dos pré-colombianos e dos orientais, com ciclos de várias magnitudes. No plano de uma geração humana, os orientais tinham ciclos de 60 anos, e os pré-colombianos tinham ciclos de 52 anos. O jubileu hebraico de 50 anos deveria incluir um ciclo astrológico complexo desta natureza, herdado dos egípcios (semelhante ao pré-colombiano), que também tinham calendários compostos.

Pois algo semelhante era observado entre os egípcios, ainda que revelado especialmente ao nível dos faraós, para quem estas ciências tinham então maior importância e aplicação. A Astrologia iniciou na raça árya especialmente como um *dom hierárquico*. Hoje ela será difundida a nível grupal, permitindo soluções ainda inconcebíveis.

Como demonstra R. A. Shwaller de Lubicz, o faraó tinha cinco "nomes místicos", incluindo astrológicos. Como os faraós representavam *em tese* a manifestação divina, seus nomes deveriam refletir a evolução das energias superiores através dos tempos. Por esta razão, "conhecer a completa continuidade da gênese é conhecer a cronologia das dinastias" (R. A. Shwaller de Lubicz, *Le Roi de la Théocratie Pharaonique*).

Os nomes dos faraós refletiam os cinco *Netér*, o grupo de deuses que integravam diretamente o mito de Hórus: Set, Osíris, Ísis, Néftis e o próprio Hórus a quem personificavam diretamente. Era possível associar cada deus a um tipo de astrologia e também aos cinco graus da hierarquia árya, para extrair disto os "nomes místicos" do faraó. Estes deuses eram os mais comumente associados aos ciclos, seja no calendário solar (através dos cinco dias *epagomenais* que

encerravam o ano) ou no siríaco (através dos "anos divinos" de 365 anos, os quatro sub-ciclos sóticos).

Certamente o costume tolteca incluía também nomes associados a ciclos mais amplos, como no Egito, tendo em vista o "nome completo" de um *Quetzalcóatl*, palavra que envolve vários níveis de realidades, desde o nome astrológico pessoal até uma função cósmica, passando pelo cargo dinástico.

a. O Nome Planetário

Mais ou menos nesta linha, uma prática corrente era distinguir as pessoas entre *signos* e *regências*. Signos e Planetas são realidades paralelas, mas distintas em qualidade. Signos apontam para a *Personalidade*, e Planetas para a *Alma* (tal coisa pode ser estudada cabalisticamente através dos distintos caminhos da *Árvore da Vida*, um mais periférico e outro mais interior). Tal coisa dá lugar ao que se chama de *Nomes Planetários*, que tratam das verdadeiras essências individuais.

Assim, o imperador romano César não era chamado de "libriano", mas sim de "Filho de Vênus". No mesmo sentido, o grande avatar pré-colombiano Quetzalcóatl não era chamado pelo signo pessoal de "Vento", mas sim por seu regente, Vênus (Quetzalcóatl ou a "serpente emplumada").

Mas muitas vezes os Avatares tem sido também designados por seus signos solares, pois o Sol também representa uma essência espiritual.

Um dos grandes Avatares mundiais foi associado aos felinos sagrados, especialmente entre os atlantes, nos Andes, no México e na China, assim como se mantém a designação "Leão" para o esperado Avatar dos hebreus e cristãos ("eis que o leão da tribo de Judá venceu para abrir o livro dos sete selos" –Apocalipse 5, 5), ao invés de valorizar apenas o regente, resultando algo como no epíteto incaico de "Filho do Sol", o astro-rei sempre evocado nas escrituras e profecias. A Tribo de Judá, relacionada a Leão, era real e solar, centralizando o cetro de Israel (Genesis 49,9 ss.). É claro que apenas o nome/signo não determina uma vocação sagrada, mas contribui de forma decisiva.

Neste sentido, sabe-se que existem várias "astrologias", e elas se acham relacionadas a *esferas* distintas do ser humano, especialmente as dinamizadas através de *iniciações*. É preciso reunir a todas para obter o "nome completo" de alguém. Os pré-colombianos, uma vez mais, realizaram um inventário completo deste quadro, e a Pedra do Sol dos astecas (que é na verdade de origem tolteca) oferece um panorama grandioso desta "engrenagem cósmica".

Deve-se hoje ter em vista pelo menos quatro Astrologias para a humanidade comum, e outras tantas para a hierarquia. São elas as Astrologias Lunar, Solar, Venusiana e Joviana, às quais se inclui na esfera hierárquica as Astrologias Siríaca, Oriana, Pleiadiana e Arturiana. Estas últimas são genéricas ou coletivas, servindo não tanto na identificação pessoal, mas para assinalar as evoluções grupais e exaltar as funções cósmicas dos Mestres.

Relacionam-se aos vários planos do Universo, de modo que apenas catalogando este conjunto de dados é possível atuar em todas as esferas necessárias: pessoal, conjugal, social, espiritual, divina e cósmica. Cada Astrologia oferece ao ser humano um distinto "nome", e tais nomes-signos servem portanto como elementos de identificação, empregados inclusive nas profecias. Neste aspecto, se separadamente tratam-se de signos comuns, sem dúvida o acúmulo de todos pode representar uma *indicação eficiente do esperado Avatar*, possibilitada por este novo tempo de cultura universal. A contribuição de cada tradição aumentará a precisão na

identificação do Ser Universal, algo importante numa época de falsos profetas e de múltiplos mensageiros.

A tradição do nome-astrológico é especialmente resgatado no contexto dos videntes cósmicos, porque eles possuem a sua individualidade plenamente desenvolvida. São expressões puras e originais de Raios, aptos a refazer a Ordem original das energias cósmicas. Como atuam diretamente no plano da Mônada (o 6º plano é o Monádico), manifestam basicamente os Raios de Aspectos, mas mesmo quando se expressem pelos Raios de Atributos, o fazem através da Tríade Superior.

Todos os guerreiros da Nova Era devem prestar muita atenção para estas tradições sagradas e colocá-las em prática, pois representam uma das medidas mais simples e diretas para conhecer os caminhos do Destino.

Até porque, a ascensão da dignidade racial permite que os nomes planetários sejam difundidos neste nível. Daí os pré-colombianos afirmarem que, se aquela era a época dos Signos, no futuro seria a "Era dos Planetas".

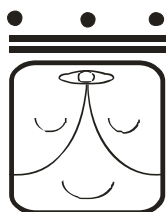
b. Os Nomes Divinos

Baseado na tradição dos nomes astrológicos, os pré-colombianos, a exemplo de outros povos, nomeam os mensageiros do sagrado através de seus vínculos *astrológicos*. O inventário dos deuses ou seres sagrados destes povos permite reunir algumas entidades principais: o Jaguar, a Serpente, a Águia e Quetzalcóatl. Enfim, os quatro entes sagrados relacionados aos signos fixos do zodíaco greco-caldeu e sempre citados nas hierofanias, na forma dos *Querubins* ou *Haiots* formados pela unidade leão-touro-águia-homem.

Os três primeiros pertencem aos signos do calendário meso-americano, como aos do chinês, mas o terceiro diz respeito ao planeta regente do signo de Vento, que é Vênus (*Dragão* no calendário chinês, o animal que combina os elementos). De certo modo, o símbolo de Quetzalcóatl reúne o de Águia e Serpente, embora também seja representado através do jaguar ou reunido ao conjunto mencionado.

O "Jaguar" (*Ocelotl* em nahuatl, *Ix* em maia, traduzido como "xamã" ou "mago") representa o 14º do zodíaco pré-colombiano, relacionados ao poder e à espiritualidade. A importância deste símbolo é tal que fundamentou a própria cultura atlante tardia através do fundador mítico das civilizações pré-colombianas, seja na América do Sul (*San Agustin, Chavin*) como Central (*La Venta*, dos Olmecas). Não há dúvidas de que a imagem sempre reproduzida da criança-divina olmeca com rosto de jaguar, faça alusão ao mito do deus-menino suscitado sob o signo de Jaguar.

Xamã / Jaguar (XIVº signo)



Ix (Maia)



Ocelotl (Nahuatl)

O mito do deus-menino faz alusão à precoce iluminação de um Avatar, numa idade sempre astrologicamente pré-determinada, tornando-o um Microcosmos perfeito e servindo de referência na sua identificação. Esta espécie de astrologia esotérica revela os mais importantes signos avatáricos. Jaguar é o grande mito do passado pré-colombiano e até mundial (podendo ser de resto *profético*), pois o culto do felino sagrado pode ser observado em muitas tradições, como a chinesa e, sob a forma do leão, na hindú e meso-oriental. Um dos grandes guardiões do Tibet é o leão das neves. Na atual abordagem do calendário maia dada por José Arguelles, corresponderia a "jaguar branco", também chamado mago ou xamã cósmico (categoria do XIIIº e último "céu" da cosmologia maia).

No final do livro do Apocalipse de São João temos uma demonstração de signos combinados. Ali o Cristo diz: "Eu sou a estrela da manhã". Trata-se de Vênus, que é a estrela vésper, e corresponde a Quetzalcóatl. Este planeta rege a nova dinastia espiritual da Terra, que é a Quarta, e seus mistérios correspondem aos mistérios do coração.

Mas o Cristo também diz: "Eu sou a raiz da geração de Davi." Esta raiz é a Casa de Judá, relacionada ao signo de Leão.

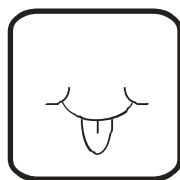
No contexto colombiano estes signos também atuam juntos: Quetzalcóatl é o complemento profético do mito do Jaguar.

A correlação entre Quetzalcóatl e Jaguar é também semelhante à existente entre Águia e Leão. Por isto na base da "Pedra do Sol" existem as figuras de Quetzalcóatl e do deus solar, na boca de duas "serpentes do tempo", situadas frente a frente. É Tonatiuh que está presente também no centro da "Pedra do Sol", de modo a ser o seu grande regente.

A Águia (que no zodíaco pré-colombiano ocupa a 17ª posição) tem uma importância cósmica, por isto se encontra no próprio coração da "Pedra do Sol" asteca (cuja origem é na realidade muito anterior), suprema representação da ciência dos ciclos cósmicos, e cujo nome nahuatl é "Casa da Águia" (*Cuahxicalli*). A Águia solar é o grande signo ancestral e das origens, junto a jaguar. Na Astrologia cósmica oriental a Águia está relacionada a Leão, ambos igualmente primordiais.

No calendário nahuatl o novo mensageiro divino pertence ao sigmo de "Vento" (*Ik* em maia), signo este regido por Quetzalcóatl e o segundo do zodíaco pré-colombiano. Trata-se pois do signo atribuído ao Avatar segundo os povos nahuas. Por isto era comum a representação de Vênus surgindo na boca de um jaguar. Abaixo segue a representação do signo no zodíaco asteca e seu homólogo no esquema maia:

Vento / Quetzalcóatl (IIº signo)



Ik (Maia)



Ehecatl (Nahuatl)

Sabe-se também que, entre os pré-colombianos, havia duas grandes ordens, a dos Cavaleiros-Águias e a dos Cavaleiros-Jaguares, podendo-se relacionar ambos aos *Brâmanes* (ou Sacerdotes) e aos *Kshatryas* (ou Guerreiros), respectivamente. Vários Avatares pertenceram à esta última casta. O conteúdo xamânico deste signo na astrologia maia atesta em favor de sua

elevada espiritualidade. É claro que apenas o nome/signo não determina uma vocação sagrada, mas contribui de forma decisiva para um caráter superior.

c. Os Signos Combinados

Algo mais especial deriva da *reunião dos signos*. A unidade dos signos maia Jaguar e do signo nahuatl Quetzalcóatl, por exemplo, representa algo muito mais raro e que merece realmente ser tido em conta, pois indica datas muito específicas.

Os pré-colombianos combinavam calendários diferentes de modo a gerar ciclos maiores. A combinação dos ciclos solares do *Haab* com os ciclos sagrados do *Tzolkin* gerava o ciclo de 52 anos, tempo que tardava para que uma mesma data se repetisse neste calendário combinado.

Este ciclo demarcava as comemorações do Fogo Novo entre os pré-colombianos, e nela se deveria realizar a sucessão das linhagens reais. Provavelmente, o indivíduo que nascia nesta data composta era o Predestinado. Nesta data todos se livravam de seus bens materiais, para tudo recomeçar, tal como no jubileu hebraico de 50 anos.

As datas combinadas permitiam a representação de mitos complexos através de imagens compostas como a de Serpente Emplumada misturada com Jaguar, e até mesmo com a Águia e o Homem (como na figura da Esfinge) pela reunião de vários calendários.

Este preceito dos signos combinados também era empregado em outras culturas, como vamos observar no exemplo abaixo, complementando os dados necessários. Como esta obra fundamenta-se em realidades, podemos tratar de completar este tema tão importante com mais algumas informações, mesmo advindas de outras culturas, mas sempre baseadas nos mesmos princípios. Até porque elas ajudam a ampliar o quadro de informações.

d. Os Nomes Divinos em Outras Culturas

O Calendário Oriental emprega o ciclo de Júpiter de 12 anos combinado com os 5 elementos, totalizando 60 anos. Sobre esta base estava edificada o ciclo de sucessão dos *tertons* ou buscadores de tesouros sagrados (*termas*) no Tibet, instituído por Padma Sambhava, o chamado "o segundo Buda", contemporâneo de Pacal Votan.

Neste caso, a combinação adequada de signos resulta no ser mítico da Mitologia Oriental chamado *Vaikuntha*, misto de Leão e de Javali. Este mesmo termo, *Vaikuntha*, designa o paraíso de Vishnu, com idêntica simbologia à da Jerusalém Celeste do Apocalipse. Isto também pode ser verificado *astrologicamente*, como veremos.

O signo oriental de Javali (forma assumida por um dos Avatares de Vishnu chamado *Varaha*) é o último do Zodíaco joviano (Calendário de 12 meses), ou o primeiro signo no sentido *precessional*, que é o verdadeiro sentido evolutivo deste Zodíaco. No registro hindu *Varaha* é o terceiro Avatar de Vishnu, afora os *Quatro Kumaras* (diz-se que Sanat Kumara surgiu na Terceira Raça-Raíz). Segundo Guenón, *Varahi* é a "terra do javali" e se relaciona à Hiperbórea das origens (ver *Formas Tradicionales y Ciclos Cósmicos*, pg. 33).

E o signo ocidental de Leão (forma assumida por outro dos Avatares de Vishnu, *Nisinhadeva*) é, por sua vez, o primeiro no registro *planetário* do Zodíaco solar (Calendário de 12 meses). No Oriente –especialmente na Índia– também se trabalha com o Zodíaco greco-caldeu. Na religião judaico-cristã o messias sempre esteve associado a este signo solar. "Eis que

o Leão da tribo de Judá, o Rebento de Davi, venceu para poder abrir o livro e seus sete selos." (Ap 5, 5)

Vaikuntha é o ser mitológico que reúne o Leão e o Javali. Vimos acima como estes signos representam "alfa e ômega" destes Zodíacos ("alfa" do ciclo solar e "ômega" do ciclo joviano), também podem ser vistos como *esferas duodenárias*, posicionadas no início e no fim destes ciclos.

No ciclo joviano de 12 anos solares existem 144 meses solares, número este profético e associado à Jerusalém celeste e sua "muralha" de 144 medidas, assim como ao grande templo de Vishnu chamado *Vaikuntha*, cujo piso apresenta 144 ladrilhos. O mesmo piso aparece em certas representações budistas com o Buda Maitreya em seu paraíso Tushita.

Esta é pois a forma de podermos atribuir à última encarnação de Vishnu, chamado *Kalki Avatar*, o padrão específico de 144 unidades (12x12), aplicadas no âmbito do Microcosmos.

O próprio Kalki Avatar tem o seu símbolo astrológico: o do *Cavalo Branco*, presente também outras tradições como o Budismo e o Cristianismo (no Apocalipse). Esta referência pode ser encontrada no Zodíaco chinês, seja através do próprio signo de cavalo, como na sua correspondência com o signo de Leão (para observar isto devemos ter em mente que este Zodíaco é astronômico –ou seja, *precessional*– como o hindu). A cor branca corresponde ao mês de Agosto, do número 8 e do elemento *metal*. Assim, o Cavalo Branco é uma outra forma do Vaikuntha

O valor 144, desde o ponto de vista do Macrocosmos, surge também hoje através da completação da Ronda planetária, que é a forma interior de registrar o Grande de Platão através dos ciclos planetários.

Este ciclo cósmico era também contemplado no Extremo-Occidente, de modo que aqui podemos tratar de reunir ambas as tradições e alcançar resultados verdadeiramente formidáveis, dignos de uma grande época de confluência de culturas como a nossa.

e. Reunindo as Tradições

No inventário sobre os signos proféticos, vamos reunir as Astrologias de todo o mundo, especialmente os sistemas mais conhecidos. Cada hemisfério construiu o seu próprio sistema de identificação astrológica, com características próprias e muitas vezes fins diferentes, que haviam sido suficientes para os propósitos em questão.

Como no tempo de Jesus, as várias tradições se reúnem para identificar um Avatar mundial. As três tradições invocadas, a chinesa, a pré-colombiana e a européia, farão o papel dos Três Reis Magos na identificação do Cristo, representando as três raças sagradas. A tradição hindu entra como um quarto fator, embora encontre-se totalmente absorvida pelas restantes. E nisto temos a simbologia de Quatro Reis Magos, propício à abertura da Quarta Dinastia de Shambala que acontece agora.

Até hoje ninguém imaginava poder reunir tradições distantes, mas isto já deve ser cogitado em um mundo em unificação. Esta possibilidade representará assim uma nova revelação e um fator único de unidade, determinando novas fórmulas. De fato, uma das coisas mais maravilhosas nisto tudo, é observar a *concordância de datas* existente entre ambos os hemisférios do mundo, inclusive naquilo que se refere aos seus registros antigos e às suas profecias.

A correlação Oriente-Occidente é realmente muito importante de ser realizada em nossos dias, pois as culturas tradicionais sempre apresentam muitos princípios em comum. Além disto,

aquilo que se busca hoje é uma *cultura unificada*, e a simbologia do novo Avatar universal certamente tratará de expressar tudo isto, reunindo as Astrologias de ambos os hemisférios. Vejamos pois como isto pode ocorrer na Astrologia divina, demarcando no seu conjunto uma *data única e inequívoca*.

Como estamos tratando de revelações e renovações, vamos trabalhar diretamente com o cumprimento de *profecias*. Assim, tratemos de procurar aquelas datas escatológicas que já se acham diante de nossos olhos.

Segundo os registros maias, esta data cósmica final se dará no ano de 2.012 d.C. Vale lembrar que hindús e maias iniciam seu ciclo mundial praticamente na mesma data, 3.102 a.C. e 3.113 a.C., respectivamente (como veremos, os hindus *arredondavam* os seus ciclos).

Nesta data haverá pois a *convergência* dos ciclos de 52.000 anos, de 5.200 anos, de 520 e de 52 anos, todos encerrando naquele ano. E esta data reunirá várias classes de acontecimentos afins, associados aos mistérios de Quetzalcóatl em seus vários níveis e expressões.

52.000 anos é o ciclo cósmico relacionado à evolução maior de nosso Logos planetário, quando ele ascende um novo degrau cósmico e recebe uma "iniciação maior".

5.200 anos é o ciclo racial da Quinta Raça-Raíz ou, no dizer dos pré-colombianos, do Vº Mundo, iniciado em 3.113 a.C. segundo os mayas.

520 anos marca a data da Descoberta das Américas, em 1492, dando início à formação de uma nova humanidade.

52 anos é o ciclo ocidental do Microcosmos, e neste quadro anuncia a cronologia sagrada do Quetzalcóatl regressado, o Avatar ou *Sol*, culminando todos os ciclos anteriores.

Nas profecias orientais (hindus, hebraicas e cristãs), isto também coincide, inclusive já no ano 2.000 (registro hindu), uma vez que estas tradições trabalham também com o ciclo de 40 ou 42 anos. São as tradições que guardam a simbologia profética do "Leão de Judá" relacionado à vinda do Messias.

Ocorre que, se o mundo ocidental trabalhava com o ciclo astronômico e matemático, o mundo oriental trabalhava com o ciclo astrológico e geométrico, arredondando estes ciclos para 50.000, 5.000, 500 e 50 anos.

O ciclo de 50.000 anos conclui o ciclo cósmico que estamos encerrando agora com a *Quarta Ronda Planetária*, dando início a um novo *Manvantara*.

O ciclo de 5.000 anos fundamenta uma das versões da Astrologia hindu dos Ciclos do Mundo (as *Yugas*), onde os 200 anos restantes são vistos como a etapa de transição: trata-se da *Vajra Yuga* ou "Idade do Diamante".

O ciclo de 500 anos está presente nos mitos egípcios da Fênix (*Benú*), narrado por Heródoto, associado ao Templo do Sol em Heliópolis. É o ciclo de destruição do templo dos hebreus.

O ciclo de 50 anos surge no jubileu hebraico instituído por Moisés, "o egípcio", quando todos deviam se desfazer de seus bens para reequilibrar a ordem social.

Mas o ciclo de 40 anos é também um "ciclo Fênix", na medida em que comporta 500 *lunações* (o de 42 anos do Apocalipse tem 520 lunações). Isto significa que devemos considerar signos *mensais e anuais*, tal como observamos na Astrologia sino/hindu, e como à fórmula 12x12 dos paraísos orientais demonstra, através das medidas da *Jerusalém celeste* do Apocalipse, da *Vaikuntha* dos hindus e da *Tushita* dos Budas.

Grandes revelações estão pois sendo dadas aqui, porque a sua hora é chegada. E elas serão culminadas com o que segue.

A reunião dos signos extremo-ocidentais Jaguar e Quetzalcótl, aos signos orientais Javali, Dragão e Cavalo, e aos ocidentais Leão, Aquário e Águia (Escorpião), inseridos no conjunto dos

ciclos e das profecias, aponta para uma data única: o 15 de Agosto de 1959, consagrado à Virgem Maria, permitindo associar ao mito crístico do nascimento na virgem. A própria Igreja está celebrando o nascimento de Cristo nesta data. Relaciona-se também ao grau 15, definido pela Tradição como de "descenso avatárico" (cf. Dane Rudhyar –ver *Revista Órion* nº 6, pg. 72).

Estes signos se referem a dados *físicos* ou "natais". Poderíamos acrescentar ainda os signos propriamente *iniciáticos*, sendo os mais importantes os dos "nascimentos" simbólicos relacionados às iniciações e aos alinhamentos do Buda, sobretudo a primeira iniciação, a iluminação e a avatarização, incluídas nos "nomes astrológicos" completos dos Mestres.

Os oito signos reunidos podem ser associados às oito virtudes do Kalki Avatar, na medida associadas aos Sete Raios divinos e aos Oito Raios da Roda do Dharma (*Dharmachakra*):

"Quando o fim das Idade das Trevas estiver próximo, uma parte da essência divina que existe na natureza se manifestará e *Kalki Avatar* descenderá à Terra, dotado de suas oito qualidades sobrenaturais, para restabelecer a justiça no mundo." (*Vishnu Purana*)

São estes pois os signos do Graal vivo, os arquétipos do *Cavalo Branco* de Maitreya, segundo as profecias e, a esta altura, também pelos fatos. Assim, que os novos sábios e "reis-magos" possam, a partir destas evidências, sair na busca do "deus-menino" e do novo Graal que trará a luz ao Novo Mundo e redimirá a Terra e a cada um, tarefa para o Quarto Rei-Mago ou a Escola da Luz Quádruple de sábios da Nova Era, *Tetralucis*.

A estes dados astrológicos perfeitos podemos acrescentar outros dados geográficos precisos (como temos demonstrado neste volume), e teremos sempre os mesmos resultados, apontando para um mesmo personagem.

f. "Sinais do Céu"

Tudo isto representam pois tradicionais "sinais do céu" que apontam para o surgimento de novos ciclos, como aquele pelo qual os Reis-Magos se orientaram na sua busca da Encarnação divina.

Literalmente entendidos, os "Reis Magos" seriam representantes de tradições e raças anteriores que fazem a oferta de seus dons ao representante de uma nova tradição e humanidade. Mas ao lado de existir um processo desta natureza, ele pode ser simbólico e de certo modo reciprocamente desenvolvido através dos trabalhos da Nova Tradição, ao resgatar e aprofundar os conhecimentos antigos destas raças, e incorporando-os então ao novo ciclo de luz que representa. Infelizmente, pelas próprias condições em que se encontram as antigas tradições nas épocas de renovação, elas pouco têm realmente a dizer de forma clara. E como diz o *Bhagavad Gita*, o Avatar apenas se encarna quando a verdadeira religiosidade está perdida e a religião deve ser renovada. Por isto cada nova lei é também cumulativa e simbolizada pelo montante de leis até então existentes, através de pirâmides, templos e calendários no número correspondente.

A questão dos Nomes astrológicos é um destes ensinamentos preciosos dos antigos e existia em várias tradições, ainda que geralmente tais Nomes eram atribuídos aos reis sagrados, devido às suas funções cosmológicas ou criadoras, enquanto representantes do sagrado.

Este é um dos grandes elementos que permitem sempre *decodificar a manifestação dos mitos*. As condições da encarnação divina são complexas e torna-se importante contar com o maior número de recursos para a sua comprovação. Como os falsos profetas proliferam nas épocas adventícias, assim como multiplicam-se o número de mensageiros-menores trazendo ensinamentos preparatórios e complementares, esta medida pode até se tornar uma forma decisiva de depurar o quadro.

Quando Jesus pregava foi indagado por "sinais dos céus" que "confirmassem" a sua missão. Segundo os Evangelhos, ele recusou-se a apresentar esta forma de testemunho e ofereceu outro quicá ainda mais significativo ao contexto, que era o "sinal de Jonas", isto é, sua crucificação e ressurreição. Este sinal interno e puramente espiritual também deve pois ser buscado, através do perfil e da biografia do mensageiro, pelo que ele oferece de serviço, inclusive nos seus ensinamentos.

Sabemos porém que os judeus aguardavam um Messias de maior "envergadura", e talvez não se sentissem de todo satisfeitos com nada do que Jesus apresentasse. As profecias judaicas e suas correntes esotéricas trabalham amiúde com a *Totalidade* deste cosmos, como se observa na Mercabah. É verdade que Jesus *também* abriu um ciclo cósmico, mas de uma natureza distinta do atual momento, quando se anuncia por fim a chegada do *Reino do Milênio* e o advento de "um novo céu e de uma nova terra"...

Devemos na verdade reunir todos estes elementos, os astrológicos e os alquímicos. A grande soma de cada um deles, como acima demonstrado, já representa uma prova soberba de autenticidade. Mas se os aspectos históricos pessoais confirmam o quadro, através de expressões espirituais espontâneas, de realizações e experiências importantes, de revelações intelectuais precisas e iluminadoras, assim como correspondências geográficas definidas, então devemos tratar de olhar com toda a atenção porque disto podem depender consequências insuspeitáveis em sua importância, para cada um de nós e para o mundo.

g. As Aldeias Vaikuntha

Vimos como entre os antigos americanos a astrologia era valorizada ao ponto de nomear-se o indivíduo segundo o seu signo mensal e o seu dia de nascimento. No Extremo-Occidente, os códigos psíquicos sempre adquirem um papel primordial na identidade humana, e doravante isto será uma norma ainda mais observada.

Na verdade, em muitas sociedades estes cânones têm sido empregados em algum grau e a sua primazia tem sido até anunciada. É o caso da das doze "Tribos de Israel", cujo cânone ressurge com destaque na Nova Ordem através do símbolo da Jerusalém celeste no Apocalipse.

As profecias nahuas falam do advento da "era dos planetas", signi-ficando a época em que o mundo estaria organizado segundo energias cósmicas.

Os ensinamentos da Hierarquia tem dado ênfase aos Sete Raios, e Bailey transmitiu a idéia de que a futura sociedade trataria de buscar os seus caminhos profissionais e conjugais segundo compatibilidades energéticas assim definidas. De fato, tal coisa recorda a tradição hindu de definir astrologicamente os matrimônios já na infância. Ou mesmo a ordenação esotérica das 36 sub-castas na Índia.

Ao que consta o Egito também procurou gerar um quadro desta natureza. O Alto Egito tinha 22 *nomos*, e o Baixo Egito 20 *nomos*.

Cada um de seus 42 *nomos* ou distritos estavam consagrados a um deus em particular relacionados na sua cosmologia, como descrita no *Livro dos Mortos*. O Capítulo CXLV trata dos 21 pilonos de Sequet-Aaru, a casa de Osíris, com dois guardiões em cada um, totalizando 42.

Tikal, uma das mais antigas e fabulosas cidades pré-colombianas, rivalizando unicamente com Teotihuacan, ostentava 42 pirâmides, encimadas por deuses esculpidos sentados em meditação.

O Capítulo CXLVII trata das sete *Arits* ou mansões de Osíris, que tinham três porteiros cada (3x7=21). Segundo Bailey, cada um dos Sete Raios alcança o nosso planeta mediante três

signos. Tal coisa recorda os 36 decanatos do Zodíaco, pois cada signo tem 3 decanatos (esta era a estrutura do mês egípcio).

Assim, a cosmologia egícia estava perfeitamente refletida em sua geografia sagrada. O Nilo era como a coluna dorsal na qual se encontravam os sete chakras, representados pelos grandes templos. Este quadro é semelhante ao existente entre os índios iques na América antiga, cujas cidades distribuídas ao longo do Rio Yaque eram reflexos de "cidade celestes".

Cada civilização possui um padrão de organização particular. A idéia ária das cidades-estado surgiu no momento em que a hierarquia ascendeu a um grau de centralidade real através da quinta iniciação. Apenas sob uma ordem solar centrada no rei, capaz de definir um cosmos cultural válido, é que estas complexas organizações tiveram sentido, visando difundir o conhecimento e a luz.

Hoje convivemos com a decadência destes princípios, os quais são mantidos na base da ignorância e da tirania.

O mundo necessita avançar, e uma nova síntese se anuncia. Agora a idéia de centro será elevada

A evolução racial é uma *cosmologia* humana. As raças trazem à luz as dimensões do universo. Diz-se que a humanidade teve início na terceira raiz, pois até então não havia qualquer espécie de ordem (o triângulo é a forma mais básica do universo).

A Terceira Raiz apenas definiu as bases de Tempo e Espaço elementares, através das organizações humanas tribais. Ainda assim assentou os fundamentos para a verdadeira civilização, que somente surgiu na Raiz seguinte, quando a Hierarquia se manifestou.

A Quarta Raiz definiu a *profundidade* através da religião e com isto conquistou o Tempo. Os Quatro Elementos formavam uma base espacial a ser dominada no futuro. Sua ordem social se deu através das vilas orientadas pelos sacerdotes. Esta foi portanto a raiz *lunar*.

A Quinta Raiz definiu então o *centro* através da ciência e com isto conquistou o Espaço. Sua ordem se deu através das cidades-estado centralizadas na figura luminosa do rei. Esta foi portanto a raiz *solar*. Os homens eram como planetas, anunciando futuras aprimorações. E com ela estavam abertas as portas para a ascensão do homem.

Agora, na Sexta Raiz, este centro irá procurar referências cósmicas e se elevará gerando no alto o polo. Esta será pois a raiz *polar*. As energias serão prismatizadas e todos que buscarem a luz devem se definir segundo os seus códigos mais profundos. Retomaremos com isto o conceito de clã e de aldeia, porém baseados em padrões psíquicos e em arquétipos psicológicos.

O aspecto solar será redefinido em *raios prismáticos*, dos quais a mitologia dos Mestres de Sabedoria é uma expressão. Devidamente polarizados, como deve ser no Extremo-Occidente, resultam no cânone *zodiacal*. Daí a profecia da futura "era dos planetas" anunciada pelos antigos americanos.

O homem e a mulher do futuro não desejarão apenas servir e conhecer, e muito menos meramente comer e beber e se entreter em vão. Ele quererão vivenciar o universo, a natureza e o amor em todas as suas possibilidades cósmicas. E é sobre esta base que a humanidade deixará de ser um peso para o planeta, na medida em que os seus referenciais se elevarão da matéria.

Vamos dar mais detalhes sobre estas futuras organizações.

Vimos mais acima que a cidade sagrada do deus Vishnu chama-se *Vaikuntha*. Esta cidade está dividida em 144 seções (é a *vastu-mandala* geográfica), tendo ao centro a Árvore da Vida e o vaso *Kalasha*, que é a mesma urna do tempo que o Saturno áureo do signo de Aquário jorra sobre a humanidade.

Trata-se da mesma simbologia da Jerusalém celeste do Apocalipse, cujas muralhas medem 144 unidades, e em cujo centro se acha a Árvore da Vida e o Cristo, que é o Graal. E nisto, não podemos deixar de evocar os 144.000 eleitos que "aguardam sob o altar" o final das velhas coisas.

Ali é dito inicialmente que esta cidade "desce do céu como uma noiva" para o Cordeiro, ou seja, se trata de uma *ciência revelada*, recordando que, na Bíblia e entre os antigos, a palavra "conhecimento" tinha o sentido de *experiência*.

Outros detalhes são dados nestas escrituras e tradições. Sabemos que o termo *Vaikuntha* reúne dois signos de Zodíacos diferentes, um de 12 meses (solar) e outro de 12 anos (joviano), de modo que somados totalizam 144 divisões.

Por sua vez, a Jerusalém celeste apresenta 12 unidades de medida tanto na altura, como na largura e no comprimento. Além disto, possui dois níveis: nas suas portas encontram-se os nomes das 12 Tribos, e nos seus alicerces os nomes dos 12 Apóstolos. Esta cidade sagrada é onde os 144.000 eleitos viverão com o seu Cristo no reino do Milênio.

Nada mais necessitamos para ver uma exata correspondência entre os mitos ou profecias orientais e ocidentais. Denominaremos assim às novas organizações raciais como *Aldeias Vaikuntha*, embora também possamos dizer "Tribos de Iaweh", "Grupos Apostólicos", etc.

O importante é que, nestas colônias, as pessoas serão selecionadas segundo os seus códigos psíquicos profundos, matemática e astrologicamente definidos.

Estes centros poderão com o tempo se tornar cidades verdadeiras, ainda que o conceito de "cidade" fuja um pouco aos propósitos desta Nova Ordem não exatamente centralizada, mas múltipla, tendo como referência central antes de tudo o mito e a história do Cristo. Os Mestres estarão presentes como autoridades máximas, mas sem que a sociedade necessite tê-los formalmente visíveis, a partir de certo desenvolvimento. O que tratarão de fazer é definir a Nova Ordem e cuidar para que os rumos corretos da sociedade mundial sejam preservados. Nisto, tratarão de definir, convocar, dispensar e liberar as pessoas conforme as necessidades gerais. E cada um saberá que faz parte de um todo harmônico e conhecerá os seus compromissos, os seus direitos e deveres. Apenas sobre as bases de uma consciência desenvolvida e equilibrada é que poderá surgir este novo anarquismo espiritual.

Haverão na verdade vários tipos de aldeias, para os diversos níveis de trabalhos. Teremos centros para iniciantes, para discípulos e para iniciados. As *Aldeias Vaikuntha* apenas serão ocupadas após todos terem passado por estes três estágios preparatórios. Eventualmente, estes estágios também poderão fazer parte de um programa de treinamento nas próprias Colônias de Seleção Arquetípica, que são as *Aldeias Vaikuntha*.

Estas aldeias tampouco necessitam servir como residências permanentes ou definitivas. Elas visam cumprir as etapas necessárias de *preparação, reconhecimento e consumação*. Depois que o processo está terminado, seja pela iluminação, seja pelo matrimônio, o indivíduo pode instalar-se nas redondezas ou procurar outras regiões.

Nisto, as cidades poderão ficar como reservatórios de recursos e central de informações, a partir dos quais se trata de definir os elementos a serem direcionados para os centros especiais.

O novo homem e mulher aspirarão por certa mobilidade e liberdade. Seu centro está no cosmos, e isto ele aspira por partilhar com seu grupo e, especialmente, com sua *alma-gêmea*, com a qual forma uma única essência.

As *Aldeias Vaikuntha* permitirão todos estes encontros únicos e sagrados. Se no ciclo áryo a divindade estava presente no centro da cidade através do rei, no ciclo americano a divindade se revelará em cada indivíduo através da sua individualidade desenvolvida (e lembremos que a

nova raça-raiz está predisposta à iluminação ou ao *Arhatado*), assim como na comunhão com a natureza, representada mais do que nada por sua parceria única.

Será no auto-aperfeiçoamento de sua natureza individual e no seu treinamento esotérico, tendo em vista os seus destinos cósmicos finais após devidamente liberado deste plano, e na auto-capacitação para o encontro único de sua metade, que ele trabalhará antes de tudo –o que certamente deverá ser bem administrado e direcionado para não resultar em egocentrismo e exclusivismo estreito. O serviço geral continuará sendo uma norma. A Alma segue sendo uma esfera grupal e os compromissos cármicos de base permanecem.

A ciência não é já para ele um desafio. Seu desafio é a vivência plena destas verdades para através delas alcançar o palco cósmico dos Mistérios, nos quais se espalhará infinitamente.

Estes destinos e os caminhos para percorrê-los estarão incluídos no currículo das novas "Casas da Vida", os Templos de Sabedoria da Nova Era, assim como os preceitos de uma nova Psicologia que abranja todos os níveis de expressão do ser humano e focalize especialmente os mecanismos da *Alma*.

Se tratará de definir uma *Ciência de Tempo* pela qual os ciclos espirituais e humanos deverão ser idealmente percorridos, mais ou menos na linha do moderna pedagogia construtivista. Seu lema será: "Para cada estação a semente adequada".

Em termos espaciais, as *Aldeias Vaikuntha* estarão distribuídas através do território sagrado do Dharma (*vastu-mandala*), que é a zona ideal para forjar a têmpera humana ao nível necessário. Este território ocupará 144 graus quadrado, 12 de latitude e 12 de longitude, tendo como centro a *Cidade da Luz* predestinada, situada como sempre sobre o paralelo 30, e no meridiano 52, tal como a Lumbini na época do Buda. Estas coordenadas chamam-se *Pirâmide Geográfica*, e correspondem aos ângulos da Grande Pirâmide de Gizeh (ver nossa obra *A Cúpula de Cristal*).*

Com relação à sua astrologia, esta Capital foi fundada sob o signo da *Águia (Escorpião)*. Por ser um centro *original*, onde a Civilização se renova em grande escala, associa-se também ao mito da Águia. Finalmente, no caso do Deserto de Sonorora que fica na mesma faixa ao Norte, "os videntes diriam que há aqui uma confluência particular das emanções da Águia, as quais ajudam o ponto de aglutinação a mover-se (...)" (Castañeda, *O Fogo Interior*, Cap.9)

E o *Vento*, nome do signo de *Quetzalcóatl*, é uma das características desta região, porque metade do Território do Dharma situa-se nos pampas.

No que se refere ao país, o signo do Brasil é *Virgem*, e se pode associar isto aos mitos avatáricos em que a mãe divina é sempre uma virgem. Mas no horóscopo oriental o Brasil é *Cavalo*, e o cavalo (branco) é um símbolo do Avatar. Corresponde a *Leão* no Zodíaco grego, e no Apocalipse o Cristo diz que pertence à "geração de Davi", que é a Casa de Judá, associada a Leão.

Cada grau quadrado é chamado *zona* ou *região*, e cada região está subdividida em três *setores*. Nas regiões inabitáveis, especialmente aquelas que se acham em áreas aquáticas, suas aldeias devem buscar as terras das redondezas, ou se integrar às regiões que lhes são complementares (exemplos: Áries-Libra, Touro-Escorpião, etc.), e não sendo isto ainda possível, deve-se reagrupá-las de alguma outra forma condizente com as estruturas cabalísticas. Em último caso, se estenderá o perímetro da *vastu-mandala* para áreas contíguas.

* Neste caso, a longitude se refere a tempo e a latitude a espaço. O fato de a nova cidade de luz situar-se mais próximo ao grau 51 (o que seria até um detalhe menor), não deixa de ter significados especiais. A rigor, faz 5.100 anos que teve início a última Era Solar. Este é o momento exato da

manifestação divina, ou seja, no centro dos 200 anos de transição entre as Eras. Além disto, representa o meio-termo entre o registro oriental (5.000 anos) e o registro ocidental (5.200 anos).

Capítulo 12

Xochipilli ou o Papel-Vênus da Mulher

A mulher traz em si a intuição viva da tarefa e das energias raciais vigentes. Assim, o novo modelo de feminilidade é a mulher-Vênus, a expressão da beleza, do amor e da harmonia.

Mas, por isto, a mulher-Vênus é também a mulher-Arhat, chamada *Tara*, sendo a *Mulher-Nagual* por natureza. *Tara* anagrama de Arhat, é a esposa de *Brihaspati* (Júpiter), associado ao grau de *Chohan* (ou de *Ishwara*).

Como demonstra o Regulamento da Águia, o amor é uma das forças principais do treinamento tolteca. O amor no mundo dos feiticeiros é profundo e eterno.

a. Almas-Gêmeas

Tudo indica que a grande relidade das almas-gêmeas tem estado presente nos horizontes dos videntes telúricos, especialmente através do casal-nagual. A descrição dos sentimentos de Don Juan são a nosso ver definitivos neste sentido:

"A mulher nagual e Don Juan encontraram integração e silêncio na companhia um do outro. Don Juan disse que o sentimento que tinham um pelo outro não tinha nada a ver com afeição ou necessidade; era mais uma sensação física dos dois de que uma barreira sinistra tinha sido rompida dentro deles, e que eles eram um único e mesmo ser" (Carlos Castañeda, em *O Presente da Águia*, pg. 175).

Este sentido de identidade, único e insubstituível, verdadeira revelação espiritual através de um *outro* mas que é também o *si mesmo*, representa uma redenção de todos os padrões de relacionamento (egoísmo, desejo) e também de todas as mazelas da espiritualidade (solidão, esforço).

No sistema dos antigos videntes, os naguais eram identificados através de suas auras como "seres duplicados". Além deste método sofisticado, os tolteca conceberam muitas outras formas para isto, inclusive a do "nome astrológico", mais ou menos a como na Índia os casais eram escolhidos através da Astrologia.

O modelo pré-colombiano da mulher-Vênus é *Xochipilli*, a Senhora das Flores. As flores sempre estiveram associado ao feminino. Mas, como demonstram os símbolos transculturais do lótus do coração, da rosa-cruz e da flor-de-liz, também estão associadas à iluminação. São símbolos quaternários relacionados ao coração e ao despertar de um amor sagrado, tal como o

Regulamento prevê ocorrer entre o casal-nagual, resultando na iluminação. *Xochicalco* é a cidade florescida pelas iluminações de Quetzalcóatl.

É claro que um amor tão perfeito também traiga consigo uma paixão avassaladora. Mas o regulamento é severo no que diz respeito à energia sexual: esta deve ser canalizada para o Mais Alto.

Sabemos que isto é possível entre almas-gêmeas, até na intimidade. Ainda assim um sacrifício total parece ser exigido neste plano. Mas como o par-nagual não encontra mesmo barreiras de amar-se em todos os níveis, o efeito é o desenvolvimento exclusivo do mais puro sentimento, inclusive para além de todos os aspectos transitórios.

"...a afinidade da mulher nagual e do homem nagual é uma coisa que não pode ser formulada. Existe como resultado das emanações da Águia; quando duas pessoas são postas juntas e separadas não há meios de preencher o vazio, pois não é um vazio social, mas um movimento dessas emanações" (Castañeda, *O Presente da Águia*, Pg. 247)

O amor terreno é fugaz, mas o par-nagual é capaz de trazer o eterno ao mundo. A tradição afirma que a mulher-Nagual é um ser raro e "volátil", devido a "seus recursos internos" (*O Presente da Águia*, pg. 180), talvez pelo grau de autonomia relativa que apresenta. Tal coisa parece corresponder ao atributo de "instável" que Lakshmi, a esposa de Vishnu, recebe. Lakshmi costuma ser representada sentada ou em pé sobre um lótus, que é o seu símbolo. É por isto os grandes heróis das mitologias tem sempre tanto trabalho para resgatar as suas esposas (vide Odisséia e Ramayana).

O Regulamento aproveita-se disto e torna a sua fugacidade uma lei. Às vezes as guerreiras também sofrem a perda do Nagual. No entanto, como foi dito a Florinda Donner, "Você não precisa do Nagual para ser uma feiticeira impecável. Sua impecabilidade deve conduzi-la a ele, mesmo que ele não esteja no mundo. Viver impecavelmente, dentro de suas circunstâncias, é o seu desafio. Não deve fazer diferença que você veja Isidoro Baltazar amanhã, ao cabo de um ano ou no fim de sua vida." (Donner, *Sonhos Lúcidos*, pg. 291)

Este amor é tão grande e perfeito que por si só é capaz de desfraldar os horizontes da eternidade e até conduzir aos campos do infinito. Por isto um dos fatores de equilíbrios está no fato de que "o mundo dos feiticeiros é um mundo de solidão e, no entanto, nele o amor é eterno. Nós nos movemos no mundo dos feiticeiros sozinhos, responsáveis somente por nossos atos, nossos sentimentos, nossa impecabilidade". (Donner, *op. cit.* pg. 291)

Talvez seja difícil viver sem esta esperança (ou ilusão) de que algum dia teremos este reencontro. O conhecimento da perfeição é algo que jamais poderemos –e nem deveremos– esquecer. Poder mudar definitivamente os nossos passos, ou afirmar-nos em verdades transcendentais de belezas jamais sonhadas, alimentando os nossos sonhos com esperanças impossíveis de todo.

A solidão é imensa, mas esta solidão é também uma dádiva preciosa porque vela verdades sagradas, e quem conheceu um grande amor jamais estará de todo só. A lembrança é de todo inesquecível!

Ainda assim, existem no universo realidades consoladoras que são até representativas das melhores coisas. A terra e a lua representam a mulher, e o céu e o sol representam o homem. Por isto diz Castañeda:

"Don Juan me explicou que a solidão é inadmissível para um guerreiro. Disse que os *guerreiro-viajantes* podem contar com um ser sobre o qual podem enfocar o seu afeto, todo seu carinho: esta terra maravilhosa, a mãe, a matriz, o epicentro de tudo o que somos e de tudo o que fazemos; o próprio ser ao qual todos regressamos; o próprio ser

que permite aos *guerreiro-viajantes* empreender a sua *viagem definitiva*." (*El Lado Activo del Infinito*, pg. 327)

Este é um texto existencialista de grande beleza ecológica, romântica e até social.

Pois a correlação é na verdade entre o amor pessoal e o amor universal, que são desta forma equiparados, especialmente se pensamos em termos de almas-gêmeas, que é tudo o que deveríamos seriamente aspirar num caminho de totalidade.

A terra é também a soma de seus habitantes. Ora, alma gêmea é o casamento pleno entre céu e terra. Neste sentido, o amor perfeito entre almas-gêmeas é um amor maduro e pleno, que coroa uma alma que tem já desenvolvido todas as formas de amor, inclusive o social.

O amor perfeito entre almas-gêmeas é também a síntese de todos os amores que poderíamos viver.

Podemos afirmar, enfim, que o único consolo para o amor perdido que encontra o guerreiro-viajante, está em defrontar-se com o infinito e com a eternidade, toda a vastidão, a beleza e a pureza que oferece a natureza, pois é tudo isto o que ele encontraria nos braços de seu amor perfeito.

Pobre e feliz de quem conheceu tais verdades! Nada pode substituir o cálice divino, não existe cura para esta ferida eterna. Este é o drama do homem, e as respostas ele apenas pode buscar, buscar, buscar... encontrando sempre apenas meias-respostas.

O conselho preciso de Don Juan é: "Esquece-te do eu e não temerás nada, não importa o nível de consciência em que te encontres." (op. cit., pg. 329)

O Regulamento é severo porque nele estão implicadas realidades de importância cósmica. O fato do Regulamento da Águia exigir a requisição da Mulher-Nagual como garantia de que os trabalhos do Nagual tomarão o melhor rumo, demonstra a importância do aspecto romântico em todo este processo espiritual, e comprova que as realizações de um tal amor são únicas. Tal como as plantas mágicas são usadas para dar um impulso final na consciência dos videntes, a mulher-nagual também aguarda no final da jornada para reencontrar o nagual e seu grupo.

Este protótipo tem sido o grande estímulo das grandes realizações espirituais, de tal modo que observamos a presença de grandes atos heróicos nas sagas épicas e avatáricas dos povos, como registraram escrituras como o Ramayana e a Ilíade de Homero. No budismo tântrico os deuses sempre trazem suas consortes.

Como estamos no final deste ciclo cósmico, tal coisas deverão se generalizar, inspirando um grande movimento na humanidade tendo em vista a conquista de tais horizontes supremos de amor.

A possível diferença será no sentido da necessidade ou não de separação precoce entre as almas-gêmeas, e a possibilidade de empregar este potencial para maiores realizações, numa época de maiores potenciais.

E tudo isto significa que a mulher surge com um importante papel de liderança que a habilita a coordenar os processos de liberação humana e temporal. Como ela traz em si o dom da intuição, ela não necessita tantos esforços para realinhar as suas energias.

A mulher expressará as urgências da condição humana semelhante a como os mestres o fizeram na Atlântida. Se ocupará ostensivamente de temas de transcendência como o pós-morte. Despertarão para o valor do sacrifício espiritual e terão recato e disciplina com suas energias.

Ao mesmo tempo, ascenderão a cargos de poder e serão profissionais reconhecidas e remuneradas. E na medida em que se tornem autosuficientes financeiramente, reivindicarão qualidade de relacionamento de seus parceiros, podendo valorizar algo muito importante que elas trazem em si: o *romantismo*, a profundidade e o carinho.

O quarto grau racial aponta para a cruz do coração, demonstrando que os mistérios do amor e da transcendência estarão em primeiro plano na Nova Humanidade.

Se a mulher representa a energia racial que está na base da evolução hierárquica, isto significa que para os mestres futuros ela passará a representar um instrumento para a própria iluminação dos mestres...

Entre os Novos Adeptos, os Videntes Cósmicos, a mulher adquire uma perspectiva de Infinito, além daquela de Eternidade vislumbrada desde a época dos Adeptos atlantes e pelos homens verdadeiros do Novo Mundo.

Como afirmamos, a mulher se tornará de um modo geral "um veículo para a liberação interdimensional, assim como o homem, ambos reunidos fundindo caminho e caminhante numa única caminhada. Assim os caminhos do infinito se abrirão naturalmente, trazendo possibilidades até então impensáveis".

Porém, isto está condicionado a encontrar uma afinidade essencial e *única* entre homem e mulher, coisa que, no mínimo, pode parecer muito complexa de se alcançar. A única forma de obter isto é o *caminho do guerreiro*, atuando de forma impecável e segundo as leis cósmicas. O próprio destino se encarregará de unir aquilo que está predestinado à união. Oportunamente os novos mestres poderão fornecer certas indicações que facilitem o encontro, a identificação e o contato. E cada um sentirá que finalmente reuniu-se o que estava separado, e que doravante apenas o céu é o limite...

Este é portanto o terreno do *amor verdadeiro*, cristalizado na terra e portanto reintegrado, que requer sempre provas de fidelidade, manifesto como auto-controle e castidade. O sexo é apenas uma imagem pálida do amor sagrado, que o digno pode buscar diretamente em seu coração, onde guarda a imagem de sua amada eterna.

Este é um exemplo dos sendeiros de amor que os novos mestres trarão ao mundo. O amor deve ser livre e sem rótulos. O amor deve ser como o arco-íris, uno em sua fonte mas variado aos olhos.

No grupo divino estão o amor por Deus, o amor pelo próximo e o amor pela Natureza. E no grupo sagrado estão o amor aos pais, o amor ao cônjuge e o amor aos filhos.

Na medida em que vivemos uma época planetária –a *era dos Chohans* –, e temos consciência disto, todas estas expressões podem surgir com a mesma dimensão global. O amor conjugal, por atuar no segundo centro (emocional), complementa a energia chohânica, que é a segunda num sentido oposto. Na sua linha direta está o amor ao próximo ou à humanidade.

O aspecto superior do amor está simbolizado pelo Jardim do Éden. Deus criou a mulher para *companheira* do homem, mas também como *complemento*. É este o sentido da palavra *auxiliar* na Bíblia de Jerusalém. O Éden não seria completo sem a presença feminina.

Capítulo 13

O Paraíso e a *Árvore da Vida*

Desde a época atlante o universo cultural do homem começou a se estruturar internamente. No período áryo (os últimos 5 mil anos) ele conheceu um estado de equilíbrio e perfeição. E agora, no Novo Mundo, dará lugar a uma síntese que vê na Criação não apenas o grande palco da Ciência, mas do deleite e da auto-realização ou, numa palavra, da Felicidade completa. É também o retorno do Conhecimento, palavra que apresenta uma diferença sutil com "Ciência". Podemos vislumbrar esta distinção quando observamos o seu emprego bíblico, no sentido de *vivenciar* ou *experimental* algo.

a. A "Árvore da Vida"

Quando Adão e Eva comeram o fruto proibido, eles passaram a conhecer o bem e o mal, isto é, *provaram* e *viveram* a experiência da liberdade ou do livre-arbítrio, resultado da desobediência à orientação de Deus.

Como seres de uma raça infante, ou como todos os iniciantes nos mistérios, era difícil explicar-lhes as coisas, de modo que o voto de silêncio e obediência lhe estava imposto. A desobediência, fruto da presunção e da cegueira, os coloca por conta própria, para que evoluam não através da lei espiritual ou do dharma, mas da lei material ou do carma. Daí ele terá que obter o alimento com esforço, a mulher sofrerá ao parir, ambos se desentenderão entre si e a morte os tocará no fim porque eles se identificaram com a parte mortal de seus seres.

O conhecimento intelectual era algo quase inexistente até a raça árya. Tudo o que havia antes era a "experiência". Apenas nos últimos milênios se passou a poder contar com a informação construtiva e a se gerar sistemas de conhecimento, a partir da criação de recursos de preservação como a escrita e a própria linguagem, pois por muito tempo estes meios foram apenas os da transmissão oral.

Assim, conhecimento é sinônimo de *experiência viva*. Considera-se que apenas sabe-se porque realmente se viveu algo, e teve-se a capacidade de *provar* a realidade de alguma coisa. Não se trata de informação ou erudição, e tampouco de lei cega como nos animais.

Por isto, de início esta liberdade foi celebrada como uma nova conquista racial. A capacidade de empregar o corpo para obter o que se deseja e quando se deseja era algo novo sobre a Terra e caracterizava a condição humana, a qual apenas teve seu início real na raça atlante.

Daí que o "crescei e multiplicai-vos" foi a norma, e a produtividade foi uma de suas características básicas. Esta foi a grande era da agricultura, assim como da vida tribal e do culto à imagem, dando lugar às artes cênicas e às artes plásticas.

Mas a liberdade dos instintos é sem dúvidas uma faca de duplo-gume. E com o tempo a *sensualidade* primitiva começou a dar frutos negativos, atingindo até mesmo os quadros hierárquicos, como mostra a Bíblia através da queda dos anjos, motivando o Dilúvio universal e o fim da Atlântida ou da antiga ordem.

Quando Deus proibiu o homem de provar o fruto da Árvore do Conhecimento, de certa forma agiu como aquele pai que sabe o que é inevitável e necessário na vida, embora conheça as dores que isto acarreta e daí antes *aconselha* que não se prove certas coisas, do que proíbe que se o faça. De outra forma não teria ele mesmo colocado a Árvore do Conhecimento no Paraíso, mas apenas a Árvore da Vida.

A virtude de não provar seria excelente, mas a aprendizagem através da prova também seria útil. Cada um deve ser livre para fazer a sua opção, segundo sua própria consciência e capacidade. "Todos os caminhos levam a Roma", diria-se metaforicamente.

É claro que o caminho do conhecimento têm seus perigos, porque a percepção estática é limitada. E neste sentido, sabemos que a raça atlante era *pré-racional*. Uma das armadilhas seria justamente o seu excesso de "pragmatismo", a tendência a viver unicamente através da experiência sensorial, limitada como estava ao plano "elemental" inclusive a nível de Hierarquia. Faltava-lhe capacidade de abstração, intuição e imaginação, e havendo isto poderia levar tanto à experiência superior como à inferior. Amíúde o acúmulo de experiência resultaria na busca do "poder", podendo-se valorizar apenas aquilo que se é capaz de tocar e perceber com os sentidos. Acima de tudo, experiência não implica em compreensão. E isto pode conduzir à adoração do sensível como valor supremo e portanto ao *hedonismo*.

A Ciência, pelo contrário, é a habilidade de realizar um inventário das experiências mas também de *deduzir* coisas, empregando recursos especiais como os da analogia, dando lugar à lógica e ao raciocínio.

A mentalidade nasce no ato de decidir, estando nisto associada à vontade (ou ao desejo). Mas a mente superior apenas existe através da *compreensão*. A razão depura o desejo e prepara o terreno para a verdadeira *vontade*.

A Ciência passou a tomar vulto no período áryo, quando a própria humanidade teve acesso à *iniciação solar*. Com isto ela conquistou a sua liberdade, até porque estava sob a orientação de Mestres não apenas iluminados como também esclarecidos. A experiência material manteve a sua importância, mas deixou de se tornar um fim em si mesma.

O homem já não precisava tanto obedecer ou ser aconselhado, porque ele poderia *saber* intelectualmente através de sua mente compreensiva. E com isto ele teve acesso a outros patamares de conhecimento. A humanidade passou a gozar do ambiente espiritual no qual residia a consciência livre da hierarquia, e pode-se dizer que todos foram felizes.

A sociedade foi organizada de forma funcional de modo a se alcançar o máximo de criatividade, aumentando ainda mais a produção e enriquecendo-a. Foi esta a era da pecuária e da urbanização. Os símbolos abstratos deram origem à escrita e auxiliaram na síntese do conhecimento.

Certamente com o tempo isto também degenerou. Os códigos se massificaram e geraram a "poluição intelectual". O sedentarismo, inicialmente justificado pelo caráter solar das cidades-estados, centralizadas nas pessoas dos reis-divinos, trouxe seus próprios problemas quando estes "sóis" se apagaram, deixando os sistemas desestruturados.

A complexa organização social teve que adaptar-se para preservar o padrão de vida e as instituições passaram a se cristalizar e a formalizar pelo recurso exterior, material e compulsório. As coisas tornaram-se cada vez mais complexas, e o homem teve que começar a depurar seu espírito, retornando às fontes de sua consciência existencial verdadeira, alterando uma vez mais as instituições. E esta é mais ou menos a situação da civilização atual.

Pode-se estimar a nova raça realizará uma síntese entre estes dois momentos, apresentando-se tanto seja como "pós-racional", ou como "neo-sensitiva", quer dizer, habilitada nas coisas da razão e da sensação. Esta conjunção de tendências potencializará as suas faculdades, combinando e multiplicando seus processos de uma forma fantástica. Conhecimento e Ciência serão uma só expressão.

Quando falamos de "cosmos", não estamos tratando necessariamente do universo em geral. Esta palavra significa *ordem* em grego, e implica na organização ativa do universo, irradiativo e solar, em contraposição a um processo oposto de desestruturação e interiorização concentrativa e lunar.

Esotericamente se aplica ao microcosmo (homem), ao mesocosmo (sociedade) e ao macrocosmo (sistema solar). Colocar ordem no macrocosmo é a tarefa divina. Colocar ordem no microcosmo é a tarefa dos místicos. E colocar ordem no mesocosmo é a tarefa dos iluminados.

O dom da Civilização foi uma das grandes conquistas dos toltecas. Seus valores eram elevados e chegou-se a realizar uma síntese e uma adaptação razoável às contingências locais, numa época bárbara.

A civilização em si é uma característica árya, pois a *mentalidade* é uma de suas bases. Mas a ordem pós-racional ultrapassa até mesmo as ocupações civilizatórias e remete à consciência cósmica como tal, gerando novas tendências contemplativas. A adoração ao telúrico-natural se volta agora ao cósmico-natural, e o homem busca os meios de alcançar a liberdade no grande cosmos, explorando as dimensões de forma exterior e interior.

Todas estas possibilidades iniciaram realmente no período áryo, e este aspecto positivo de encarar o mundo está simbolizado pelo Jardim-do-Éden, o Paraíso. Apenas sob as instituições áryas é que a humanidade iniciou a vivenciar a Idade de Ouro. Mas antes ela teve que se preparar, purificando-se, e para isto a hierarquia atlante precisou ser rigorosa, para que a humanidade não retornasse nos seus instintos a planos inferiores.

De certo modo, tudo isto é cíclico. Após permanecer uma geração inteira no deserto, o povo hebreu pode seguir para a Palestina, conquistar a Terra Prometida e dar início a uma civilização própria, inclusive com novas instituições. O sacerdócio agora daria lugar à realeza, e as estruturas sociais seriam organizadas em novos termos a partir da divisão das terras entre as Doze Tribos. O *Dízimo* permitiria os serviços do Templo, e o *Jubileu* seria estabelecido para preservar o equilíbrio sócio-econômico através dos tempos.

Da mesma forma como no Jardim-Zen o homem natural reduz a Natureza ao Reino Mineral para voltar a contemplar o movimento da vida com olhos puros, o homem espiritual reduz o Cosmos à Natureza para ordenar em si ao Universo inteiro e rumar ao seu destino superhumano. A Natureza se torna a base de sua ponte cósmica. Por isto ele parte do quaternário para a éxade, através do instrumento do cubo. Mediante o conhecimento, interliga a Eternidade ao Infinito.

Os trabalhos desenvolvidos no Jardim-do-Éden se destinam a organizar devidamente os elementos e a *transmutá-los*. Por isto aqueles que executam com sucesso os seus passos tendem a obter a *Presença Irradiante* e a condição de Homem Perfeito.

A estrutura descrita no Gênesis para o Éden representa um padrão de mandalação do tempo-espço, sobre a base cosmológica da criação do mundo, que é o macrocosmo. Seus

quatro rios (Genesis 2, 10-14) são também forças cósmicas, gerando o mesocosmo racial. Ao passo que a dualidade da Árvore da Vida e da Árvore do Conhecimento representam o microcosmo, expresso na Cabala através da Árvore Sefirótica e sua imagem "invertida", e na fisiologia pelo sistema nervoso autônomo e sistema nervoso voluntário. A serpente solar convive com a serpente do pecado.

A Jerusalém Celeste, o novo arquétipo racial, representa um padrão acabado deste processo. Por isto também apresenta quatro faces, mas está centralizada pela Árvore da Vida e seus frutos, junto ao Logos e ao Trono, representando a Trindade.

É o padrão hierárquico *solar*, gerado a partir da centralização quintessencial, próprio das Idades de Prata e Ouro, cujos Estados Ideais são a Monarquia e a Sinarquia.

O grau de organização social atingirá um patamar considerado hoje utópico. As pessoas conhecerão tantas coisas e terão tantas experiências acumuladas através dos mais distintos meios, que se organizarão voluntariamente tendo em vista a conquista do máximo dos imensos potenciais que saberão possuidoras.

Não tanto o temor a Deus, mas sim o amor ao sagrado é que as motivará a agir. Por isto o novo código racial de conduta não se baseia em nem obediência e nem em informação, mas em compreensão.

Espera-se sempre que tanto conhecimento resulte em aumento de responsabilidade. Por isto, quando isto for alcançado, permitirá um semi-anarquismo que se misturará com uma síntese entre o natural e o civilizado, dando lugar ao novo espírito racial.

O novo Paraíso não terá uma Árvore de Conhecimento porque este se acha plenamente assimilado. Terá sim uma Árvore da Vida (cf. Apocalipse 22,2), que é a Hierarquia viva em seu seio. A Nova Jerusalém, símbolo do Novo Éden, não possui templos, mas sim a presença solar do Cristo e seus representantes.

Esta Árvore da Vida frutifica doze vezes ao ano, e nisto temos uma alusão astrológica e cósmica. As doze frutificações são como o *grupo perfeito* do Chohans.

Doze é o número de pétalas do *chakra* do coração, mas o centro coronário ou da cabeça também está subdividido em 12 seções. Esta correlação pode ilustrar bem a associação atual entre a humanidade e a hierarquia, assim como entre o ciclo atlante e o ciclo pan-americano.

Existe sim na Jerusalém celeste o Lago de Fogo como destino dos pecadores (Ap 20,15), e também o Rio das Águas da Vida para os justos (Ap 22,1). Istosegue na linha de que este mundo perecerá pelo fogo (II Pe 3,7).

A forma de reproduzir o cosmos na Natureza é através do *elemento humano*, uma vez que nele se encontra o Microcosmo e a habilidade de gerar a síntese espiritual.

A palavra *cosmos* significa "ordem", o que denota a organização dos elementos e portanto um processo criador ou positivo. A ordem "planetária" do grupo do Nagual representa um padrão cósmico.

Os grupos dos Videntes Cósmicos serão mais complexos e integrarão ou ampliarão os grupos tradicionais dos Naguais. Suas viagens serão espetaculares, pois terão destinos cósmicos.

Desde o ponto de vista do *Samyama*, o Jardim-Zen corresponde ao estado de *Pratyahara* (abstração), isto é, precede a *verdadeira* disciplina interior. O jardim japonês estaria já relacionado ao estágio de *Dharana* (concentração). E o Jardim-do-Éden, com sua estrutura mandálica, estaria associado à verdadeira meditação ou *Dhyana*.

O Jardim-Zen é a etapa depuradora-pacificadora da meditação.

O Jardim-do-Éden é a etapa dinâmica-criativa da meditação.

O *Samadhi* ou a contemplação, com efeitos extáticos, é o resultado final da harmonia das energias cósmicas, dispostas num momento anterior. A rigor, ele apenas pode ser mantido após a iluminação.

O verdadeiro êxtase é fruto da atividade de energias que se complementam, gerando um estado de unidade e integração.

A Árvore simboliza uma natureza sagrada e está relacionada a um aspecto do ser humano que transcende os instintos. O sistema nervoso *voluntário* é a realidade física-energética associada à esta Árvore da Vida.

Todos os órgãos do corpo estão regidos pelos dois sistemas, o *autônomo* e o *voluntário*. Sabe-se porém que, na prática, nem todos os órgãos estão sujeitos ao controle consciente do indivíduo. Esta é pois mais uma daqueles questões em que o homem ainda não domina todos os seus potenciais.

Os iogues no entanto afirmam que, através de um treinamento especial, eles são progressivamente capazes de controlar todos os órgãos sem excessão. Até certo ponto, tal coisa pode ser feita de forma indireta, através da respiração, por exemplo, que é capaz de tranquilizar o coração.

A Árvore da Vida vincula à *eternidade* através do amor, sendo a vida uma expressão do eterno.

b. Os Passos Mágicos

Os *Passos Mágicos* são um desenvolvimento dos *Passes Mágicos*. O nagual Julian, que era um grande dançarino, havia elaborado uma dança para expressar os *Passes Mágicos*, e o mesmo fez o vidente Silvio Manuel. Chamavam-nos de *Dança da Infinitude*.

Ne versão dos Videntes Cósmicos, os *Passos Mágicos* são também chamados de *Dança Cósmica*.

A correlação entre ambas as realidades, *Passes* e *Passos*, pode ser vista na correspondência existente entre Microcosmo (Homem) e Mesocosmo (Grupo). Num campo ainda maior, o do Macrocosmo (Planetas), teríamos a *Dança das Esferas*, que é o bailado dos planetas no Sistema Solar.

O Jardim do Éden comporta a *Árvore da Vida*, que é o corpo humano iluminado, relacionado especialmente ao pentagrama superior da Árvore Sefirótica da Cabala.

E nisto transparece o trabalho dos videntes telúricos com seus *Passes Mágicos*. O Jardim em si é uma *mandala* cósmica com efeitos *grupais*. Suas energias transcendem a esfera individual, tal como aparecem nas iniciações cósmicas dos Budas e hierarcas.

O Regulamento é o um reflexo dos movimentos cósmicos. Em sua forma original, ele reflete os processos *duais* que dão origem às esferas cósmicas polarizadas. Assim, existem quatro planetas densos e quatro planetas gasosos, em analogia com as quatro espreitadoras e as quatro sonhadoras do grupo do Nagual.

No mesmo sentido, os passos mágicos procuram reproduzir os movimentos da geometria cósmica. Cada guerreiro deve encontrar o seu *par*, um indivíduo que lhe seja complementar e análogo, não necessariamente de sexo distinto. Por isto os gêmeos são muito valorizados entre os videntes telúricos.

Alguém que se destaca por sua unidade —o Nagual, por exemplo— integra todos os pares.

Num segundo momento, estes grupos se reorganizam em *triângulos*. Os gêmeos passam a adquirir uma nova função criativa e o critério de eleição pode cambiar. Cada par dá um fruto luminoso, de modo que os 4 casais "geram" 4 seres somando 12 unidades, as quais depois se reagrupam em 6 pares. Este é o aspecto psicológico do processo de transição entre os grupos-fênix para os grupos condor, no qual a definição de Essências anímicas permite a expressão de Personalidades perfeitas.

Com a iluminação, o trabalho quaternário abre espaço para o trabalho sêxtuple. E a base polarizada se torna em triangular. As etapas pós-atlantes ativam as energia duais da *nadi* central, *Sushumna*, associada a Mercúrio e ao caduceu.

Uma das formas de se realizar isto é mediante os ritos. E para isto, o rito individual se transforma em rito grupal.

Se o trabalho espiritual atlante-áryo ou tolteca estava focalizado nos *Passes Mágicos*, o trabalho áryo-americano gerará esquemas suplementares para as iniciações coletivas tanto dos *Arhats* como dos *Chohans*.

Este plano de trabalhos se ocupa não tanto dos centros energéticos individuais, mas dos próprios indivíduos como centros *grupais*.

O nome deste trabalho pode ser *Passos Mágicos*, e consiste de uma harmonização grupal dinâmica, feita através de movimentos rítmicos, na busca pela sincronização geral entre os membros do grupo. O roteiro possui etapas que lembram vagamente as danças místicas dos sufis, dos derviches e as do "Quarto Caminho", evocando etapas da formação, evolução e transformação do cosmos.

O campo de trabalhos chama-se *Jardim do Éden*, e consiste num espaço que pode ser um templo, uma sala, um gramado ou mesmo uma praça, planejada ou não para este fim. Este trabalho se chama também *Dança das Esferas*, e algumas de suas seções consiste na emulação dos princípios e dos processos de mecânica cósmica, primeiramente a física e depois a espiritual, sendo que seu grande propósito é o da *liberação grupal*.

Castañeda teve um vislumbre destes movimentos quando foram realizados pelo grupo do Nagual no momento em que partia deste mundo, quando a visão de sua harmonia lhe trouxe à mente a imagem da Serpente Emplumada dos toltecas (descrito ao final da obra *O Presente da Águia*). E assim corresponde de fato, porque representam processos de criação cósmica e de transformação de energias. Estes movimentos estão estritamente relacionados ao Regulamento do Nagual, seja o telúrico ou o cósmico.

Tudo no que existe está estruturado sobre fórmulas de energias, em movimento simples ou complexos. O esoterismo moderno fala das *espirilas* dos átomos dos planos, padrões de energias responsáveis pela vibração de um dado plano.

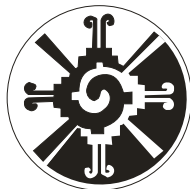
Assim como os elementos químicos têm suas fórmulas, também é possível conceber fórmulas para os elementos alquímicos (terra, fogo, ar e água), e até para os alinhamentos de consciência (personalidade, alma, espírito, corpo-causal e logos), assim como reger a dinâmica dos sistemas solares em todas as suas etapas. As *mandalas* trabalham sobre estes princípios, razão pela qual concedem tanto poder e harmonia.

As pessoas também realizam movimentos em suas ações grupais. As cidades antigas estavam comumente divididas em setores, em número de 4 no mundo pré-colombiano (Tenochtitlan, Cuzco), e em certos mitos e profecias em até 12 segmentos, como se lê na República de Platão e na Jerusalém celeste do Apocalipse.

Estes padrões refletem o tipo de trabalho espiritual predominante. O trabalho pessoal está baseado nos elementos alquímicos, na estruturação e no refinamento da matéria prima individual. O indivíduo inicialmente compõe os 4 *elementos*, para depois transmutá-los em

éteres. Depois disto, já na condição búdica ou divina, ele edifica os *alinhamentos* cósmicos, sobre uma base ternária.

Abaixo reproduzimos o emblema pré-colombiano de *Hunab Ku*. Seus movimentos e estruturas sugerem tanto os movimentos circulares-duais dos elementos-éteres como os movimentos triangulares centrais dos alinhamentos.



Nele vê-se 13 elementos como 8 esferas + 3 patamares + 2 polaridades, envolvendo uma cosmologia completa. *Hunab Ku* ou *Oncecutli* reside no 13º céu.

O trabalho dual estava relacionado ao tempo e suas espirais. O trabalho ternário está associado ao espaço e suas energias.

Capítulo 14

A Ascensão ou o Vôo para o Infinito

Existem certas espécies de aves que realizam o seu último vôo partindo para o infinito. Quando percebem que seus dias estão no fim, reúnem todas as forças e se dirigem para o alto numa viagem definitiva, de modo que este se torna o último de seus atos.

Tal coisa se assemelha àquilo que realizam os guerreiros convictos quando preferem morrer lutando, como faziam os celtas ou os nórdicos desejosos de alcançar o *Valhala*, assim como os muçulmanos convictos de alcançarem as delícias do paraíso dos heróis. Cada ser encontra o seu melhor fim na apoteose de seu elemento. É assim que se extinguem as Eras e também os homens comuns, mesmo quando sucumbem ao desequilíbrio de seu caráter.

O videntes também tem seu grande momento final, a apoteose de sua decisão de vida, no vôo do coração.

No seu derradeiro vôo, o *Homem-Pássaro* recolhe todo o seu ser e parte para o infinito. Lança-se de um abismo para chegar aos braços da *Águia*, passando a existir de uma forma livre e sem os limites que a forma física lhe impunha. O casulo foi deixado para trás e a borboleta pode se liberar. Um novo destino se impõe e a existência adquire um outro sentido.

Certamente isto representa a coroação de toda uma vida de preparações. O sábio vive para vencer este supremo desafio quando for chegado o momento, o qual deve representar um renascimento para uma nova vida, e não a extinção de sua única oportunidade de salvação. Faz assim o máximo que sua sabedoria lhe pode conceder.

É do drama da vida que as coisas importantes sejam únicas. Por isto, todos temos a rigôr apenas um Deus, um Mestre, um pai, um cônjuge e um destino. Se fosse de outra forma, as grandes oportunidades jamais seriam buscadas e o homem seria atrelado à inércia de uma forma definitiva. A crença na *reencarnação* esvazia de uma forma perigosa este tipo de urgência, e jamais deve ser vista como algo desejável.

Tal coisa nada tem portanto de mórbido. Pelo contrário, é a premissa básica da sabedoria a percepção dos limites da condição material e também dos potenciais que possui o homem de salvar-se da extinção absoluta, aproveitando a *dádiva da Águia*. A consciência da finitude da matéria é o início da verdadeira percepção, pois conduz para aquilo que é realmente eterno. Pois nisto ele descobre que sua própria percepção lhe sugere alguma forma de saída, e aí lhe nasce a sabedoria.

Sabe que se trata de uma empresa muito difícil. Mas, para sua sorte, descobre que não está só nesta jornada, que muitos a realizaram antes dele e deixaram marcas no caminho, assim como guias para que se possa realmente chegar a isto. Com sorte os encontrará em algum lugar.

É muito difícil comentar estas ocorrências pois ultrapassa todo o imaginável, sugerindo possibilidades fantásticas. A poesia popular gosta de afirmar que alguém não morreu, mas se transformar em estrela. A filosofia tolteca parece aplicar isto literalmente. Muito do que o ser hu-mano é capaz de conceber, ele também é capaz de realizar. Se alguma coisa é bela e boa, então ela deve poder ser possível. Nossa imaginação transita apenas nos anais das possibilidades, ainda que remotas.

Podemos talvez traçar um paralelo com as narrativas que se faz da ascensão de Jesus, e também dos "Mestres ascensos" da moderna literatura teosófica. Mas todas estas descrições costumam estar repletas de mitos e alegorias. Alice A. Bailey escreveu que "ascensão" é simplesmente o nome cristão para uma etapa de transição entre a quarta e a quinta iniciação (ver *Os Raios e as Iniciações*), e não implica necessariamente em abandono completo do corpo físico. Por outro lado, desde um ponto de vista absoluto, este é que se transforma em luz.

a. O Último Ato de Poder

Se morrer já é em si um dos atos mais dramáticos e absorventes que a condição humana pode encarar, a forma como os videntes enfrentam este momento é absolutamente ímpar.

Inicialmente, acredita-se que eles teriam o poder de decidir o momento de suas mortes, sendo capaz de protelá-las enquanto julgarem necessário.

Além disto, segundo Castañeda, seu mestre Don Juan e outros de sua estirpe, chegada à hora derradeira, simplesmente se converteram em luz e "desapareceram", entrando numa outra dimensão.

Para executar tais proezas cósmicas, estes videntes mantém uma intensa harmonia entre o seu corpo e a natureza. Geralmente, os setenta anos ou mais de certos videntes pouco se refletem na sua aparência e no seu vigor.

Assim, entre permanecer "manifestado" e deteriorar-se, a Tradição de Sabedoria, destacando-se os ensinamentos toltecas, oferece o caminho alternativo de se converter em luz e "desaparecer com corpo e tudo" (objetos e acessórios). Existem outras narrativas de seres que "desaparecem" quando desejam, como Filóstrato escreveu de Apolônio de Tiana. Também seria possível comparar este "desaparecimento" voluntário à liberação dos Mestres-Chohans quando rumam para os seus *Sendeiros Cósmicos*, conforme são descritos pelos teósofos. A idéia da "ascensão" dos Mestre diz pois respeito a este fato.

Segundo os videntes, este poder deriva da capacidade de controle sobre a "força vibratória" central que mantém coesa a unidade energética humana. Diz Carlos Castañeda em *Passes Mágicos*:

"Uma das histórias que Don Juan contava a respeito dos antigos feiticeiros é que eles eram capazes de dissolver a sua massa física simplesmente colocando a sua plena consciência no *intento* daquela força." (pg. 28)

Tais "histórias de poder" ilustram muitas vezes capacidades *atuais* dos videntes e servem didaticamente para o aprendizado dos guerreiros.

Diz-se então que os antigos videntes perceberam que, neste estado em que eles se transformavam em "mera" consciência, eram incapazes de "atos práticos", e como suas principais perspectivas eram de natureza material, inclusive o poder sobre as outras pessoas, sentiram-se frustrados com aquilo. Quê paradoxo para aqueles que desejavam acima de tudo o poder material! Desejaram então compensar esta ausência de massa através de uma associação espúria com outros reinos.

Possivelmente, a partir disto, a capacidade de executar este ato foi reduzido, e nos tempos mais recentes o seu emprego praticamente se limita ao conhecimento *intelectual* desta possibilidade, à excessão do emprego concreto na hora derradeira de deixar este mundo:

"A única ocasião permissível em que os modernos feiticeiros usam o poder dessa força aglutinadora vibratória é quando eles queimam por dentro, quando chega a hora de deixarem este mundo." (*Passes Mágicos*, pg. 29)

Dizem, inclusive, que para eles é "a própria simplicidade colocar a sua consciência absoluta e total na força de ligação com o *intento* de queimar, e lá se vão eles, como uma lufada de ar."

Para realizar isto o feiticeiro trata de criar uma passagem no cosmos com sua vontade, ou melhor, o seu *intento*:

"(...) quando um feiticeiro consumado está pronto para deixar o mundo, tudo que ele precisa fazer é manipular a percepção, ter a intenção de uma porta, atravessá-la desaparecer." (*A Travessia das Feiticeiras*, pg. 110)

O importante é que esta conquista representa um dos grandes propósitos de existência humana. O fato de se morrer normalmente não o compromete necessariamente, embora certamente traz implicações mais dramáticas e, no mínimo, mantém o indivíduo na "Câmara do Aprendizado".

Através do "salto no abismo" o indivíduo adquire já a essência perceptiva da consciência. O passo seguinte é lançar-se ao vôo infinito:

"...milhares de feiticeiros tinham conservado a sua força vital após terem dado ao mar escuro da consciência a força das suas experiências de vida. Para don Juan, isso significava que esses feiticeiros não morreram no sentido usual como entendemos a morte, mas transcenderam-na retendo sua força vital e desaparecendo da face da terra, embarcando em uma *viagem definitiva* de percepção."

"A crença dos xamãs da linhagem de don Juan era que, quando a morte acontece dessa forma, todo o nosso ser transforma-se em energia, um tipo especial de energia que conserva a marca da nossa individualidade.

"Dom Juan tentava explicar isto em um sentido metafórico dizendo que somos compostos de um número de nações unitárias: a nação dos pulmões, a nação do coração, a nação do estômago, a nação dos rins e assim por diante. Às vezes cada uma destas nações funciona independentemente das outras, mas no momento da morte todas elas são unificadas em uma única entidade. Os feiticeiros da linhagem de don Juan chamavam esse estado de *liberdade total*. Para os feiticeiros a morte é uma unificadora e não uma exterminadora, como ela o é para o homem comum." (Castañeda, *op. cit.*, pgs. 113-114)

Aquilo que Castañeda interpreta como um "sentido metafórico" oculta na verdade uma aceção tecnicamente exata, seja porque a matéria densa se transforma efetivamente em energia, seja porque os raios ou a energia dos *chakras* relacionados a tais centros físicos se reúnem para abrir um verdadeiro portal cósmico de libertação. E segundo a Doutrina dos Sete Sendeiros, este seria um portal sétuple, tal como o centro seguinte, *Sahashara Padma* ou Lótus de Mil Pétalas", é também o sétimo, e o Tibetano informa que este centro é setenário. A individualidade preservada, à parte a nossa memória essencial, se refere pois aos Raios individuais que determinam a natureza da mônada divina. Como veremos, isto corresponde aos Sete Tipos de "seres inorgânicos".

Trata-se da entrada em um novo ciclo de existência, pautado pela "consciência pura" em uma dimensão cósmica quase eterna desde o nosso ponto de vista. Os guerreiros toltecas, evocando a visão dos chineses, empregam para isto também a conhecida imagem da "fusão com o todo", a

união da consciência individual ou *te*, com a consciência oníabrangente ou *tao* (cf. *A Travessia das Feiticeiras*, pg. 131)

Castañeda pergunta a seu benfeitor se se trata da imortalidade. Responde don Juan:

"Isso de modo algum é a imortalidade. É simplesmente a entrada em um processo evolucionário, usando o único meio para a evolução que o homem tem à sua disposição: a *consciência*. Os feiticeiros da minha linhagem estavam convencidos de que, biologicamente, o homem não poderia evoluir mais; consequentemente, consideravam, a consciência do homem o único meio para evoluir."

Com isto os toltecas mostram ter consciência de seguir evoluindo depois de sair deste mundo. Representa pois a coroação de um ciclo de vida dedicado à cultivar o veículo eterno do homem: a sua consciência! Naturalmente, o homem é a coroa da cadeia evolutiva física, e o fato de possuir o "livre-arbítrio" reflete a semente de uma condição *cósmica*.

"No momento de morrer os feiticeiros não são aniquilados pela morte, mas transformados em *seres inorgânicos*: seres que têm consciência mas não um organismo. Para eles, serem transformados em um ser inorgânico era evolução e isso significava que um novo tipo indescritível de consciência lhes era emprestada, uma consciência que permaneceria por verdadeiramente milhões de anos, mas que algum dia também precisaria ser devolvida ao doador, o *mar escuro da consciência*." (pg. 114)

Ora, se a antiga consciência pode ser preservada, quem sabe a nova também possa sê-lo através de um novo sendeiro de "impecabilidade cósmica", no caso, através dos Sete Sendeiros Cósmicos formulados pelo ciclo teosófico, que seriam assim como uma espécie de reinício de processo espiritual, redimensionado para as esferas superiores.

Talvez até se pudesse *quantificar* com maior precisão este novo ciclo cósmico de existência, mais ou menos como tratamos de fazer na terra. Certamente será um ciclo de extraordinária extensão, e tal coisa justificaria a existência de Calendários tão largos como o dos maias e sua "conta larga", capaz de atingir a astronômica cifra de 63 milhões de anos. Poderia até ter uma *analogia* com o ciclo humano. Sabemos que, no Hinduísmo, o sétimo chakra é apenas um *redimensionamento* do sexto, na medida em que este apresenta 96 pétalas e aquele 960.

As implicações de tudo isto são enormes. Inicialmente, não sujeita os homens ao "infame" processo de deterioração da carne, que os hindús evitam através da cremação dos corpos – certamente um símbolo materializado desta combustão interior –, embora seus mestres sejam enterrados, já que neste caso o verdadeiro propósito da cremação seria afastar logo o espírito deste mundo. Aos "bons espíritos" seria solicitado permanecerem próximos, razão pela qual os faraós e outros "reis divinos", habituados a proteger a sociedade, construíam pirâmides e túmulos suntuosos para "residir" após a morte. O verdadeiro beneficiado seria a sociedade – mas para isto é preciso crer firmemente em tais possibilidades.

Além disto, a "combustão" completa diminui bastante a dúvida residual que possa haver sobre a possibilidade de sobrevivência da consciência após o desenlace físico. É certo que qualquer experiência "fora do corpo" assegura uma grande convicção neste sentido. A própria existência de uma consciência humana já sugere a possibilidade de transcendência. A iluminação então, na medida em que desperta energias novas e tão poderosas, acrescenta uma certeza irresistível de eternidade.

Nem sempre há como saber ao certo se o que se apresenta é apenas um *projeto* de liberação ou se é já uma realidade atualizada, a não ser quando seja tarde demais. Por isto, o sábio deve assegurar-se de todas as suas possibilidades, empregando todos os instrumentos de que dispõe e cultivando novos recursos sem esmorecer. A vida é dinâmica e o infinito implica em caminhar sempre para diante.

O leitor atento irá questionar como é que os adeptos atlantes adquiriram esta capacidade, associada à conquista dos novos adeptos americanos.

Ocorre que por vezes é possível *fundir* certas iniciações (cf. Bailey em *De Belém ao Calvário*), para fins especiais, como nas ocasiões em que se torna preciso realizar um novo *inventário do conhecimento universal*, a fim de servir de alternativa ao inventário normal da humanidade.

Exemplo disto aconteceu com a organização dos *passes mágicos*:

"Don Juan especulava que sempre lhe parecera que os movimentos que os corpos dos xamãs executavam automaticamente em *consciência intensificada*, era uma espécie de herança oculta da humanidade, algo que tinha sido profundamente armazenado para ser revelado apenas àqueles que estivessem procurando por ele. Ele comparava estes antigos feiticeiros aos mergulhadores de águas profundas que, sem o saberem, recuperaram aquela herança." (*Passes Mágicos*, pg. 21)

Este processo lembra o dos *tertons* estabelecido por Padma Sambhava no Tibet, "caçadores de tesouros espirituais ocultos" (*termas*), e cujo ciclo de 25 gerações é semelhante ao da linhagem de Don Juan.

Ao lado disto tudo, no caso de certos atlantes e dos antigos videntes, tratava-se em muitos casos da simples exploração de *poderes ilegítimos*. Sabemos que os magos negros tendem a "forçar situações". Eles realmente adquirem certos poderes especiais e até assombrosos. Mas para isto devem pagar um elevado preço, inclusive em termos de esforços. Até por isto, eles jamais tirarão o melhor proveito destas situações. Do contrário, quando se alcança um determinado estado pelos meios legítimos, pode-se aproveitá-lo completa e permanentemente. E assim é que, apesar de os atlantes terem adquirido este poder, certamente estavam limitados na capacidade de explorar as dimensões superiores. Sua mentalidade estava tão associada ao psíquico e ao terreno, que suas referências eram meramente materiais e incapazes de tanger a verdadeira liberdade.

Seus herdeiros, no entanto, trataram de remediar este quadro e se tornaram então nos guerreiros da *liberdade total*. Veículos de uma nova ética e de uma nova consciência, os novos videntes perceberam claramente as antigas "aberrações" e trataram de buscar meios e fins mais elevados e sutis. Naturalmente, a consolidação desta dimensão seria um trabalho futuro, exigindo uma expressão absolutamente *ascendente*. E nisto eles realizam um importante prenúncio daquilo que viria, pois seus vãos grupais se assemelham aos processos coletivos dos Chohans. Mesmo estes novos videntes tinham suas limitações, mas certamente representa mais um aspecto de sua atividade *profética*. De algum modo eles penetraram no futuro, e isto confirma nossa visão de que os novos videntes pertencem na verdade a um *terceiro ciclo*.

b. A Constituição do Universo

O Nagual é aquele que traz para o mundo o "pássaro da liberdade", e esta liberdade consiste em ter acesso a outros planos ou universos.

Segundo os videntes da linhagem do nagual Juan Matus existem na Terra 48 grandes faixas de emanações ou tipo de organizações provenientes da Águia. Podemos encontrar este número em outras tradições. 48 é a soma do número de pétalas dos cinco primeiros chakras no hinduísmo. Mas este como este valor se reflete e duplica no 6º centro, devemos tratar aqui especialmente com este *reflexo*.

Assim, se 48 era dividido no primeiro grupo como 12x4, de forma *lunar*, evocando os quatro Zodíacos associados aos quatro corpos e iniciações raciais, agora devemos ver este ciclo como 49, de forma solar, e dividi-lo através de 7x7 ou nos sete planos solares. O zodíaco soli-lunar reúne estas duas possibilidades.

Segundo a tradição tolteca, quarenta destas faixas são apenas formais e não tem nenhuma espécie de consciência. São simples *estruturas evolutivas*. Podemos equipará-las aos quatro ciclos da Árvore da Vida, representados nos quatro grupos decimais de Arcanos Menores, retirando-se as 16 cartas entificadas : 4 "Reis", 4 "Rainhas", 4 "Valetes" e 4 "Damas", os quais tem sido comparados por nós aos 16 elementos do antigo grupo do nagual ou ao grupo básico do Novo Regulamento Sinárquico.

Oito faixas de emanções têm vida consciente, mas apenas uma tem vida orgânica (ver *O Fogo Interior*, pg. 154 ss., C. Castañeda).

c. Os "Seres Inorgânicos"

As sete faixas de "consciência pura" são os Sete Raios, emanados cosmicamente, segundo o Tibetano, a partir da constelação da Ursa Maior naquilo que diz respeito à atual ronda evolutiva.

Segundo os informes teosóficos, os Mestres liberados têm nos seus horizontes cósmicos sete caminhos para optar. Podemos associar estes sete sendeiros a estes sete reinos conscientes inorgânicos.

Afirmam ainda os toltecas que cada faixa deste grupo óctuple está constituída por três feixes de consciência. Assim, pode-se relacionar os 7 grupos de seres inorgânicos aos 21 "cernes abstratos" mencionados por Castañeda no início de *O Poder do Silêncio* (onde também os apresenta como "três conjuntos de seis cernes abstratos", o que modifica pouco o panorama).

Estas estruturas têm muito em comum com doutrinas astrais de várias escolas e até com a ciência. O algarismo 21 é comum nas tradições, e o cabalista o encontra no Tarô, na Árvore Sefirótica e na própria estrutura do calendário hebraico. Na religião egípcia o mundo de Osíris têm sete portais guardados por três entidades cada um. É ainda o mesmo número de setores das três esferas do *Bhavachakra* tibetano, a Roda da Vida coordenada pelo deus da morte Yama. Finalmente, Alice A. Bailey informa em *Astrologia Esotérica*, que os Sete Raios divinos emanados da Ursa Maior alcançam, nesta ronda, o nosso Sistema Solar através de três Constelações por cada Raio, resultando novamente em 3x7=21.

Os seres inorgânicos representam energias pares, e este Universo Paralelo define a base para a criação.

"Os antigos xamãs descobriram que o universo inteiro está composto de forças gêmeas, forças que se opõem e que se complementam. É irrefutável que nosso mundo é um mundo gêmeo. O mundo oposto e complementar a ele está povoado por entes que têm consciência, mas não um organismo." (*El Lado Activo del infinito*, pg. 242)

Tais "forças gêmeas" lembram o universo paralelo da moderna Teoria científica da *Supersimetria*. Estes seres inorgânicos tem a mesma longevidade do planeta, e neste sentido são eternos. "A Terra é a sua matriz". (op. cit., pg. 248).

Com o definitivo abandono do corpo físico, os xamãs se tornam eles mesmos em seres inorgânicos:

"...se convertem em seres inorgânicos, muito especializados, seres inorgânicos de grande velocidade, seres capazes de manobras estupendas de percepção. Os xamãs empreendem então o que chamam de sua *viagem definitiva*." (op. cit., pg. 247).

Tal aproxima dos destinos dos Chohans, os quais seguem por vias de energias puras e definidas de natureza consciencial. Nestas vias, que seguem normalmente além deste sistema solar, eles podem serguir evoluindo.

Hierarquicamente, os Sete Sendeiros também estão associados às Sete Hierarquias Búdicas existentes: *Bodhisatva*, *Pratyeka*, *Manushi*, *Dhyani* e *Adi*, já mencionados, além de duas categorias de *Vajra*, integrando com os 6 graus sistêmicos os 13 escalões do Duplo Sistema e o próprio Setenário Cósmico após a sua completa liberação.

d. Os Sete Sendeiros Cósmicos

A natureza dos Sete Sendeiros e os Centros cósmicos a eles conectados, conforme o transmitido pelo Tibetano através de Bailey, são:

- 1°. Sendeiro de Serviço na Terra => Físico Cósmico => Astral Cósmico;
- 2°. Sendeiro de Trabalho Magnético => Astral Cósmico => Mental Cósmico;
- 3°. Sendeiro de Treinamento para Logos Planetário => Mental Cósmico; 4°. Sendeiro para Sírio
=> Astral Cósmico;
- 5°. O Sendeiro de Raio => Mental Cósmico;
- 6°. O Sendeiro onde se acha o Logos => Búdico Cósmico;
- 7°. O Sendeiro de Filiação Absoluta => Mental Cósmico.

Como se observa, o nosso Logos apresenta um vínculo com o mais superior dos Sendeiros, aquele que conduz à mais elevada das esferas acessíveis neste Sistema: o *Búdico Cósmico*, ou 4° Logos Cósmico. Isto é natural, porque se trata do *Plano Quaternário* de nosso Logos Cósmico, cujo Mestre está assentado no Búdico Cósmico, representando a sua meta evolutiva e o seu horizonte possível. É o Plano ao qual o nosso Logos aspira por unificar-se, e a crescente ascensão de Hierarcas até partamar que representa o *coração* de nosso universo, fortalece o vínculo com este centro "cardíaco" e apressa o dia em que uma grande realização cósmica terá lugar.

Todos os Sendeiros têm profundas afinidades entre si e se destinam a conduzir ao Sol Central Espiritual. Cada um deles leva a uma das seis constelações que com a nossa formam os sete centros d'*Aquele Sobre Quem Nada pode Dizer-se*, no plano Búdico Cósmico, através das sete estrelas da Ursa Maior. Este 4° Logos representa a Fonte Setenária das energias sistêmicas, dominantes até final do atual *Manvantara*.

A transição para as asferas cósmicas pode ser realizada de uma forma direta, através do Salto Cósmico para outro Sistema, ou indireta em alguns casos, mediante o prosseguimento em nosso Sistema cumprindo as etapas planetárias superiores no Ultrasistema. Por isto quatro destes Sendeiros empregam as Escolas de Aprimoramento do Sistema Solar: Saturno (1° Sendeiro), Urano (2° Sendeiro), Netuno (3° Sendeiro) e Plutão (6° Sendeiro). O 4° Sendeiro pode realizar uma opção mais ou menos imediata, porque a energia de Sírio logo irá adentrar em nosso campo solar, substituindo de certo modo a da Ursa Maior já nesta nova Ronda que está iniciando,

juntamente à das Plêiades e de Alfa Centauro. Os Sendeiros restantes também serão beneficiados com isto, porque Sírio é o 5º Logos Cósmico. Os 5º e 7º Sendeiros conectam diretamente com este centro, e o último deles coloca o Mestre sob a sua direta jurisdição.

De certo modo, os quatro Planetas de Aperfeiçoamento atuam como Átomos Permanentes para os planos físicos dos Sistema cósmicos associados. Suas Escola de Pós-Graduação proporcionam o Bacharelado Cósmico, enquanto as Universidades Intersistêmicas outorgam o Doutorado Cósmico.

As Escolas de Aperfeiçoamento, com os respectivos Sendeiros, Hierarquias Búdicas, Logos e Planos Cósmicos associados são:

SENDEIRO	PLANETA	HIERARQUIA	LOGOS CÓSMICO	(PLANO CÓSMICO)	ESTRELA
----------	---------	------------	---------------	-----------------	---------

1º Sendeiro: Saturno - *Bodhisatwa* => 7º Logos ("Físico") – Shamash;

2º Sendeiro: Urano - *Pratyeka* => 6º Logos ("Astral") – Plêiades;

3º Sendeiro: Netuno - *Manushi* => 5º Logos ("Mental") – Sírio;

6º Sendeiro: Plutão - *Dhyani* => 4º Logos ("Búdico") – Ursa Maior.

Alguns destes Sendeiros são provisórios por sua própria natureza. No 1º Sendeiro, o Bodhisatwa está *identificado* ao nosso próprio Sol (*Shamash*, 7º Logos Cósmico), e depois segue para o 6º Logos Cósmico. E no 2º Sendeiro, o Pratyeka identifica-se ao 6º Logos Cósmico mas depois prossegue até o 5º Logos Cósmico. A *identificação* é uma das técnicas empregadas nestas evoluções superiores.

Capítulo 15

A Tarefa Ashrâmica II: *Conclusões*

De certo modo, o "voto de Bodhisatwa" abrange a todos estes Sendeiros, exigindo o processo reencarnatório. Ainda assim, a grande maioria dos *Chohans* opta por aquilo que Jinarajadasa denominou de "Sendeiros Nirvânicos" em *Fundamentos de Teosofia*, que são o 4º, o 5º e o 7º Sendeiros. Estes Sendeiros são os mais escolhidos pelos Mestres Sinárquicos, aqueles que administram Ashrams terrenos nos Grupos-Águia. Daí se dirigem para o Mental Cósmico, posto ser Sírio a sede da Alma cósmica e a fonte da própria Hierarquia para a nossa evolução.

Todos estes Sendeiros são igualmente liberadores. A grande característica em comum é a necessidade prévia de *organizar Ashrams (discípulos)*, (re)definir uma ordem e legar uma sucessão.

É costume dizer que o fracasso neste ponto compromete toda uma missão. É sempre um drama quando a Sucessão não é regularmente estabelecida, podendo determinar uma Sucessão *extemporânea* (isto é, mais tardia) e até *exterrânea* (ou seja, noutra local). Afinal, "ninguém é profeta em sua terra", fato este de impressionante regularidade.

Mas é preciso observar as razões do fracasso ou do *aparente* fracasso, porque nem sempre o sucesso se mede visivelmente. Certas categorias de Budas, por exemplo, não possuem a tarefa da instrução, e os Mestres que tomam os Sendeiros Superiores tampouco exercem cargos históricos: seus reinos "não são deste mundo", mas eles vem implantar Dinastias que, estas sim, se destinam a reger as Civilizações, o que apenas pode ser feito em nome da Encarnação divina.

De um modo geral, a idéia de "fracasso" está limitada a certos graus. Se um Mestre ultrapassa a cruz, então toda a possibilidade de erro está descartada. É preciso tempo para julgar o sucesso de uma missão. Do alto de sua imortalidade, os Grandes Seres podem manejar muitas coisas para que o destino seja cumprido. Foi assim que São Paulo e Constantino foram convertidos, líderes chaves para estabelecer a Igreja Espiritual e a Igreja Material na Cristandade.

O que pode também ocorrer é a rejeição humana, e há casos em que a negação à Hierarquia termina com uma severa punição, pois significa que a expiação do carma humano realizada pela Hierarquia não foi aceita, e então ele retorna com força dobrada. De qualquer forma estas seriam excessões.

O fato é que o Mestre necessita tanto do discípulo para ser liberado, como este do Mestre para evoluir. A liberação é desejável porque a tarefa do Mestre é sempre um ônus pesado. Esta carga é necessária à missão, mas também deve ser descartada —ou "repassada"— através do cumprimento da tarefa. Certos elementos essenciais à liberação apenas são obtidos através da im-

plantação de um processo sucessório. E esta liberação pode apresentar aspectos especiais na Terra, como uma espécie de *aposentadoria*, conforme fez Jesus após sua ascensão. O "retiro" do Mestre é um direito seu e até uma necessidade geral. A possibilidade de manifestar um *Ashram*, uma *Linhagem* ou uma *Escola*, é um dos sinais da aproximação desta etapa. Tudo isto representa estímulos necessários para o cumprimento final de uma missão. A tarefa magna de um Mestre é a composição de um *Ashram*, sem o que ele não pode esperar liberar-se. Apenas assim ele completa o seu trabalho, e para realizar isto ele deve dar o melhor de si.

Para os discípulos, por sua vez, trata-se de uma necessidade e de uma oportunidade. Eles necessitam assumir o *Ashram* e assim amadurecem, além disto, a partida regular do Mestre traz bençãos especiais. Em algumas ocasiões se poderá seguir contando com ele como uma espécie de Alto Acessor, conferindo conselho e experiência, caso sua presença não iniba o desenvolvimento regular do *Ashram*. Em outras o Mestre se dedicará a expandir o trabalho através de outros rebanhos, ou, em caso de fracasso, partirá para realizar uma nova tentativa em noutro lugar. Por isto não raro um Mestre termina por receber nomes distintos, quer tenha ele estado ou não fisicamente numa dada região.

Lao Tsé partiu sobre um boi (Era de Touro). Os profetas judeus usaram a "carruagem de fogo" (Era de Áries). Quetzalcóatl e Arthur empregaram uma balsa (Era de Peixes). A própria idéia de ter Jesus rumado para a Índia poderia incluir esta possibilidade. A religião do *Bodhisatwa* (Budismo Mahayana) nasceu junto com o Cristianismo, assim como as profecias sobre Maitreya. A Índia, com sua célebre receptividade a toda espécie de espiritualidade, seria uma espécie de *contraponto* da mística universal. Os Mestres sempre se voltam para ela simbolizando um retorno às origens e um tributo à fonte Una da Verdade sagrada, e também como uma contribuição própria neste processo, visando manter acesa a chama eterna no seu lugar de origem.

Esta é a base do trabalho sistêmico superior. Mas como são relativamente poucas as Missões Superiores em nosso globo, a maioria dos Chohans rumam diretamente para outros Sistemas Solares através dos Sendeiros Nirvânicos.

No entanto, existem ocasiões melhores para liberar-se, sendo mais oportuno ou necessário aguardar para formar um grupo e contar com um Líder. Por isto muitos Mestres aguardam os Conclaves de maior magnitude, para participar da liberação de um Hierarca Maior. Esta é uma das razões das Missões Provisórias, especialmente nos dois primeiros Sendeiros. Geralmente os Mestres aguardam a chegada de uma Missão divina para então concluírem juntamente seus trabalhos. A liberação de um Buda é sempre a oportunidade aguardada por muitos Mestres para comporem juntos uma Nave Cósmica.

Neste ínterim, os Mestres que aguardam em sendeiros provisórios atuam como Assistentes Superiores. Tal coisa determina duas categorias de Hierarcas: o Logos Honorário e o Logos Oficial. O Logos Oficial é aquele que escolhe propriamente os sendeiros associados às Estações Transaturninas, através das quais vai evoluindo até consumir a todas e então rumar para o seu supremo destino cósmico. E o Logos Honorário é o Hierarca que aguarda e colabora enquanto não chega seu tempo de liberação.

Por isto os Condores podem ser retidos nas Estações Transaturninas pelo tempo necessário. Isto é determinada pela analogia com os Sendeiros Superiores escolhidos. Aqueles que se destinam ao 2º Logos aguardam em Urano, à excessão do 1º Sendeiro, que atua em Saturno; aqueles que se dirigem ao 3º Logos aguardam em Netuno; e aqueles que se destinam ao 4º Logos esperam em Plutão.

Por isto, na prática são muito raras as viagens intersistêmicas. Seu destino são as Universidades Intersistêmicas existentes nos Logos Cósmicos acessíveis à nossa evolução superior.

Cada peregrinação de um Mestre é como uma iniciação. A viagem de um Mestre Sinárquico para um Plano Cósmico é para a Terra uma espécie de iniciação-menor, trazendo *eflúvios* em direção ao planeta e estimulando a Kundalini cósmica. Mas quando um Buda ascende já fortalece a iniciação real e pode até provocar uma transformação cósmica numa dada esfera, capaz de até mesmo liberar a energia latente nesta esfera básica —o nosso Sistema Solar— de uma forma definitiva, sobretudo num globo, cadeia ou ronda adequada —e isto ocorre em nossos dias. Não seria por nada que as profecias falam do fogo devorador que irá consumir este mundo (ler II Pedro, 3,5). A própria humanidade está tratando de providenciar várias formas de perecer sob o fogo: enfermidades nervosas, hecatombe nuclear, buraco na camada de ozônio e superaquecimento global.

As iniciações cósmicas praticamente formam um bloco unitário e as opções são determinadas pelas necessidades evolutivas do mundo e seu momento cósmico.

A partir da Hierarquia Búdica (7º grau em diante) as Estações da Espiral Cósmica (o que quer que isto signifique) tornam-se visíveis.

A palavra *Buda* apresenta uma conotação quaternária: o quarto plano denomina-se *buddhi*, e Mercúrio, chamado *Buddha* em sânscrito, rege o 4º dia da semana. Sanat Kumara (*Adi Buda*) veio na 4ª cadeia da Terra.

Tudo em nosso cosmos quaternário se mede pelo *sinhal da cruz*. Por isto uma Missão búdica é tecnicamente demonstrada pela *dimensão da cruz de um Mestre*, destinada a saldar uma parte do carma planetário. Assim, a cruz do Bodhisatwa tem uma certa extensão, e a de cada Buda uma medida própria de tempo. Naturalmente, quanto mais ampla a tarefa, maior a cruz. Jesus "desapareceu" aos 33 anos, e Buda liberou-se aos 36, embora este tenha permanecido na Índia pelas razões já expostas. Também é dito que, por amor à humanidade, Gautama tomou um Sendeiro Evolutivo que não lhe caberia, razão pela qual teve que dedicar-se por maior tempo e até "regressar como Shankaracharya". O fato é que o seu momento cósmico servia para a tarefa de *Pratyeka*, aquele que realiza o *apoio lógico*. Sua insistência em ensinar, à revelia de sua própria consciência original, acarretou o surgimento de uma doutrina bela mas polêmica, que encontrou muita resistência no início, porque era depuradora, mística e ascética. O Buda sabia que os padrões arcaicos de casta e ritualística estavam desgastados e sua metafísica corrompida. Era preciso recomeçar tudo para um dia ver florescer a glória da velha *Bharata* (a Índia), mesmo que numa outra região do globo. E este ascetismo atingiu o mundo de Jesus, através dos enviados de Asokha.

Aceitamos a idéia de que a "reencarnação" exigida da Hierarquia Búdica na Terra, também pode ser vista como este processo expiatório que acarreta invariavelmente em muito sofrimento, quicá deixando seqüelas inapagáveis. Na mitologia maia o deus sacrificado é chamado "o desolado", e as profecias hebraicas falam da "abominação da desolação" como um dos grandes sinais da Vinda do Messias.

Deste modo, não existe propriamente a reencarnação dos *Nirvanis* que trabalham conectados ao Sistema, a menos que um Mestre deseje avançar para uma missão maior. O que realmente ocorre no geral, é a retenção de sua *consciências* neste Sistema. Até porque estas missões *não são repetíveis*: cada novo cargo histórico é ocupado por um hierarca em ascensão. Se um Buda maior permanece neste sistema mais tempo servindo que um Buda menor, é apenas porque o ciclo necessário para o surgimento de seu substituto é mais amplo.

De resto, há, através da encarnação, o processo expiatório dentro da cruz crística tradicional, que também é mais duradouro quanto maior for a missão.

Também se cogita que apenas sob o "voto de Bodhisatwa" é possível acelerar a evolução. Os *Nirvanis* dos Sendeiros Extrasistêmicos quase estariam em desvantagem caso suas tarefas "exteriores" não fossem igualmente importantes para o conjunto da evolução e seu benefício.

incidisse sobre a Terra. Isto é compensado pela vasta gama de Mestres que seguem de uma forma direta para o Nirvana.

As Missões-Condor visam integrar os quatro Sistemas Solares. Aqueles que trabalham para ampliar o Sistema atual e abarcar a totalidade acessível à nossa quádrupla evolução cósmica, dirigem-se geralmente para os mundos distantes.

Não há muito a dizer sobre estas viagens pelos sendeiros Nirvânicos, porque elas fogem a qualquer escopo prático para a humanidade em evolução. Neles a vida se reduz à sua mais primordial essência, e a essência destes seres é *consciência*. Dela vem toda a forma de existência organizada ou de *vida* tal como a concebemos.

Outrossim, como atualmente todos os mundos estão alinhados na *Grande Meia-Noite dos Tempos*, na qual os três ponteiros do Relógio Cósmico –Nova Era, Nova Raça e Novo Ashram– se reúnem formando o Grande Farohar da Nova Ronda, podemos dizer que a única razão para mencionar a este padrão é que as atuais transições incluem mudanças nas Hierarquias Cósmicas que afetam o nosso planeta.

a. A Grande Revoada

Sanat Kumara e seus divinos Auxiliares têm cumprido já a sua grande Missão em favor da Terra, e estão sendo finalmente liberados, numa jornada que os conduzirá às estâncias mais elevadas do Universo. Nesta viagem o grande Senhor levará consigo um importante grupo de Chohans, antigos Mestres de Sabedoria que vinham sendo retidos pelo Rei do Mundo para fins de serviço terreno, e que agora receberão uma recompensa especial alcançando esferas que de outra forma jamais teriam podido chegar, graças ao aprimoramento a que se sujeitaram e à possibilidade da companhia do Divino Senhor.

Naturalmente, o Herdeiro Divino também já está escolhido. Trata-se do sublime Ser que recebeu entre outros os nomes de Jesus Cristo, Krisna, Maitreya Buda, Messias e Kalki Avatar, alguns deles antigos e outros proféticos.

O novo Mestre do Mundo está chegando para reorganizar a Hierarquia na Terra. E quando os Novos Chohans estiverem manifestados em torno d'Ele, o antigo Senhor partirá com seu séquito deixando atrás de si uma Bênção Cósmica especial que elevará este planeta a um novo patamar de evolução, permitindo que a Terra entre no rol dos Planetas Sagrados.

A viagem de um Hierarca estabelece uma ponte com outros mundos, pois representa uma verdadeira *iniciação cósmica*. Sua partida aumenta o elo entre o Mestre de nossos Logoi Cósmicos e o nosso Sistema, aproximando-nos daquela Fonte do Amor cósmico, o grande Sol de Amor presente no Plano Búdico Cósmico. Aos Mestres que tomam o Sendeiro de Logos se os denomina a Grande Mariposa Cósmica, porque eles se dirigem para o Plano Búdico cósmico, que é a mais alta das metas deste universo, permitindo consumir a ponte intersistêmica do *Antakarana* cósmico.

Trata-se portanto de uma oportunidade única tanto para os que partem como para os que ficam. A vacância de tantos cargos possibilitará a ascensão de muitas novas almas ao Serviço superior. E todos aqueles que aguardaram em serviço terreno a partida do Grande Senhor, servindo-O em sua missão divina, irão agora no seu rastro a locais onde de outro modo jamais chegariam.

É claro que a Grande Restauração apenas pode ser realizada pelo próprio Cristo. Por isto, na sua chegada ele acumulará todos os cargos hierárquicos –até 10 cargos exclusivos (do 4º ao 13º), ostentando uma nova *Árvore da Vida* capaz de proporcionar um completo ciclo evolutivo em favor da humanidade.

A suprema compaixão de Maitreya se revela no fato de que sua cruz é bem mais longa e pesada que a de Jesus ou a de Buda, razão pela qual as profecias atribuem o ciclo de 40 (ou 42) anos para a tempo predestinado à formação do Templo futuro (ver Apocalipse 11).

Neste período o Grande Senhor distribuirá suas energias pelo mundo, fomentando uma regeneração cultural através da efusão de energias superiores, permitindo gratuitamente que muito mais gente desperte antes do Grande Caos que poderá vir, concedendo mais um período para a conscientização da humanidade para a necessidade de desenvolver novos valores. Este tema é abordado em nossa obra *O Livro dos Portais – O Testemunho da Terra*.

Se diz ser um sacrifício porque é realizado ao custo do sofrimento pessoal, e também por ser *gratuito*. A gratuidade se deve, em parte, ao fato de que, por mais impressionantes que sejam os eventos, e por maiores que sejam as coincidências, dificilmente se poderia "provar" qualquer coisa em definitivo a respeito dos "supostos" benefícios assim outorgados.

De qualquer forma, os puros de coração aceitarão o quadro oferecido como satisfatório e até evidente, acatando de resto o princípio da Autoridade manifesta por distintos meios, e completando com sua fé e desejo aquilo que o tempo ainda não pode provar.

Ao mesmo tempo em que reúne a Hierarquia, o Cristo abrirá espaço para o preenchimento de um grande número de Altas Funções, inclusive as mais elevadas em termos históricos, como a do próprio Pontificado Universal. Este será um cargo único, embora sob a presença do Cristo ele possa se multiplicar, como ocorreu entre os Apóstolos, dentre os quais é eleito um Representante próprio, por manifestar a virtude mais apropriada. Logo após existem muitos cargos *ainda na esfera da iluminação*, através das iniciações 4ª e 5ª, que com a 6ª integram a Sinarquia ou o Governo do Mundo. Segue um sem número de postos nos graus Menores ou humanos. Representa o início de um novo grupo de Voadores Cósmicos.

b. Desvios no Caminho Cósmico

Devemos agora abordar a questão dos desvios do caminho cósmico. Observe-se que não colocamos desvios *no* caminho cósmico, mas sim desvios *do* caminho cósmico.

Pois o que acontece neste caso, não são faltas da parte dos hierarcas, mas sim *pecados contra a hierarquia*.

De fato, não podemos considerar seriamente que os mestres possam desviar-se em suas sendas solares ou cósmicas. Existe um limite para o fracasso técnico, e este se dá na cruz. Qualquer espécie de sobrevivência a isto deve ser computada como sucesso, porque representa trazer ao mundo uma luz divina, seja ela revelada ou não ao mundo.

Ainda que tenham escrito que um Mestre de qualquer categoria está sujeito à quedas, este fato não deve nunca entrar em consideração porque se trata praticamente de especulação. Comparativamente, aqueles que alimentam o *dogma* de que os Mestres são infalíveis estão muito mais próximos da verdade. Quando afirmamos que "é melhor o erro de um sábio do que o acerto de um tolo", tampouco estamos sofismando. Certamente "um erro é um erro, e um acerto é um acerto". Ocorre porém que, assim como o erro de um sábio é excessão, o acerto do tolo também o é.

Não se deve nunca alimentar dúvidas na mente das pessoas acerca da capacidade dos sábios. Ser um sábio não significa tampouco que tem-se regra para tudo. Pelo contrário, o que muitas vezes caracterizará um mestre é a capacidade de *improviso*. Os guerreiros toltecas deixam bem claro este fato. Um mestre confia em seu poder pessoal porque, sendo impecável em sua conduta, pode contar com a "sorte" ou com o bom carma.

Ainda assim é possível encontrar na literatura esotérica uma série de barbaridades e calúnias contra os Mestres.

Há quem diga, por exemplo, que o Buda tomou um Sendeiro de Evolução Superior "equivocado", porque ele não deveria ter seguido o Sendeiro de Serviço na Terra. Segundo Blavatsky, para "compensar" isto teve que reencarnar como Shankaracharya, o filósofo hindú que fez a primeira *ponte* entre o budismo e o hinduísmo. Logo o Buda que, como qualquer Avatar, sempre repudiou enfaticamente a idéia da reencarnação!

Neste caso, a missão do Gautama deveria ter sido assumida por outro hierarca. Porém não vemos qualquer fracasso por parte do Buda para atestar a veracidade de coisas assim.

Também se fala que os Mestres não encarnarão mais. Como se fosse possível à humanidade salvar-se e ao mundo progredir sem esta medida! A própria palavra *Avatar* significa "encarnação divina". Sem mediação a humanidade apenas pode conhecer a ruína, uma vez que seu carma é sempre assombrosamente elevado. Nem que ele optasse por pagar todo este carma não poderia avançar, porque a Lei prevê a intermediação, unicidade e a ordem hierárquica como forma de organizar o mundo. É preciso muito sofrimento para redimir parte deste carma. Os Mestres vêm com pesar a ingratidão destes filhos cegos que "não sabem o que fazem". Mas se a salvação não é aceita, então já nada pode ser feito. Naturalmente, os Mestres não vem para punir, mas sim para salvar. É o homem quem colhe o que semeia, e se salvará se souber ouvir a palavra da Luz. A Hierarquia fez a sua parte, e seguirá fazendo enquanto e como puder. Cabe à Humanidade também fazer a sua, que é sempre muito mais leve.

Certas literaturas entendem que alguns Avatares são jovens como crianças ou adolescentes, sem terem idéia da simbologia contida nisto.

Os pecados mais comuns dizem respeito às realidades cósmicas. Quando se começou a revelar o vínculo entre Sanat Kumara e Vênus, logo se interpretou isto como um vínculo *astronômico*. Somente mais tarde é que se procurou esclarecer o fato demonstrando que este vínculo era na verdade *astrológico*.

No entanto, o estrago estava feito. E ainda que o Movimento Teosófico fosse sério o suficiente para não propalar a Ufologia, este equívoco deu margem para especulações que não pararam mais. Hoje em dia a Ufologia representa uma mística a mais, alimentada de especulações vãs e desviando muita gente do verdadeiro caminho da Hierarquia.

No entanto, estamos num momento do mundo que já não admite equívocos ou desvios. As consequências são cada vez mais imediatas. O tempo para evoluir pelo carma está esgotado. Chegamos à época do Absoluto e um grande divisor de águas se impõe entre o passado e o futuro. Como Moisés abrindo o Mar Vermelho com seu cajado, a presença do Cristo (Maitreya, Quetzalcóatl, Mahdi...) representa em si o grande Ultimato cósmico, e as condições da Terra dão disto o seu testemunho.

A presença da hierarquia na Terra deverá alterar drasticamente todo este quadro. A luz emitida pelos Mestres afugentará a confusão e a Babel instaurada neste período de transformações. Tudo o que tiver algum valor será preservado e utilizado, pois "a messe é sempre grande" e os trabalhadores são poucos.

Capítulo 16

A Escola AUM

Assim como o trabalho dos Adeptos atlantes representa a forma de ação das culturas *psíquicas*, o trabalho dos Adeptos áryos resume o padrão das culturas *mentais*. Estas duas raças foram efetivamente as mais características destas naturezas, polarizando-se entre si, sendo de certo modo as únicas raças *integralmente desenvolvidas* nesta ronda. As outras raças expressaram energias-de-síntese pré ou pós-desenvolvidas.

A forma do trabalho áryo foi assim definida:

"A Hierarquia está agora trabalhando inteiramente em níveis mentais, embora baseando todo esforço nos acontecimentos do passado em conexão com o centro do coração. Até a terceira iniciação, por conseguinte, os discípulos têm que tentar trabalhar inteiramente com a energia mental, num esforço para controlá-la, dominá-la e usá-la. Sua tentativa está então concentrada em transmitir (dos níveis egóicos) o aspecto vontade da alma. Aquela vontade tem que ser imposta sobre a personalidade até que esta se tenha tornado o autômato da Alma. Então a intuição toma o controle e as energias do plano intuitivo ou búdico começam a exercer seu impacto sobre a natureza-forma, a personalidade." (Alice A. Bailey, *Tratado Sobre Magia Branca*, pg. 303)

E em termos gerais, pode-se dizer que "a percepção intuitiva, a visão pura, o conhecimento direto e uma capacidade para utilizar as energias *indiferenciadas* da Mente Universal, são as principais características dos Adeptos Arianos." (Bailey, *Op. cit.*) "Energias indiferenciadas" são aqueles de sintetizadas e não sujeitas à refração dos Sete Raios que ocorre ao nível da mente, dentro da Tríade Inferior. Esta indiferenciação apenas acontece pois a partir do plano intuitivo ou búdico, grau já acessível aos Adeptos Atlantes mas não com maiores liberdades e para a sua "utilização" cotidiana.

O Adepto Áryo maneja com tais energias em sua existência, trazendo através delas especialmente o conhecimento abstrato.

Na nova Raça (chamada "Austral", "Ayam", "Albion" ou simplesmente "Americana"), tais energias avançarão ainda mais e permitirão a abertura de uma dimensão cósmica, na qual se valorizará em definitivo a síntese entre as energias psíquica e mental.

a. A Palavra Árya

Há algum tempo os cientistas dizem que existe um "som de fundo" no Universo, e hoje eles afirmam o mesmo sobre o nosso planeta. A origem exata destes sons segue ainda ignorada, ainda que especulem sobre uma possível "reverberação do Big-Bang" no primeiro caso, ou o "som das ondas do mar" e a "ressonância dos movimentos geológicos e vulcânicos" no segundo caso.

As Ciências Ocultas sempre atribuíram ao som um papel capital. "No princípio era o Verbo, e tudo foi criado por ele", diz o Evangelho de São João. No Hinduísmo esta palavra sagrada é especialmente o AUM (foneticamente OM; a própria palavra *som* contém este fonema).

Em outra parte tratamos da palavra AUM em sua relação com o *Ajna Chakra* e os sucessivos Círculos do Poder. É o veículo que dá acesso aos mundos superiores.

O Treinamento hierárquico está simbolizado pela *Palavra da Alma*, AUM. A partir da raça árya, quando foram superados os planos elementais a nível de *hierarquia*, a Palavra da Mente AUM passou a vigorar e a ser entoada de forma a equilibrar a energia da Palavra Psíquica TAU.

Como estamos no final da raça árya, as principais considerações devem ser em torno da palavra AUM. Os Adeptos modernos tem muito mais familiaridade com esta energia.

E novamente no *Tratado Sobre Magia Branca* de Alice A. Bailey, que encontraremos as mais úteis indicações a este respeito, apesar de focalizar o tema em várias de suas obras.

"OM emitido, escutado no pensamento dirigido, age como um perturbador, um afrouxador da matéria grosseira do pensamento, da emoção e do corpo físico. Quando emitido com intensa aspiração espiritual, age como um meio atrativo e reúne partículas de matéria pura para preencher os espaços daquelas previamente expelidas. Os estudantes devem esforçar-se por ter em mente estas duas atividades em suas mentes ao usar a Palavra em sua meditação. Esta utilização da Palavra é de valor prático e resulta na construção de bons corpos para o uso da alma." (Bailey, *Op. cit.* pg. 112)

O praticante deve trabalhar a modulação da Palavra emitida até alcançar a pureza e a vibração necessária transformando-a numa *energia de Raio* capaz de servir de senha para alcançar o Ashram. Quando isto é alcançado, automaticamente a resposta é emitida e um campo vibratório se estende até o emitente, "simbolicamente referido como o 'rugir de um fogo abrasador'" (Bailey, *Op. cit.* pg. 377), tal como expressa São paulo ao dizer que "nosso Deus é um fogo consumidor" (Hb 12, 29). Este som também é conhecido como o "canto do cisne". Fala-se que o cisne emite um canto antes de morrer, mas há quem diga que se trata de uma lenda porque cisne não canta jamais. No entanto o significado simbólico é exato, porque na *Hierarquia dos Pássaros* o cisne é o animal da Terceira iniciação, chamado *hamsa* em sânscrito, nome dos iniciados de terceiro grau. Prossigamos:

"O uso do OM serve também para indicar aos trabalhadores nos planos universais, e àqueles no mundo exterior dotados com a percepção universal, que um discípulo está disponível para o trabalho e pode ser utilizado ativamente nos lugares da Terra onde sejam necessários."

A terceira grande função da palavra sagrada é de natureza mágica e tem em vista a criação de padrões mentais.

"O uso da Palavra Sagrada tem seu lugar também no trabalho mágico da Hierarquia. Os pensamentos-forma são criados para a corporificação das idéias e estas formas incorporadas são enviadas para estabelecer o contato com as mentes dos discípulos que são responsáveis no grupo de um Mestre para o desenvolvimento do plano."

A palavra sagrada é trina, central e lógica. Aqui a "força-de-retorno" da palavra TAU se completa e equilibra. refletindo-se e harmonizando-se assim numa Totalidade alfa-ômega. Esta

totalidade se encontra também verbalmente expressa na repetição do "T" em certas palavras sagradas, como TAT, TET, TUAT e THOT.

TAT é palavra sânscrita que significa "isto", aludindo em filosofia ao dom de "presença" do Universo, em ditado como *Tat Tvam Asi* ("Tu És Aquilo") e *Om Tat Sat* (algo como "O Sagrado Ser-Estar").

THOT é o nome do deus egípcio do conhecimento, identificado pelos gregos a Hermes. Os macacos de Thot simbolizam a mente, mas os egípcios também relacionavam este deus à Lua, aludindo assim ao aspecto *mágico* e dual do conhecimento, aspecto este herdeiro da atlantida. Thot era o patrono da escrita, que tinha para eles um caráter mágico. Pelo que tudo indica, a escrita foi criada no mundo pelo até então "mitológico" Rei-Escorpião, do Egito, e cuja tumba foi recentemente encontrada em Abidos, datada de 5.400 anos.

O vínculo lunar era também uma possível reminiscência atlante da Era de Câncer, ou até da segunda metade (a "lunar") do ciclo racial anterior. Entre os toltecas o *cargo* de Quetzalcóatl foi identificado a Vênus, sendo que o cargo é em si basicamente mercurial.

TET é o nome de um símbolo egípcio que significa *estabilidade* (também chamado *djed*) Era o amuleto mais importante dos egípcios e significa o mesmo que o *ba-guá* chinês. Também pode ser lido como *tat* ou *tut*, como em *Tutankamon*, uma vez que as línguas semitas não registravam as vogais.

Consiste de uma cruz com quatro barras horizontais, relacionadas aos quatro princípios cósmicos, sejam os Quatro Elementos ou, quando associado a Osíris (que nele é colocado como Árvore de Sepultamento), aos Quatro Alinhamentos de Consciência da Árvore Sefirótica.



Por isto é comum empregar-se-o em *pares* (ou mesmo em grupos maiores), como aparece sustentando as duas extremos do Paraíso de Osíris, o TUAT, representando assim alfa-e-ômega.

Este símbolo é uma variante das cruzes simétricas geralmente associadas às Ordens de Cavalaria na Europa Medieval. Tais cruzes iniciam como desdobramentos de pares: 2 (as polaridades), 4 (os quatro elementos) e 8 (os 8 trigramas do *ba-guá*). Mas no fim também apresentam-se como 12 elementos, pela unidade dos dois últimos ciclos, ou até de 14 elementos pela soma total. Outra forma de vê-las é como a neutralização de dois movimentos contrários, tais como os executados por suásticas opostas.



Temos nisto a reprodução do símbolo do 8, unificado na cruz e seu quádruplo circuito. O oito periférico é o magnetismo, e a cruz centrada é a eletricidade.

O AUM (ou OM) é chamada a *Palavra Sagrada* e está relacionado ao Plano da Alma. Mas a ela também está sujeita a ser corrompida e deverá ser eclipsada pela Palavra Oculta, relacionada ao Espírito. Por isto diz Bailey que "o AUM por sua vez será (também) inteiramente superado."

(*Op. cit.* pg. 377). Como seria de se esperar, a destruição desta civilização está sendo feita pelo elemento *fogo*.

"Assim como o TAU, transportando a nota do desejo e a necessidade de ter e ser, foi mal usado e levou a um desastre sua civilização, também AUM pode ser mal usado e levar suas civilizações para o fogo. Esta é a verdade que ralmente está por detrás do mal compreendido ensinamento cristão relativo ao fogo do inferno e ao lago de fogo. Eles retratam simbolicamente o final da era quando as civilizações do plano mental chegarão a um fim cataclísmico, no que se refere ao aspecto forma, assim como as civilizações anteriores foram consumidas pela água. (Bailey, *Op. cit.*, pg. 480 ed. ing.)

Também podemos ver a expressão "lago de fogo" como uma síntese entre as energias psíquica e mental, com um aspecto superior e outro inferior. A própria ação deste "lago de fogo" é dupla, pois para uns será gozo e luz e para outros dor e trevas.

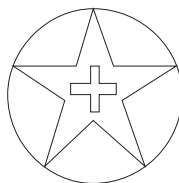
A Palavra Oculta da nova raça se relaciona à "Palavra Perdida" da Maçonaria e não pode ser dada a público. Representa a *senha final* para superar os grandes "desafios ígneos" que virão para a nova humanidade.

Por ora podemos representá-la exotericamente através da palavra TOM, que sintetiza as palavras atlante e árya e expressa a fusão de ambas as Escolas raciais. Disse Blavatsky a respeito desta palavra:

"Os 'Irmãos de Tum', antiquíssima escola de Iniciação no Norte da Índia nos tempos de perseguição búdica. Os '*Tum B'hai*' vieram a ser agora os '*Aum B'hai*', escrito, entretanto, de um modo diferente na atualidade, havendo-se fundido em uma só ambas escolas. A primeira estava composta de *Kchatryas*, e a segunda de *Brahmanes*." (*Glossário Teosófico*).

O termo está associado a *Tom*, "obscuridade luminosa", e se identifica ao egípcio *Toom*: "Um deus emanado de Osiris em seu caráter de Grande Abismo, *Nut*. É enfim a expressão de *Toum* ou *Atom*, o disco solar ou o sol poente, em nahuatl *Tona-Tiuh*, greicizado como Aton-Teos, o deus-Sol.

As palavras também podem ser *alternadas* entre si. Nisto, a palavra TAU serve basicamente para *dinamizar* as energias de AUM, colocando-se esta na base dos trabalhos. Como nos mitos de Thor e de Zeus, o martelo serve para gerar o *raio*. A quintessência é o centro da "bigorna" cósmica sobre a qual são "marteladas" as energias com a ferramenta divina. O machado é um eixo, onde seu outro nome *acha*, ou *ax* em inglês e *ext* em alemão. E esta axialidade é a éxade. O duplo gume ou batedor é o raio que une os opostos.



Este será pois o grande padrão da Quinta Ronda. A colocação da Cruz no centro do Pentagrama não representa necessariamente uma redução. Ocorre que, neste caso, devemos olhar para um quaternário ainda mais elevado, sejam os quatro éteres solares, os quatro alinhamentos de consciência ou, especialmente, o "quádruple logoi".

Estes são símbolos de liberação pois reúnem o hierárquico e o mental gerando, e a maioria dos escudos dos seis Caminhos de Evolução Superior ostentam a cruz e o pentagrama de algum modo – ver nosso *O Livro dos Chohans*.

E ainda se deve considerar a palavra racial EU SOU, inclusive em sua expressão mântrica em inglês I AM ou, aportuguesado, AYAM. EU SOU é o mantra exotérico da nova Raça-Raiz, da mesma forma como EU SEI foi o mantra mental da raça árya e EU TENHO foi o mantra emocional da raça atlante. O propósito da nova Raça é essencialmente *ser*, expressar a sua essência *interior*, e nisto ele é quase oposto ao da raça atlante. O ser é a essência divina de cada indivíduo, é seu *Atma* ou alma espiritual, mais conhecida como MÔNADA.

Capítulo 17

As Iniciações Polares

As Iniciações Polares ou Siríacas são aquele par de iniciações que a apenas a hierarquia terminado a capacidade de experienciar. Trata-se dos graus 5° e 6°. São chamadas "polares" porque representam graus reais de ascensão. E são ditas "siríacas" porque se relacionam aos planos exteriores do Sistema Solar.

Este quadro representa pois o treinamento estrito do centro da Hierarquia, ainda que o grau anterior, o 4ª iniciação também compartilhe uma alta dignidade hierárquica (ver em *A Mariposa de Fogo*, volume II desta série).

a. O Treinamento Hierárquico

De um modo geral, são muito raras as informações sobre o conteúdo dos graus iniciáticos. As ordens e os graus são conhecidos, mas as técnicas é tema que geralmente pertence ao "foro íntimo" das Escolas. Por isto, aquilo que é divulgado costuma ser envolto por símbolos e alegorias. E isto é ainda mais verdadeiro no que diz respeito aos graus superiores, coisa muito rara de ser alcançada. No mais, as informações têm sido dadas sempre de forma fragmentária, cabendo ao buscador palmilhar no escuro a sua senda, sob a orientação de sua intuição e boa vontade, e de preferência sob o respaldo de alguma Escola.

Hoje nos encontramos num novo momento da humanidade, quando ingressamos num quadro de integração, sendo necessária a síntese e no qual torna-se importante a revelação de sistemas completos de conhecimento, coisa que apenas os Mestres podem realmente fazer.

É por tudo isto que se deve dar uma atenção muito especial às revelações da Hierarquia trazidas por Alice A. Bailey através de obras como *De Belém ao Calvário* e *Os Raios e as Iniciações*. Nesta última, as informações chegam até o novo grau, e com maior desenvoltura até o sétimo grau. Mas o verdadeiro desenvolvimento é em torno do sexto grau, por ser aquele no qual o Adepto que transmitiu estas revelações estava especialmente dedicado por se tratar de sua etapa futura.

Na presente obra nos limitamos a avaliar os graus essenciais à nova Hierarquia, que vão até o sexto grau. Para maiores informações remetemos o estudante às obra acima citadas e aos restantes volumes desta série.

Na tríade superior o treinamento adquire um aspecto muito distinto. Já não existe trabalho na forma como ocorria na tríade inferior, nos chamados "Três Mundos de Esforços Humanos".

Para exemplificar, no tríplice treinamento elementar o homem deve configurar os centros de energia, para então ativá-los a seu tempo.

No trabalho superior de "afirmação" de energias ou de *intento* puro, já não se trabalha com a estrutura dos chakras, e nem com a seu posicionamento fixo na estrutura geral do organismo físico ou sutil, mas apenas com o fortalecimento da energia. A técnica se torna tão sutil que trabalha diretamente com padrões vibratórios, ritmos e ciclos de energia.

De algum modo o ponto de aglutinação está associado aos *chakras*. Com a perda total da forma humana no quarto grau através da iluminação, ele também fica liberado, adquirindo uma mobilidade plena por assim dizer.

Com a conformação da esfera evolutiva humana, o iniciado passa a atuar de forma espiritual ou superior, possuindo uma influência espiritual coletiva e passando a administrar *ashrams* hierárquicos.

Por isto, na avaliação da Hierarquia dos Pássaros do neo-xamanismo, vamos tratar agora com graus de Maestria ou de Comando.

O plano do triplo treinamento hierárquico corresponde ao esquema arquetípico da *Sinarquia*, tal como se apresenta em nossos dias, quando pela primeira vez este sistema se capacita a funcionar na sua plenitude (no Capítulo seguinte vamos desenvolver este tema).

5º grau: Revelação – Plano Espiritual

No quinto grau o iniciado alinha-se com a mente divina e recebe as chaves astrais da mecânica cósmica. Capacita-se com isto a compreender e a organizar todas as coisas dentro e fora de si. Por isto sua tarefa é eminentemente grupal e civilizatória. Como praticamente conhece a tudo, este grau de iluminado chama-se *Asekha* ou "não-discípulo". O *ashram* que o Mestre do Conhecimento coordena é de natureza extrasistêmica, relacionada às esferas espaço-temporais. Na Hierarquia dos Pássaros este grau recebe o nome de *Águia*. A águia é o ave da visão, e em toda a raça árya foi exaltada como um ser sagrado relacionado às Origens cósmicas e portanto ao conhecimento superior.

O conhecimento da condição de Mestre perfeito é essencial para a humanidade, pois ela necessita da assistência deste Modelo divino no decurso de sua existência, uma vez que tais Mestres compõem a hierarquia mais elevada que acompanha a evolução humana. Existe, geralmente, um Ser desta natureza em cada geração, servindo como o símbolo perfeito da Unidade divina e, porconsequinte, também da unidade essencial do mundo.

"Sat-Chellah" é como é conhecido na *Ordem de Aquarius* este Iniciado plenamente realizado, que transcende as esferas materiais, servindo de veículo às energias divinas. Significa "discípulo sagrado", pois é considerado uma "oitava divina do discipulado" (Serge Raynaud de la Ferrière, *Yug Yoga Yoguismo*, pg. 249). Trata-se da Quinta Iniciação, relacionada ao planeta Mercúrio e ao Chakra da garganta, *Vichuddha*, dito "da pureza", representado pelo elefante que simboliza ao *saber*.

Corresponde à condição de *Adepto*, o qual no hinduísmo tradicional é também denominado *Asekha*, termo que significa "não-discípulo", ou seja: é o Iniciado que deixou completamente atrás a condição discipular para tornar-se um Mestre de Sabedoria. Ele é um Mestre porque ultrapassou a cruz (4ª Iniciação) e polarizou-se em direção ao superior, realizando a síntese em dois mundos.

A grande característica deste grau é uma ciência perfeita, como sugere a regência do planeta Mercúrio. Pode-se dizer que, nesta etapa, a mente do Microcosmo se funde pela iluminação à do Macrocosmo, e o Iniciado se transforma num astrólogo esotérico "nato", pois as "engrenagens cósmicas" passam a constituir-se numa extensão de seu próprio cérebro. Diz também S. R. de la Ferrière:

"Compreende-se que a iluminação deste chakra permita já um trabalho numa outra dimensão, posto que é evidente que o estudante neste estado tem transcendido os 4 elementos da vida física habitual e poderá então permitir-se empregar as vibrações destes elementos para outros distintos e dessa maneira escapar de "nosso mundo" para trabalhar em metas menos limitadas, abraçar um espaço (no sentido cósmico) mais vasto e sobretudo buscar uma aproximação com a Essência-Una" (YYY pg. 267).

Este "espaço" de que nos fala la Ferrière representa, pois, sobretudo um espaço *interior*. Tal fato nos remete outra vez a este aspecto característico da condição de Adepto que é seu pleno domínio da *Astrologia* (e também da *Alquimia*), como uma expressão natural e espontânea deste grau. Pois, como dissemos, a Astrologia Esotérica é a ciência natural de um Mestre perfeito, pois representa o *inventário das forças que regem à toda a Criação*. Como um maestro de orquestra, um Mestre divino tem a obrigação de conhecer ao Todo. E ele o faz porque, além de tudo, *pertence* de fato organicamente a esta Totalidade, já a integrou e superou, sendo ele mesmo um elemento ativo do cosmo, na medida em que, com a energia que gera, compõe e fundamenta a uma etapa da construção do universo psíquico da raça.

Nisto reside sua função *solar* associada ao solstício de verão (no padrão setentrional), que é a "porta dos Homens". O Adepto é, realmente, *Hórus*, o Modelo divino de humanidade. E trata-se também, por isto, de um *primeiro Modelo de Microcosmo*.

Por outro lado, tudo isto é também realizado através do poder de Mercúrio, já não a intelectualidade linear, mas seu aspecto esotérico relacionado ao *Verbo criador*. Diz la Ferrière sobre este aspecto simbólico do planeta Mercúrio:

"O Saber é a palavra-chave para o desenvolvimento deste centro dirigido por Mercúrio, o planeta da inteectualidade; mas uma vez mais, não se deve ater-se à palavra mesma, senão que ao seu espírito: "inteectualidade" está expressa aqui como base da elevação a um estado superior. É a garganta a parte do indivíduo onde reside esse magnífico meio de expressão: a voz, as cordas vocais, o som, a expressão através da palavra, o Verbo!" (YYY pg. 270).

É este aspecto criador que fundamenta, na verdade, à toda a tradição da *realeza*. Os Reis Adeptos da Tradição são seres iluminados e liberados, que além de realizarem uma síntese *alquímica* das energias planetárias pela geração de energias que a tudo enobrece, também coordenam cientificamente às partes de que se compõe este Todo a que dirigem, formulando com isto uma Astrologia superior apta a integrar todas as coisas do Universo.

Compreende-se daí a importância de Mercúrio no processo da alquimia. Trata-se da *quintessência* que mistura os elementos da matéria, *purificando-os* e, com disto, gerando algo superior –o *éter*. O símbolo do *caduceu* de Mercúrio ostenta o mesmo significado da Serpente Emplumada.

Diz Serge Raynaud de la Ferrière sobre esta energia de síntese:

"Estamos aqui, na presença do primeiro elemento do plano supraterrrestre, o Éter, que entra em função devido à influência de Mercúrio (o mensageiro dos Deuses). O estudante, chegado a este estágio, domina as faculdades deste mundo e progride num plano que se torna difícil de explicar àqueles que não tem experimentado." (YYY pg. 266).

O *éter*, simbolicamente falando, é aquilo que se pode denominar como sendo *luz espiritual* divina. Devido a este poder de síntese é que o Sat-Chellah representa o que podemos definir como o Mestre perfeito, o modelo divino de humanidade, elo real entre o superior e o inferior e o próprio *Graal* vivente.

6º grau: Ascensão – Plano Monádico

No sexto grau ocorre o processo de ascensão ou liberação do iniciado. Inicialmente, a éxade energética libera novamente o iniciado na dualidade, permitindo as explorações dimensionais. Desta vez porém o iniciado tem pleno controle sobre as energias com que contata. Com isto todo o sistema é explorado e os limites da esfera hierárquica são vislumbrados, e o mestre deve se preparar para a liberação final deste sistema. Para isto deve realinhar suas energias e estudar o sétuplo campo cósmico, que compõe as possibilidades de destino do ser liberado. Este grau configura uma unidade cósmica subjetiva, uma estrutura circular de sub-raios divinos. Esta unidade está simbolizada pela Mônada divina que tem neste plano a sua residência. Por isto o iluminado de sexto grau chama-se *Chohan*, que significa "Senhor".

Ele torna-se o regente potencial de um raio divino, e assim que fizer a sua eleição cósmica galgará o mundo divino através do raio de sua eleição. O processo de Ascensão cósmica diz respeito à emergência deste sistema de evolução. O ideário dos "Mestres Ascensos" diz respeito a este processo. Ainda assim, o Chohans trabalha fisicamente na Terra com grupos definidos, cuja estrutura está também associada à sua posição evolutiva e prevista nas profecias. O *ashram* que o mestre *Asekha* coordena é de natureza ultrasistêmica, relacionada às esferas espaciais (desenvolvemos melhor todo este tema em outros Capítulos desta obra em n'O Livro dos Chohans). Este grau recebe o nome de *Condor* na Hierarquia dos Pássaros. O condor é o maior dos pássaros, existindo apenas nas Américas e nas altas montanhas dos Andes. Simboliza assim não apenas o Novo Mundo como também a esfera shambaliana à qual este grau único tem acesso virtual. Os povos sul-americanos possuíam desde longa data a tradição dos Homens-Pássaros, que agora é revivida em seu esplendor através do neo-xamãismo e sua Hierarquia dos Pássaros.

Capítulo 18

As Hierarquias de Luz

Os graus hierárquicos tiveram início na Raça Atlante, e desde lá o xamânismo vem se adaptando aos ciclos hierárquicos e vice-versa. Por vezes ambos têm convivido entre si e até se realizam sincretismos. Mas o fato é que ambos representam modalidades próprias de atuar com as energias.

a. A Construção dos Mundos

Se o treinamento xamânico consistia numa revisitação dos reinos atávicos tendo em vista o aprimoramento das forças, o treinamento hierárquico olha para a frente e emoldura os seus trabalhos nos novos degraus evolutivos. De certo modo, o primeiro representa a forma *humana* de trabalhar, e o segundo expressa a forma *hierárquica* de atuar.

O xamã explora suas forças ocultas, desenvolve as vias internas da consciência e muitas vezes gera distorções perigosas, pois exarceba energias gerando um desequilíbrio interno. Seus recursos são amiúde bizarros e honerosos, e é de certa forma como entrar na luz pela "porta dos fundos".

O hierarca trabalha com a verdadeira iniciação, a construção de degraus espirituais até então latentes. Enquanto ser humano, é claro que estes degraus se encontram já até certo ponto edificadas, carecendo todavia de depuração e de reorganização. As energias naturais são horizontais ou circulares, devendo ser aprumadas para se tornar verticais e ascendentes. Os meios empregados pela hierarquia também tendem a ser dramáticos, mas como ali impera a ordem esta estrutura pode aplainar amplamente as coisas no quadro sucessório, assim como facilitar e fazer evoluir em muito a existência da humanidade em geral.

Por representar o quarto reino, a humanidade possui quatro corpos, ainda que estes nunca se achem em estado *pleno* sob condições normais.

Uma das razões para isto é que cada encarnação representa um *recomeço de tudo*. É claro que o ambiente genético em que se dá esta encarnação –isto é, o reino em questão– irá determinar os seus potenciais, mas nunca a sua atualidade. Outra razão é que o homem conhece o livre-arbítrio, de modo que ele deve decidir *qual plano de consciência* deseja alcançar. Um terceiro motivo consiste em que o plano da humanidade está sujeito à *iniciação simbólica e virtual* e não à iniciação ativa ou real. As virtudes que a humanidade corrente conquista, ela

deve em grande parte ao exemplo e às energias hierárquicas. Isto, mais que um favor, é também até certo ponto *questão de ordem*. Se a luz real fosse acessível a todos, iniciaria a guerra e a decadência no plano espiritual. Por isto Deus colocou um anjo-guardião na porta do Paraíso quando o homem desobedeceu à *regra* discipular.

É apenas sob a influência hierárquica que a humanidade pode organizar e "aprumar" os seus corpos. O conhecimento, o amor e a energia necessária estão de posse da hierarquia. Em seu próprio nível, a humanidade tende a confundir conhecimento com informação, prazer com amor e energia com poder. O discernimento, a vontade e a pureza devem ser obtidos sob um trabalho interno e externo regular e adequado.

Em casos excepcionais o iniciado alcança a condição máxima reservada ao ser humano, e então ele se ilumina. Se realiza isto em vida, ele se encontra em dois caminhos: é um Avatar (algo raríssimo) ou pertence a uma ordem espiritual ativa, seja numa cadeia discipular aparente ou numa oculta. Em qualquer destes casos o indivíduo se destina aos quadros *hierárquicos*, pois o trabalho humano não se presta à iluminação durante a vida.

No sentido *humano*, para alcançar o Portal da Luz após a morte e preservar a sua consciência pela eternidade afora, ele também deve participar de uma Igreja, especialmente de uma religião *viva*, que é aquela responsável pelos trabalhos raciais em voga.

A única coisa que determina se uma pessoa deve permanecer no plano humano ou ascender às esferas hierárquicas (ou até, em caso negativo, perder toda a oportunidade de sobreviver em sua alma), é o grau de sua aspiração. Somente proximidade à hierarquia no sendeiro discipular regular, empregando os recursos necessários para a evolução iniciática, habilita para o eventual acesso ao reino da Alma divina, a hierarquia. O treinamento é rigoroso, sendo somente possível sob a guarda e as benções dos Mestres iluminados.

Foi um árduo caminho até os homens se converterem em Mestres, numa época em que a única orientação vinha dos planos internos. Era quase como caminhar no escuro, mas a guia oculta existia e tornou possível a geração de um novo reino.

b. A Formação da Hierarquia

Com o coroamento do trabalho xamânico um novo centro apareceu na Terra: o *reino espiritual*, dando origem a um sentido sagrado superior.

O surgimento de iluminados determinou novos padrões de trabalhos. É como se o próprio Deus se manifestasse trazendo uma energia superior e transcendente. As forças elementais já não necessitam ser cultivadas de forma direta, isto é, fora do indivíduo.

Na época atlante a crise foi grande porque a iluminação era de natureza primária e a magia estava em seu ápice. A Hierarquia teve que afirmar seus direitos divinos e a monarquia sagrada teve surgimento, através do instrumento da Unificação Vicária. Estes reis vieram revestidos com o dom do sacerdócio porque estavam sujeitos a processos espirituais intensos. Os cultos mortuários foram desenvolvidos ali e receberam as mais variadas formas e aplicações.

Estes hierarcas tinham a sagrada missão de erigir a civilização espiritual, de retirar a humanidade da barbárie e da condição tribal. A humanidade era primitiva, toda ela estava desenvolvendo o emocional e nenhuma síntese havia sido realizada. Foi sob os processos de auto-sacrifício dos sábios que a sociedade começou a evoluir, à medida em que os homens sentiam-se por saber que eram necessários sacrifícios para manter a ordem cósmica em função dos atos humanos. Muitas vezes foram necessários o emprego de recursos drásticos para educar o povo.

Nesta linha, os maus sacerdotes transgrediram a Lei e passaram a sacrificar os homens, dando origem a cultos sanguinários. O xamãismo havia desenvolvido a paixão pela forças elementais e pela natureza. A primeira tarefa hierárquica foi estimular o despreendimento emocional e a consagração das emoções à ideais mais elevados e sublimes. A percepção da transitoriedade deveria ser mantida sem a embriaguez do poderes materiais. A ordem aparente da Criação era limitada desde o ponto de vista individual e físico, e nada havia a fazer senão ampliar a consciência cada vez mais, especialmente associando-se àqueles que já o tinham realizado. Viver sob um Estado sagrado e servir o rei era uma espécie de meta ideal e uma condição para a sobrevivência da alma e até do corpo. Neste momento teve início o combate ao paganismo.

Já na raça árya tanto a hierarquia como a humanidade alcançaram uma padrão de equilíbrio próprio e uma grande harmonia entre si. A civilização floresceu numa verdadeira Idade de Ouro, há cerca de cinco mil anos atrás, deixando marcas indeléveis de beleza, religião e ciência para a posteridade. Esta raça estava caracterizada pelo verdadeiro dom da civilização, pautado pela ciência universal, tanto terrena como sagrada. Contrabalançando a tendência atlante ao alheamento, a ciência árya projetava a luz da razão e do entendimento sobre tudo, conferindo em todas as coisas um sentido de ordem e até de permanência, estimulando os processo civilizatórios. O desenvolvimento da técnica facilitou a vida da sociedade, que viu a condição terrena avançar e se aprimorar, dando lugar a uma maior harmonia entre espírito e matéria.

Finalmente, na nova Raça-Raiz, americana, a hierarquia aspira pela liberação e pela experiência cósmica neste ou em outros planetas. A hierarquia olha para além, trazendo a imagem alada dos seres livres e cósmicos que olham para esta terra como um ninho de perfeição e beleza que deve ser tratado com todo o amor, sem que por isto tenha-se que manter os pés sobre ela por todo o tempo. Vê o planeta como um lar ao qual se retorna periodicamente para repousar e para rever os entes amados. Mas o verdadeiro trabalho muitas vezes estará nas dimensões ulteriores do sistema. Isto permite uma síntese entre o despreendimento físico atlante e a compreensão universal árya. E é esta nova condição que dá margem para a elaboração de um quadro hierárquico terreno ideal: a *Sinarquia Real*.

c. A Sinarquia Real

O ideal da Sinarquia é muito antigo da civilização, e hoje, sob a luz da configuração hierárquica, vemos que chegou o seu grande momento histórico. Muitas sociedades sagradas tiveram governos tríplexes associadas à Trindade divina e à Tríade sagrada. Mas apenas a nova Raça-Raiz, culminando o atual ciclo cósmico, acumula três graus superiores, definindo uma tríade superior completa.

Esta superestrutura abre o máximo de possibilidades universais. O antigo trabalho atlante com a dimensão *tempo* se completa com o pleno trabalho com o *espaço*, permitindo a plena expressão do anterior a nível grupal.

Estes três super-graus são expressões da iluminação e possibilitam estruturar uma Sinarquia perfeita na Terra. O primeiro deles (quarto grau) traz a ressurreição, o segundo (quinto grau) a revelação e o terceiro (sexto grau) a liberação ou ascensão. Estes foram sempre graus apostólicos. As aves Fênix, Águia e Condor, que caracterizam estes graus na *Hierarquia dos Pássaros*, nunca são vistas em bandos. O último, o Condor, representa a unificação vicária na nova Raça.

A rigor, os escalões hierárquicos não são de todos distintos da evolução humana. Certas categorias se coinfundem e sobrepõem. Como o reino humano é o quarto, é apenas na quarta iniciação que a humanidade coroa o seu propósito evolutivo.

Deve-se porém fazer uma distinção básica entre evolução humana e evolução hierárquica, pois o verdadeiro reino espiritual é o quarto, ainda que a iluminação ocorra já no quarto reino.

O quarto grau corresponde na nova raça –e também em toda a presente ronda quaternária– ao *Homem Verdadeiro*, ao passo que o novo grau hierárquico representa o novo *Homem Universal* (sendo igualmente de forma arquetípica nesta Ronda), respectivamente. Dentre ambos também se pode determinar uma terceira categoria, a do *Homem Perfeito*. E este conjunto corresponde às 4ª, 5ª e 6ª iniciações da Nova Era, as quais caracterizam também os graus sinárquicos

O *Homem Verdadeiro* é aquela condição à qual *todos* devem alcançar para se caracterizar como *homens* numa dada evolução racial. Deste modo, muitos devem ser os indivíduos que se enquadram nesta categoria. Possui um treinamento completo nos quatro atributos internos do guerreiro.

O *Homem Perfeito* é uma conquista especial obtida sob os auspícios da Hierarquia. É o coordenador de grupos de iniciados, um verdadeiro nagual que domina os mistérios da *vontade* e da *ciência*.

O *Homem Universal* é a condição que coroa os esforços terrenos de um iniciado, é uma posição única e universal. É, alegoricamente, a suprema personificação do Pequeno Tirano, pois se trata do Representante terreno da Águia, que é o Supremo Tirano, correspondendo ao Sumo Sacerdócio das religiões e até ao cargo de Imperador divino.

Capítulo 19

Lugares de Poder no Sul

A América do Sul apresenta áreas culturais de grande antiguidade, possivelmente até anteriores às da América do Norte. Certamente em muitos momentos ambas tiveram desenvolvimentos paralelos, e isto chega na verdade a um grau surpreendente, como se existisse um padrão universal sendo observado.

Em *Tratado Sobre Magia Branca*, Alice A. Bailey transmite informações importantes sobre a localização do primeiro Templo atlante, o qual estava situado na América do Sul:

"O primeiro posto avançado da Fraternidade de Shamballa foi o original templo de Ibez e estava localizado no centro da América do Sul e um de seus ramos num período muito posterior seria encontrado nas antigas instituições Mayas e a adoração básica do Sol como a fonte da Vida nos corações de todos os homens."

Por ser a raça atlante *ocidental*, ela necessariamente teria a sua fundação espiritual no Hemisfério Sul. Sugere também que o culto solar era natural da América do Sul, e sabemos que os incas apenas imitaram a cultura anterior de Tiwanaco e outras. Nisto, no entanto, a frase "centro da América do Sul" traz alguns problemas aparentes, uma vez que os principais registros de civilizações antigas se acham realmente nos Andes. É preciso compreender então o verdadeiro significado da palavra "centro", que a exemplo de *polo* possui um sentido esotérico, por serem tais matérias da mais alta elevação, recebendo normalmente uma conotação *mítica*.

Inicialmente devemos considerar como alusivo ao seu "centro cultural" (ou "solar"). E associado a isto, também devemos reler a afirmação num certo grau de precisão como "centro do Hemisfério Sul". O centro hemisférico situa-se no paralelo 30, ali onde se encontra a Ilha da Páscoa. No grande ciclo atlante-ário sul-americano, três lugares receberam os epítetos de "umbigo do mundo": a Ilha da Páscoa, Tiwanaco e Cuzco. Certamente a longínqua ilha foi o centro original, e existem muitas provas de seus vínculos culturais com as regiões andinas.

Segundo o Tibetano o Templo de Ibez foi fundado no início da raça atlante e sua antiguidade é atestada como de "dezessete milhões de anos". Naturalmente este cálculo é esotérico e está velado. Sabemos porém por Platão, que a grande crise da civilização atlante aconteceu há quase 12.000 anos, sendo esta cifra muito mais condizente com os fatos esotéricos. Segundo a Arqueologia, a Esfinge de Gizé (um símbolo "atlante") pode ter esta idade.

Ainda existe muito a ser desvendado sobre os antigos mistérios sul-americanos, como a enigmática escrita da Ilha da Páscoa. Mas não se pode negligenciar as referências à América do Sul nas profecias e também nos ensinamentos toltecas dos novos videntes.

Surge hoje uma nova Raça-Raiz ocidental, e o padrão sul-oeste se repete, seguindo certas *linhas fixas* de traslado cultural. E isto inclui, é claro, a Fundação *original* no paralelo 30, desta vez do lado do Oceano Atlântico., o que já vem ocorrendo neste final de Milênio, permitindo a observação da manifestação dos grandes processos cósmicos na Terra.

E não é apenas pelo fato do último Nagual e parte de seu grupo ser oriundos desta região, ou que a *nova direção* que lhes foi dada remeta-os novamente a ela. Cabe também observar que a *linha mística* que separa tonal e nagual vai de leste a oeste, estando o Norte associado ao mundo conhecido e o Sul ao mundo desconhecido (cf. C. Castañeda, em *O Presente da Águia*, pg. 89). Em *Viagem a Ixtlan*, o sul aparece como a região da *vastidão* por excelência (Capítulos 13 e 20), a própria "terra do Infinito". Taisha Abelar é ensinada a olhar para o sul na busca de respostas (ver *A Travessia das Feiticeiras*).

Existem na América do Sul regiões fantásticas para a busca do auto-conhecimento. O subcontinente possui uma distribuição tal que abrange todo o Hemisfério Sul e ainda parte do Norte, permitindo uma escala de climas e energias sem par.

Além disto, sua diversidade ambiental é enorme, oferecendo todos os tipos de sistemas em larga escala: savanas, montanhas, florestas e cerrados. Qualquer um pode optar por transitar nestas regiões com relativa liberdade. Algumas regiões mais áridas ou acidentadas oferecem possibilidades especiais. Mas, no geral, com o aumento da ocupação da Terra cada vez mais os lugares naturais estarão limitados aos Parques Nacionais.

Passamos então a decrever as quatro grandes regiões naturais da América do Sul, que são mais nossas conhecidas e acessíveis, com seus povos nativos. As grandes áreas contempladas se caracterizam por uma aura mística, seja antiga ou em ascensão. Por isto acrescentamos a natureza de suas energias e a sua associação com os processos iniciáticos. Este quadro não se limita às regiões sul-americanas, mas as restantes podem ser consideradas como "intermediárias" (em *Os Frutos do Paraíso* oferecemos um quadro semelhante apenas para o Brasil).

a. O Cerrado: Eletrotelurismo (Elemento Terra – 1º Grau)

O Cerrado do Planalto Central Brasileiro é uma bela região e com grande força geomagnética. Trata-se de um dos solos mais antigos do planeta. A erosão, causada pelas chuvas que vêm do Norte, pelas queimadas e os ventos, fizeram um solo pobre na sua maior parte, trazendo à tona pedras (sob as quais se diz haver no entanto um solo bastante rico).

Sua força eletrotelúrica é única, interferindo nos aparelhos dos aviões mesmo a grande altitude. Graças a este elevado teor de eletricidade natural, pude observar em Goiás um fenômeno muito interessante: a chamada *mãe-do-ouro*, também conhecida no Sul como *boitatá*, e que vem a ser uma formação energética esférica que percorre po espaço alguns metros acima do solo.

Hoje o cerrado está sendo rapidamente ocupada pelas lavouras. Mas existem ainda vastas regiões quase despovoadas e até praticamente intocadas pelo homem, como o Jalapão, no centro-este do Estado de Tocantins. A Chapada Diamantina na Bahia é outro local semelhante. Com suas amplas planícies e platôs, rios e cachoeiras, afiguram-se especialmente atrativos para a busca espiritual.

O cerrado matogrossense, em especial, esteve intensamente ocupado pelos índios, sobretudo os Borôros e os Xavantes, e existem nesta região reservas indígenas importantes como o Parque do Xingú, para onde tem sido levadas várias tribos. O contato do homem branco está interdito.

Algumas outras áreas também têm sido já apontadas como centros místicos, como a serra do Roncador, as cercanias de Brasília e a Chapada dos Guimarães, que é uma região central desde o ponto de vista da geografia continental. O cerrado é também a região à qual têm dado preferência as chamadas "comunidades alternativas".

A esta região se acha politicamente integrada o Pantanal matogrossense ou o *Chaco*, última remanescente do antigo Mar Interior, situada no centro dos quatro grandes sistemas, um mundo de transição que se caracteriza melhor como reserva biológica. Sua exploração pelo homem tem sido dramática, inicialmente através da criação de gado e atualmente pela mineração.

b. A Amazônia: Biomagnetismo (Elemento Água – 2º Grau)

O biomagnetismo representa aqui uma força especial. Quando sobrevoei a Amazônia pela primeira vez, tive consciência imediata de estar diante de uma região-de-poder. Não foi apenas a imagem impressionante dos horizontes sem fim cobertos de florestas, recortadas por rios serpenteantes, dando a impressão de se retornar ao início dos tempos. Mas, associado a isto, a real energia virginal de vitalidade e pureza que mantém como nenhum outro ponto do planeta Terra, com uma massa biológica incomparável. É claro que para isto contribui a magia de seus povos, e vice-versa. A Amazônia representa na verdade uma das regiões mais jovens da Terra e se encontra em formação, contrastando com o anterior.

O resultado foi um *chamado interior* para conhecer a região mais de perto, o que vim a fazer muitos anos depois, quando tanto a floresta como eu já não éramos tão jovens. Ainda assim foi uma intensa experiência. O ar perfumado, os rios imensos, as árvores enormes, a floresta misteriosa, tudo convida a comungar. Respirar um ar repleto de gases vegetais faz por si só um grande bem aos seres vivos, restaurando a saúde física e psíquica. A palavra *vitalidade* é a primeira que vem à mente para melhor definir este conceito. Enquanto houver a Amazônia existirá aventura na Terra.

Trata-se no entanto de um ambiente opressivo na medida em que dependemos dos rios para mover-nos e a visão fica limitada pela floresta. Talvez por isto é que Roraima, com seus campos e montanhas, seja o lugar em que a vida humana tenha atingido um de seus pontos mais altos entre os indígenas, através da cultura yanomani por exemplo.

Existem várias tribos indígenas bem adaptados à selva. Sendo uma área de contatos mais recentes, existem relatos importantes de viajantes por suas tribos. Florinda Donner, companheira de Castañeda, conviveu com os yanomamis por certo tempo, resultando deste contato a sua obra *Shabono*.

A Amazônia oculta ainda muitos mistérios e preserva até mesmo alguns povos indígenas não-contatados. Após observar os resultados desastrosos da redução, a política atual da Funai é evitar travar contato com estes índios. É claro que isto não representa uma proteção absoluta.

c. Os Andes: Psicomagnetismo (Elemento Ar – 3º Grau)

A Puña peruana ou Argentina e o Altiplano boliviano são regiões de grande magia. O Altiplano andino é uma região ampla e espetacular, com suas enormes montanhas, próximo às estrelas a 4.000 metros de altitude nos quais se desenvolveram algumas das mais elevadas civilizações do globo. O sol abrasador e a atmosfera rarefeita geram solenidade. As longas noites e os horizontes velados pelas montanhas nevadas quais guardiães encanecidos, conduz à introspecção. Trata-se de um universo relativamente estático, com raras chuvas ou ventos, simbolizado nisto pelo lago Titicaca, centro supremo das antigas civilizações andinas e alvo de seus grandes mitos, até os nossos dias.

As regiões altas sugerem elevação da Alma e estão associadas a altas culturas espirituais, como no Tibete nos Andes. Certamente requerem também uma boa dose de adaptação por parte de seus habitantes, que tem cerceadas suas atividades pelo isolamento, ao mesmo tempo em que mantém seus espíritos elevados sob o impacto da magestade do ambiente, na proximidade das estrelas e na elevação das montanhas. O ar rarefeito impede grandes movimentos, e a coca auxilia a respirar e a enganar a fome. A memória das antigas culturas traz à mente o dom da civilização e a esperança de algum dia ver tudo renascer.

Os povos indígenas dos Andes são arredios e orgulhosos. Existem povoados que preservam muitas tradições incaicas, inclusive a própria adoração ao sol no solstício de inverno. Além da coca que é cultivada no local, os incas e outros povos andinos faziam uso de várias plantas mágicas, inclusive a *ayuhasca*, que traziam da Amazônia.

Os costumes e tradições –entre elas o calendário, a culinária, as artes, o vestuário e até a mitologia e a religião– apresentam modelos e padrões altamente interessantes, merecedores de serem difundidos pelo sub-continente e até pelo mundo.

Sabe-se também que as montanhas são formações magnéticas naturais porque representam *pontas* na superfície da Terra. O magnetismo das pontas é bem conhecida, pois concentram energia, especialmente na tempestades. Um dos pontos mais fantásticos é Macchu Picchu, uma montanha cujo topo os incas cortaram para construir uma cidade inacessível para as Filhas do Sol.

No Chile, o vale do Rio Elqui, no paralelo 30, tem sido um centro para os movimentos locais da Nova Era, sediando várias comunidades alternativas e recebendo expedições místicas, ocorrendo algo semelhante nas Serras de Córdoba na Argentina, situada na mesma faixa latitudinal.

d. Os Pampas: *Psicodinamismo e Geomagnetismo* (Elemento Fogo – 4º Grau)

A região pampeana apresenta uma magia à parte, com grande variedade de ambientes, cercando a monotonia verde das planícies. Neste lugar de vastas pastagens a vida tornou-se terrestre, saindo das águas para dar origem aos dinossauros.

Todo aquele que contata as culturas pampeanas percebe a presença de um forte telurismo, e isto se deve em boa parte ao meio-ambiente que é em geral extremamente favorável à presença humana.

Um fenômeno importante na região diz respeito ao geomagnetismo profundo, relacionado à questão dos polos magnéticos da Terra. É o principal responsável pelo chamado Cinturão de Van Allen, a capa magnética que protege a terra contra a invasão de raios cósmicos nocivos.

O epicentro continental negativo sobre o Rio Grande do Sul representa um verdadeiro "buraco negro" de geomagnetismo, pois faz com que o cinturão de Van Allen sofra um baixo

máximo em seu poder protetor e os raios cósmicos penetrem nesta região com uma força inaudita. Os efeitos sobre os seres humanos vem sendo pesquisados.

Aqui também aparece um aspecto de geografia sagrada, porque os pampas estão cortados pelo paralelo 30. Diz o sábio Serge Raynaud de la Ferrière:

"É sobre a linha do grau 30 que se acham os vestígios importantes das Antigas Tradições Iniciáticas. Uma nova Idade se perfila, a Era de Aquarius. E é para o 30° sul que se dirigem agora nossos olhares: eterna renovação da humanidade em evolução" (em *Teocracia y Tibet—Hacia Una Edad de Paz*).

Como tantos outros, reconheceu que a renovação se dará também no *Hemisfério Sul*.

Esta faixa está situada no centro do globo, determinando a presença equilibrada das quatro estações. Não é difícil perceber o quanto o clima influencia o caráter dos povos. Neste sentido, também é fácil realizar uma associação entre as quatro Estações e os chamados quatro Temperamentos do homem, tal como se considerava na Idade Média. Tais temperamento eram considerados como próprios da estrutura psicológica humana, sendo todos eles portadores de tendências vitais ao conjunto da humanidade.

O clima é portanto um fator básico de *psicodinâmica*, além, é claro, de ser um elemento precioso para a saúde física. Nas regiões onde não existem extremos, o homem tende melhor a projetar os seus potenciais em obras legítimas de civilização e cultura.

A cidade de Porto Alegre, nascida sob o signo de *Águia (Escorpião)*, é a capital cultural dos pampas, seja por situar-se neste paralelo, ou por congregar a herança hispânica e lusitânica.

Tal coisa dinamiza uma série de elementos culturais, com destaque para a religião e o ocultismo, assim como a política e a agricultura. É claro que para tudo isto interage a grande confluência racial ali presente. São perceptíveis todos os aspectos do paralelo 30, sua forte energia, podendo muitas vezes resultar na agressividade mencionada por Don Juan em função da presença de um arranjo especial das "emanações da Águia" no Deserto de Sonora (paralelo 30 Norte). Trata-se de qualquer forma de *regiões de poder*.

A constelação de cidades sagradas que existe ao longo de rios sagrados como o Yaqui, o Ganges e o Nilo, se reproduz agora no Rio Jacuí, o mais caudaloso do Estado do Rio Grande do Sul. Nasce ao norte, próximo a Passo Fundo, descendo até o centro do Estado, próximo a Santa Maria, e acompanha desde aí o paralelo 30 (junto à divisa Norte-Sul do Estado) rumo ao Leste, passando por Cachoeira do Sul, Rio Pardo e São Jerônimo, para culminar em Porto Alegre. Estas cidades refletirão o universo mítico do Novo Mundo.

Tivemos já a oportunidade de mencionar que Porto Alegre é a *Cidade Solar* da Nova Era, a *Nova Tula*, inclusive com seus impressionantes signos urbanísticos sagrados. Nada disto é casual e a correlação sagrada poderia ser levada a um grau inimaginável.

A questão da "energia" de Porto Alegre tem sido bastante decantada, e seus habitantes a conhecem muito bem; já vem até sendo usada como argumento-chave para campanhas turísticas.

Trata-se do centro no qual nasceu o presente autor. Castañeda nasceu não muito distante, junto à cidade de São Paulo e sob o Trópico (que no Hemisfério Norte está próximo à cidade do México, a Tula e a Teotihuacan). Talvez se possa dizer que dentro desta faixa clássica de sete graus, que representa o *Jardim do Éden* de toda a Idade de Ouro, se está formando o nagualismo da Nova Era...

Ainda nesta mesma micro-região, é possível encontrar um dos pontos mais mágicos dos pampas: o Parque Nacional dos Aparados da Serra, com seus *cânions* fantásticos.

Os pampas abrigaram muitas tribos, sobretudo charruas, minuanos, guenoas, guaraní e pampas, cujos raros sobreviventes, quando existem, hoje se acham no maior estado de

miserabilidade. É bem conhecida a mística guarani, que à parte terem sido assimilados pelos jesuítas nas Missões, alimentam uma angústia endêmica por uma *terra sem males*.

O Rio Grande do Sul abriga muitas das melhores cidades do país. Não é difícil hoje observar nesta região prenúncios da Idade de Ouro neste estado, de modo que investir ali pode representar acelerar o futuro.

Bibliografia

Abelar, Taisha

A Travessia das Feiticeiras, Editora Record.

Anagarika Govinda, Lama

Fundamentos do Misticismo Tibetano, Ed. Pensamento, SP

Arguelles, José

A Ascensão da Terra

Bailey, Alice A.

Tratado sobre Fuego Cosmico, Editorial Kier, Buenos Aires.

Iniciação Humana e Solar, Fundação Cultural Avatar, RJ, 1985.

Los Raios y las Iniciaciones, Editorial Kier, Buenos Aires.

Cartas Sobre Meditação Ocultista, F.C.Avatar, Niterói, RJ

Um Tratado sobre Magia Branca, F.C.Avatar, Niterói, RJ

La Manifestacion de la Jerarquia, Ed. Kier. B. Aires.

De Belém ao Calvário, Fundação Cultural Avatar, Niterói, RJ

Bension, Ariel (seleção)

El Zohar, José J. de Olaneta, Editor

Bentov, Itzyk

Um Livro Cósmico, Ed. Pensamento, SP

Burckhardt, Titus

Símbolos, Jose J.Olaneta editor, Espanha, 1991

Caso, Alfonso

Los Calendários Prehispanicos, UNAM, México, 1967

Castañeda, Carlos

A Erva do Diabo, Editora Record, SP.

Viagem a Ixtlán, Editora Record, SP.

Uma Estranha realidade, Editora Record, SP.

Portas para o Infinito, Editora Record, SP.

O Segundo Círculo do Poder, Editora Record, SP.
O Presente da Águia, Editora Record, SP.
O Fogo Interior, Editora Record, SP.
A Arte de Sonhar, Editora Record, SP.
Passes Mágicos, Editora Record, SP.
A Roda do Tempo, Gaia Ediciones, Madrid
A Face Ativa do Infinito

Donner, Florinda

Sonhos Lúcidos, Editora Record.
Shabono, Editora Record.
A Bruxa e a Arte de Sonhar, Editora Record.

Guénon, René

Formas Tradicionales y Ciclos Cósmicos, Ed. Obelisco, Barc.

Fort, Carmina

Conversando com Carlos Castañeda, Editora Record.

Jinarajadasa, C.

Fundamentos de Teosofia, Editora Pensamento, SP.

Ken Eagle Feather

El Camino Tolteca, Arkano Books, 1988, Madrid

Mann, John (e Lar Short)

O Corpo de Luz, Ed. Pensamento, SP

Men, Humbatz

Segredos da Religião-Ciência Maia, Ed. Ground, SP

Ouspensky, P. D.

Fragmentos de um Ensino Desconhecido,
Ed. Pensamento, SP
O Quarto Caminho, Ed. Pensamento, SP

Piña Chan, Román

História, Arqueologia e Arte Prehispânica, F.C.E., México
Chichén Itzá, A Cidade dos Bruxos d'Água, F.C.E., México

Raynaud de la Ferrière, Serge

Teocracia y Tibet – Hacia una Edad de Paz.
Yug Yoga Yoguiismo

Salvi, Luís A. Weber

Tushita - O Dharma de Arco-Íris de Maitreya Buda, IBRASA, SP
O Portal de Farohar
O Livro dos Chohans, Ed. Agartha, SP
América Latina, Magia e Poder

A Arte da Unidade, FEEU, P.Alegre, 1991
Jornal Paralelo – A Cultura da Idade de Ouro, FEEU
Revista Órion de Ciência Astrológica, FEEU, Porto Alegre.

Scholem, Gershom
As Grandes Correntes da Mística Judaica, Ed. Perspectiva, SP,
1972

Schuon, Fritjof
Sobre los Mundos Antiguos, Biblioteca de Estudios
Tradicionales, Ed. Taurus, Madrid

Shewaller de Lubicz, R. A.
Le Roi de la Théocratie Pharaonique, Flammarion, Paris, 1961.

Séjourné, Laurette
Pensamento y Religion en el Mexico Antiguo, F.C.E., México
El Universo de Quetzalcóatl, F.C.E., México

Speeth, Kathleen Riordan
O Trabalho de Gurdjieff, Ed. Pensamento , SP.

Thot, Max
As Profecias das Pirâmides, Ed. Record, RJ

Trismegisto, Hermes
A Tábua de Esmeraldas

Wallis Budge, E. A.
O Livro Egípcio dos Mortos, Ed. Pensamento, SP

Wilson, Colin
Caminhos do Despertar, Martins Fontes, SP.

Woodroffe, John
El Poder Serpentino, Ed. Kier, Bs. Aires.